

O Repórter Viandante

O trabalho aqui apresentado está disposto por ordem cronológica, apresentando os processos envolvidos na conceção de cada série de investigação e reflexões que foram sendo compiladas e publicadas no site Wix.

Serão apresentados os processos de criação envolvidos durante todos os anos de Mestrado, incluindo *Walking diaries*, os *Meta diaries*, *Walking diaries* pt.2, as duas exposições coletivas realizadas no âmbito do projeto, a 1ª edição de *O Repórter viandante* e a narrativa gráfica final *O reporter Viandante: Ciclos Viciosos*.

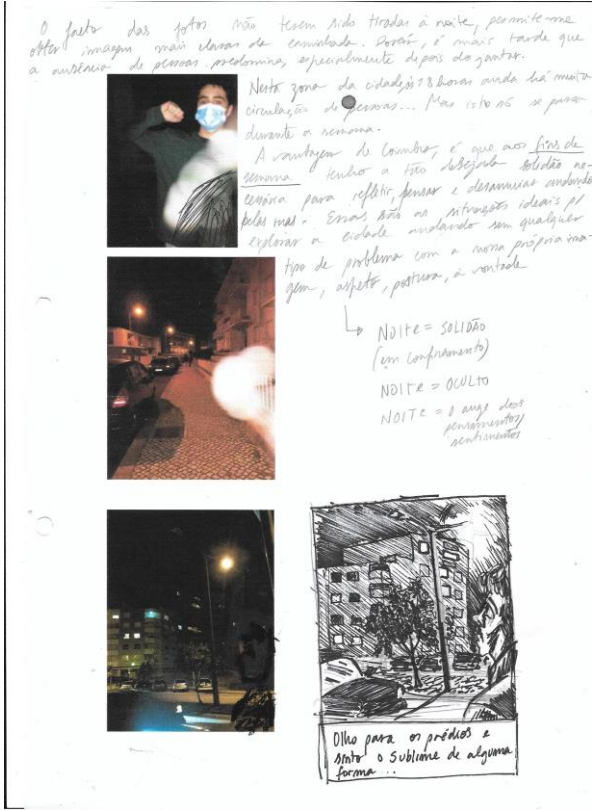
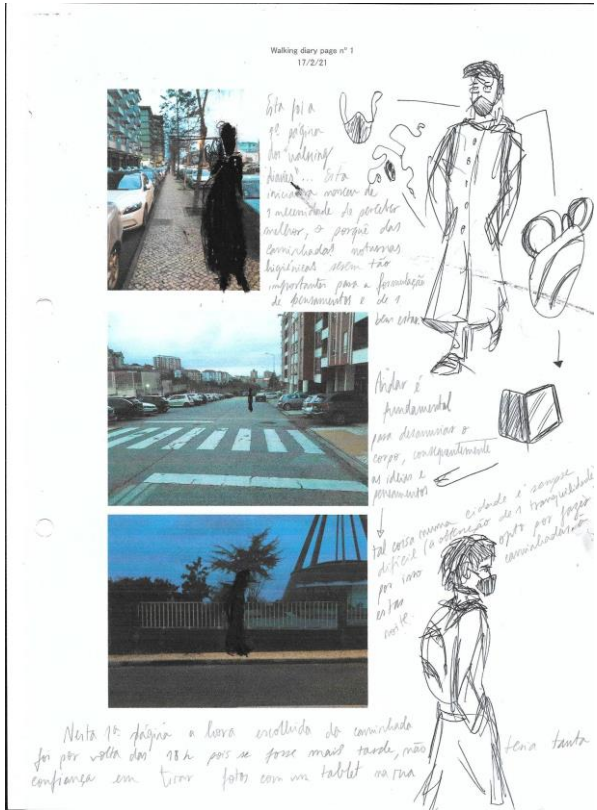
Walking diaries – página 1

17/2/21



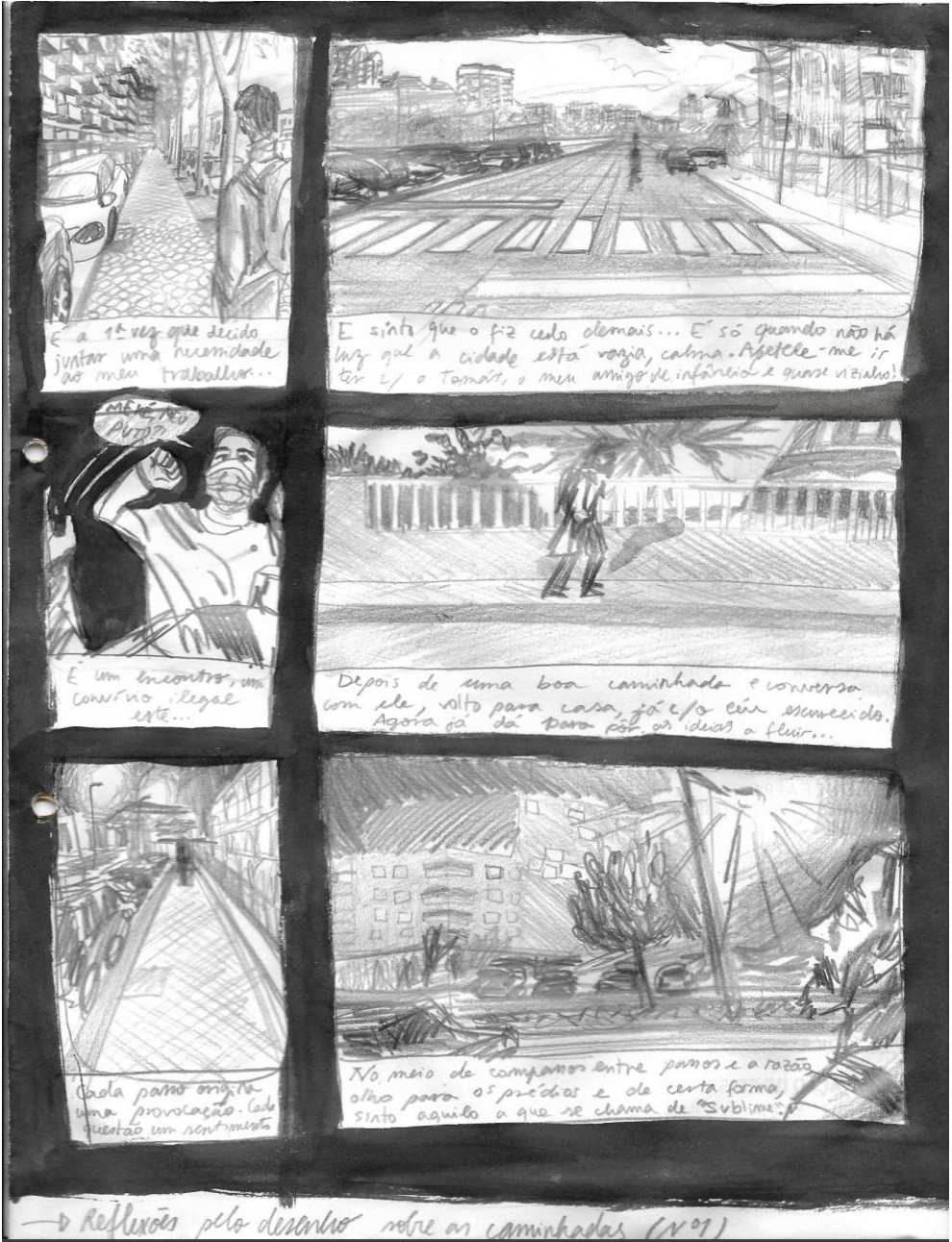
Inspirado na personagem Rorschach de Watchmen, que é um vigilante que caminha pela cidade de nova Iorque em busca de crimes, comecei a reportar todas as caminhadas diariamente, para encontrar uma forma de participar e intervir na sociedade pelo desenho!

A sua atividade principal ocorre principalmente à noite, porque é a única ocasião em que ele consegue andar pela cidade passando despercebido, reportando a atividade criminosa da cidade com a ajuda do seu diário que usa para crimes específicos...



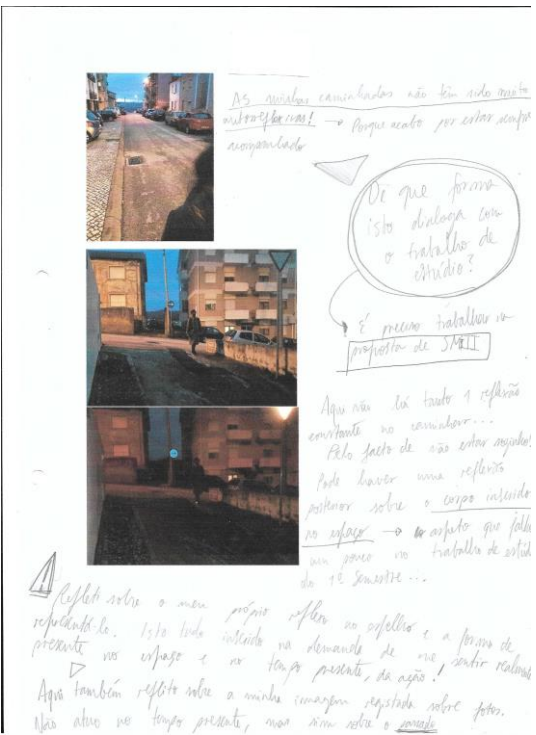
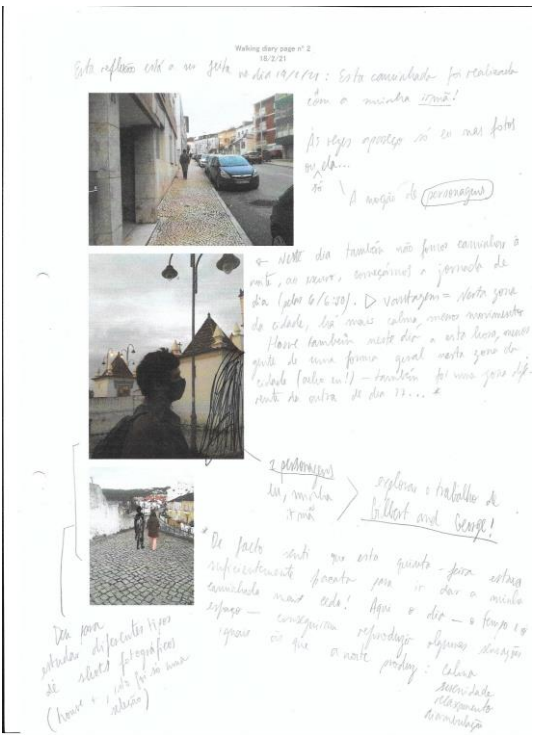
As primeiras imagens do passeio com notas importantes e pensamento textual

Uma pequena banda desenhada que narrou o passeio daquele dia

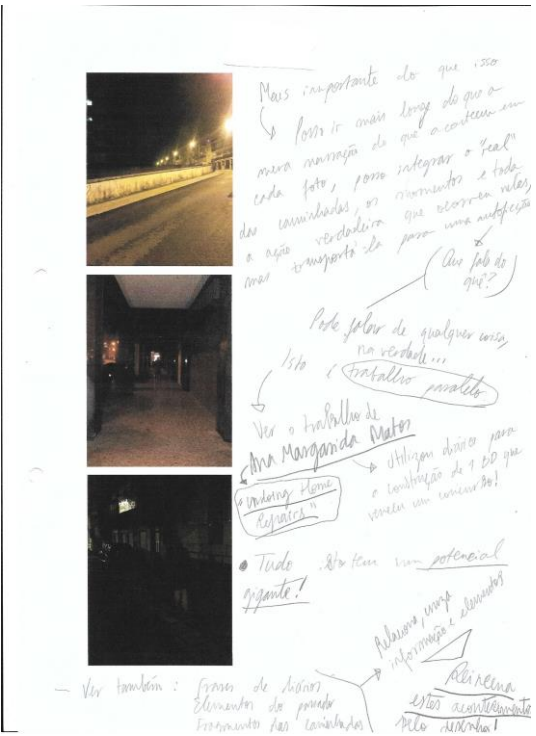
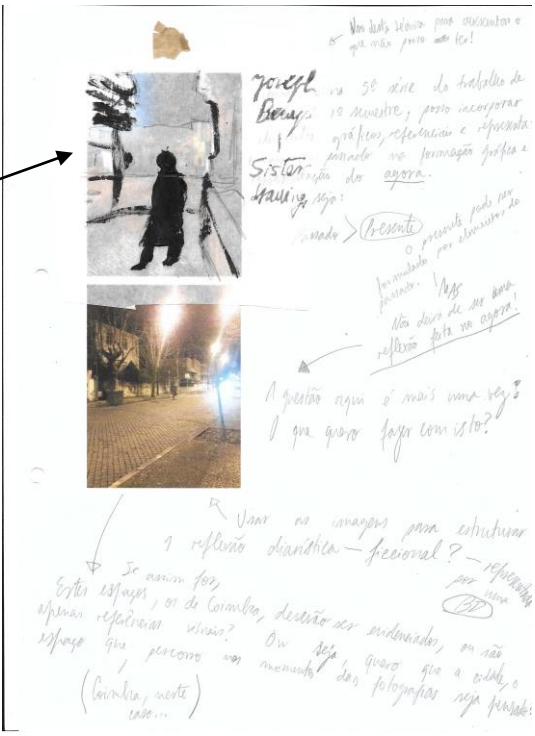


Nesta primeira página do diário, a narrativa visual sumariou a caminhada feita naquele dia e algumas das sensações que tive durante essa ação. Este foi o primeiro exercício!

18/2/21



Havia mais imagens registadas desta segunda caminhada. Usei o exemplo de Joseph Beuys das suas pequenas notas (ex: '+-') para pensar no meu trabalho de outra forma.



Esta ideia de usar a referência de Beuys e os seus desenhos pode ser compreendida através de algumas citações: "The torn paper of this drawing suggests that it has been damaged, but Beuys would draw on anything that came to hand when he had an idea, which gives this work a sense of immediacy" (<https://www.tate.org.uk/art/artworks/beuys-actress-ar00637>)

Ou até " 'I still consider these drawings to be one of the most important things I've ever done, for these entire attempts at, or experiments in, drawing are incredibly important apparatus for me. They're something that's certainly not finished, not even for me.' " (<https://www.tate.org.uk/art/artworks/beuys-ar00699>)



As notas feitas sob a forma de desenhos em papel vegetal sobrepostas nos desenhos originais foram inspiradas na ideia de pensar sobre o trabalho, criando uma nova “camada de pensamento” sobre a narrativa original.

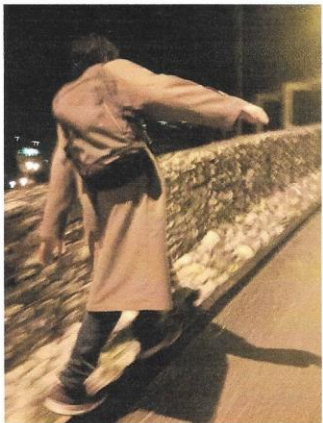
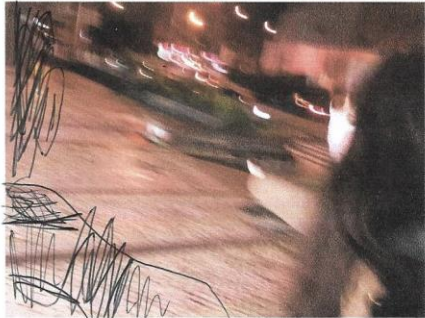


Este é um desenho em papel vegetal no qual foram fundidos diferentes cenários para criar um novo, para agir sobre a realidade, criando uma ficcional.

Comecei a pensar em mim e nas pessoas que caminhavam comigo, enquanto personagens para estas histórias. Para além disso, nesta Segunda página do diário, a realidade das caminhadas estava a ser manipulada para criar um novo universo com um novo conteúdo. Esta ideia pareceu-me interessante...

19/2/21

Walking diary page nº 3
19/2/21

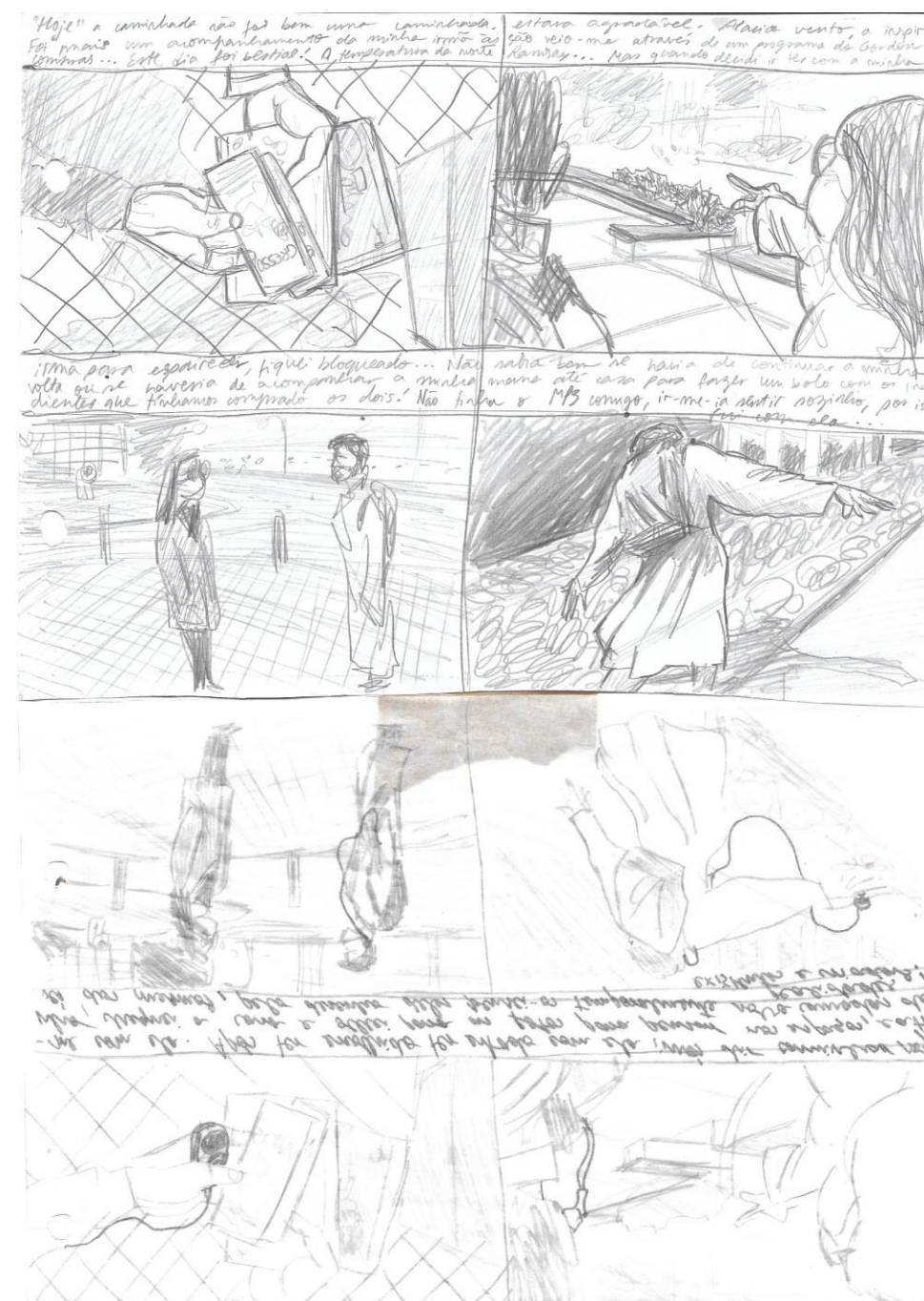


Esta caminhada ainda não foi propriamente uma "caminhada reflexiva", o intuito desta saída era mais para observar o espaço com a intenção do pensamento e da reflexão individual, a espécie de "alto com gaps" mas com elementos de diferentes espaços e tempos.

começar a exercitar sobre as reflexões desenhadas!

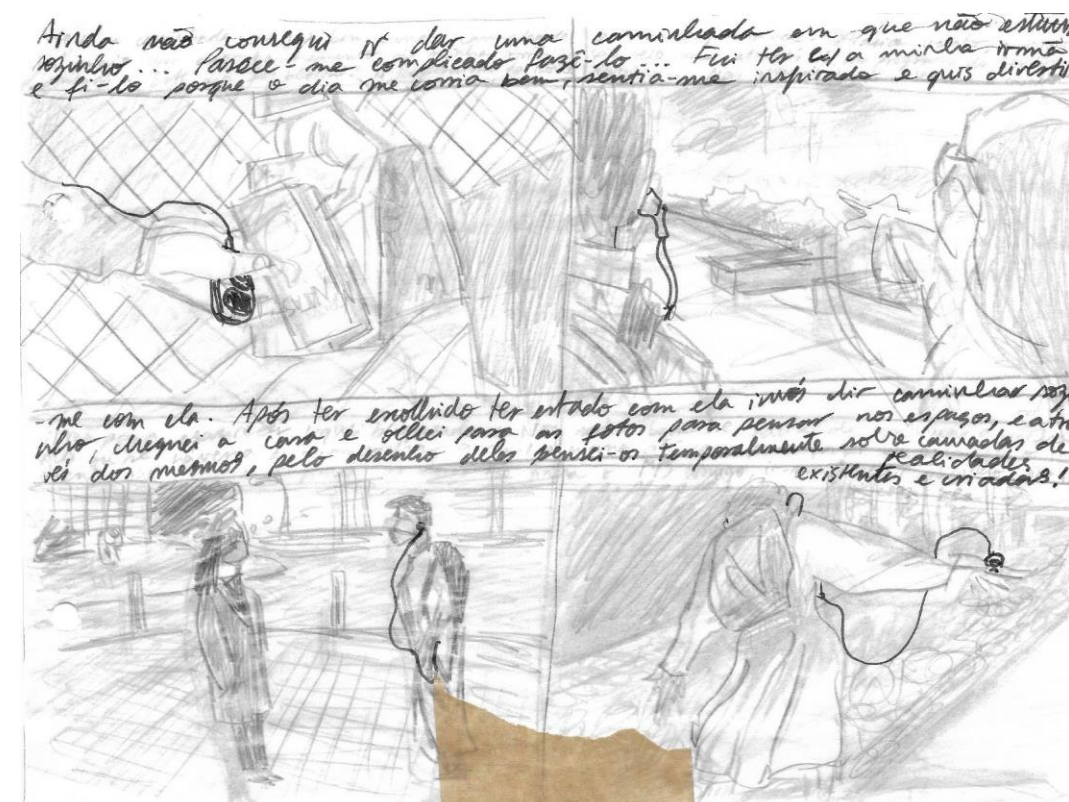
Esta pequena caminhada aconteceu apenas porque a minha irmã me chamou para ir comprar ingredientes para fazer um bolo. Era suposto ter caminhado mais sozinho, mas acabei por optar por ir com ela de volta para casa... Estava a fazer uma caminhada com bastante vento e do lado de fora do National Sec. estava a fazer uma caminhada com o vento e a chuva...

Esta Terceira caminhada do diário foi mais pequena.



Esta é a banda desenhada feita para este dia do diário. Um desenho a papel vegetal foi feito sobre o original para o manter, mas mudar alguns detalhes como o texto e alguns elementos.

Neste caso em particular utilizei estes desenhos adicionais para acrescentar o que faltou durante a caminhada.



Aqui, o desenho pode ser pensado enquanto uma ferramenta para criar o que falta na história, ou aquilo que não podemos obter na vida real... A sobreposição de realidades foi feita com esse intuito.

20/2/21

Walking diary page n° 4
20/2/21



Não sabendo não houve propriamente uma "assembleia de reflexões", houve apenas uma ida ao Mercado Municipal com o intuito de apanhar.

De manhã decidimos apanhar o pãozinho do dia e ir ao mercado.

Estive a chorar muito e não dei para escrever qualquer coisa sobre de casa, por isso para mim esta foi a manhã cansada.

A reflexão fez-se durante todo o resto do dia ao ver o filme de Edgar Pêra "Manual of Survival", que me deu uma sensação, levou a chorar para refletir este trabalho, voltando à carga para o sentimento e escrever!



Novas páginas para investigar
União paralela, recente história
com as mudanças que existem. Eu não
tenho uma ideia "concreta" em algo
"pouco". Então uma nova história, não
há a União com o que já havia, o mundo
é "concreto".

Reflexão sobre a minha história da vida — falar sobre
o próprio trabalho e o próprio, a motivação por
fazer tudo, incluindo a história para compor o amor!



Verão 1: O trabalho em
s — (fora de água)

Verão 2: O pensamento sobre
de uma maneira a partir das
reflexões sobre

o peixe pode estar elevado
por uma outra coisa
qualquer

(Reflexão feita por mim no lado)

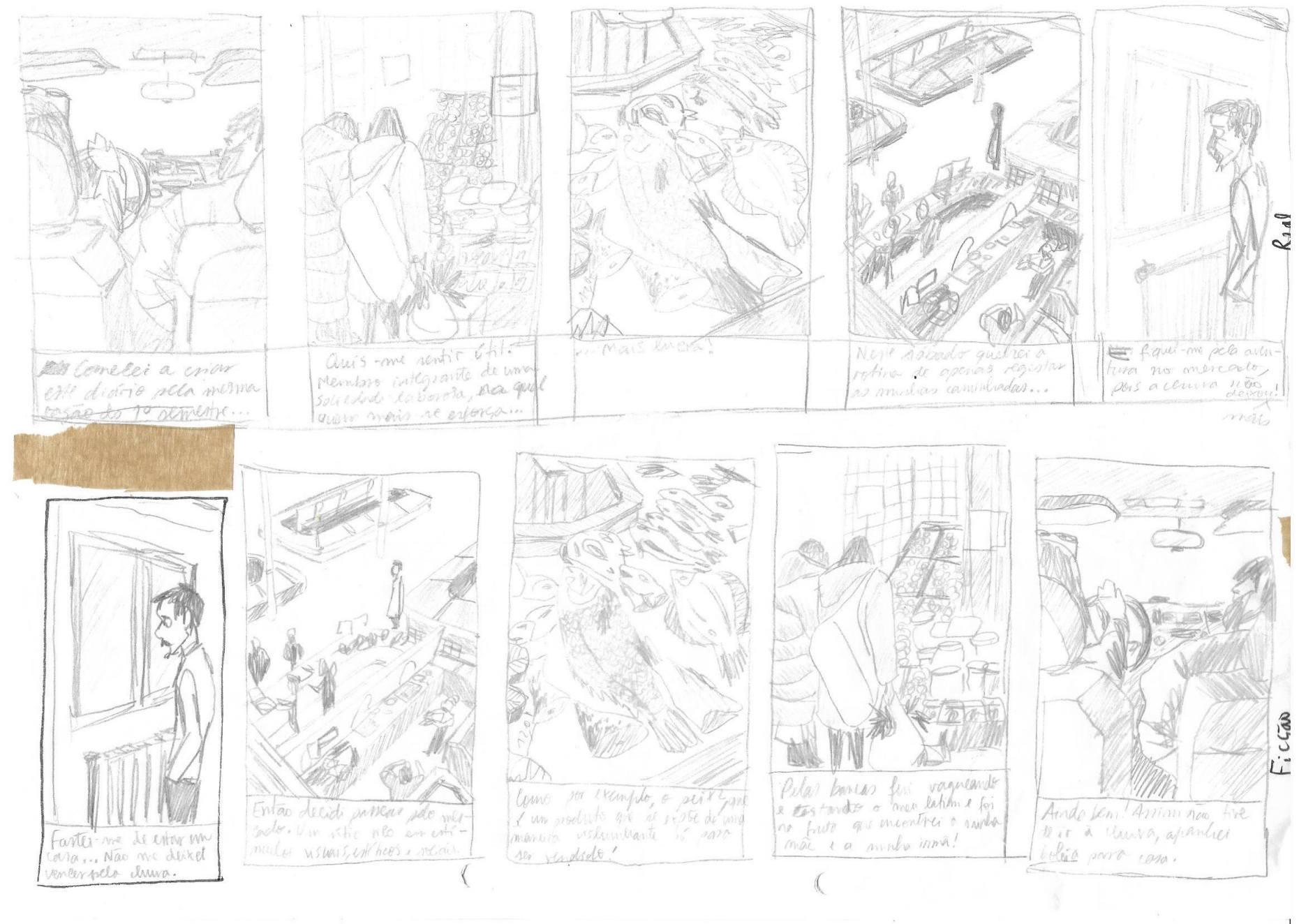


Merado & vender um mercado
após o dia para o dia de paz.
e que não existe, existindo
dentro de um tempo!

Notas sobre
de algo de ir a um
mercado vender

- Individual — personagem única (principal)
- Plural — personagens + família

Esta quarta caminhada foi diferente por proporcionar mais estímulos, como dá para ver pela caminhada feita pelo mercado municipal.



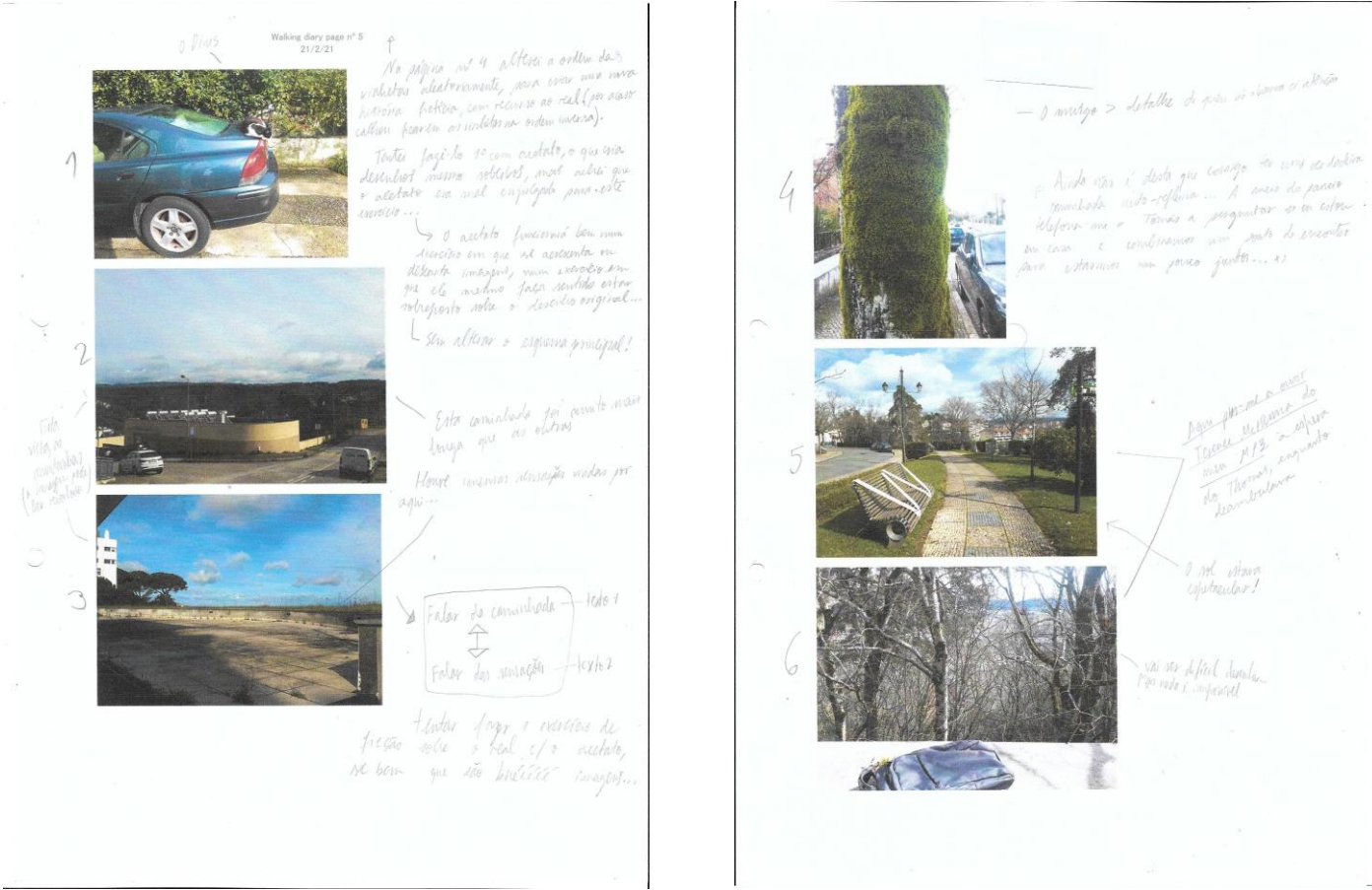
Nesta tira invertei a ordem das imagens e modifiquei o texto para criar uma história ou realidade fictícia e diferente baseada nos elementos da original.



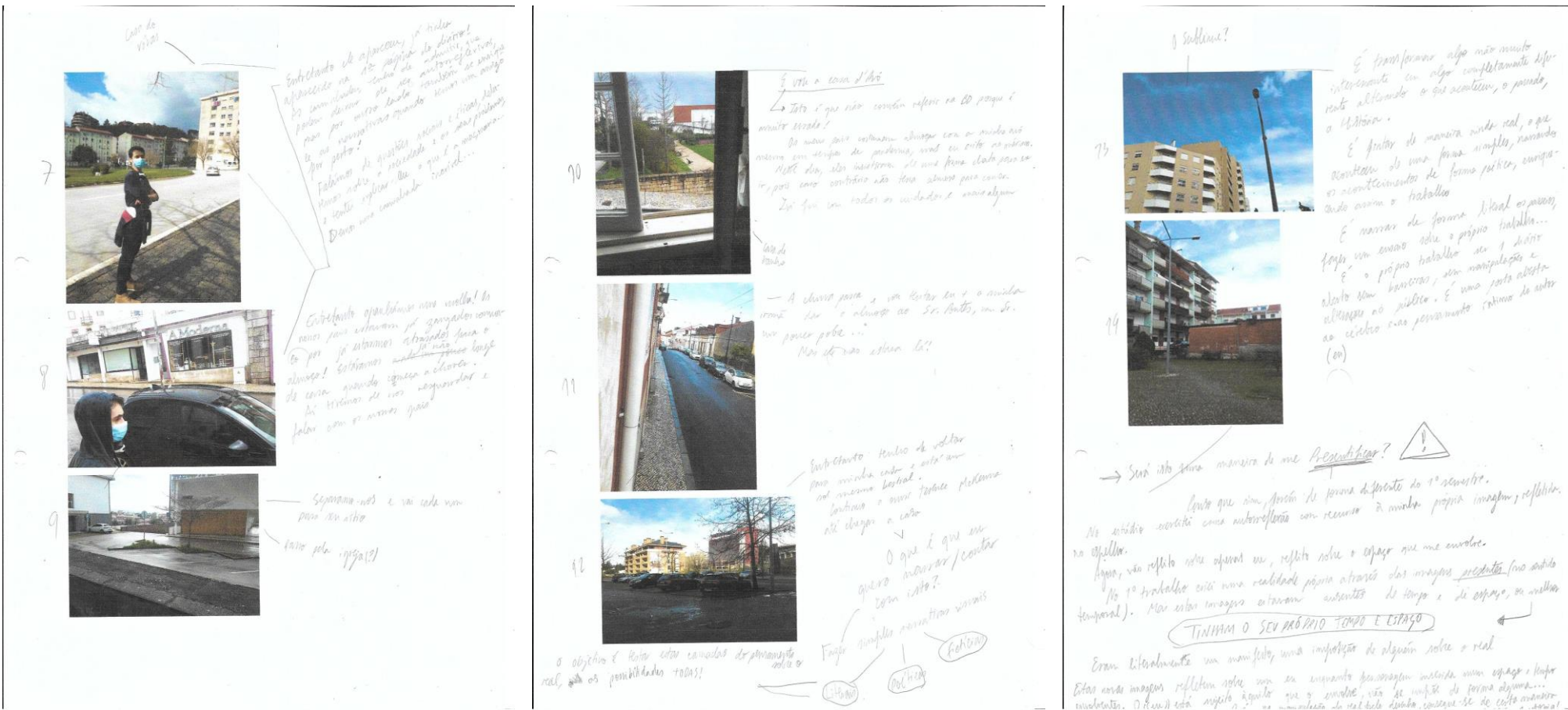
As folhas de acetato foram o suporte elegido nesta fase do projeto. Elas podem jogar e criar relações de forma mais nítida que o papel vegetal, sobre os desenhos sobrepostos.

Walking diaries – página 5

21/2/21



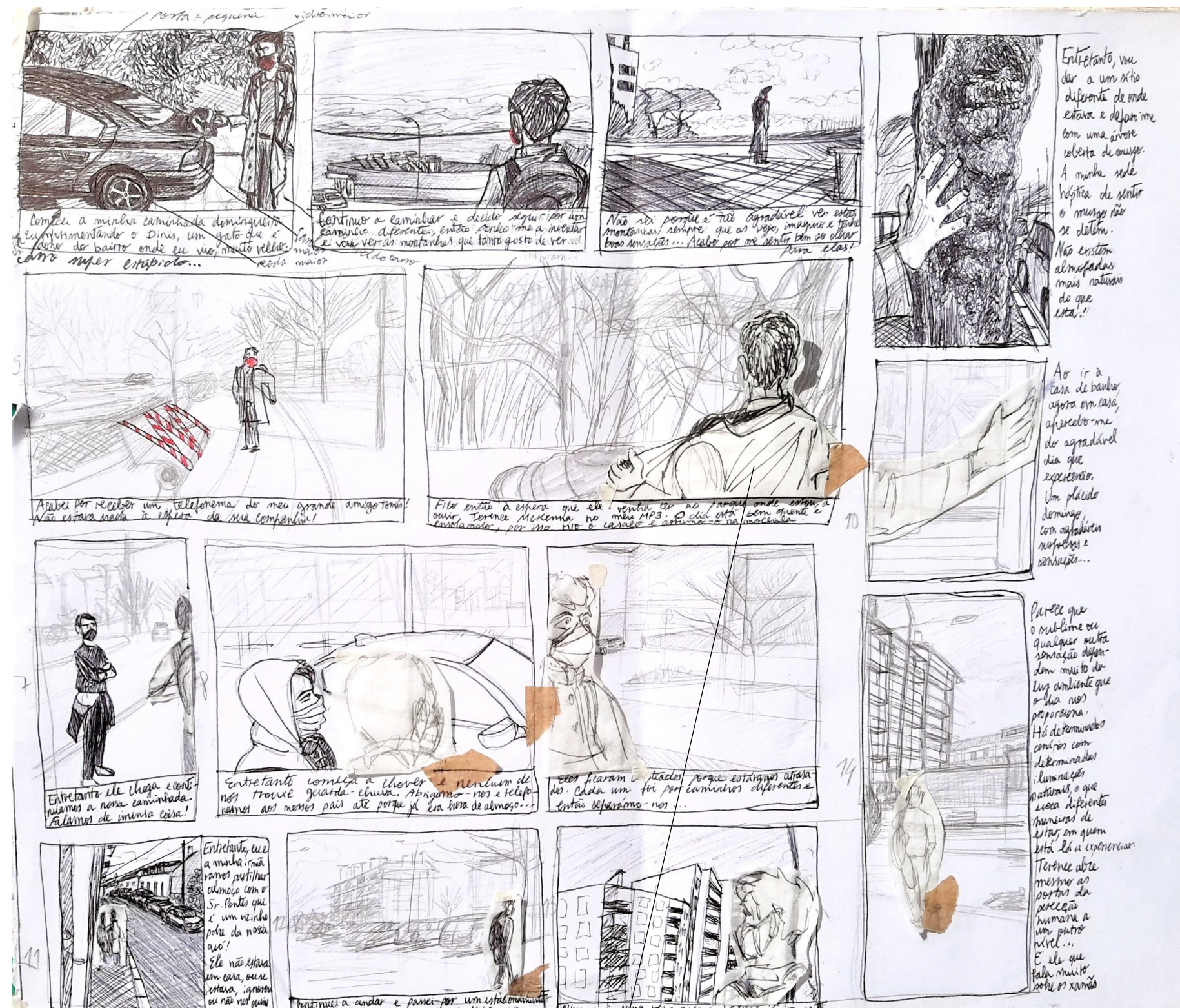
Esta caminhada foi feita num domingo ensolarado e é a maior até agora.



Quis com estas imagens, construir duas narrativas paralelas.
Uma que narrasse o dia e os seus eventos de forma literal e outra,
uma história ficcional feita a partir dos eventos e imagens de partida.

Aqui pode-se ver a primeira narrativa visual feita a partir das imagens da caminhada feita neste dia. Narra os eventos tal e qual aconteceram, onde o autor (eu) se deslocou até à ação visualizada no desenho com “desenhos invasivos”.

O novo propósito do trabalho tornou-se explorar a manipulação das imagens de uma história e também da sua realidade modificada posteriormente.



Francis Alÿs
Untitled from Rehearsal I (Ensayo I), 1999-2001
Graphite, paint and tape on vellum
34 x 38,7 cm
MoMA, NY

Aqui está a Segunda narrativa feita com as imagens anteriores originais.
A folha de acetato permitiu copiar os desenhos originais, alterando a sua ordem de forma a criar uma nova narrativa.



A partir de então, estas séries tenderam a focar-se na manipulação de histórias e eventos através da narrativa ficcional.

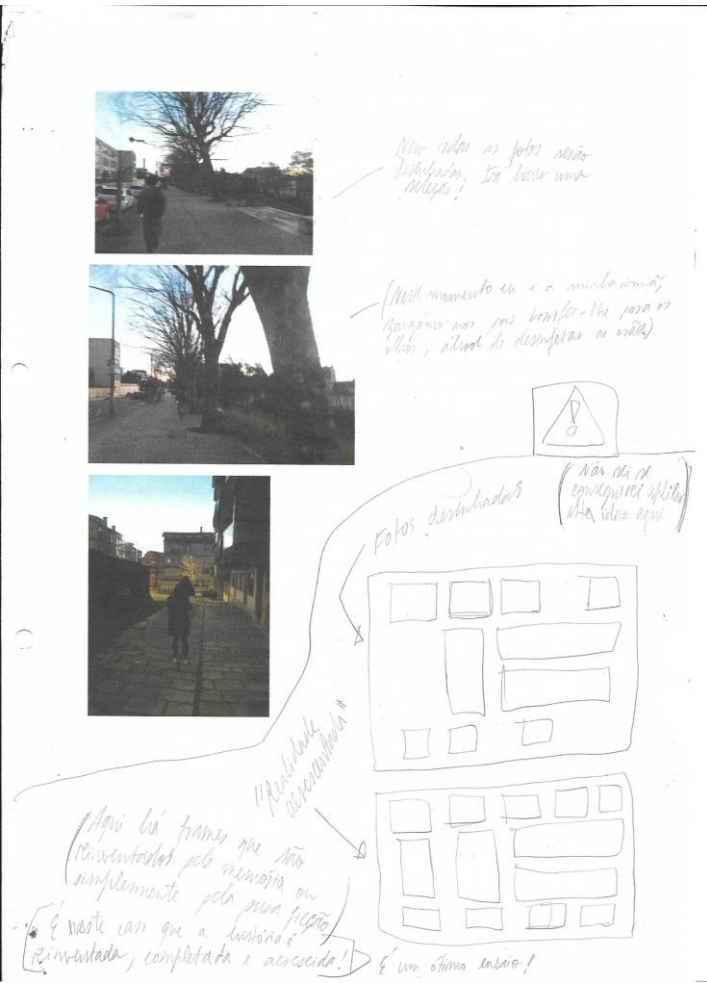
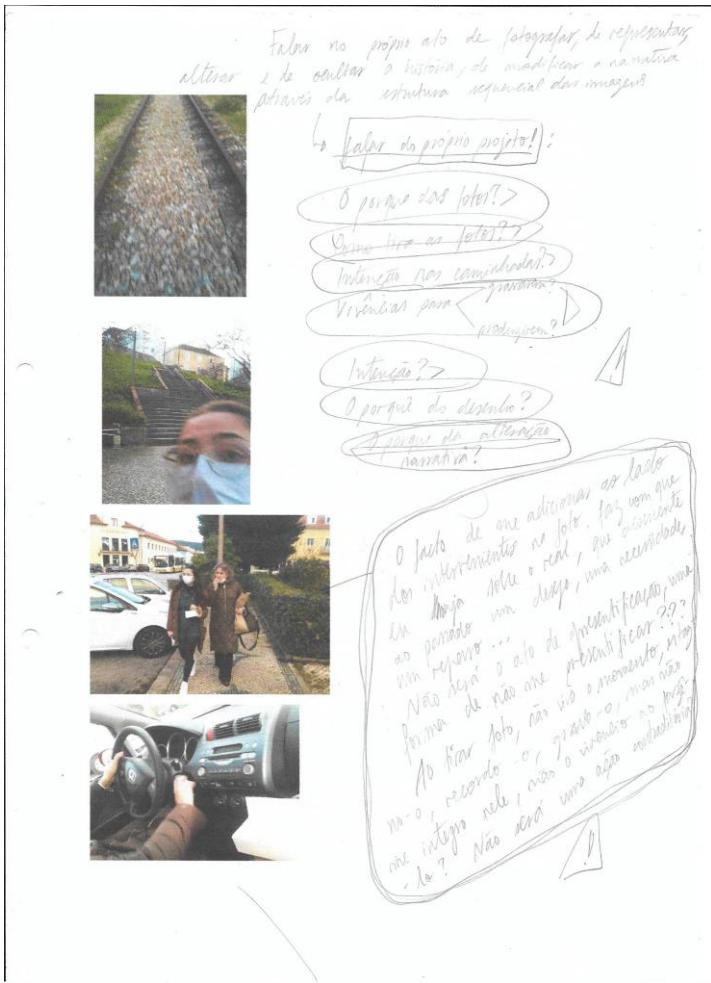
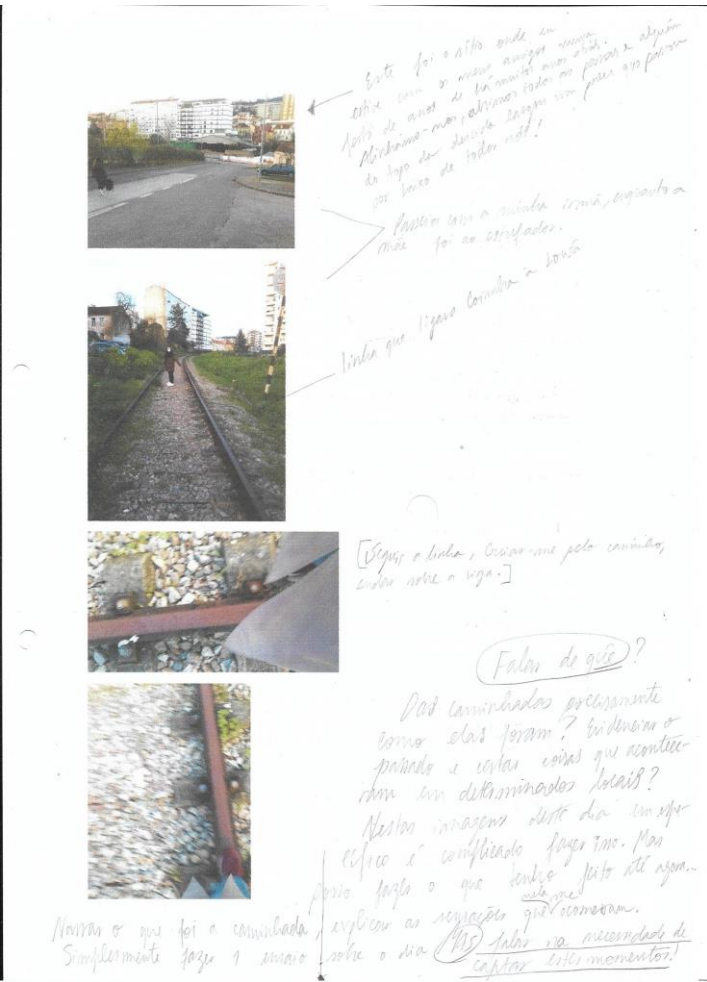
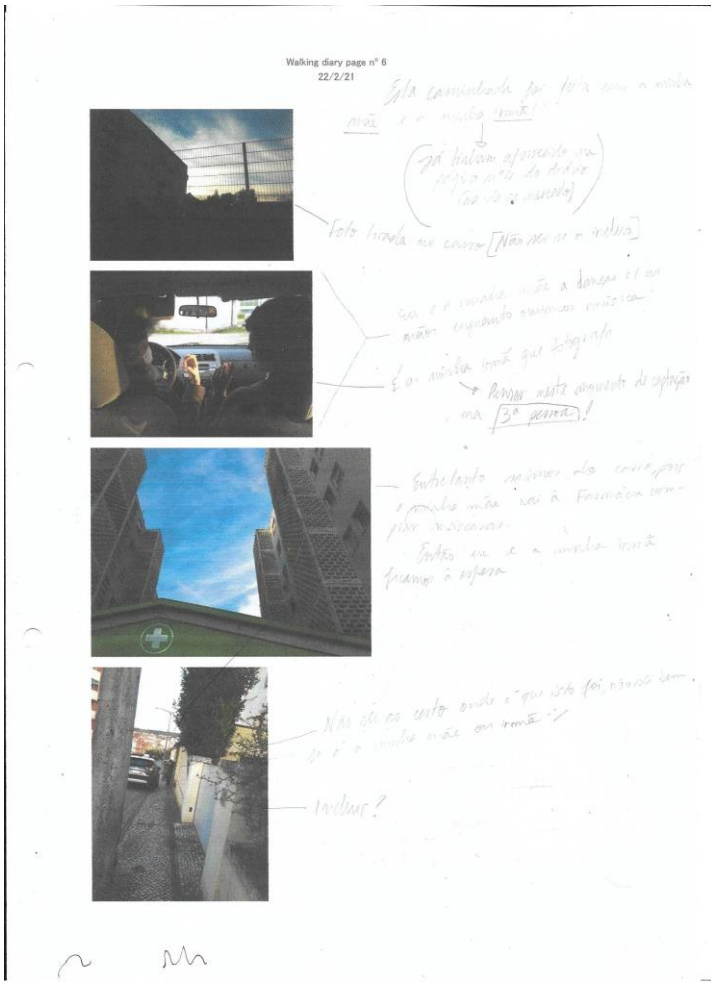
A narrativa original foi modificada nesta página do diário, a partir de uma alteração na ordem das vinhetas, e da introdução de personagens “evasivas” tal como eu, o autor: o agente onisciente deste universo.

Francis Alÿs nos seus “desenhos de remendo” (nome atribuído por mim), focou-se na representação de uma imagem que ilustra mais um enredo do que uma ação específica.

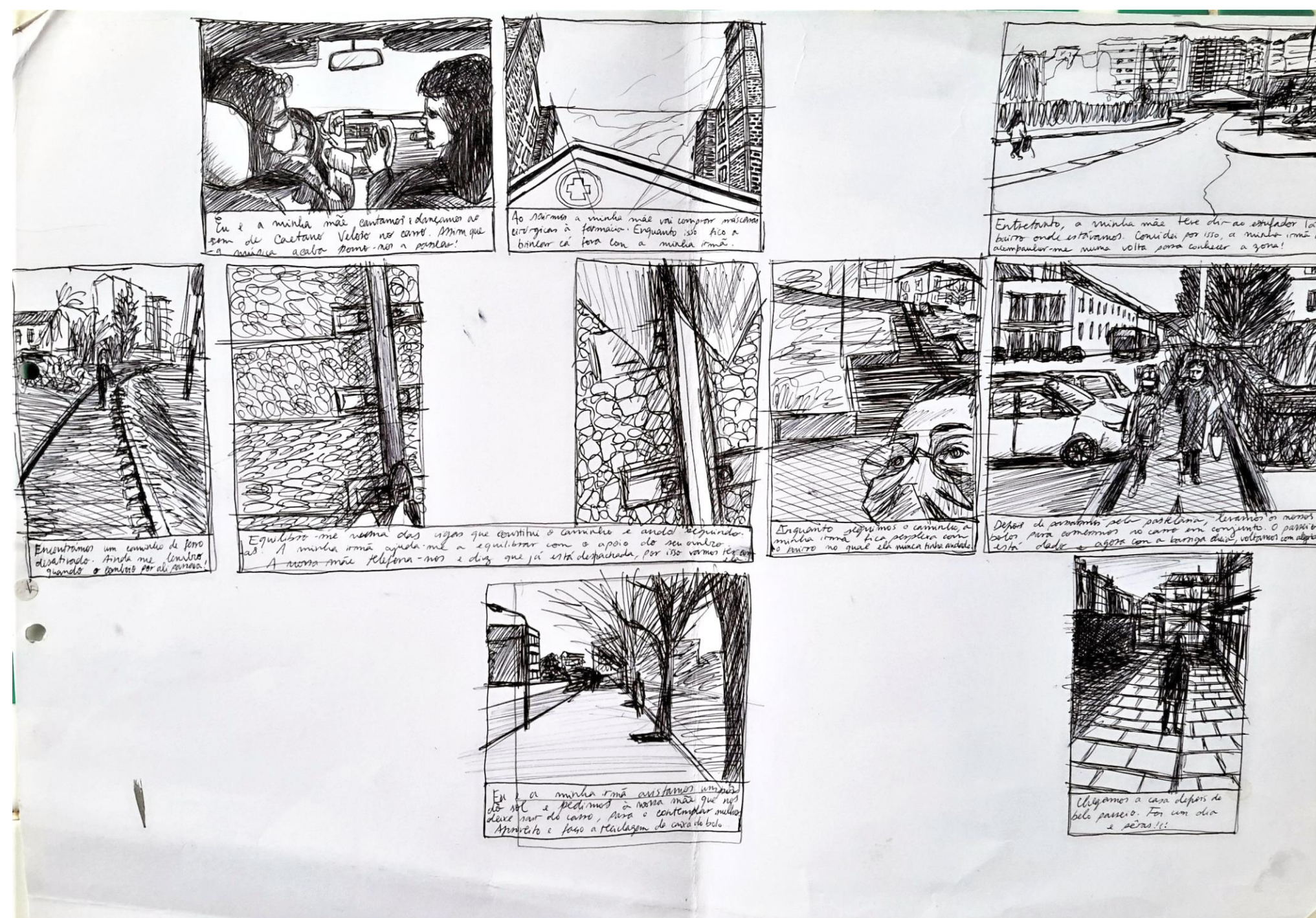
Graças às suas construções ambíguas que dão espaço à ficção, há espaço para possíveis interpretações livres.

Walking diaries – página 6

22/2/21



As notas escritas ao lado das imagens apontam as possibilidades do enredo da narrativa visual alternativa, criada a partir do original. Por outras palavras, começo a considerar a introdução de uma meta-narrativa no meu trabalho...



A solução estrutural e visual que o projeto adquiriu, passou por organizar as imagens pela maneira como as coisas aconteceram, esconder as vinhetas irrelevantes, colocá-las ao lado de imagens que reportassem o trabalho por trás das mesmas, usando mecanismos da Meta-linguagem!

A primeira banda desenhada é a que seleciona apenas algumas imagens e conta a história da caminhada tal como foi, de uma maneira poética...

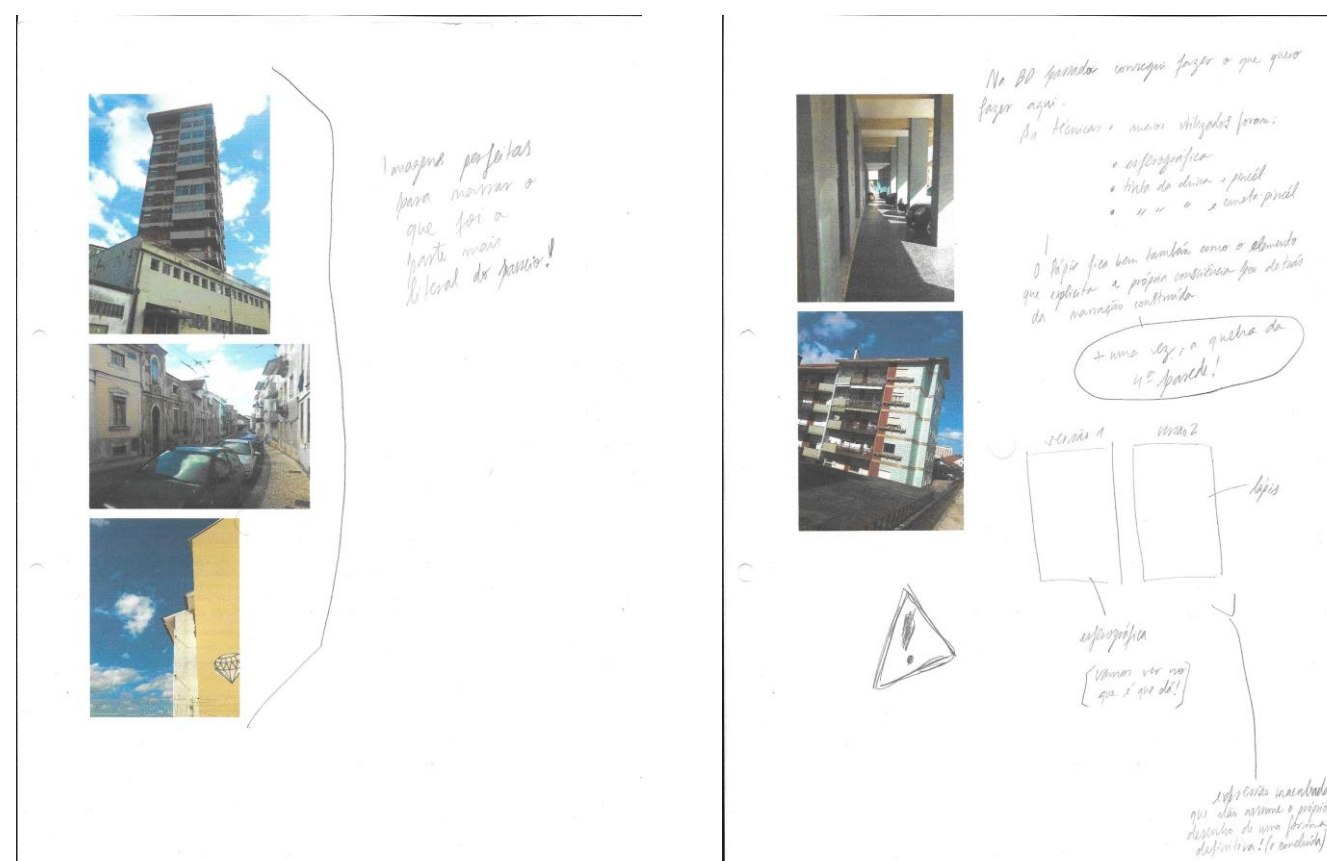
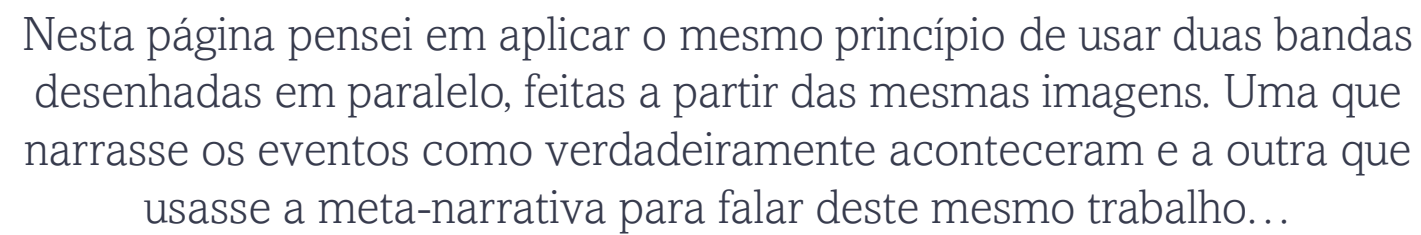
Portanto, nesta Segunda banda desenhada feita com tinta-da-china sobre papel vegetal, fiz essa mesma sequência de imagens, mas agora adicionando elementos por de trás da ação apresentada no resultado final. Conta a história na perspectiva de um narrador ativo, que está consciente de todas as suas ações.



Esta página foi o primeiro exercício que utilizou a meta-linguagem nas narrativas diárias. O meu próprio trabalho tornou-se parte dos eventos daquele dia! Isto enriqueceu o trabalho, começando por fazer com que pensasse mais e mais no papel do artista na sociedade. Com o poder de alterar o meu próprio universo de experiências, talvez consiga afetar a sociedade...

Uma grandíssima referência nesta perspectiva foi o trabalho do etnobotânico **Terence McKenna**, que fala muito sobre a emancipação intelectual do indivíduo em sociedades coletivas e influenciadas de forma desequilibrada como a nossa.

23/2/21



Com uma esferográfica desenhei o espaço capturado como uma realidade sólida, que constitui uma narrativa fidedigna ao que aconteceu realmente...

Outra vez, utilizei-me como personagem distinta da narrativa, mas inserida nela (com fita-cola), para tornar explícita a necessidade de me sentir parte da ação e do mundo à minha volta.

Desenhar é uma forma de alterar a realidade numa dimensão ficcional para poder ter coisas que não conseguimos no mundo real... Utilizei este conceito e tornei-o evidente.



É uma narrativa que não tem barreiras como uma quebra da quarta parede e que fala sobre a intenção de descrever a sua própria ação.

Cartista debruça-se na imagem do mundo.
Ele quer ver o mundo através da lente da câmera. E assim, ele vai criando uma imagem do mundo que ele vê. Mas, será que essa imagem é realmente o mundo? Ou será que é apenas uma imagem do mundo que ele quer ver?

Eu quero ver um instantâneo do mundo, mas não tenho tempo e espaço. E assim, eu vou criando uma imagem do mundo que eu quero ver.

Tiro fotos do mundo que vejo, mas não sei se é realmente o mundo que eu quero ver. Ou se é apenas uma imagem do mundo que eu quero ver.

Como eu vou ver o mundo através da lente da câmera? Será que eu vou ver o mundo que eu quero ver? Ou será que eu vou ver apenas uma imagem do mundo que eu quero ver?

Por que eu quero ver o mundo através da lente da câmera? Será que eu vou ver o mundo que eu quero ver? Ou será que eu vou ver apenas uma imagem do mundo que eu quero ver?

Quero ver o mundo através da lente da câmera, mas não sei se é realmente o mundo que eu quero ver. Ou se é apenas uma imagem do mundo que eu quero ver.

Abraço, mas com que intenção? Será que eu vou ver o mundo que eu quero ver? Ou será que eu vou ver apenas uma imagem do mundo que eu quero ver?

que eu quero ver o mundo através da lente da câmera. E assim, eu vou criando uma imagem do mundo que eu quero ver.

na composição! Está aí que eu quero ver o mundo através da lente da câmera, mas não sei se é realmente o mundo que eu quero ver. Ou se é apenas uma imagem do mundo que eu quero ver.

E é a segunda vez que eu quero ver o mundo através da lente da câmera. Será que eu vou ver o mundo que eu quero ver? Ou será que eu vou ver apenas uma imagem do mundo que eu quero ver?

Portas em aberto, encalando o mundo. Mas não sei se é realmente o mundo que eu quero ver. Ou se é apenas uma imagem do mundo que eu quero ver.

Verdadeiro agente do seu espelho. Mas não sei se é realmente o mundo que eu quero ver. Ou se é apenas uma imagem do mundo que eu quero ver.

Talvez eu, o artista por trás deste trabalho, possa criar alguma mudança no espaço e tempo que me rodeia, ao “brincar” apenas com estas histórias...

Walking diaries – página 8

24/2/21

Esta página permitiu fazer uma distinção entre narrativas dos mesmos eventos, focando-me em diferentes tempos da ação, entre a realidade do desenho.

O momento em que tirei as fotografias, foi o momento em que decidi o que desenhar depois, como no exemplo apresentado aqui em baixo:

Walking diary page nº 8
25/2/21

1



1ª foto de caminhada dentro de casa
Mãe entra a querer fazer o futuro no capter
esta imagem!
Ao capter a caminhada da rua, condensa o
meu futuro, o que vejo, o que por onde passo na
caminhada, a seguir!

2



O mesmo se poderá
passar e acontecer aqui!

3



Viso de (cartão) ≠ papel vegetal

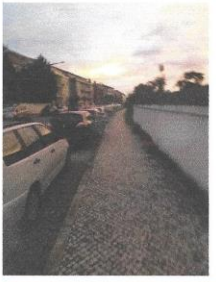
afirmação
de futuro
condicionada
↓
missão

para
(figura?)
documentação
com a presença da
minha personagem
↓
ação

Esta fotografia foi tirada com a intenção de a desenhar mais tarde, mas também de predizer as ações no seu espaço.

Por tirar uma fotografia do espaço à minha frente, conseguia prever por onde iria passar, por isso, não só ia pré determinando as minhas ação, mas também condicionando as possibilidades do caminho que escolhi percorrer.

4

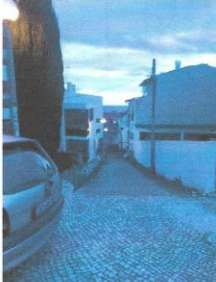


5

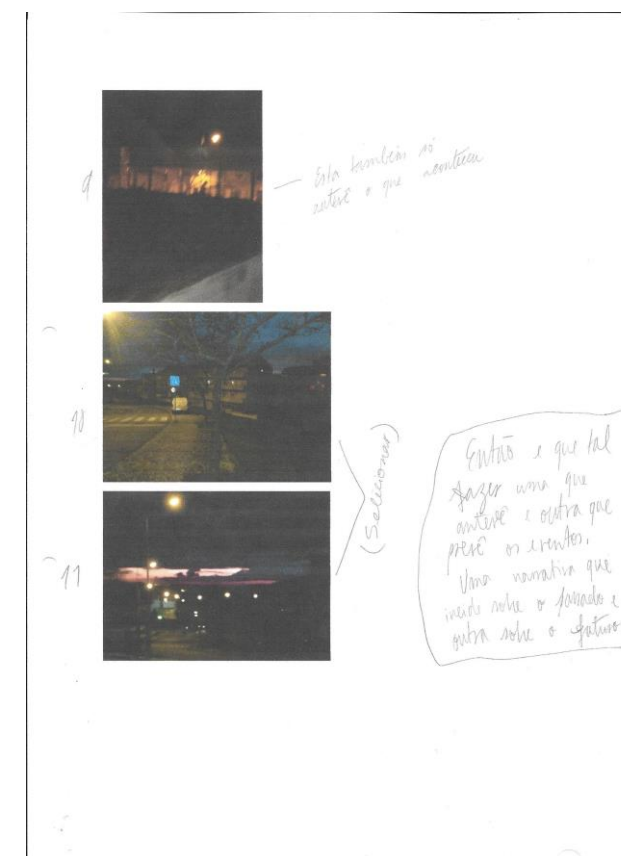
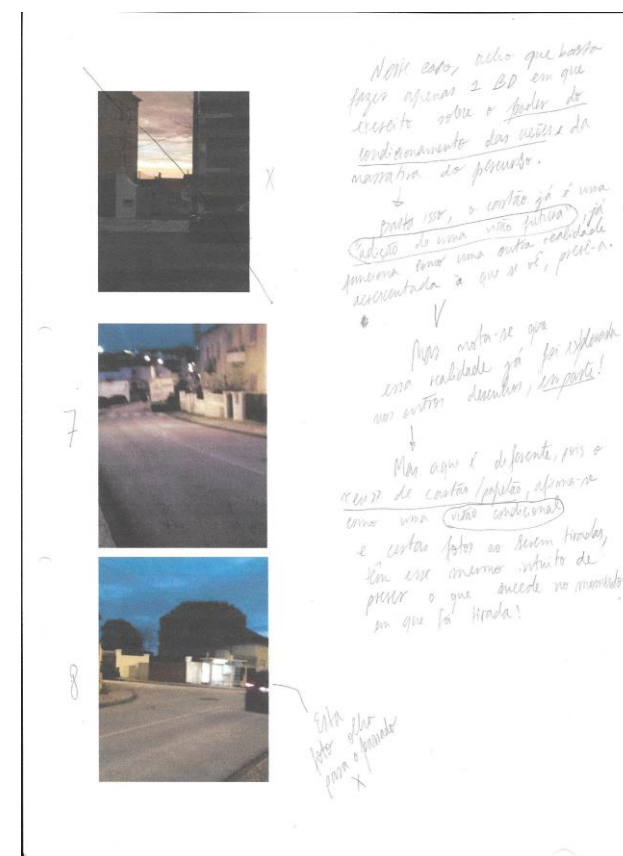


melhor data!

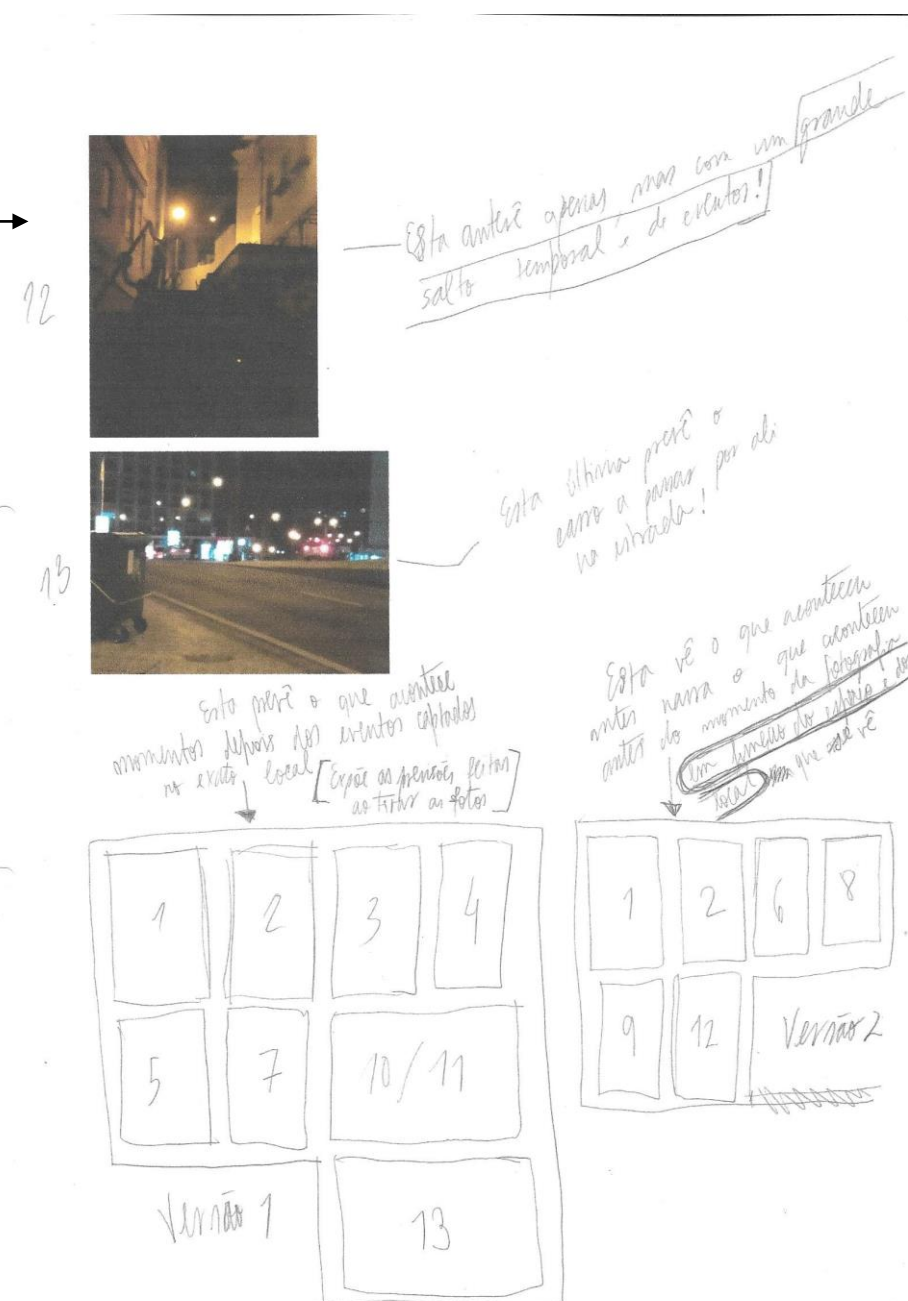
6

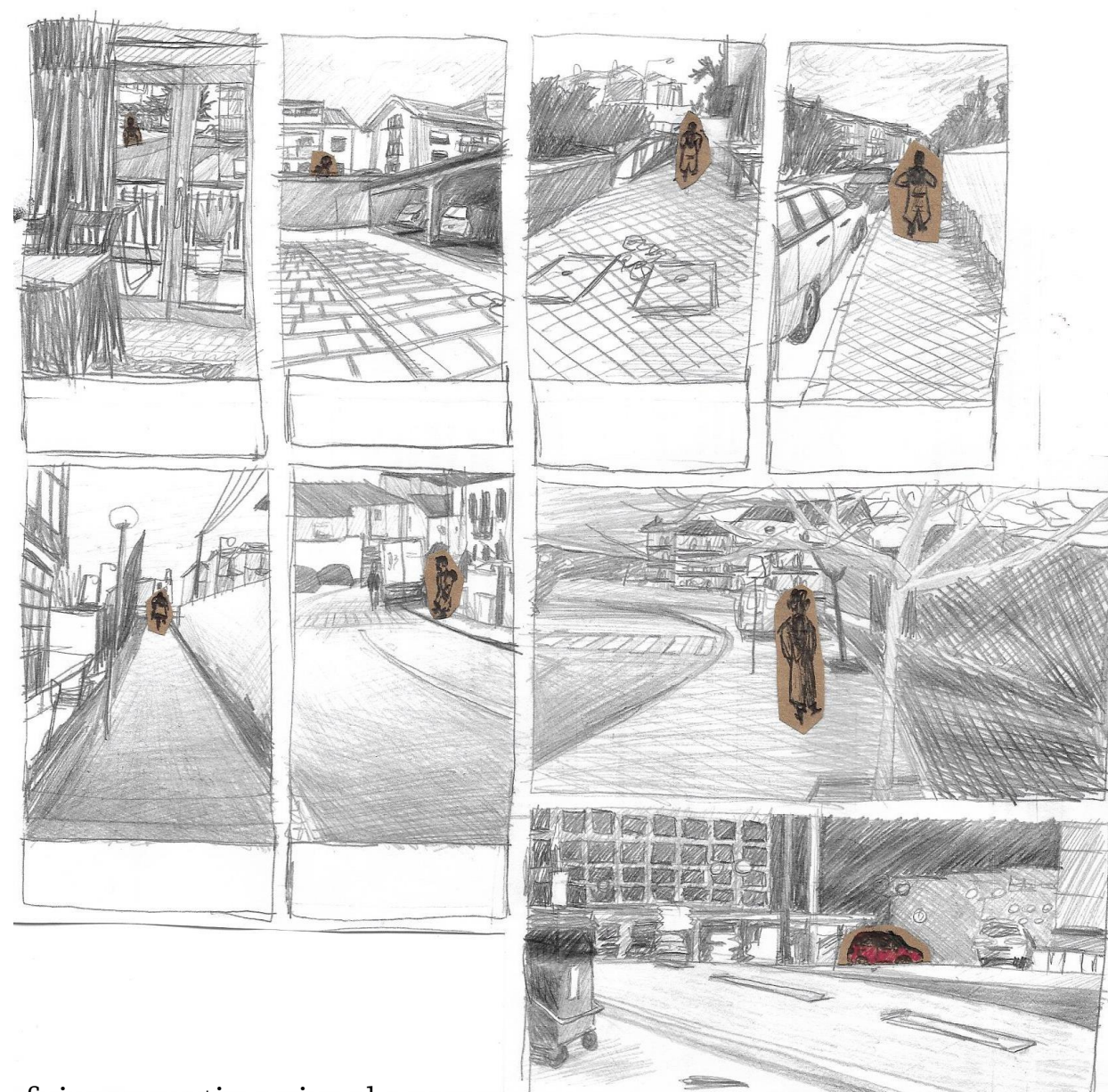


Esta imagem cria apenas o futuro
passado e já presente, não o que irá



A mesma coisa foi feita aqui, mas agora, a intenção de tirar esta fotografia foi apenas de pensar e representar o passado, os eventos que ocorreram naquele exato espaço, invés de projetar as minhas ações no futuro das caminhadas.



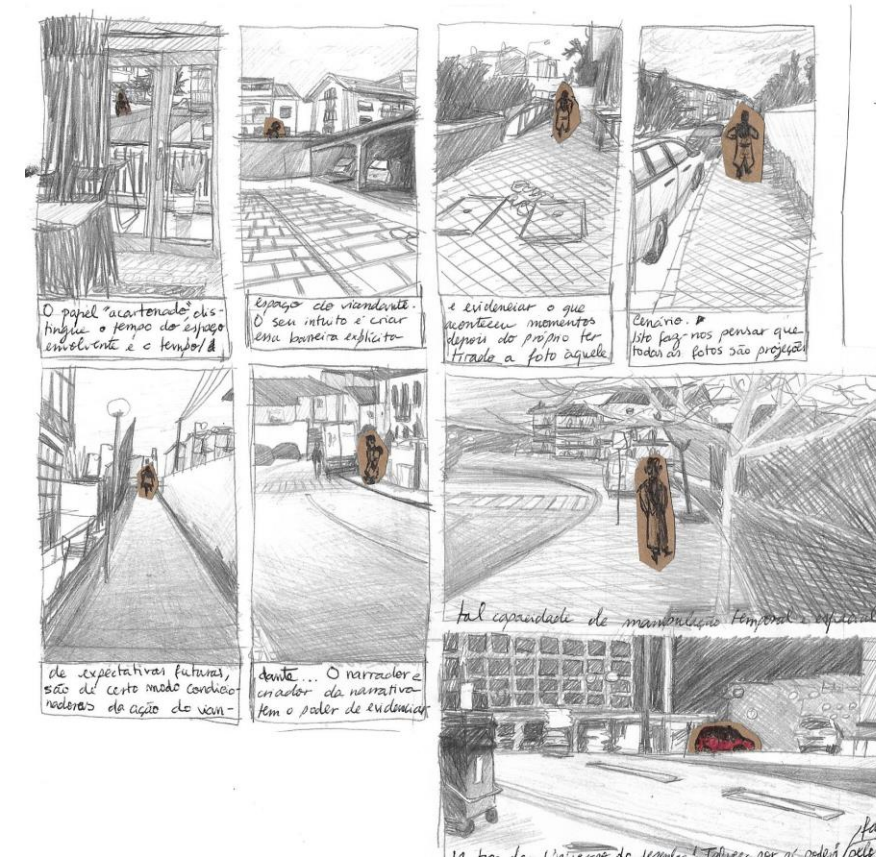


Esta foi a narrativa visual que representa o presente que se focou nas ações do passado.



E esta foi a narrativa criada para projetar ações no futuro, contidas naquele espaço. O papel de embrulho é um elemento usado para afirmar os elementos do futuro na narrativa.

Aqui, a “banda desenhada do futuro” agora tem legendas, que utilizam a meta-linguagem e que falam sobre a minha intenção de pensar sobre diferentes tempos nos diferentes espaços da caminhada e narrativa.



A “banda desenhada do passado” fala sobre esta divisão do artista que cria a história, no papel da personagem que tira fotografias, que se poderá chamar de «eu do presente»; e a personagem do passado (e futuro), a que está a ser desenhada na narrativa da ação...

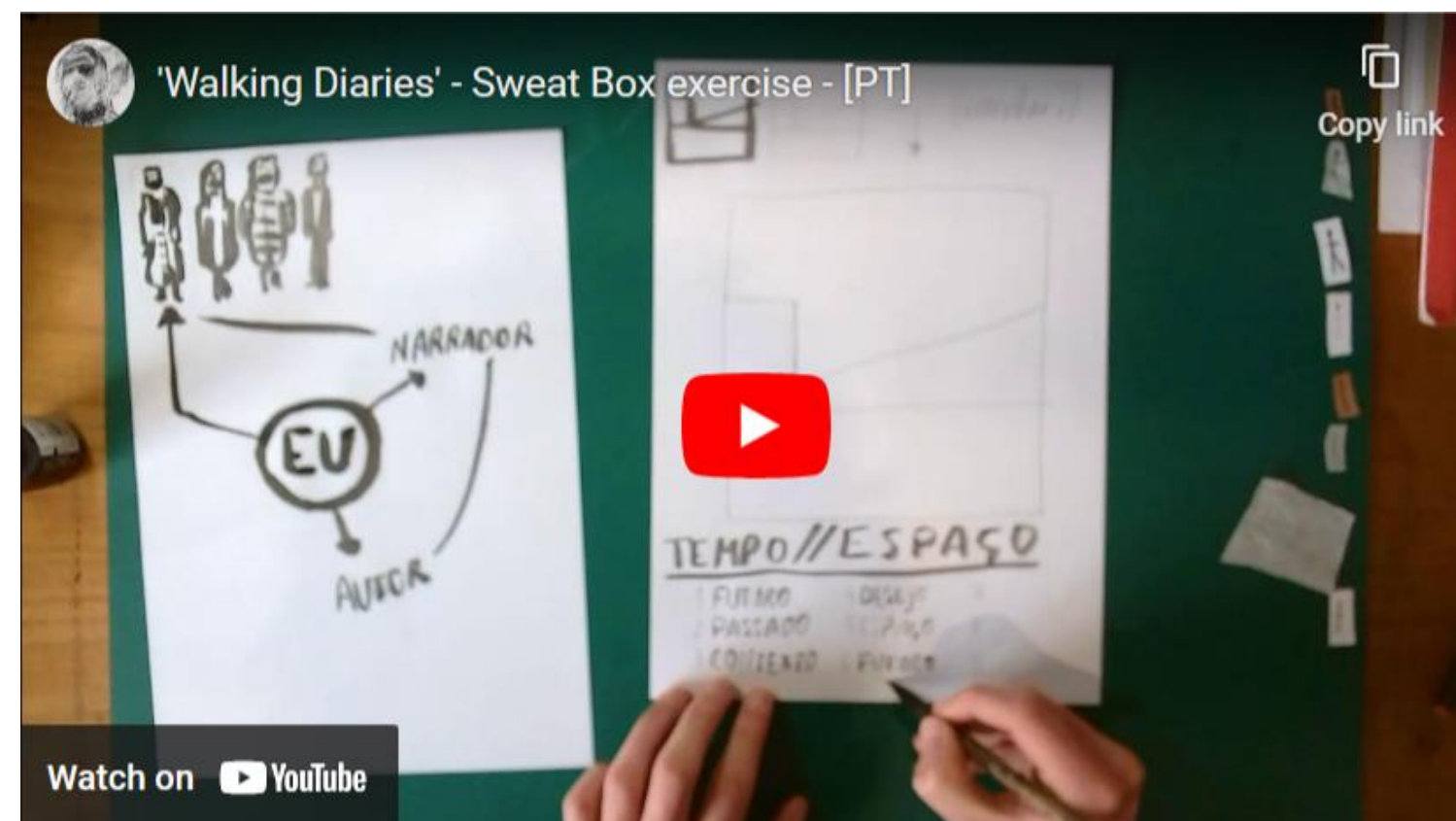
Talvez estes diários estejam a cair naquilo a que se poderá chamar de myse-en-abyme...

A divisão de mim mesmo nestas três personagens é algo que teve de ser pensada como deve ser, para utilizar tais conceitos.

Sweat Box – Vol.I

“Sweat Box” é um exercício feito para pensar sobre algum tipo de método processual através de desenhos. É algo que se situa entre um conjunto de diagramas, esquemas, esboços, quadros, gráficos, etc, feitos para acompanhar o pensamento verbalizado, sem um enredo especificamente escrito.

Estas ações de pensamento processual sobre um conjunto de raciocínios, a partir do falar e do desenhar podem ser feitos com diferentes dispositivos, a minha escolha de modelo foi algo similar a Nikolaus Gansterer, artista que desenvolve o seu trabalho a partir deste princípio.



O link do video original é:

<https://www.youtube.com/watch?v=HggJngRjSAs>

A minha sweat box divide-se em quatro partes. A primeira explica a sequência principal dos “walking diaries”; o Segundo explica o lado narrativo. A Terceira é a exploração do uso de meios para agir sobre o espaço/tempo e a quarta é uma conclusão, um resumo destas ideias.

Este foi um exercício que me ajudou a perceber melhor o meu trabalho.

Parte 1 : O exercício proposto e a sua dimensão sequencial

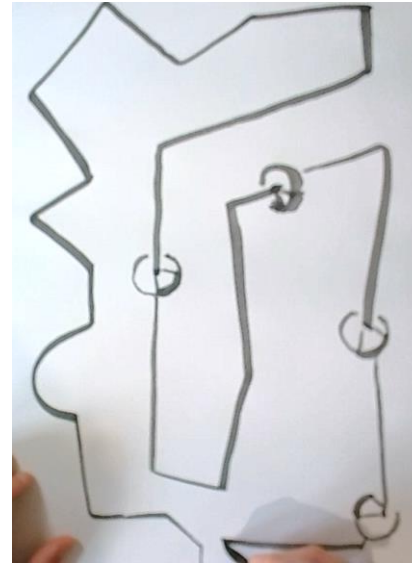


Imagem 1: Desenhar o exercício é o mote deste projeto... Este esquema ilustra o exercício de caminhar pela cidade sem uma direção específica, parando nos sítios onde poderia tirar fotografias, olhar o espaço ao redor e escolher um ângulo para capturar (representado pelas circunferências ‘fatiadas’)

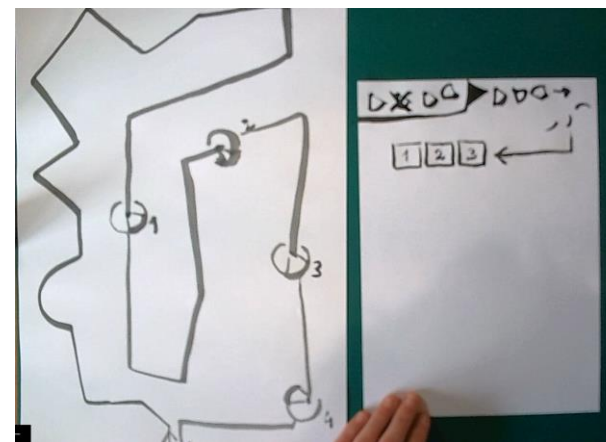


Imagem 2: Com as fotografias tiradas da caminhada, neste caso ilustrativo, 4 delas, desenho um esboço onde explico que há uma seleção destas fotos, organizadas pela sua ordem cronológica segundo o enredo do passeio.

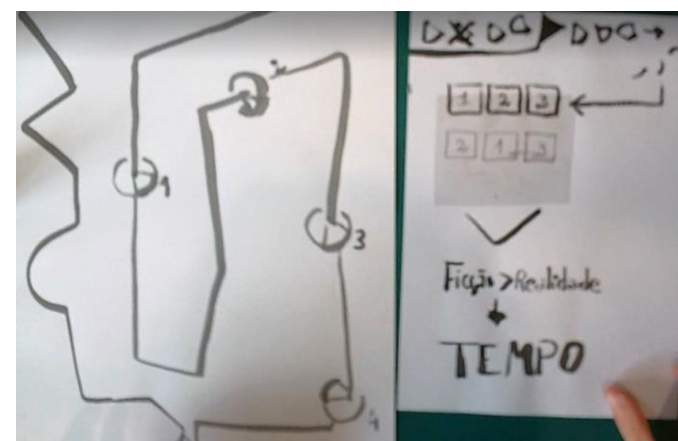


Imagem 3: Com a ajuda de uma folha de acetate, demonstro como consigo manipular a narrativa original ao trocar a ordem das imagens. Redesenho-as para criar novas sequências. Desse modo, escrevo que é tudo um jogo para criar uma ficção a partir da realidade, um jogo baseado na manipulação do tempo (e espaço também).

Parte 2 :Narrativa da história

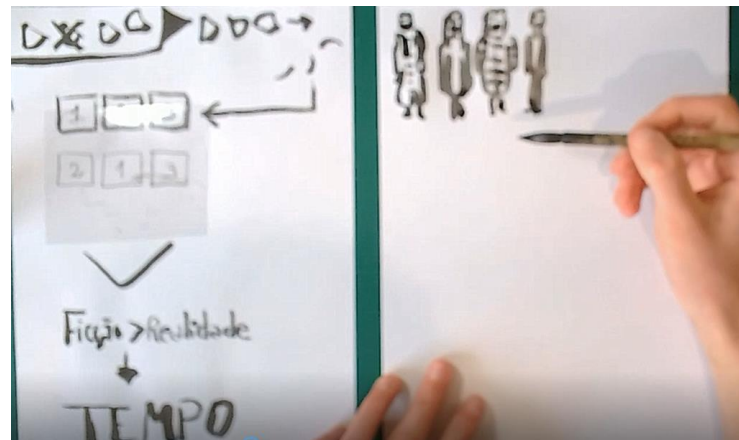


Imagem 4: Há 4 personagens neste trabalho... A personagem principal: 'O Viandante'; e as secundárias: a sua irmã, mãe e o seu amigo de longa data que encontra de vez em quando durante as caminhadas



Imagem 5: Dentro do conceito de «eu», o criador deste projeto e histórias, existem 3 personas separadas que daí derivam. 1º: 'O Viandante' que é a personagem principal destas histórias, 2º: 'O autor/criador' que é a mente criativa que manda e controla as narrativas mudando e criando o que bem lhe apetecer, e a 3ª: 'O narrador' que é alguém que está entre esses dois outros, uma personagem apenas criada para contar coisas numa posição de moderador.

Part 3: Thinking about time and space through different mediums

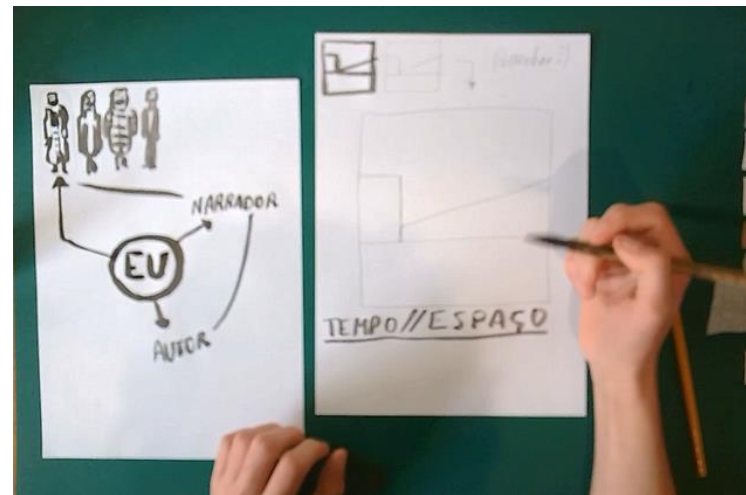


Imagem 6: Porque desenho fotografias? Qual é o propósito do desenho?

Quero aqui clarificar o propósito do desenho: é a melhor forma de fazer acontecer coisas que não podem existir na vida real.

Portanto, com a ferramenta que é o desenho, posso manipular a história não só reorganizando as imagens e o tempo, mas pensando sobre um conceito de tempo e espaço de outra forma...

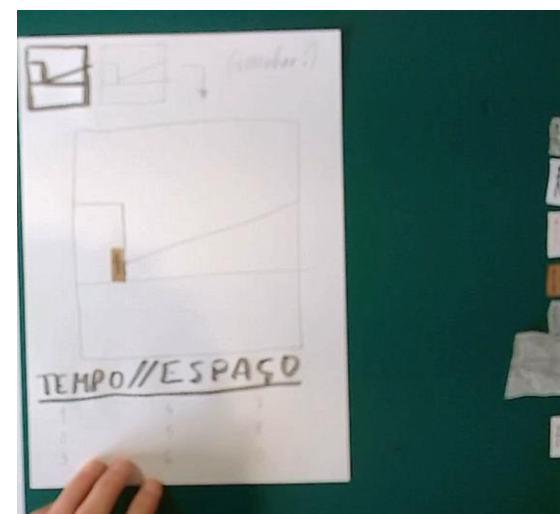


Imagem 7: A inserção da personagem na imagem pode ser estudada e projetada no presente, passado e future no espaço nela contido, portanto utilizei diferentes meios para explorar estas narrativas multidimensionais como esta primeira.

Ao desenhar com lápis sobre papel de embrulho, pude trabalhar a personagem (o viandante) dentro da história, projetando-o no future da ação, explicitando o que a personagem pudesse fazer no futuro do espaço capturado da imagem.

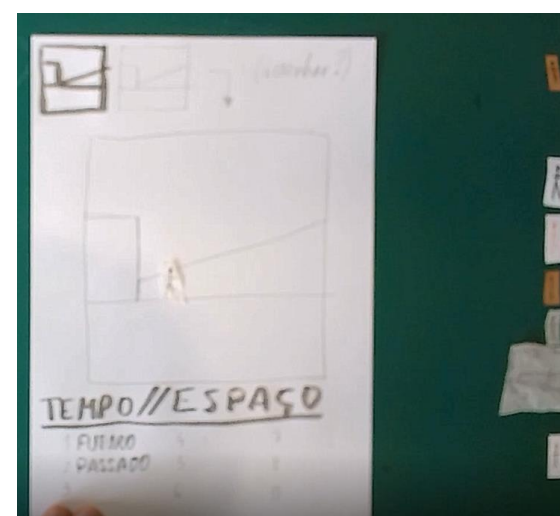


Imagem 8: A segunda variante é o uso de lápis sobre papel vegetal para explorar a imagem projetada do viandante através de tempos passados da ação dentro da imagem capturada

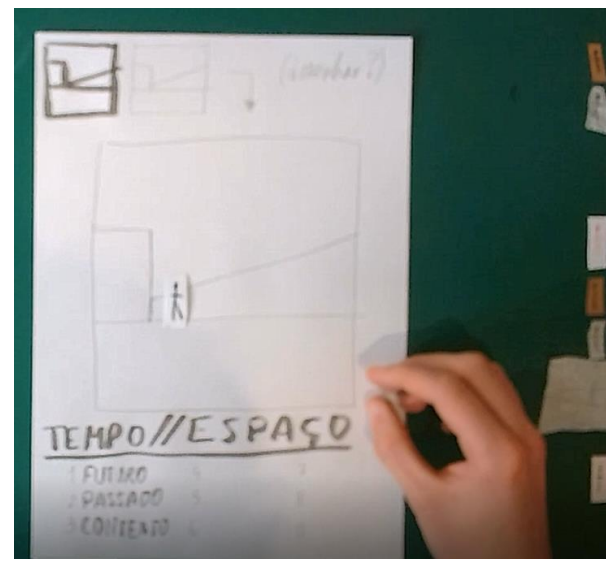


Imagem 9: A Terceira variante é o uso de tinta acrílica sobre papel de impressão, para representar o «eu» inserido (o viandante) entre as ações (tempo e espaço) que foram fotografadas apenas porque têm um contexto intrínseco no que foi vivido nelas noutro tempo.

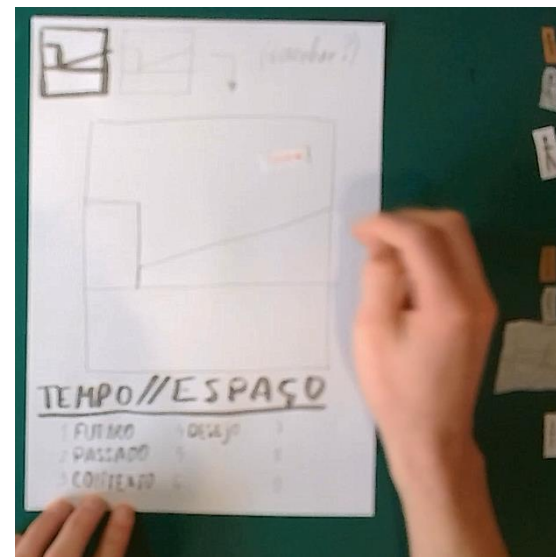


Imagem 10: a quarta variante é o uso de caneta vermelha sobre papel de impressão, para representar uma coisa impossível de obter na vida real, um sonho a ser realizado e que só pode ser materializado pelo desenho.

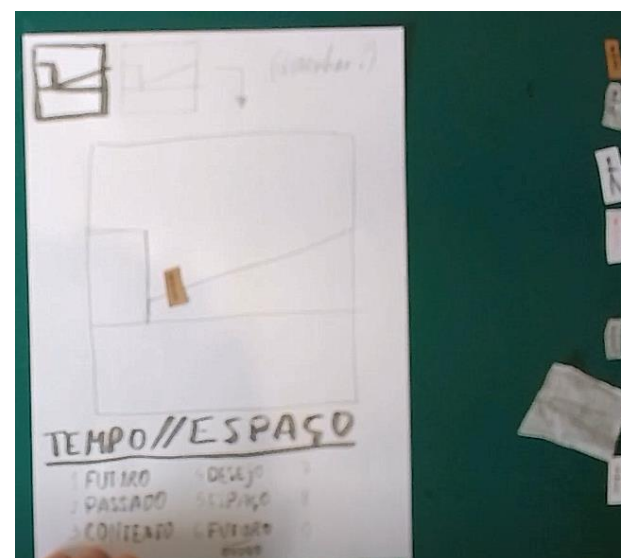


Imagem 11: A quinta variante é o uso de esferográfica Negra sobre papel de embrulho, para representar um projeção de outros elementos (personagem e coisas que não são o viandante) no futuro da ação.

Nota: Com “ação”, refiro-me ao tempo e espaço presentes.

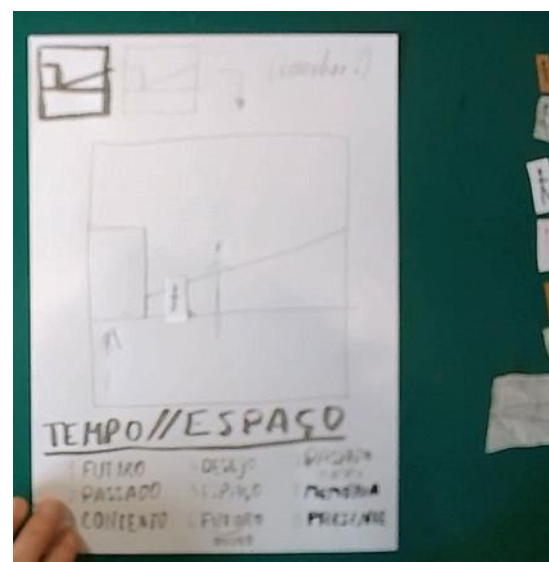


Imagem 12: A sexta variante é o uso de esferográfica Negra sobre papel vegetal, para representar a projeção de outros elementos (personagem e coisas que não são o viandante) no passado da ação.

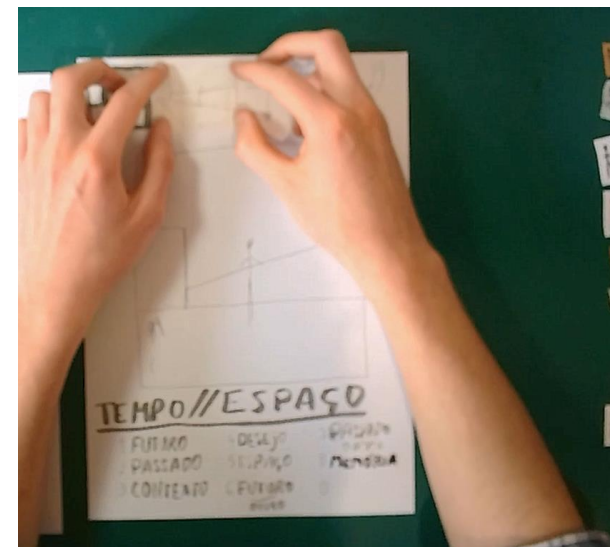


Imagem 13: A sétima variante não só se aplica à inserção de uma personagem na ação. Contém outro espaço feito a partir da imagem original. É o uso do lápis sobre papel vegetal (ou apenas a inserção de personagens a caneta vermelha sobre papel vegetal), para representar uma realidade alternativa que aconteceu no passado. Há momentos memoráveis que gostaria que pudessem acontecer de novo, por isso isto é uma construção de um cenário que já existiu no passado daquele espaço. Esta é uma variante da quarta variante, porque também funciona com o tempo passado.

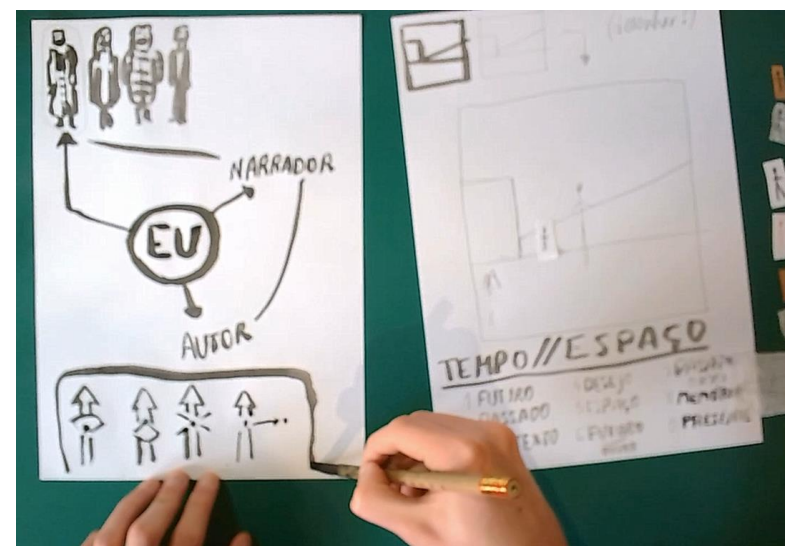


Imagem 14: A oitava variante é simplesmente um desenho da personagem feito diretamente na ação. Representa a ação no presente, mas é em si um elemento separado dela, porque não aparece na fotografia original. Toda esta inserção das personagens na ação são variantes que dependem na intenção por trás da fotografia original tirada na caminhada. Depende de como são tiradas... Podem ser tiradas na mesma direção que a caminhada (frente), na direção oposta (trás), da perspectiva pessoal do fotógrafo (selfies, etc.) e podem até captar elementos exteriores e independentes à caminhada.

Parte 4: Resumos conclusivos

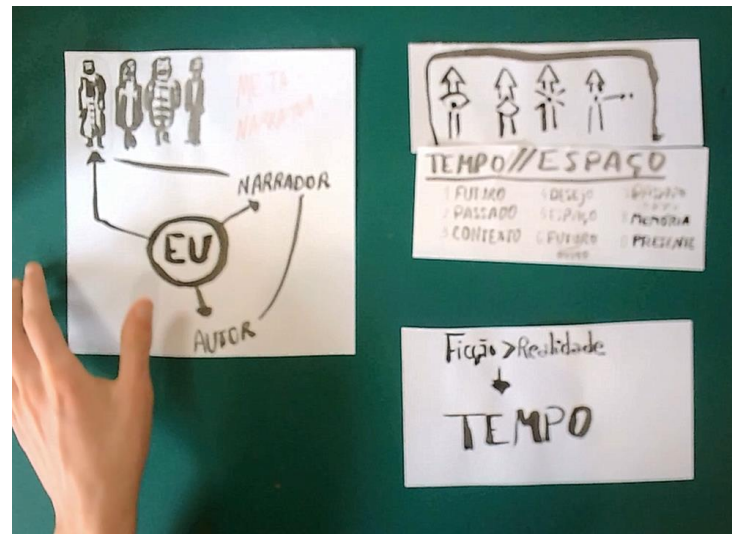


Imagem 15: Este trabalho pode ser resumido em 3 dimensões

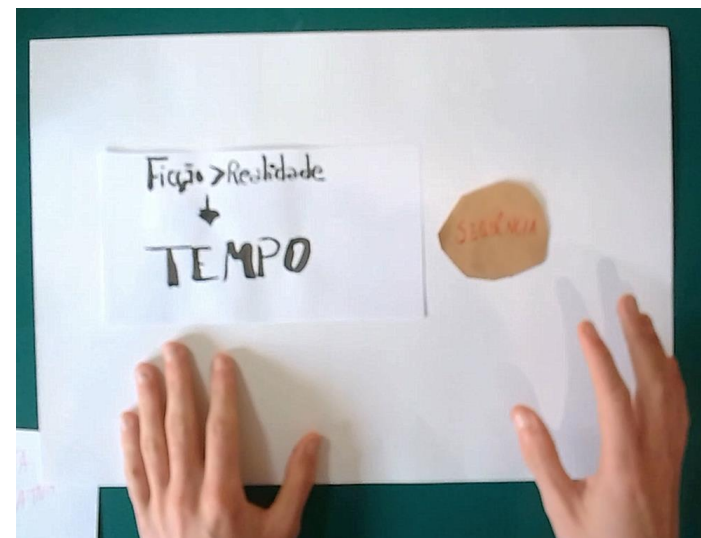


Imagem 16: A primeira – a dimensão sequencial ---»
Funciona a partir da manipulação das imagens,
modificando narrativas reais tornando-as fictícias

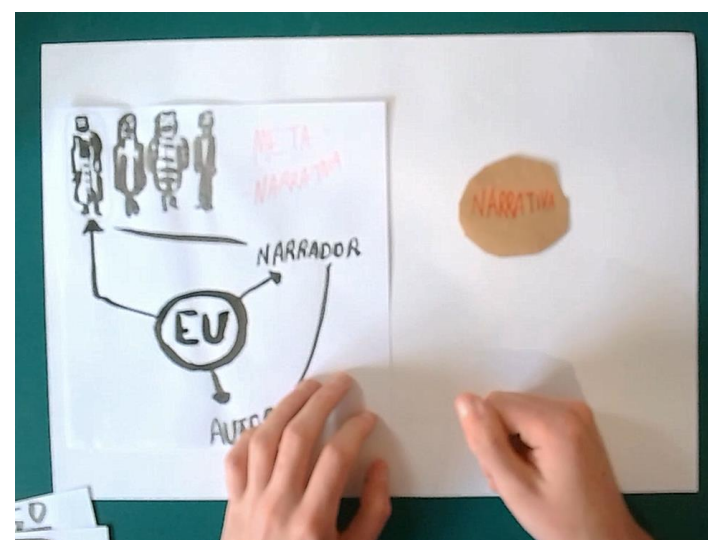


Imagem 17: A Segunda – a dimensão narrativa ---»
Existem planos narrativos diferentes dentro da
sequência da banda desenhada.
Estes podem ser subdivididos em diferentes
personagens (que dependem de cada uma).

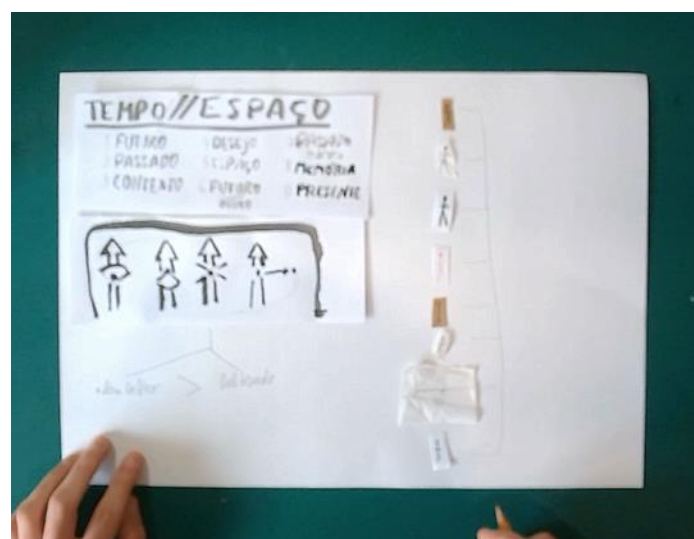


Imagem 18: A Terceira . A dimensão do meio ---»
 Há diferentes meios usados para jogarem de formas diferentes com o tempo e o espaço da ação. Meios são a forma como a personagem é representada na imagem.

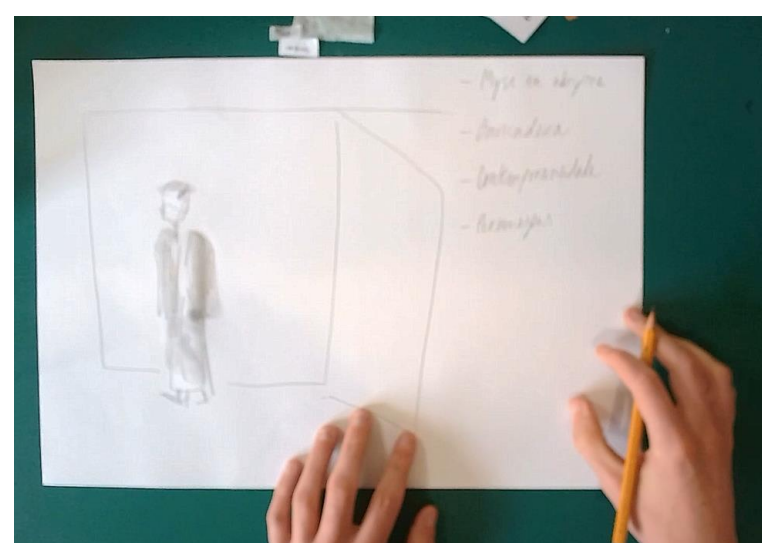
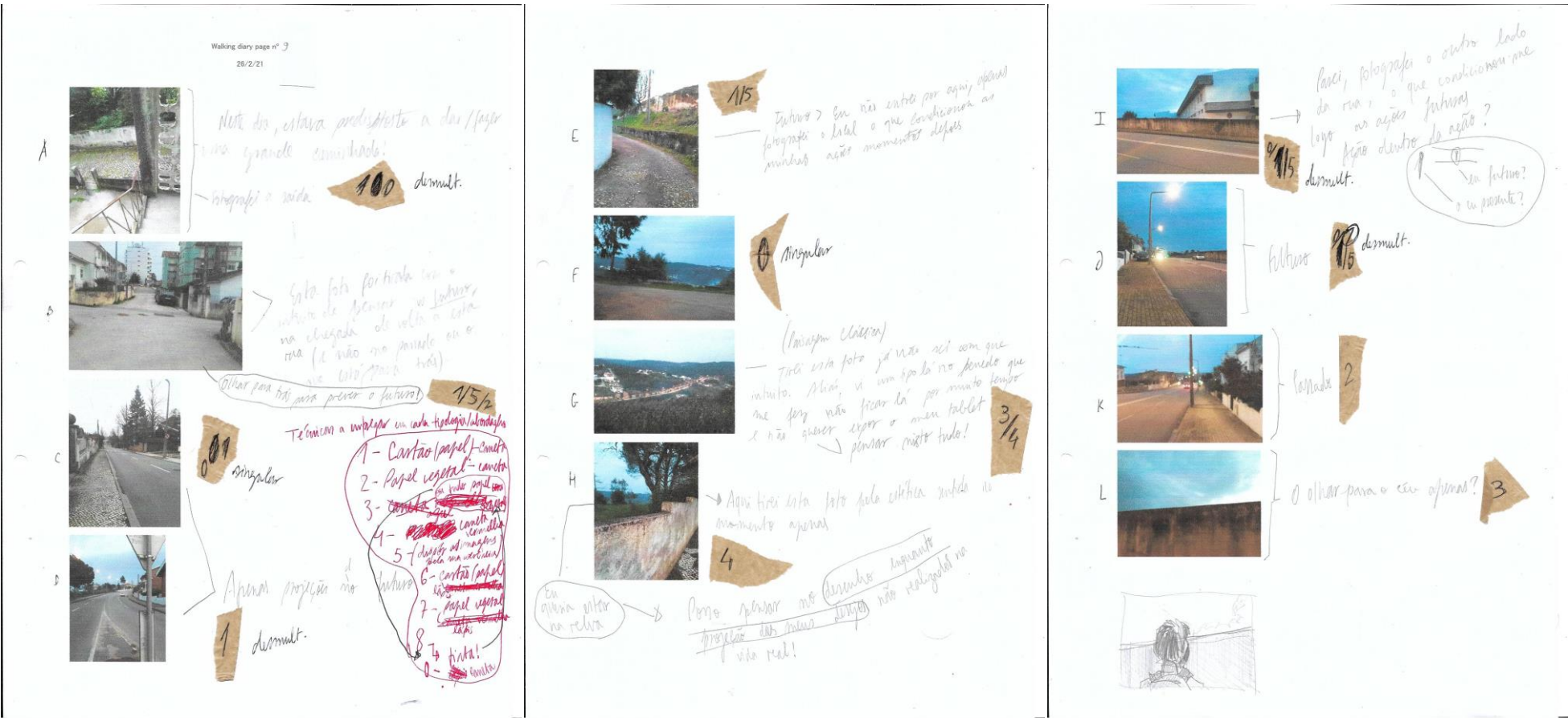


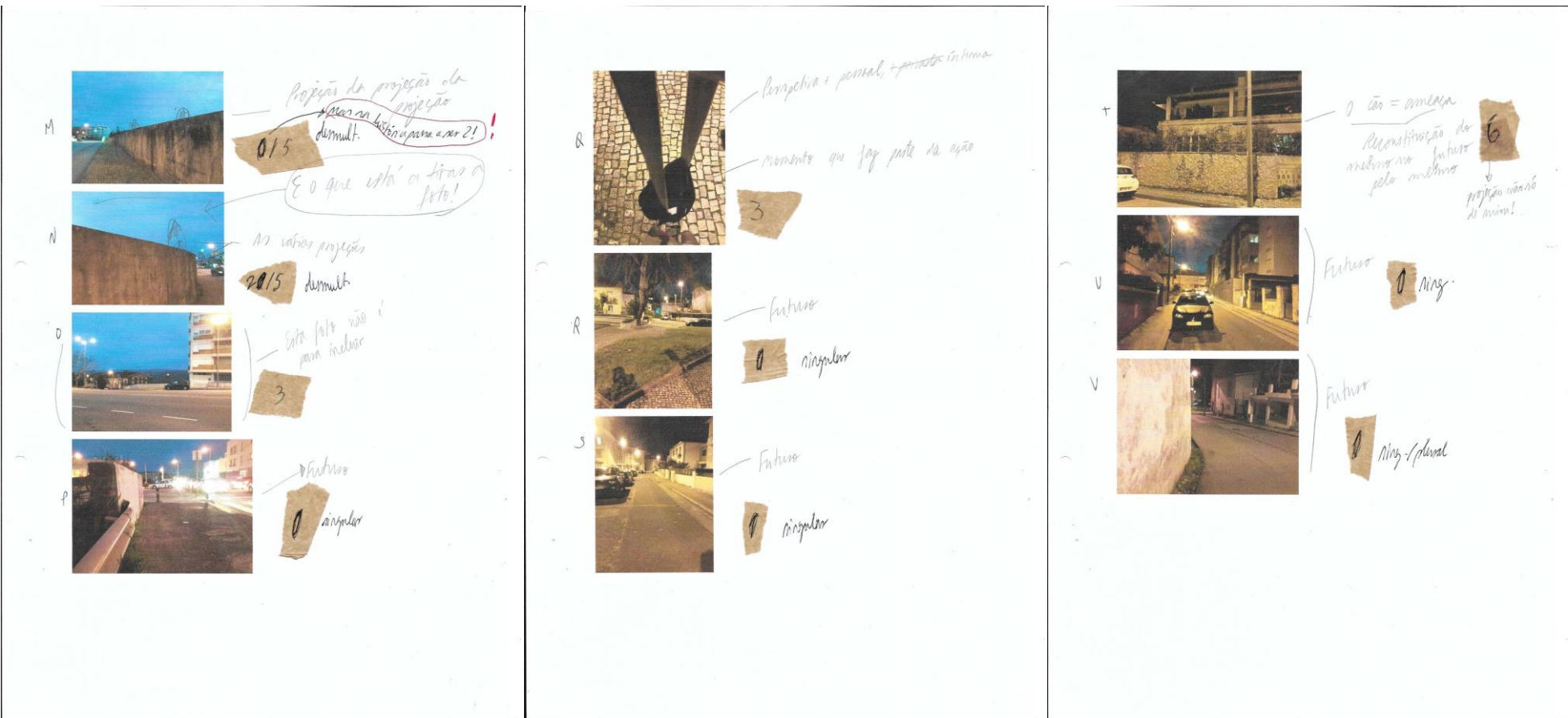
Imagem 19: A conclusão---» Todas estas diferentes dimensões da história são formas de explorar noções como o myse en abyme, que reforça a ideia de brincadeira, o jogo dentro da ação de construir uma narrativa, que atua na contemporaneidade, tornando o espaço e tempo atuais no “campo de batalha”.
 Este jogo só poderá ser jogado com a ajuda de personagens que desempenham um papel específico neste(s) universo(s)

25/2/21

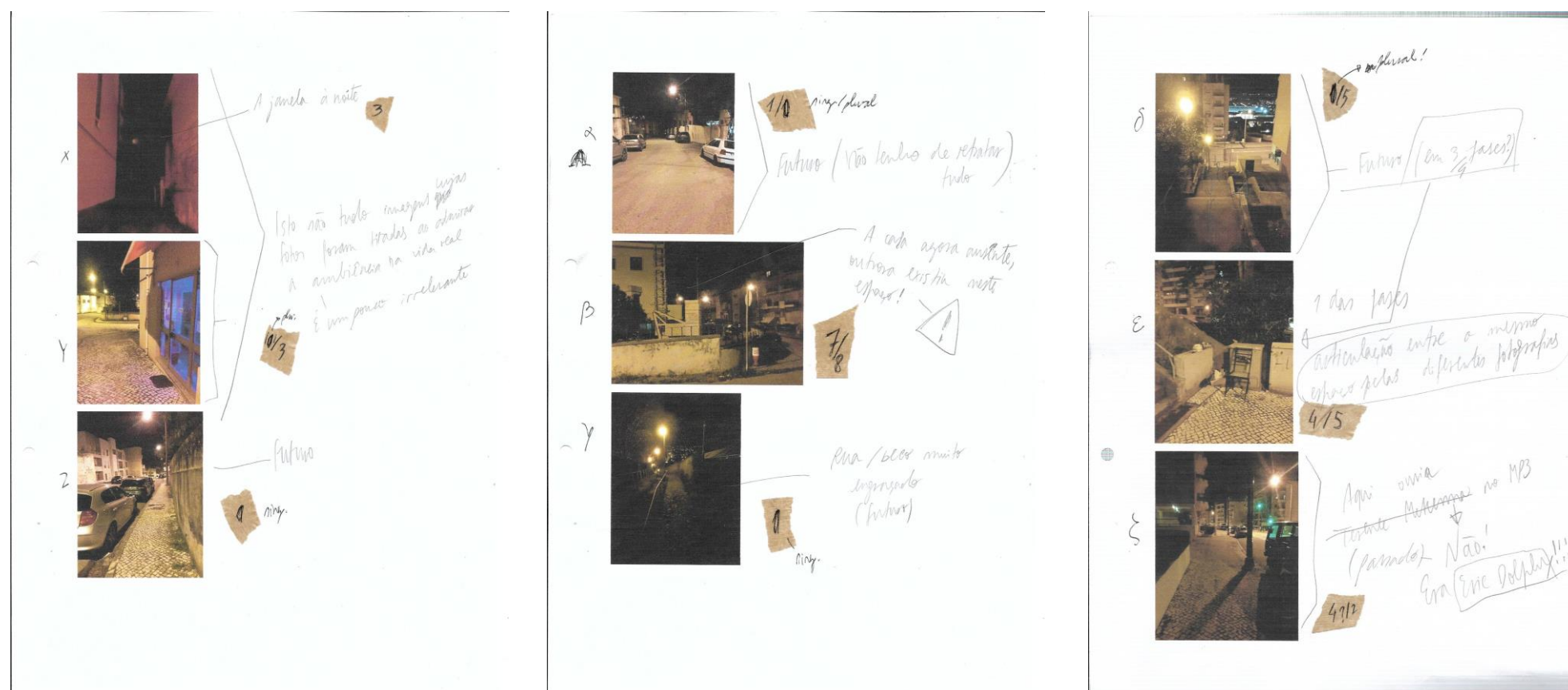
As caminhadas tornaram-se progressivamente extensas, por isso esta página tomou mais tempo a ser feita.
Nela descobri um novo método que ajuda a tornar o pensamento mais explícito.



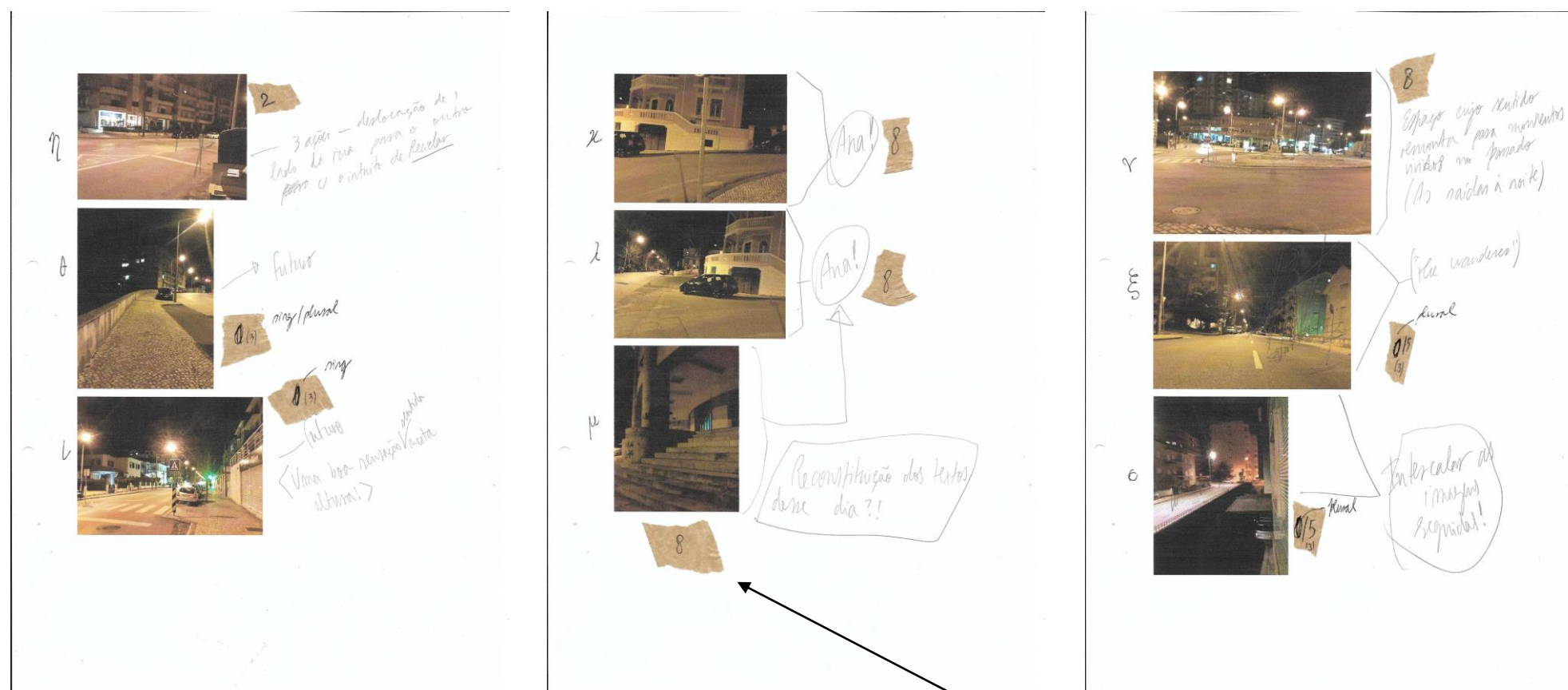
Através da *sweatbox* pude descobrir novas formas de pensar sobre o trabalho.
Uma delas foi a forma como tirava fotografias.
As coisas, o espaço e o tempo que fotografei têm um significado por trás deles que foi mudando ao longo dos diários.



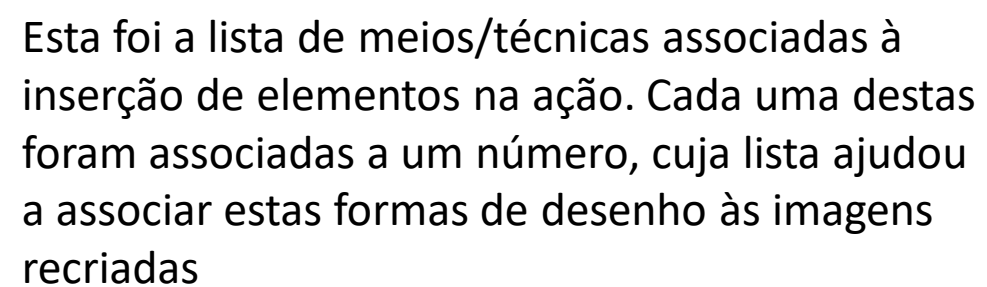
A maneira como as fotos foram tiradas influenciou a inserção da personagem na narrative. Por isso, a partir de diferentes meios pôde ser explorada as diferentes maneiras de trabalhar a ação



Com a ajuda de pequenos autocolantes e notas, cada imagem pôde ser associada a um dos números referentes às diferentes tipologias de meios.



Foram associados números a diferentes tipos de meio do desenho



Handwritten notes and diagrams illustrating the concept of a "palavra" (word) in a crossword puzzle context.

The top section shows a grid of letters arranged in a crossword pattern. The letters are: A, S, G, B, D (top row); E, F, G, H, K (second row); J, I, L, N, M, P (third row); Q, R, S, T, U, V, X (fourth row); Y, A, P, Y, O, E, S, N (fifth row); G, L, Z, Z, M, Y, S, G, B (sixth row). Below the grid, the number "40" is written, followed by the text "(A) P (palavra) (vertical)" and "horizontal".

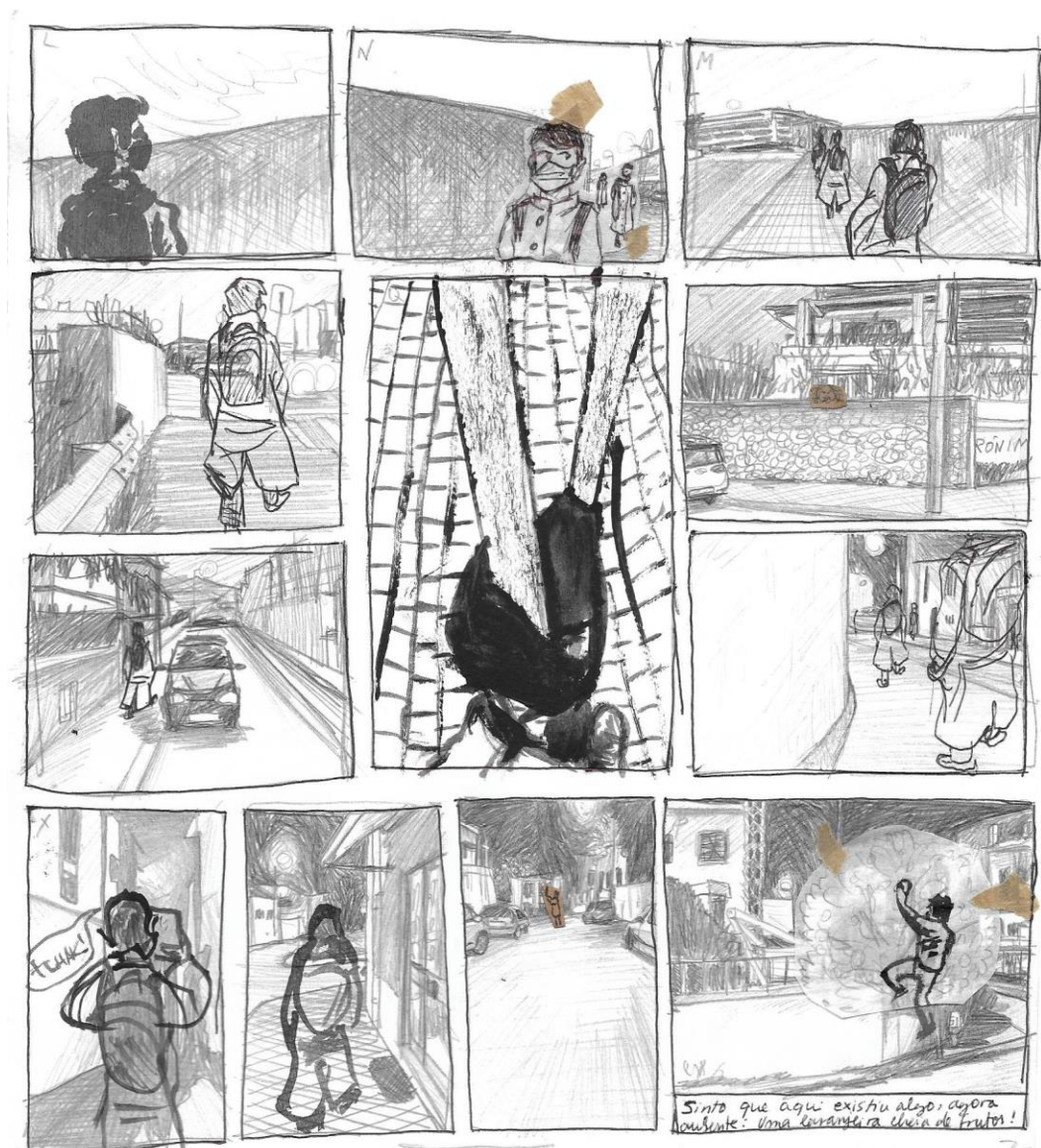
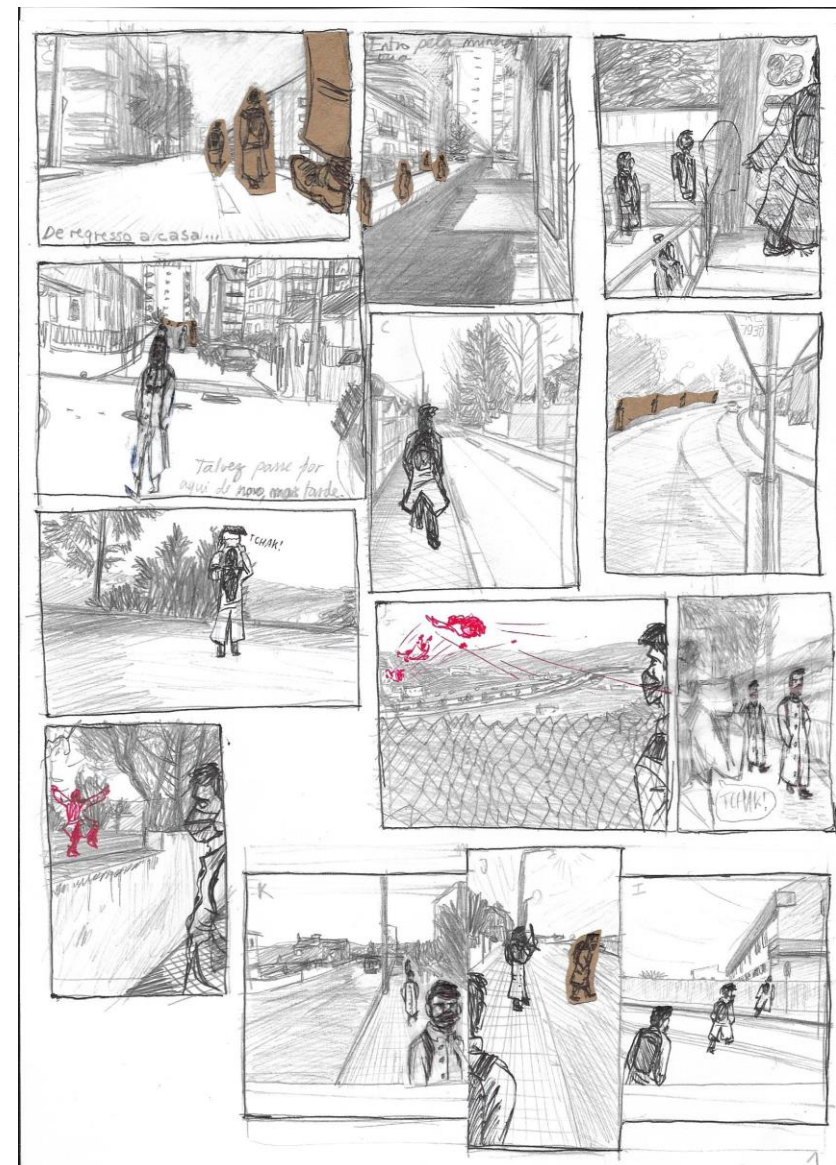
The middle section shows a grid of letters arranged in a crossword pattern. The letters are: A, S, G, B, C, D, E, F, O, X (top row); I, N, W, P, R, S, U, V, Y, Z (second row); X, Y, O, S, G, B (third row). Below the grid, the number "28 - 14 - 7" is written.

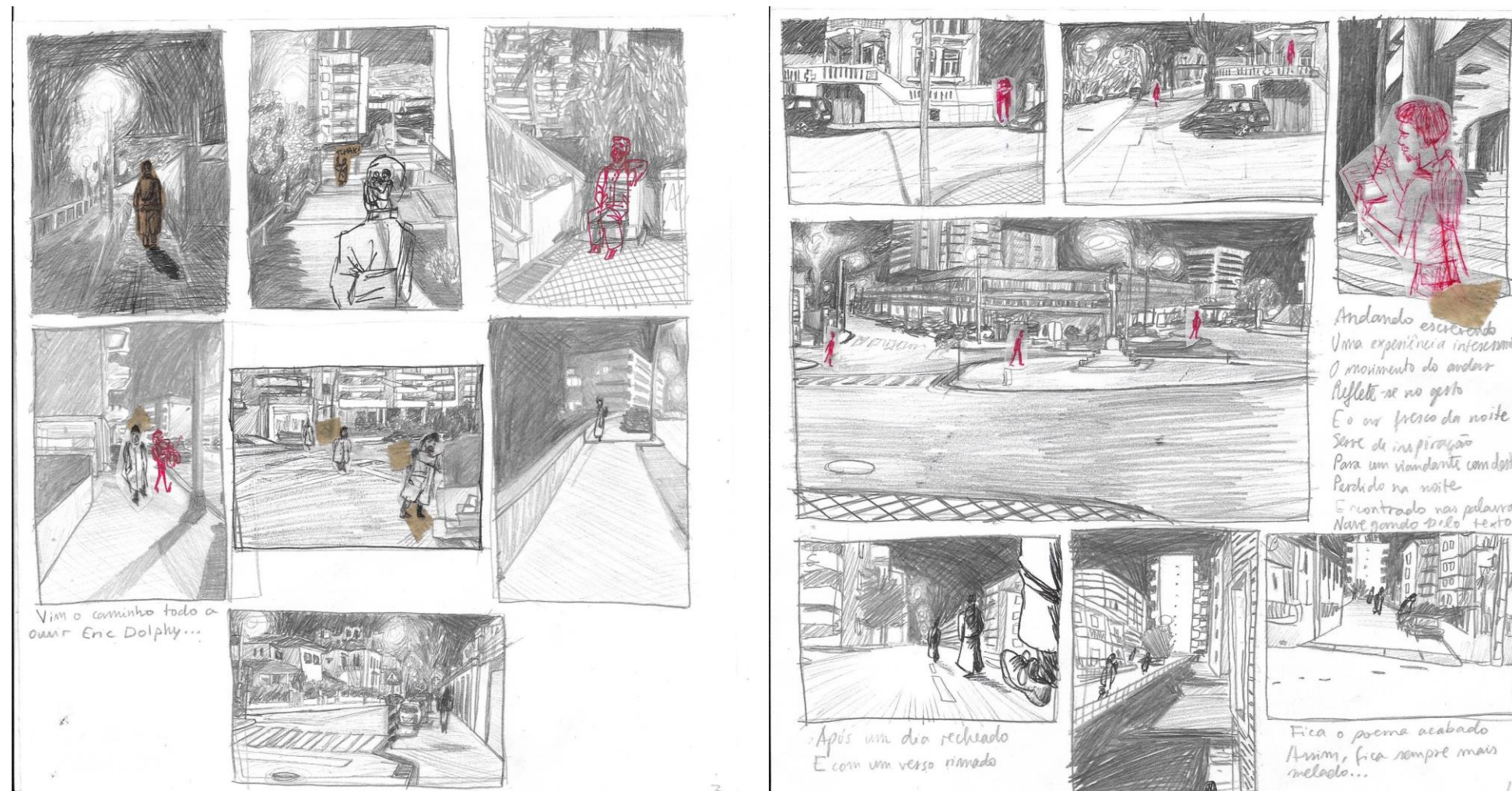
The bottom section shows a grid of letters arranged in a crossword pattern. The letters are: A, S, G, B, C, D, E, F, O, X (top row); I, N, W, P, R, S, U, V, Y, Z (second row); X, Y, O, S, G, B (third row). Below the grid, the number "28 - 14 - 7" is written.

Handwritten notes in red ink at the bottom left state: "8ª no" and "delimitar cada 8ª interseção!".

Handwritten notes in red ink at the bottom right state: "O que eu tenho de fazer não é uma palavra, pois cada interseção da imagem! É mesmo a palavra toda, não tendo mais nada depois".

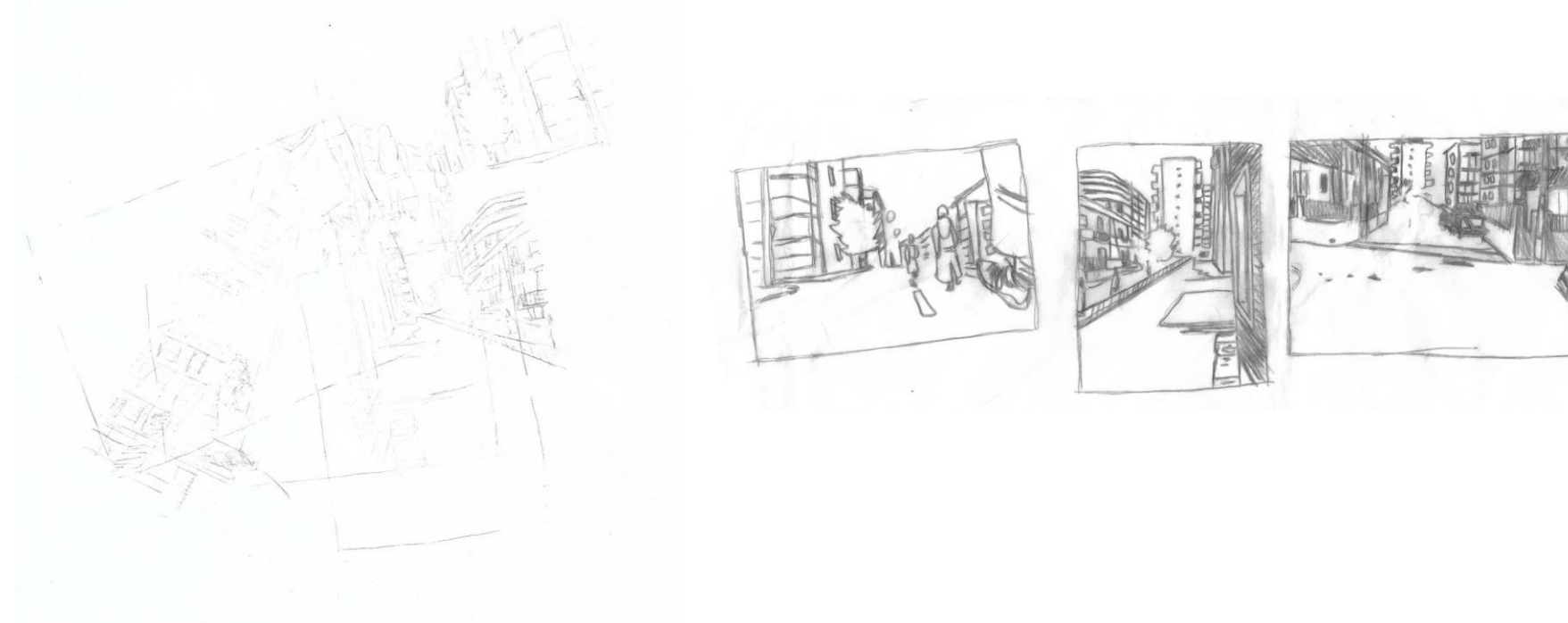
Comecei a história com a última imagem,
criando um loop na narrativa





O uso de caneta vermelha sobre papel vegetal simboliza eventos do passado que foram importantes e que adorariam ser vividos de novo por mim nos respectivos espaços representados.

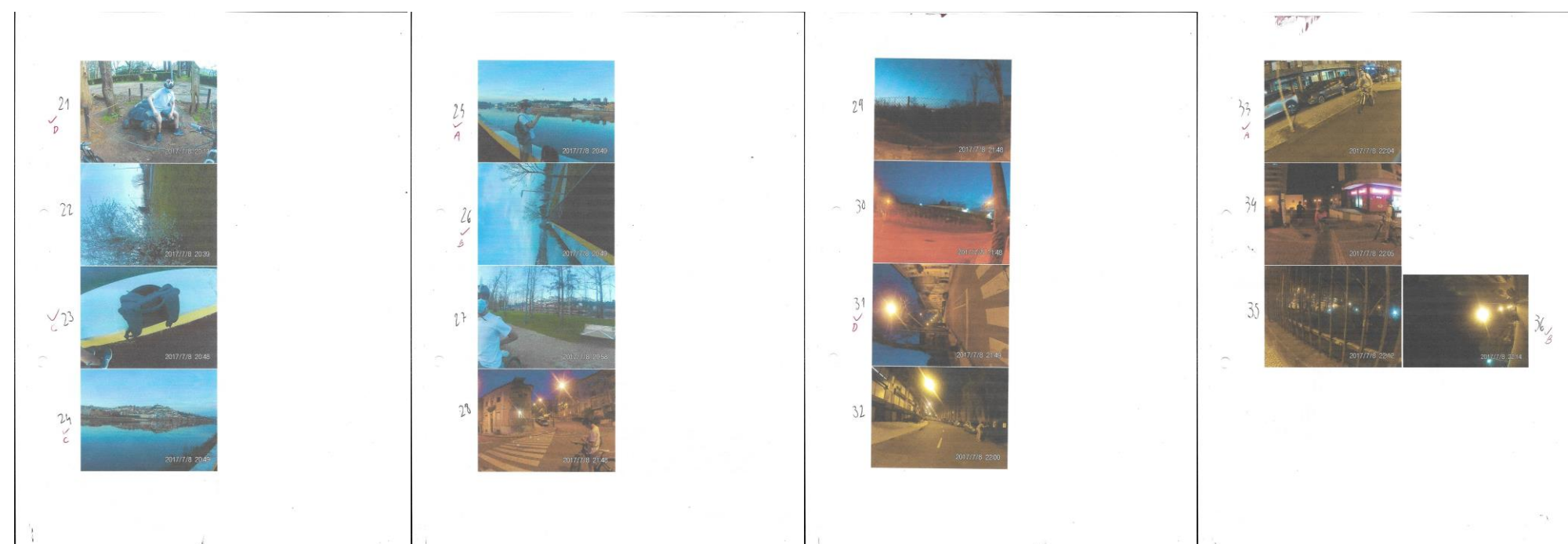
Neste caso, neste espaço, mas noutro tempo, escrevi um poema enquanto passeava pelo local (na vida real). Esse mesmo poema foi reutilizado nesta narrativa.



Estes são alguns resultados dos desenhos de transferência ao utilizar papel vegetal.

Podem ser resultados interessantes e que tenham resultados pertinentes para o trabalho

Por outras palavras, diferentes técnicas e materiais podem produzir vários efeitos e resultados, cada um com as suas vantagens e peculiaridades.



Esta foi uma rota percorrida de maneira diferente, de Bicicleta com o meu velho amigo Tomás.

Não só foram tiradas muitas fotografias, como foi escrito um texto sobre este dia. A escrita é uma prática que abandonei há uns anos e que decidi retomar especificamente para este dia.

As imagens foram numeradas para poderem ser rearranjadas e criar pequenos haikus a partir das mesmas.

A	2	10/11	25	33
B	1	18	26	36
C	3	14	23	22 24
D	7	9	21	31

Este pequeno esquema permitiu planejar a organização e posicionamento de imagens para fazer os 'haikus'.

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

Este foi o texto produzido no final do dia...
Apenas me debrucei sobre a Janela do meu quarto, olhei para as estrelas
e comecei a escrever toda a experiência que vivi naquele dia.
Foi um momento bonito e não vou mentir: até chorei

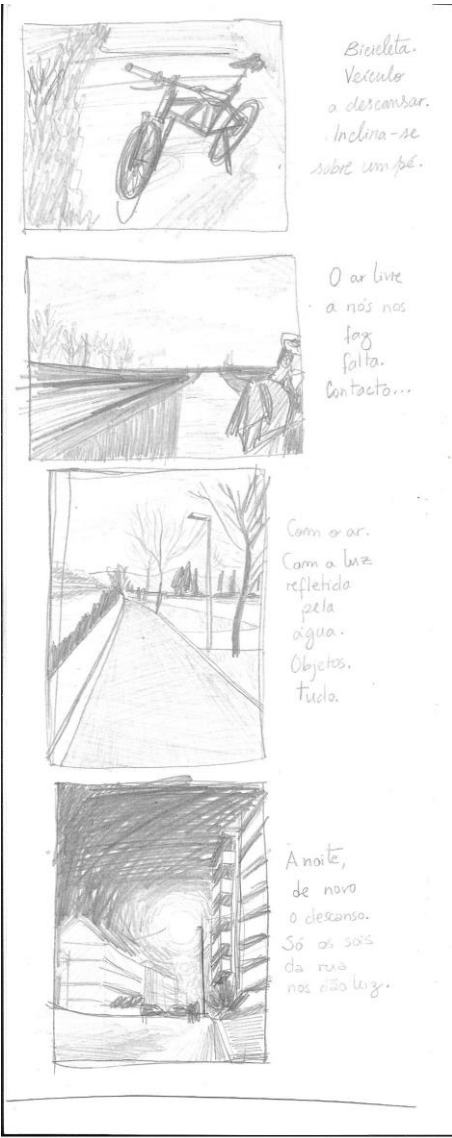
Os desenhos tomaram novos rumos. Apenas 4 grupos de 4 imagens foram desenhados de 4 maneiras diferentes. Estes 'haikus' pretenderam sugerir ideias poéticas com alguma economia, obtendo pequenas mudanças apenas mudando os meios e técnicas utilizadas.

Os materiais elegidos para obter diferentes histórias a partir de 4 imagens foram o lápis, esferográfica negra, tinta-da-china e aguarela.

Este é o primeiro conjunto de narrativas visuais. Nestas primeiras utilizei passagens do texto que escrevi no final do dia.

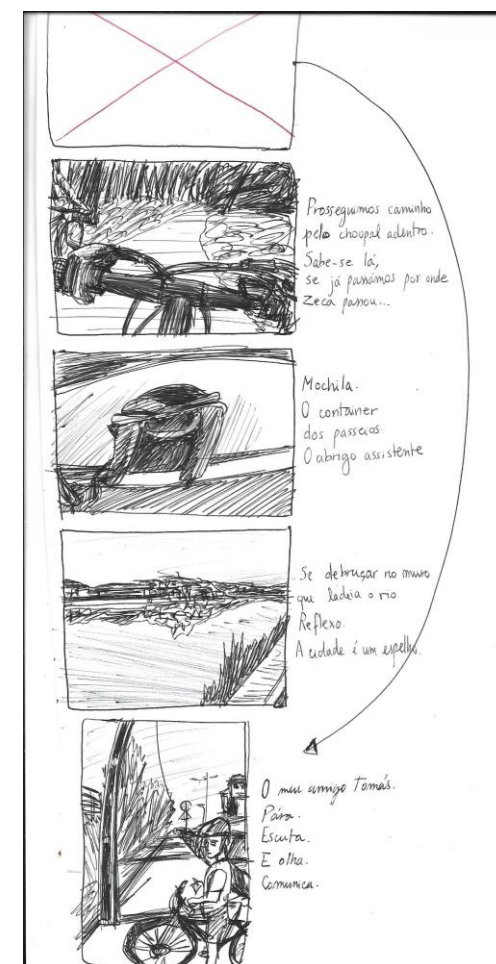
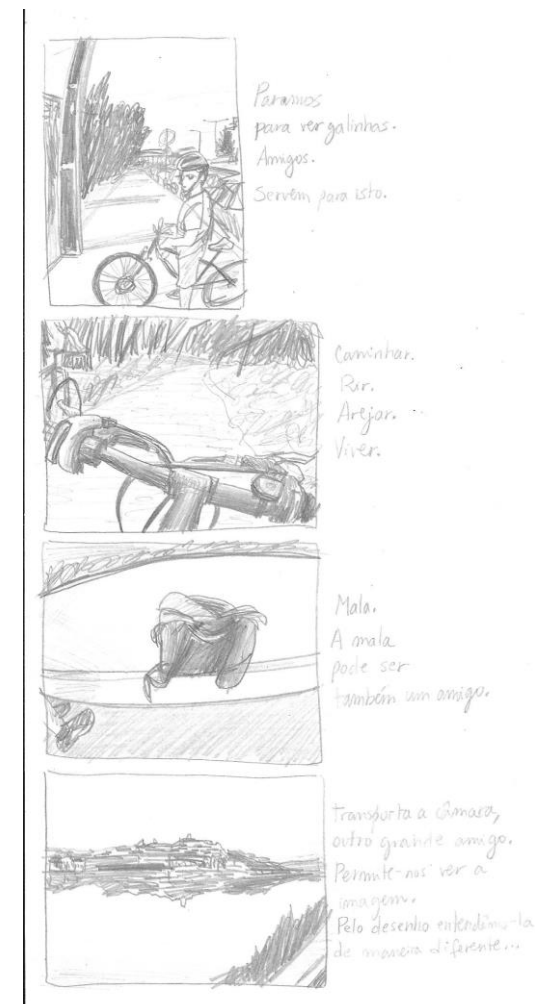


Os diferentes meios permitiram-me criar diferentes enredos e intuições narrativas. Por isso, começaram a demonstrar diferentes enredos visuais com diferentes “graus” ou qualidades. Por exemplo, associei a aguarela a uma visão mais poética e depurada de artifícios, a tinta-da-china à criação de cenários tenebrosos, a esferográfica a uma visão mais descritiva e o lápis a algo inconcluído.

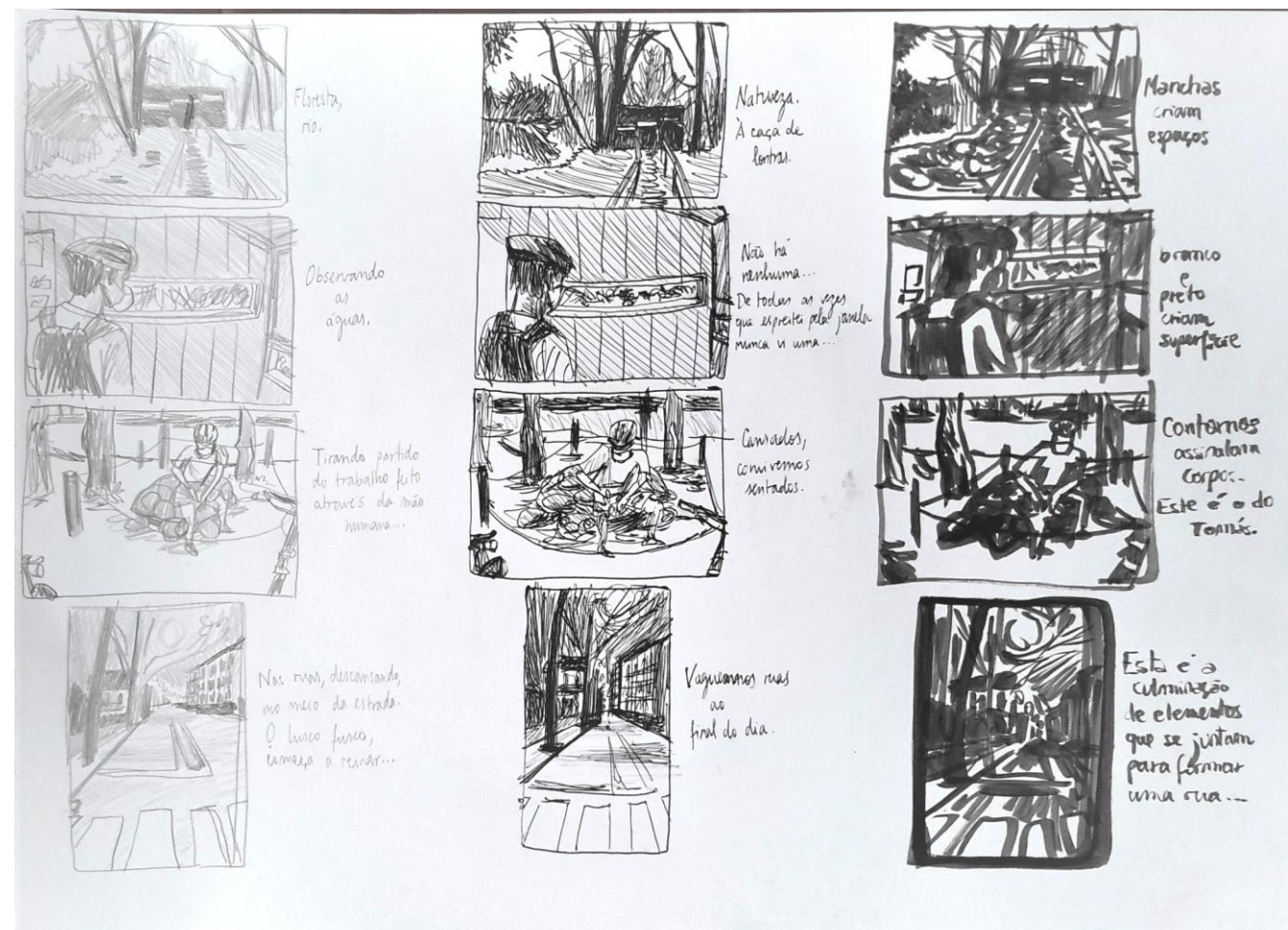


Pouco a pouco comecei a simplificar e a encurtar o texto para ilustrar cada imagem. Todas as imagens criaram diálogo na história. Por isso criei pequenos e limpos 'haikus'. Feitos para serem curtos, mas poderosas peças de Beleza, aperitivos sensíveis e visuais para a alma!

Do lápis à aguarela, todos eles se tornaram simples e poéticos. As diferentes técnicas providenciaram os significados a si adequados.



Os efeitos das imagens começaram a diferenciar muito entre si. A grafite é acompanhada de um texto não muito trabalhado e cru, a caneta possui um mais complexo e explícito, a tinta-da-china é acompanhada de um texto mais graficamente trapalhão e descuidado e a aguarela um mais simples, mas com mais significado.



O meu interesse principal foi o de capturar a essência dos momentos que vivi para poder partilhar as sensações neles vivida.

A aguarela é como o artista plástico Júlio Resende diz, um bom exercício para a capacidade de sintetizar o ato de ver, quando nos deparamos com uma paisagem. Para reter o essencial no ato de pintar, reconhecendo porém, que o essencial poderá divergir de pintor para pintor.

Ou como diz Zulmiro de Carvalho, a aguarela tem sido para muitos, uma técnica providencial de registo, especialmente quando é impelida pela tensão emocional.

24/3/21

A página número 11 é a primeira página feita sem referências fotográficas. Foi desenhada depois da página nº 12 mas as fotografias foram tiradas antes.

No dia 24 de março, decidi fazer um passeio maior pela cidade. Quis desafiar a minha memória e não levei qualquer tipo de câmara para registar a caminhada. Apenas quis andar sem quaisquer restrições e apanhar ar depois de aulas online intensas. Foi uma caminhada longa. Quando cheguei a casa desenhei tudo de memória, o que foi um grande desafio pessoal.



Desenhar tudo com o recurso à minha memória foi fantástico, porque senti-me livre para errar e ter uma postura mais relaxada a desenhar os espaços e os momentos vividos. Abandonei a personagem de “vigilante noturno” que assumia no início do projeto. Por isso assume um discurso mais pessoal e uma persona mais livre neste dia de caminhada. Talvez tivesse sentido que esta era a maneira mais genuína de transmitir as mensagens que queria transmitir.



A câmara GoPro foi o instrumento mais utilizado nestas caminhadas, por ser discreto, passar despercebido e ser facilmente portátil. Nesta caminhada não precisei dela...



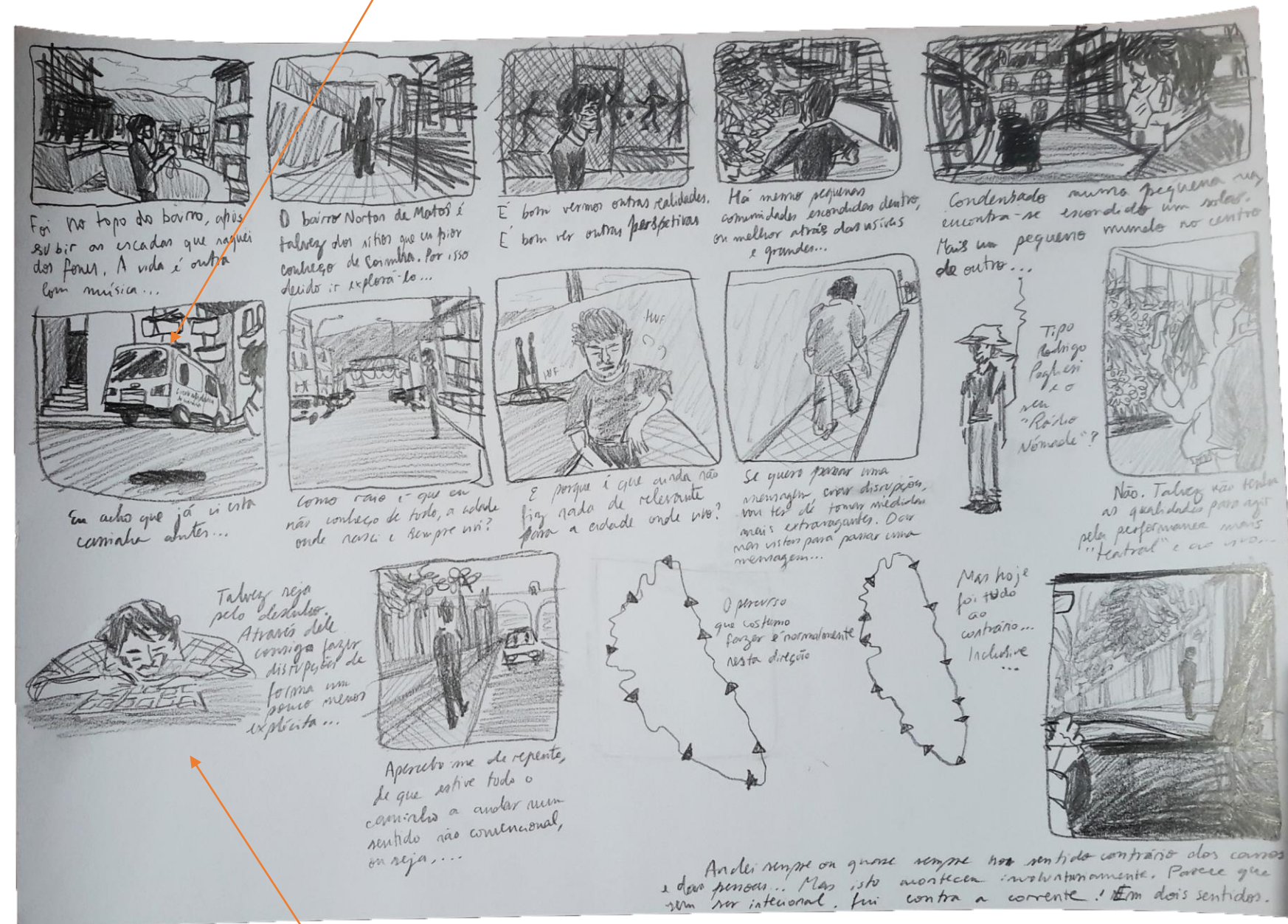
De repente, durante a caminhada vi um graffiti onde estava escrito “Pedro lameiras Gay”. Não sei quem escreveu, nem sei se quem escreveu se referia a mim, mas achei a frase engraçada e tirei foto com a câmara do meu telemóvel antigo.

Imprimi a imagem da fotografia tirada no local e incluía no desenho, reconstruindo o momento, espaço e tempo com uma “fotografia fiel”.

Desse modo pude fazer um jogo de uma imagem dentro de uma imagem: uma cena em ‘myse en abyme’ com referências, imagens, momentos, espaços e tempo cruzados para criar uma ponte entre o mundo do desenho e o mundo real!

Este projeto tomou uma dimensão etnográfica.
Assim que vou caminhando pela cidade e falando sobre ela, estou a contribuir
para a construção de um levantamento de informações e dados.

Esta página foca a atenção num momento pode ver a carrinha do CAPC: um
veículo do Círculo de Artes plásticas de Coimbra.
Talvez desta forma consiga estabelecer alguma ligação com a organização
através deste projeto, ao mesmo tempo que registo etnograficamente
elementos específicos da cidade...

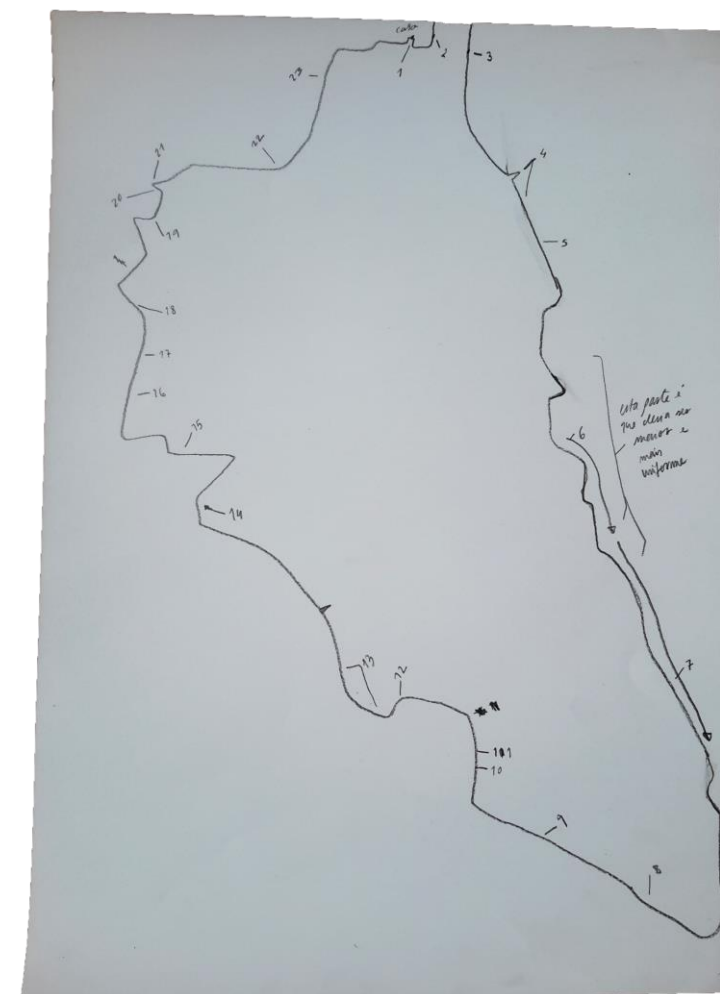
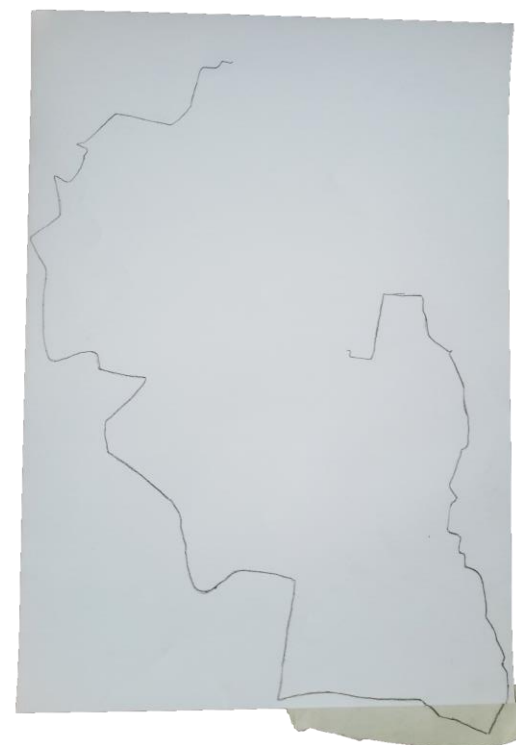
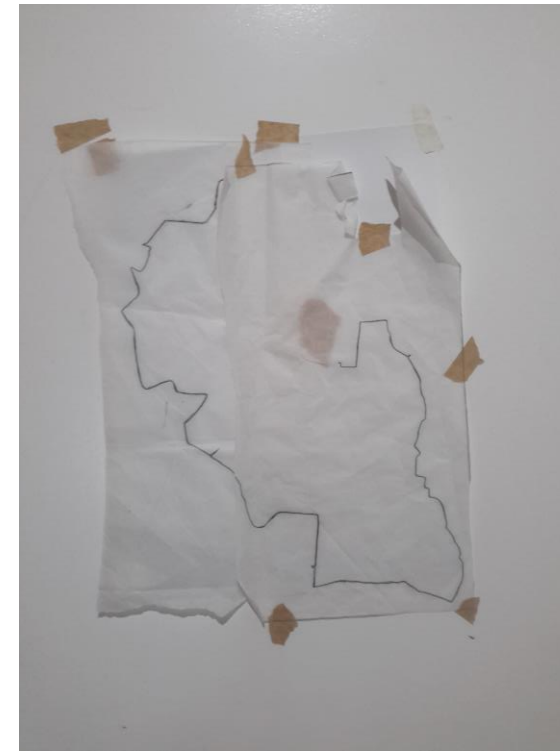


Talvez deva ponderar fazer um projeto de um "meta diário" paralelo a este!
Como um diário sobre o meu lado pessoal e de trabalho paralelo à conceção
destes diários de caminhada. Como se fosse um diário dentro de um diário!

O caminho percorrido neste dia foi integrado nestas pranchas, graças ao *Google Maps* consegui encontrar a rota e o seu desenho no mapa.

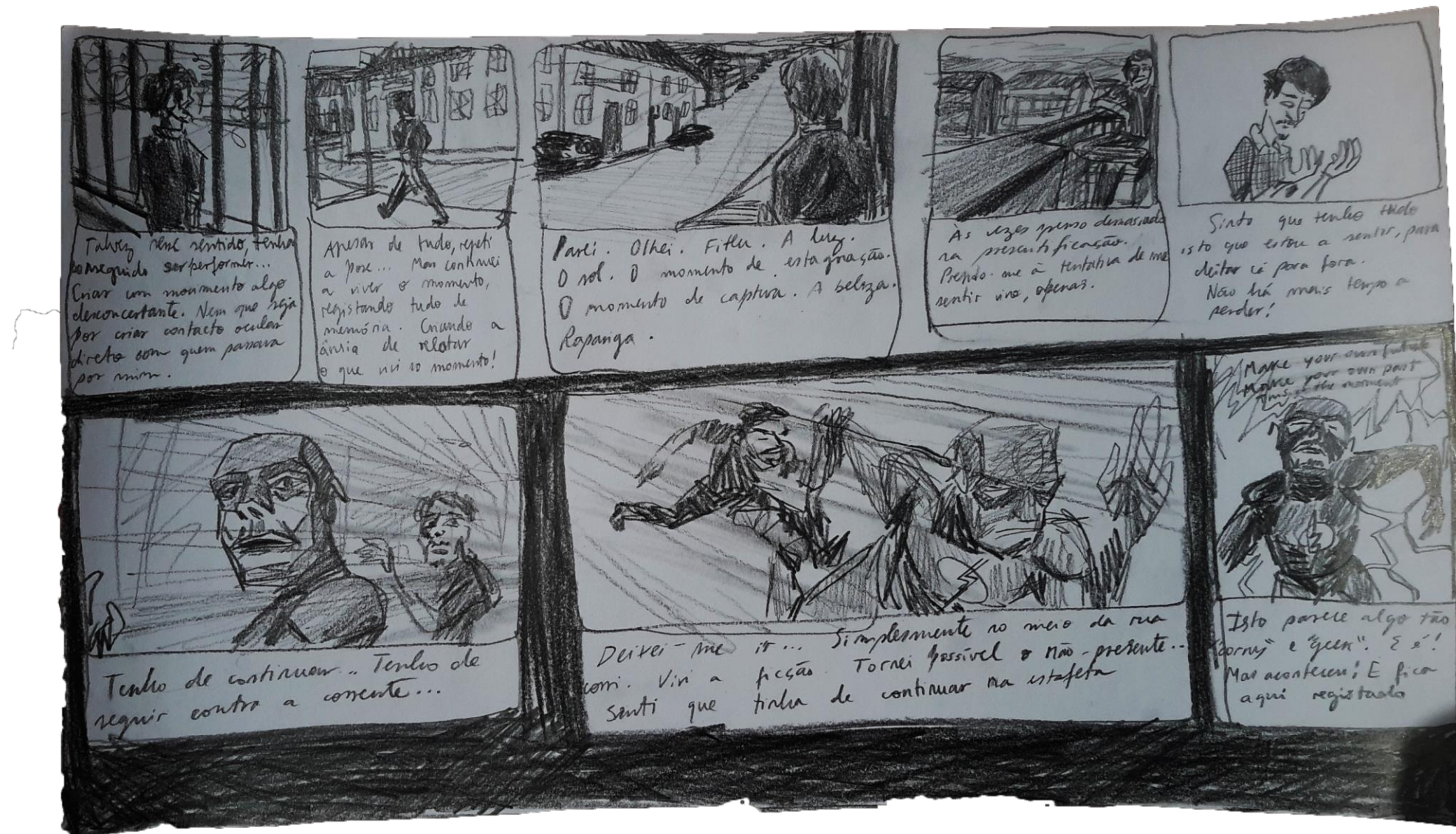
Desenhar é transversal à ação de andar assim como à de desenhar

Este ponto de vista “de satélite” pode ser relacionado com o trabalho dos Situacionistas e os seus mapas da cidade desconstruídos.



Esta última página da banda desenhada da caminhada mostra a inspiração que naquele dia surgiu, no super-herói “flash” da DC Comics e no seu momento do filme de Zack Snyder “Justice League (director’s cut)”.

Esta não é uma referência artística muito rica, mas foi um excerto que me deu energia, para na altura em que estava a caminhar, querer correr e caminhar com uma energia diferente para trazer outra perspetiva para os meus diários.



Portanto senti-me como o Flash e a oportunidade de criar as coisas Segundo a minha vontade. Senti o verdadeiro poder de ser artista.

Talvez também, por andar por toda a rota, no sentido oposto aos carros e pessoas que passavam por mim, senti-me dessa forma mais uma vez, artista. Como uma pessoa com um ponto de vista diferente das outras.

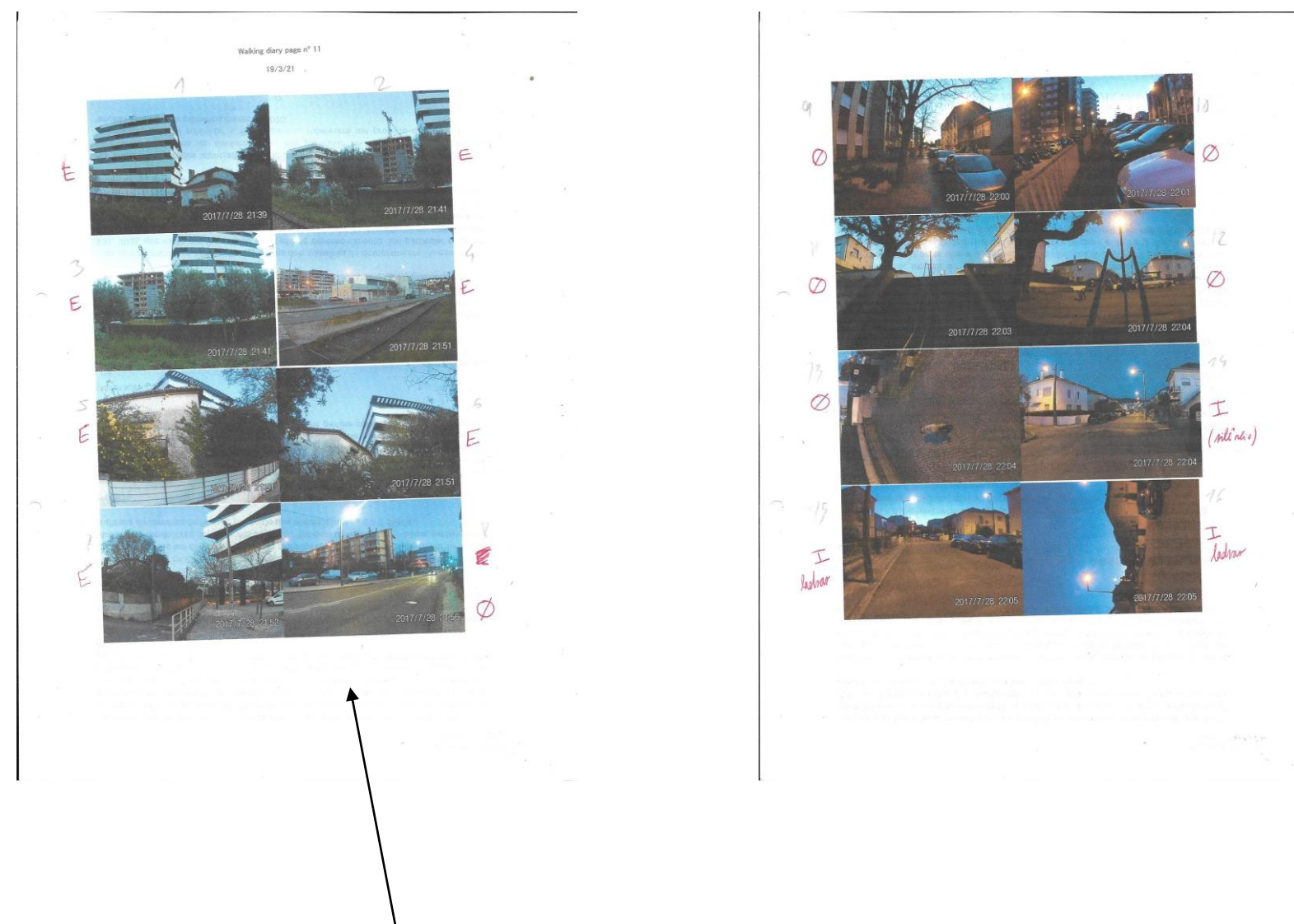
Talvez seja desta forma que um artista possa fazer o seu trabalho, ou criar um momento disruptivo e que encene e brinque com a normalidade das coisas, com os atos do dia-a-dia, trazendo-os para um plano de ambiguidade e levantando questões.

Um artista tem também de sentir e saber incorporar o seu lado mais ligado ao fantástico, à criança que há em si, ao super-herói que aspira ser utilizando metáforas para o seu trabalho!

19/3/21

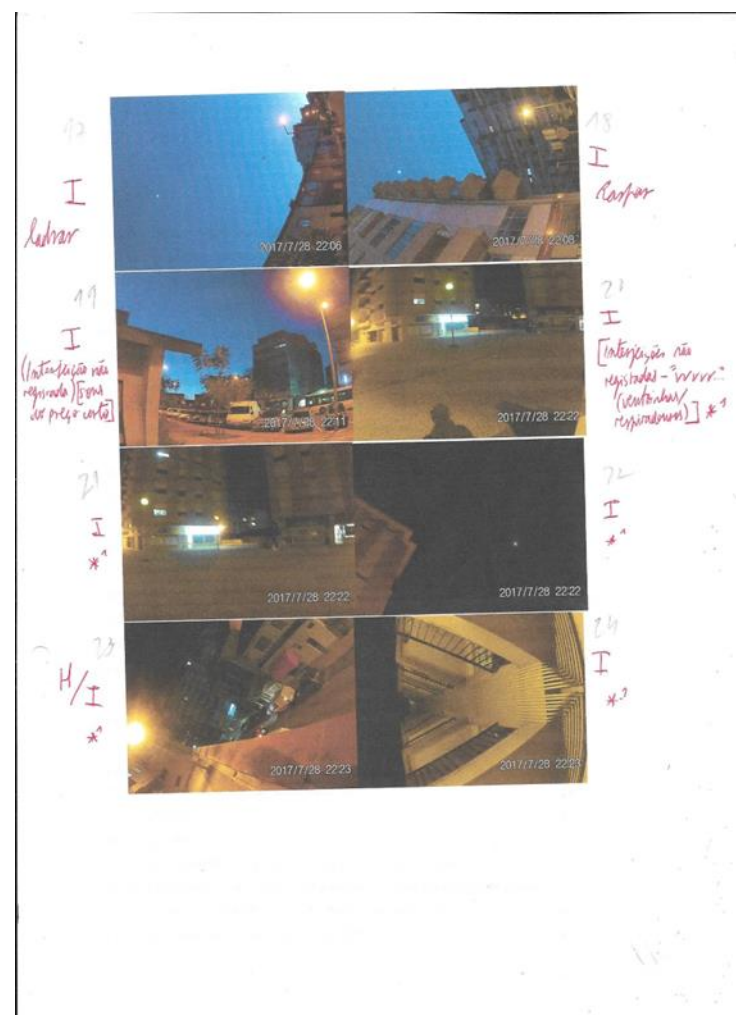
A banda desenhada desta página do diário foi realizada antes da banda desenhada da página nº 11. Porém, todos os registos da página 12 foram feitos depois dela.

Estas tiras tomaram Partido de 4 técnicas do desenho que se relacionam, mais uma vez, com diferentes tipos de intenção narrativa.

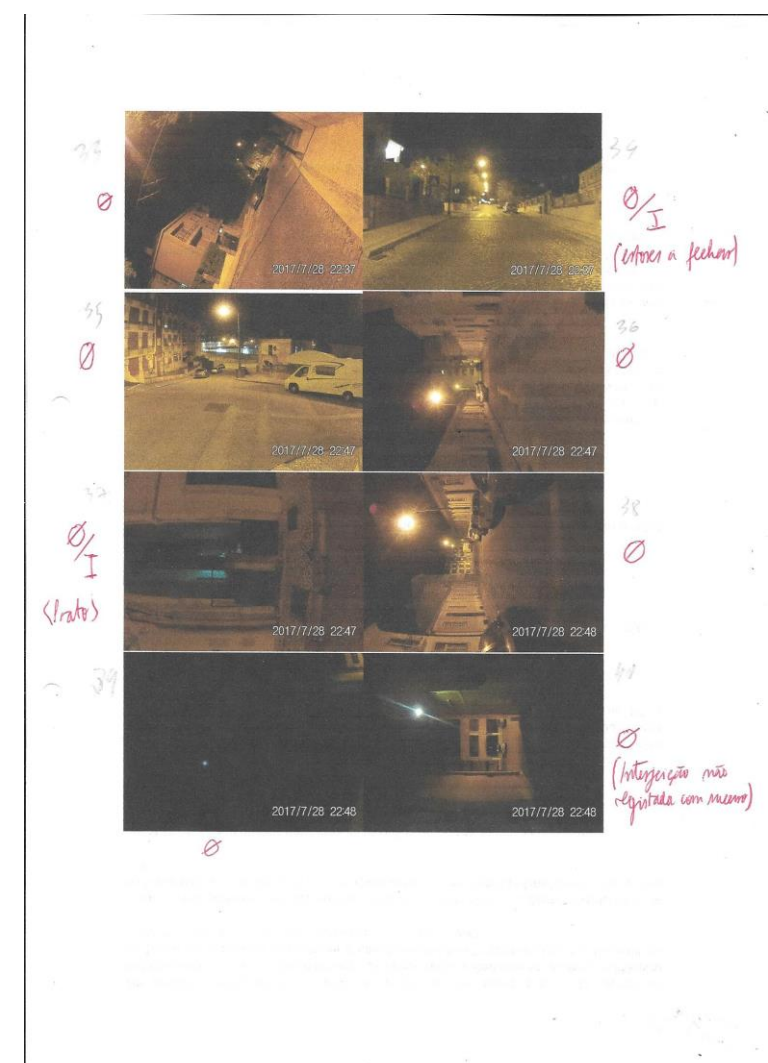
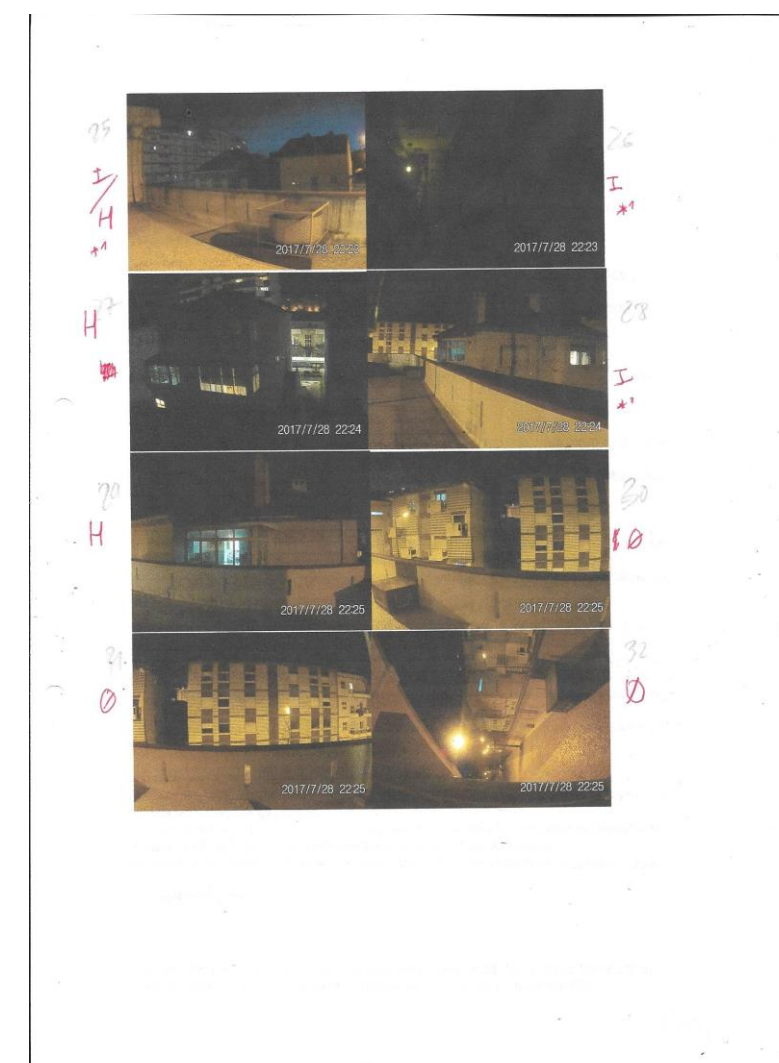


Tirei fotos a um terreno sufocado pela antiga linha de comboio, de um lado e pela construção de um edifício novo, do outro. Achei que devia registar tal fenómeno e incorporar um espírito etnográfico para coletar dados e saber o que se passa com a cidade.

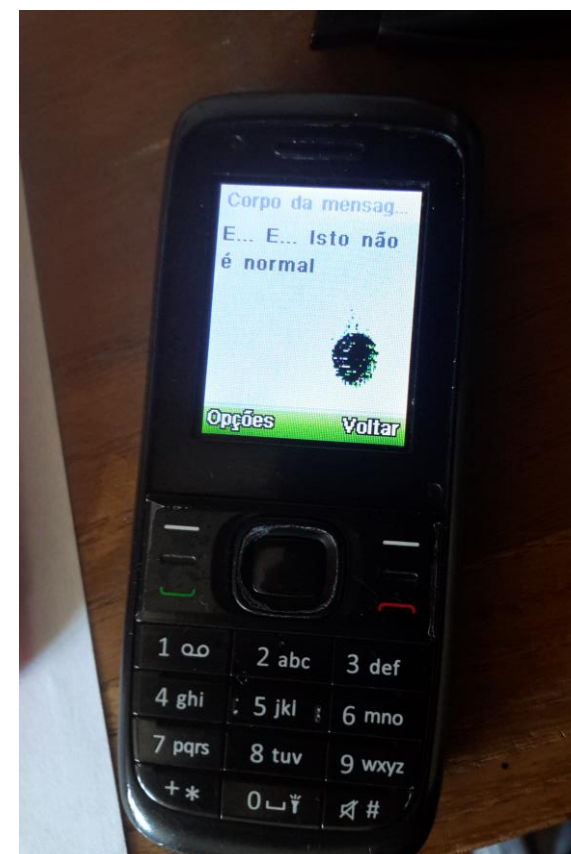
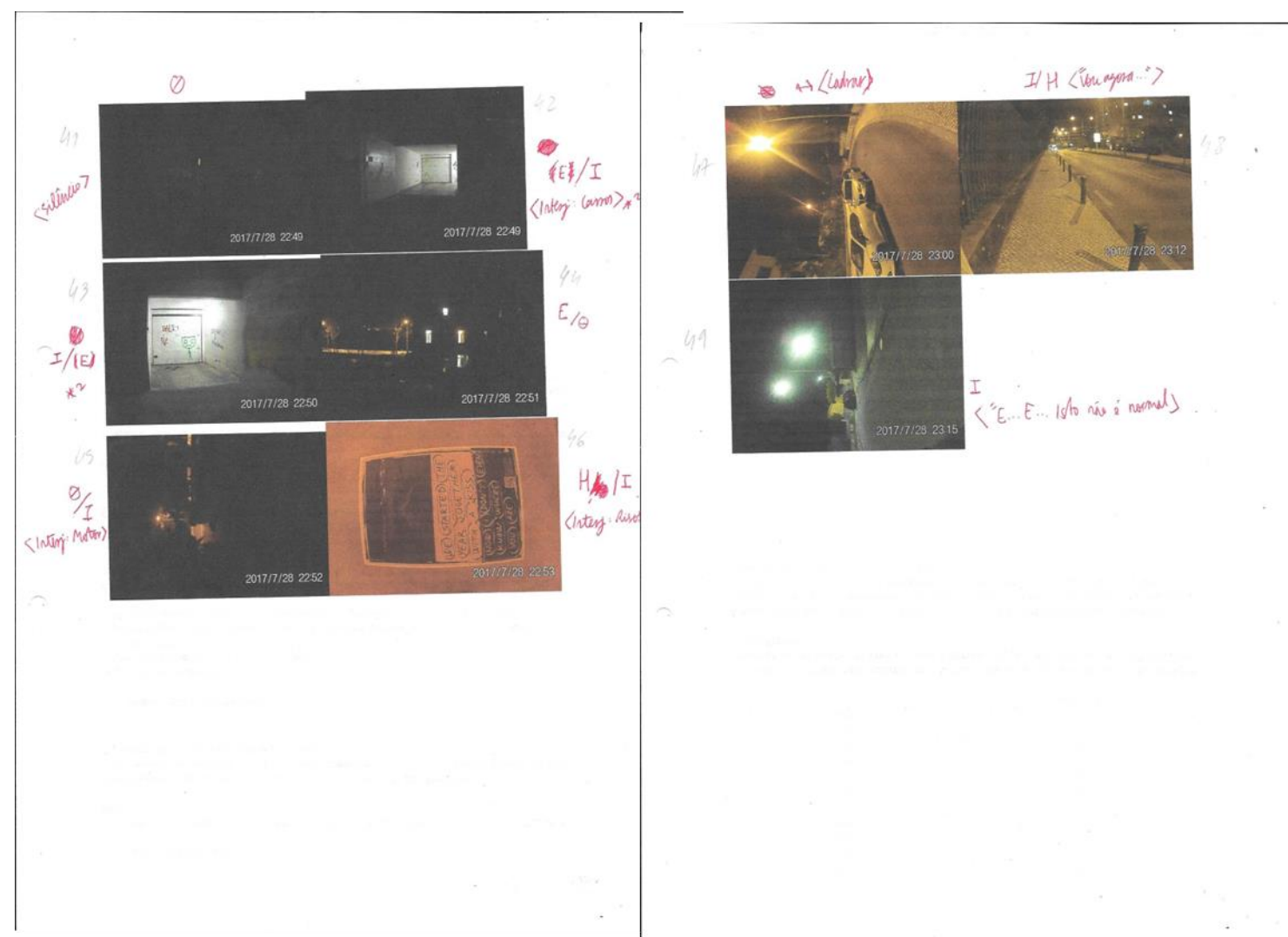
Acabei por entrevistar o senhor que arava esses terrenos para perceber o que existia ali no passado e as mudanças do presente.



Entrei na área deste prédio para me lembrar de um momento que vivi com uma amiga e para perceber o que existia lá, melhor. Do pátio deste prédio dá para ver certas casas de uma rua antiga da cidade pelas traseiras, de uma perspectiva oculta a quem não repara nos pormenores. Esta foi uma noite silenciosa, onde só se ouviu neste sítio o barulho de ventiladores que proporcionaram uma experiência sensorial rica.

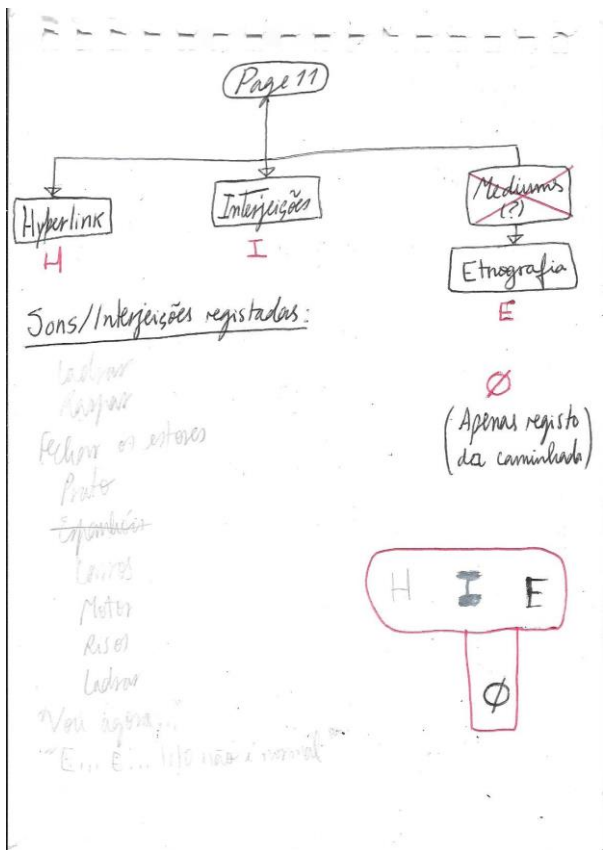


Aqui estão algumas notas para perceber o que queria com cada uma das imagens. Caneta vermelha serviu para marcar 4 diferentes modos de desenhar: etnográfico, o registo direto do momento, o “hyperlink” e as interjeições poéticas.



A única hipótese que encontrei para registrar o que se ouvia nos espaços que percorria, para mais tarde utilizar esses sons como interjeições nos desenhos, enviei mensagens para mim mesmo.

Primeiro guiões e notas:



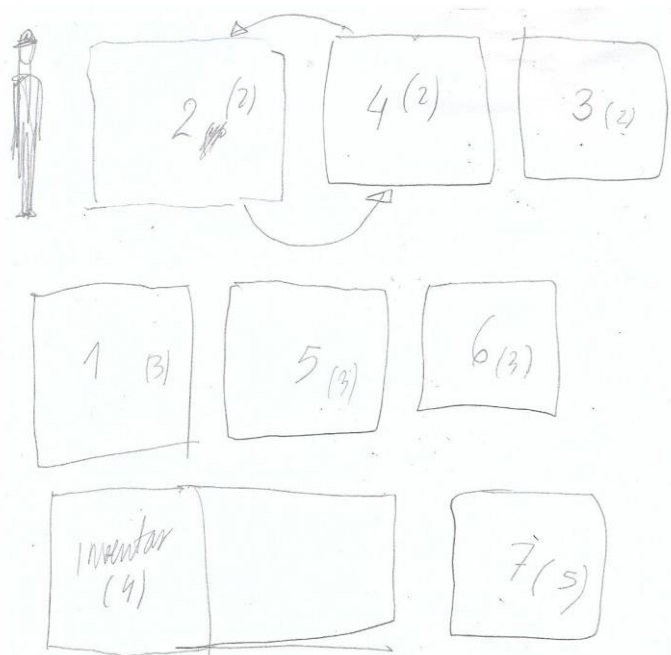
Este é um esquema feito para compreender o que queria fazer nesta página do diário, com os diferentes tipos de narrativa e os meios e técnicas nelas a utilizar.

A esferográfica foi utilizada para narrar visualmente o que aconteceu de forma objetiva e sem artifícios, a grafite remete para “hyperlinks”, que conectam o espaço e coisas apresentadas nas imagens que remetem para eventos que aconteceram ou poderiam hipoteticamente acontecer (passado e future). A tinta-da-china é usada com um intuit etnográfico, para registar imagens de espaços diferentes ou “perdidos” da cidade. Finalmente, a aguarela é utilizada para registar momentos de uma forma poética, acompanhada com apenas o recurso de interjeições para ilustrar o que se ouvia no momento retratado.

Aqui está o guião que escrevi para a primeira parte da história. Consiste no registo etnográfico feito no terreno sufocado da zona da Solum em Coimbra.
O texto expõe a conversa que tive com o Sr. Tó, que arava os seus terrenos.

Este é o Sr. Tó, tive a coragem de ter com ele pois achei a paisagem do sítio por onde passei super interessante...
Sr. Tó: Havia uma pequena horta no meio da zona da Solum, asfixiada, pelos limites do caminho de ferro e desativada e pelas construções de 1 novo prédio moderno de outro lado.
3 O Sr. Tó estava a deixar a sua terra, o que de 1 lado achou que fosse um gesto completamente disruptivo de toda a cena, espaço e tempo envolvente. Conversei com ele então a comentar isso mesmo e ele terminou a contar que todo aquele espaço eram quintas, pertencentes aos donos de uma pequena solum mesmo ao lado da horta, perdido também no meio de uma paisagem industrial e moderna.
4 Eu contei-lhe o meu intuito de registar aquele fim-de-mano e de o desenhá-lo e ele achou piada e até disse: "Se passar cá para a semana até lhe posso dar o mapa antigo do sítio só para ver que o que estava no lugar desta horta era um estábulo, convertido em mercado municipal pelo presidente da Câmara, só para ficar com o terreno comprado por menos valor!"
5 Achei todo aquele pedaço da comunidade, uma verdadeira performance... Todo aquele espaço e tempo contidos e estagados daquela forma!

Este é o guião narrativo e visual feito para acompanhar o texto



Parte da história sobre o terreno constrangido



EU contei-lhe o meu intuito (o de registar apela fenómeno e de o destrinçar).
ele achou piada e até disse: "Se passar cá para a semana até lhe posso dar
o mapa antigo da cidade só para ver que o que estava no lugar desta escola
era um estábulo, convertido em mercado municipal pelo presidente da Câmara, só
para ficar com o terreno comprado por menos valor!"



Este é o Sr. To.
Tive a coragem de ter
com ele pois achei a
paisagem do sítio carrega
para ser super interessante...

Havia uma pequena horta na zona da Solim, arborizada, pelos limites do caminho de ferro
desativada e pelas construções de um novo prédio moderno do outro.

(de um lado)



O Sr. To estava a fazer a sua terra, o que achou que fosse um gesto completamente disruptivo
de toda a cena, espaço e tempo envolvente. Conversei com ele então a comentar isso mesmo e ele tentou
me a contar que todo aquele espaço eram quintas pertencentes aos donos de um pequeno solar mes-
mo ao lado da horta, perdido também no meio de uma paisagem industrial e moderna.

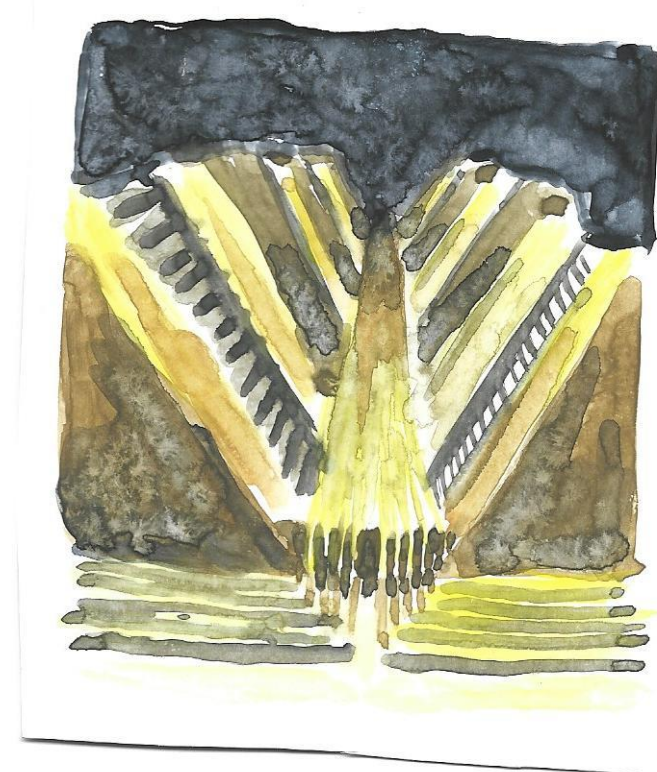


Achei todo aquele pedregoso de
caminhal, uma verdadeira
performance... Tudo aquele
espaço e tempo contidos e
estagnados daquela forma!

Continuei a caminhar pela zona
da cidade que menos conheço,
talvez: O bairro Norte de Matos...

Vejo-me a mim mesmo
como um detentor de experiência
estéticas, como um procurador de
recontos, um arqueólogo, escavador
de experiências e lugares soterrados
escondidos!

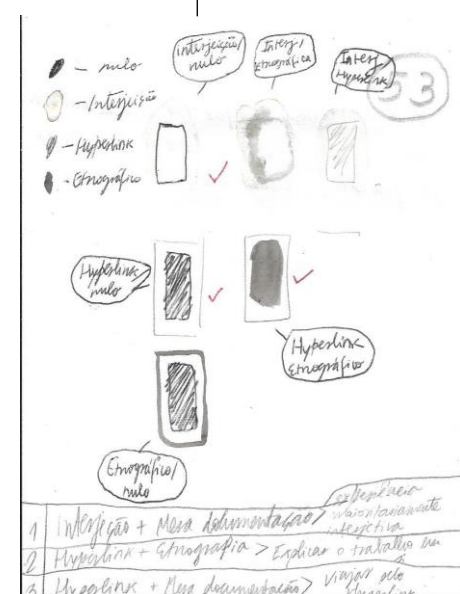
O uso do jornal enfatiza este lado que pretendo mostrar explicitamente.





Esta imagem é a representação de uma fotografia que tirei a um poster, o qual tinha uma mensagem política associada aos campos de refugiados de Mória, na Grécia. Neste momento, não sabia que estava relacionado com isso porque a mensagem nele explícita não é direta.

Associei a informação que retirei do poster a um lado pessoal, ligado a uma memória em específico.



Este estudo das combinações que podia fazer entre meios e técnicas gráficas, fez-me criar diferentes imagens a partir de uma só com vários significados.



Esta é a história organizada com todos os seus componentes misturados numa composição visual única



Esta composição não tem um significado próprio neste âmbito. É um extra, um trabalho à parte que resultou na colagem dos pequenos restos de jornal que sobraram dos recortes desta banda desenhada.

Estes novos diários foram chamados de “Meta”, porque o seu objetivo principal foi narrar a minha vida enquanto autor, por detrás deste projeto.

O elemento *meta* é normalmente utilizado para descrever algo “que está acima de alguma outra coisa” e aqui, refere-se à narrativa que funciona como uma nova camada adicional de história. Neste caso a meta-narrativa foi algo já utilizado nos *walking diaries* como característica ao meu dispor, mostrando o pensamento do autor atrás do ato de desenhar.

Porém, estas series não só apresentam esse processo de pensar, mas também o ilustra através de desenhos e registos informais, rápidos e pouco preocupados.

Os *Walking diaries* acabaram porque movi de cidade (por causa do fim do confinamento) e estes novos acabaram por ser criados. Eles rapidamente se tornaram um conjunto de desenhos desorganizados que influenciou o rumo do projeto.

Meta-diários pp. 3
"Desafios"



Que trata...
A vida é difícil
porque te propõe
constantemente
novos desafios...



Estão citados,
a tua vida
corre-te bem, tens
o teu ritmo
o teu horário, as
tuas rotinas...
É de repente,
pimba!



Estava
numa cidade,
em casa,
no meu quarto,
no meu cantinho
e de repente
tenho de mudar de
cidade...



Estas mudanças não fixadas e
a vida é feita
desse...
Como não é
que consegue
chegar ao fim?



Talvez
comece com
esta "meta-diário".
Pode ser que
seja uma
ideia que
enriqueça o
meu trabalho...
Venho a pensar
presente para o
passado, a ver na
que é que dá.



O mundo transformou-se - há no
presente... Pode ser que seja algo
agradável do que
mas a que
no...
Poderá ser
Ficou
Provavelmente
mente por
um presente
le informação



A medida que
os "walking diários"
vão sendo produzidos,
vão se estendendo
progressivamente ao
longo do
tempo...



... Os "meta-diários" são
também os "walking diários",
mas com a diferença de
que vão ser um registro constante
e progressivo do
tempo (e não
apenas um trabalho
depois de um tempo
constante)...



O (eu) dos
"meta-diários"



e o (eu) dos
"walking-diários"



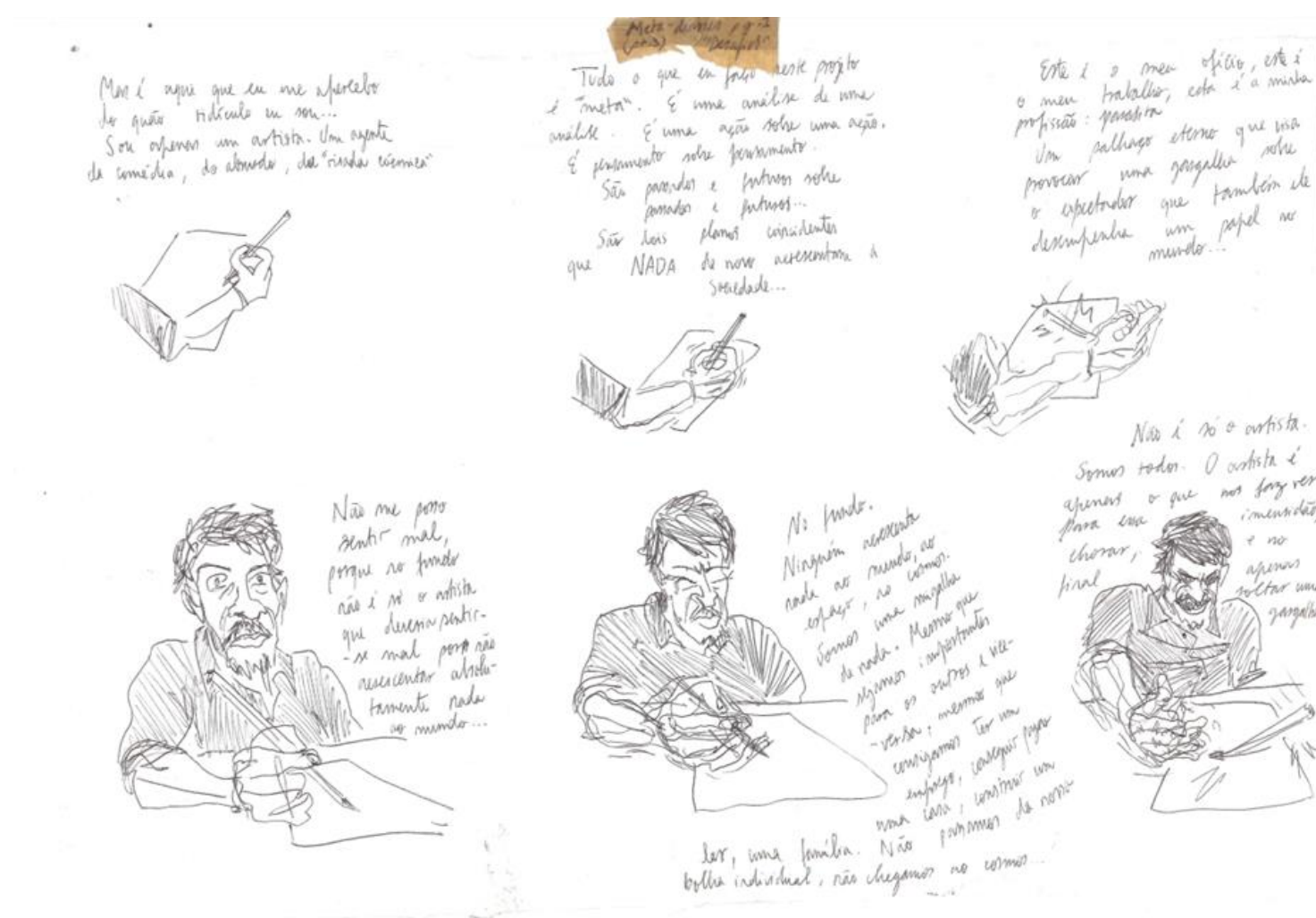
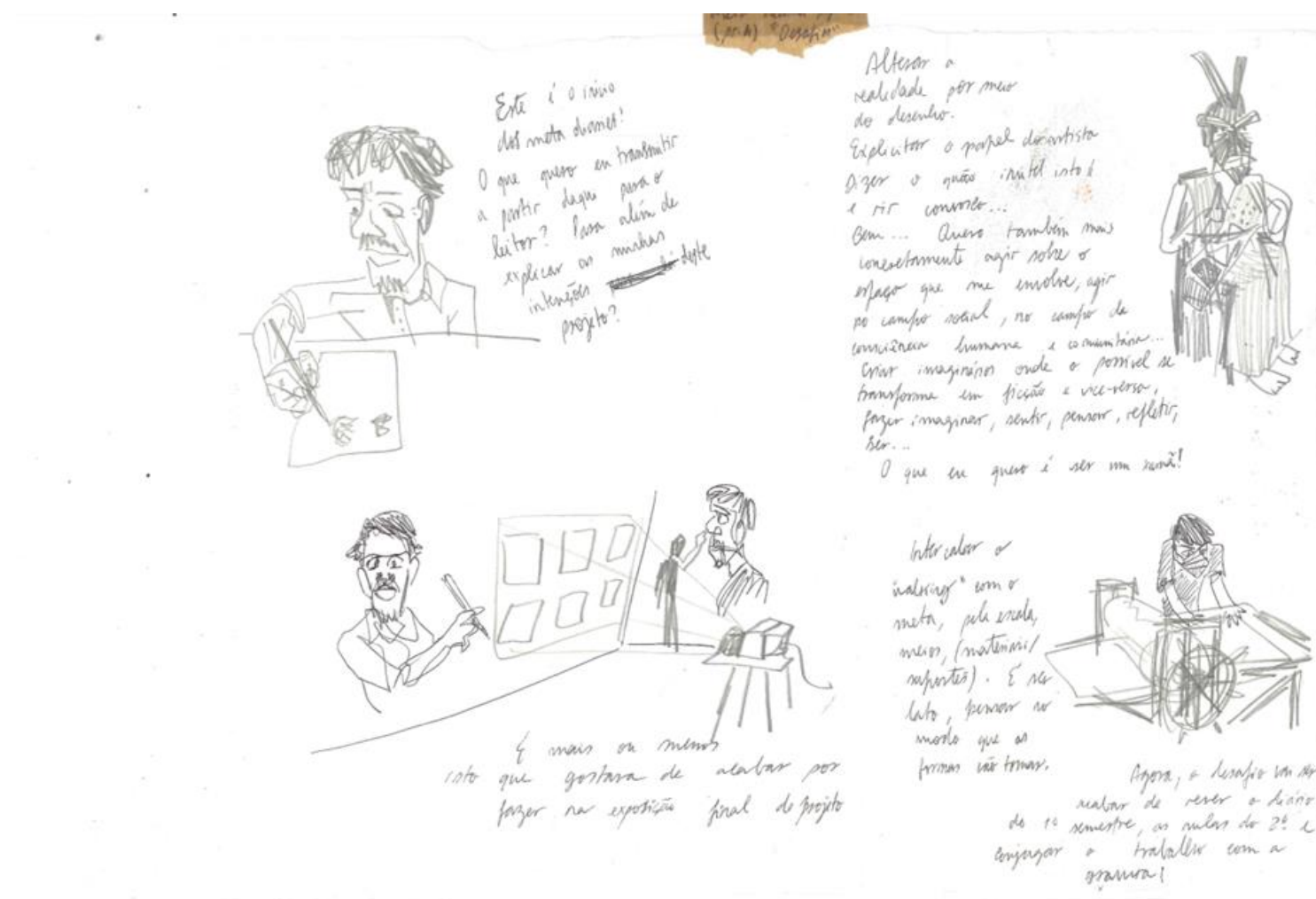
Sou um artista de dia e um
"reporter de noite". Que situação!
Finalmente não me um
"super-herói"! Um super-herói das
minhas próprias causas...



É através do "alter-ego"
de super-herói, ou anti-herói, que
poderei usar os "meta-diários".
Ela têm este ou menor alcance
porque 1º, não passam apenas de diários.



Ladinos onde
há a muita
experiência em
inter... talvez na
experiência
projetar
para o "big screen",
nesta caso, para a
"big wall" ou "big
format"



Página 1 - "Desafios":

Esta página fala sobre o processo de criação dos próprios *meta-diaries* e reflete o desafio de adaptação às adversidades e mudanças da vida que se cruzam com reflexões sobre a condição social de ser artista.

Nota-diária pg. 2
(pt. 2) "Reinvolto"

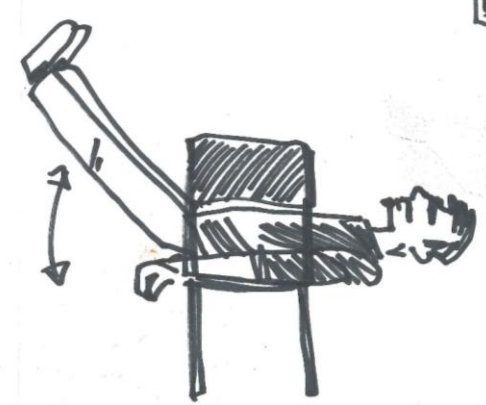
Ontem foi um dia difícil
para mim...



A minha irmã
voltou para
Coimbra.
E eu fiquei
sozinho



Eu não me perdo.
Com ela aqui, distraio-
-me. Sem ela aqui,
sinto-me apenas
sozinho!



De manhã preparei-me
fiz exercícios para ganhar
músculos e força nas costas

Sempre o ritual
de iniciação ao dia,



para fazer
a cama
diretinha
tal



E organizei a minha
mala para poder ir trabalhar
para o estúdio na Boa Hora

Nota-diária pg. 2
(pt. 2) "Reinvolto"



Fui:



Trabalhei,
reli o
conteúdo
do diário
gráfico do
semestre
passado



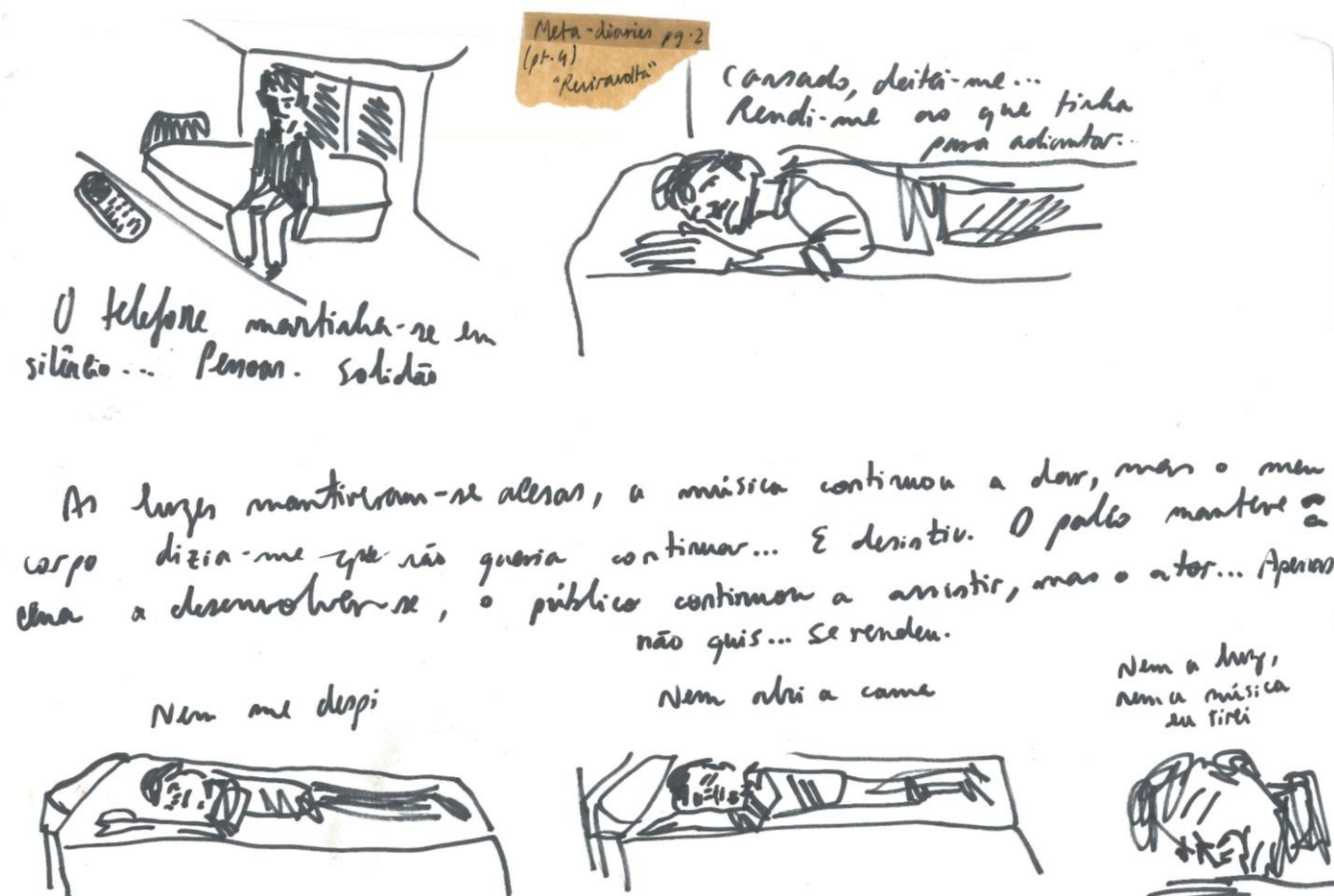
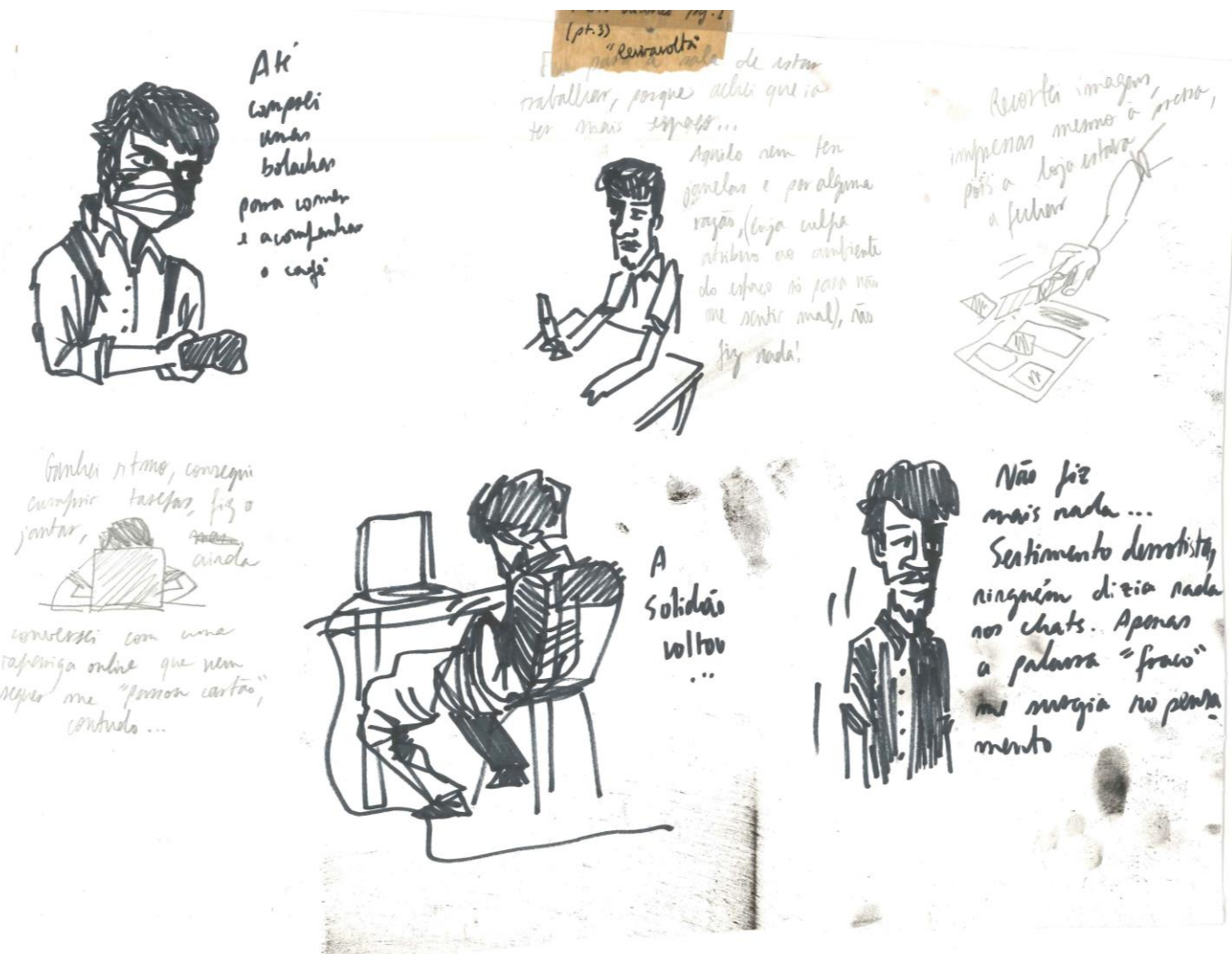
Depois d'almoo ainda fui ver
2 exposições...



Voltei ao estúdio, mas
senti que devia
continuar o trabalho
em minha casa...



Então lá
fui eu
para
casa...



Página 2 - "Reviravolta": Esta página reflete sobre um dia exaustivo e ocupado. Invés do trabalho diário árduo, o artista batalha com os dilemas da sua vida pessoal





Segundo Kierkegaard, o Homem tem que renunciar a si mesmo para superar as limitações que a realidade lhe impõe e assim aceder ao transcendente, a verdadeira individualidade. Neste sentido, Deus é a verdadeira individualidade. Neste sentido, Deus é a verdadeira individualidade. Neste sentido, Deus é a verdadeira individualidade.

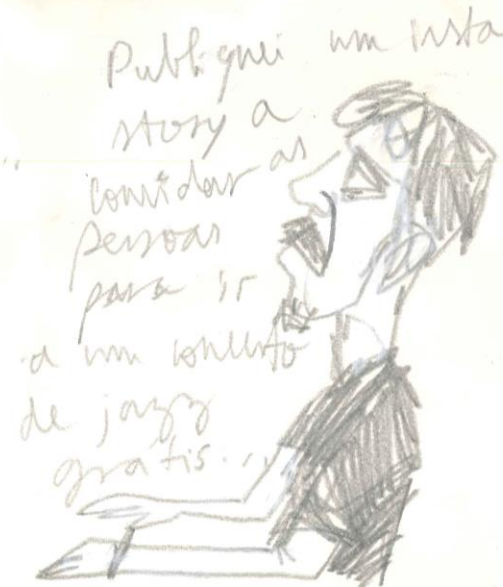
Oh UAU!



Começo a escrever com materiais diferentes. Enxerex, desenhar, whatever



O melhor dia foi muito bom mas acabou mal...

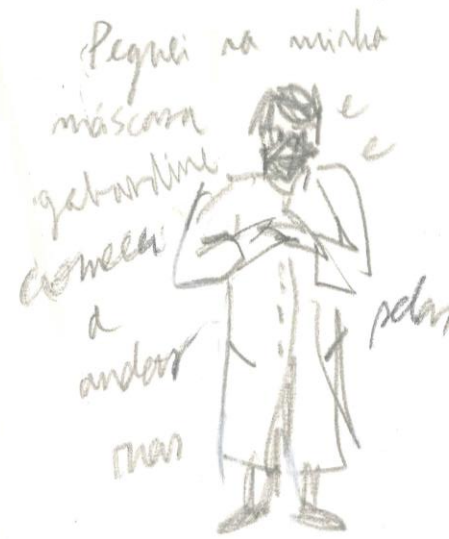


Publiquei um insta story a considerar as pessoas para ir a um concerto de jazz gratis...

Que se chamava "blind dates"



Ninguém disse nada... Nem a minha irmã se mostrou interessada



Peguei na minha máscara gabardine comecei a andar mas



Depois de me encontrar com um graffiti na minha rua, telefonei a uma amiga minha.



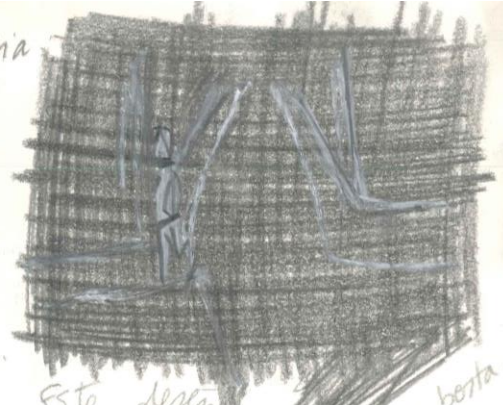
Ela estava com a minha ex... A quem ela chamou de telemóvel



Já não falava com ela assim há muito tempo. Falámos abertamente da vida amorosa um do outro e...



Ora porcaria



Este desenho ficou uma bosta. Mas não interessa... O que quero dizer é que depois deste tempo todo sozinho...



Depois de me esquecer a mim e a outras raparigas, de ter deixado passar norm oportunidades, de parecer já ter ultrapassado o que acabou há meio ano... Depois de estar a conseguir juntar os casos da minha vida e finalmente aplicar a técnica do Kintsugi, parece que afinal... Afinal não é bem assim.

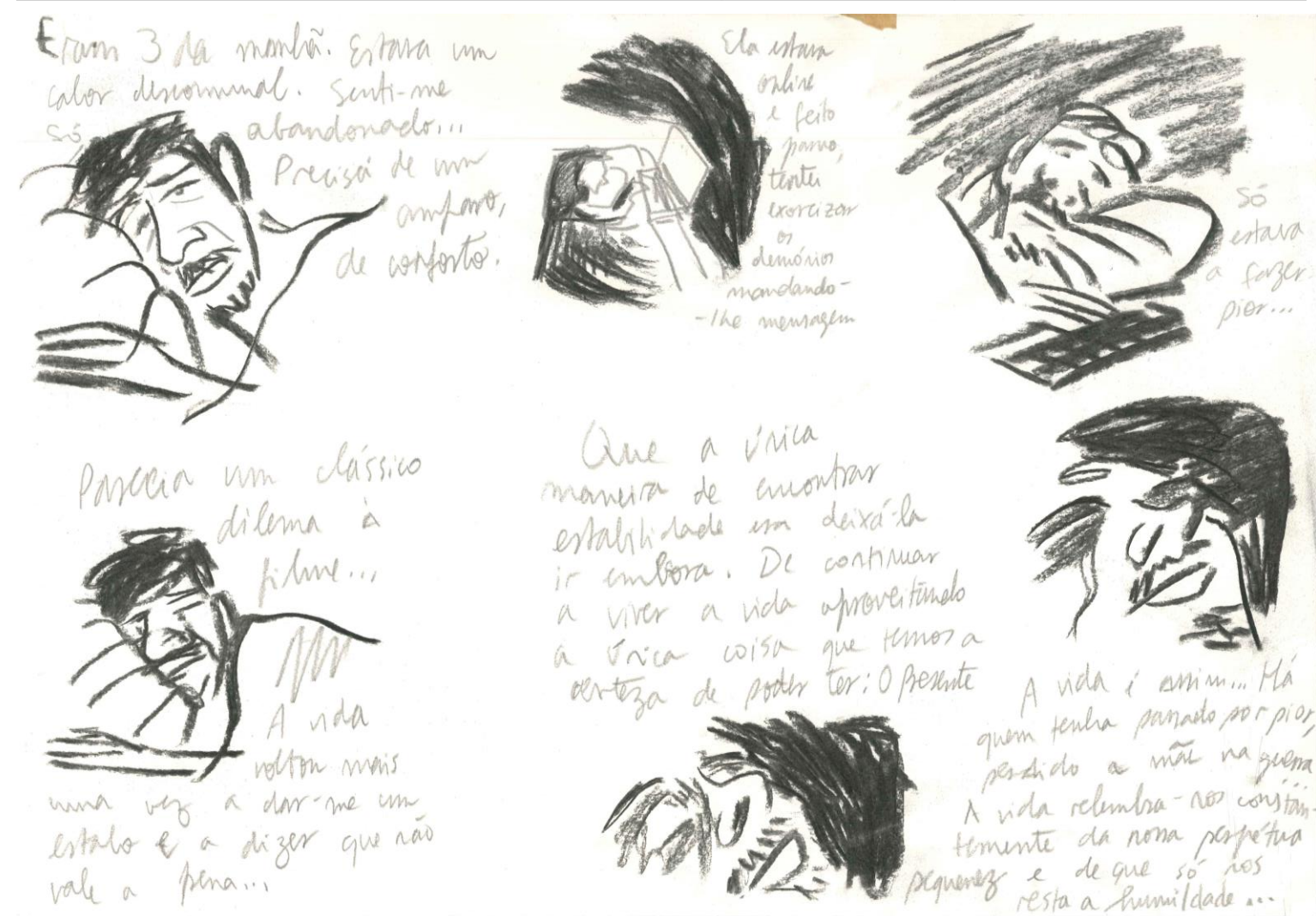


A minha segurança, o meu orgulho. A minha confiança, estabilidade, ilusão, ego. Foi tudo a baixo... Desmoronou.

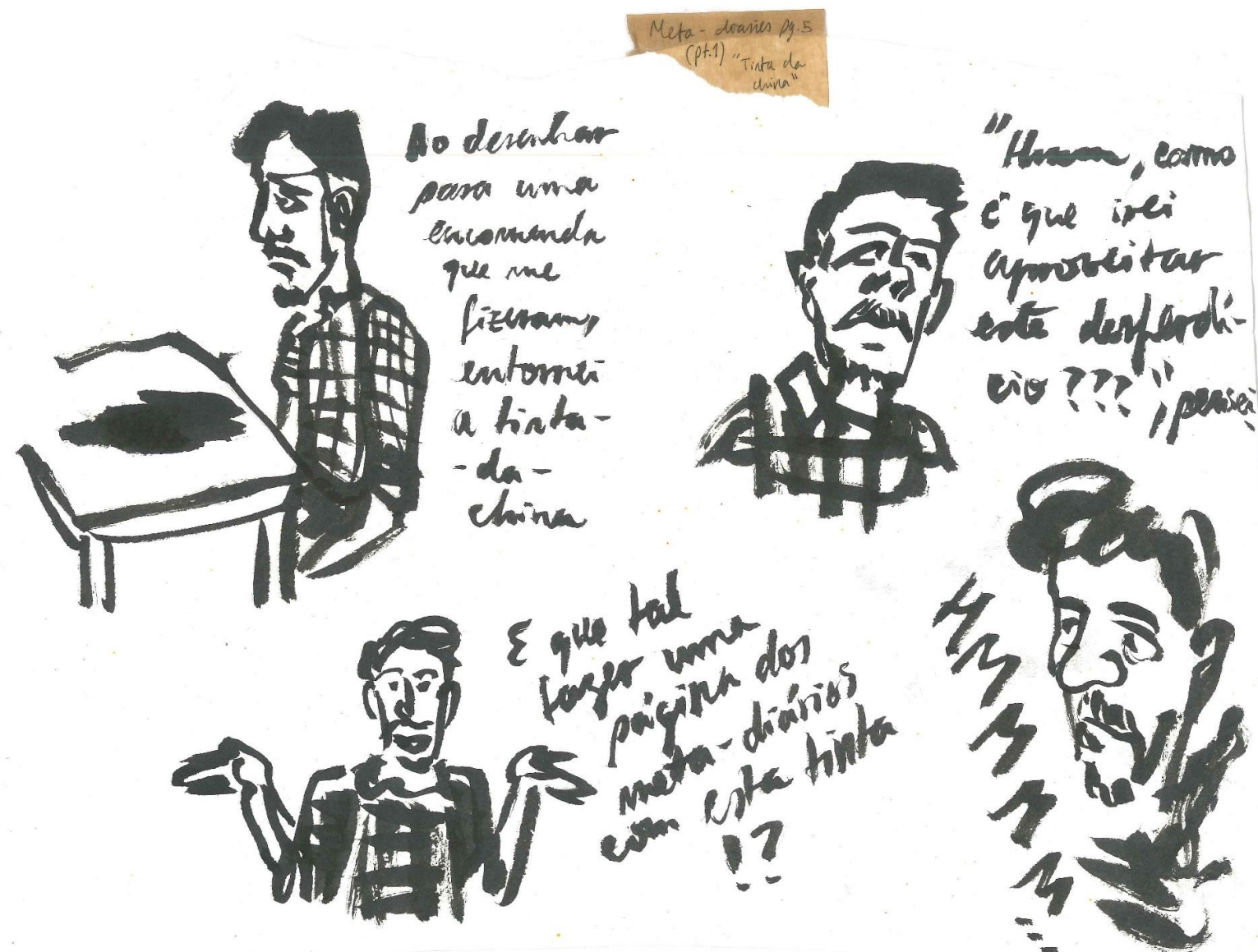


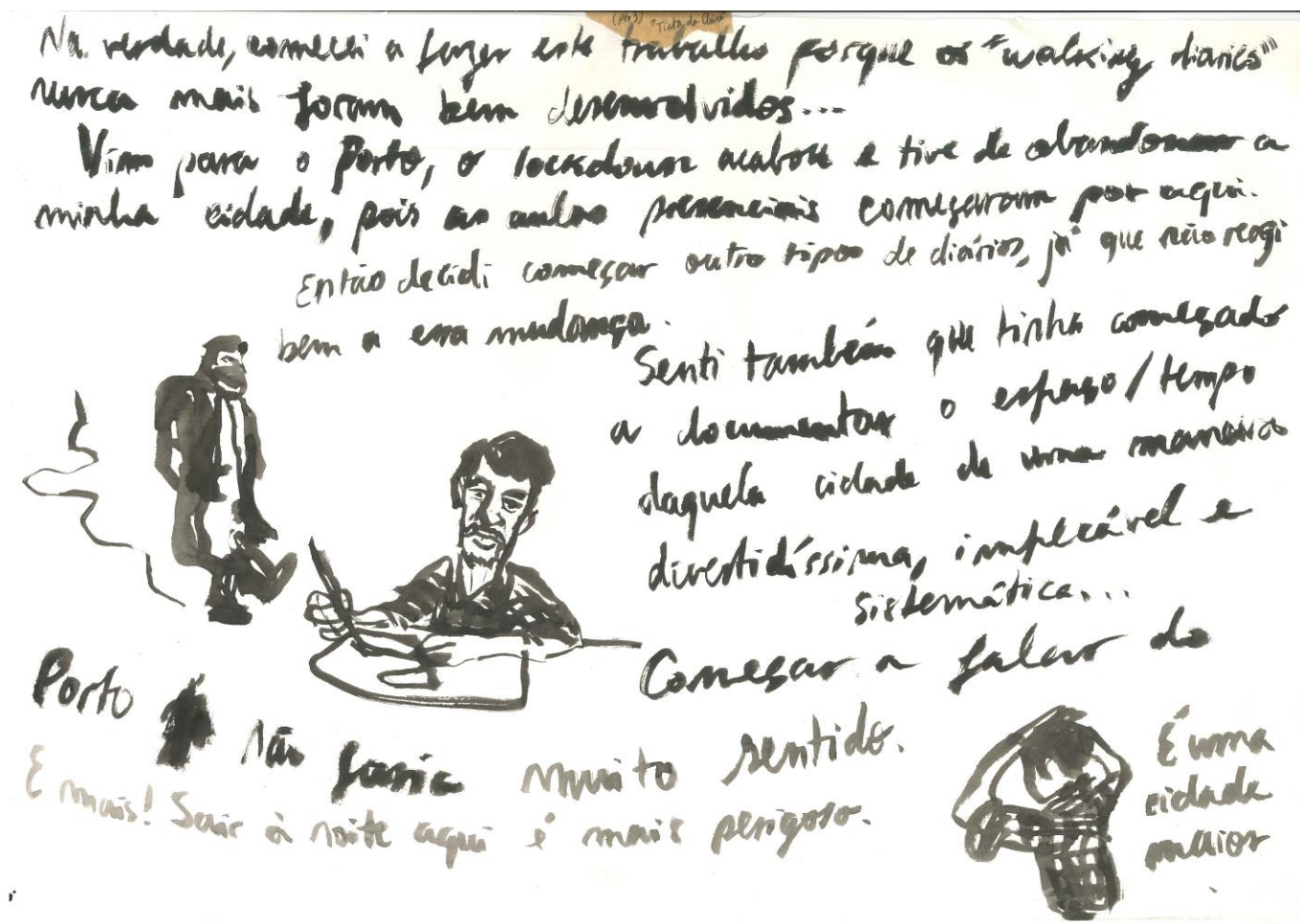
Não sei se é por andar desesperado e não ter ninguém...

Não sei se é por não saber viver alguns dias sozinho, apenas consigo mesmo. Não sei se ainda tinha de reservar algum sentimento por ela...



Página 4 - "Sozinho": A quarta página mostra um dia que não acabou muito bem... Depois de uma conversa com a ex-namorada, a vida disse para encontrar felicidade na solidão.





Página 5 - "Tinta-da-china": De repente espalhei o frasco de tinta-da-china sobre a minha secretária. Esta página menciona o uso dessa tinta para a realização da mesma. A sua narrativa projeta também uma reflexão geral do futuro destas séries do projeto.



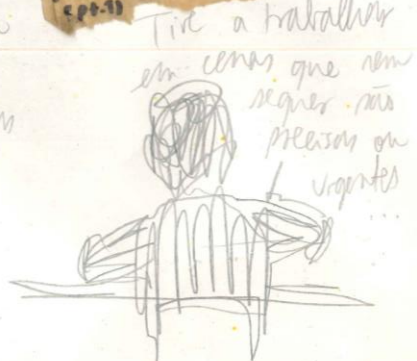
Página 6 - "Vícios": Esta tira de banda desenhada fala sobre a necessidade de consumir certas coisas para ficar feliz e satisfeito com a vida e de ser feliz no momento.



Page 7 - "Kintsugi": Esta página dos *meta diaries* ilustra a lógica de *myse-en-abyme* de todo este trabalho. A lógica autorreferencial em 'loop' torna-se física através do próprio processo de colagem do suporte do desenho e o seu espaço no desenho.



Eh, por-me toda a tarde a perder tempo com coisas que não interessam



Tirar a trabalhar em coisas que não interessam ou coisas que não interessam

Mesmo depois de não ter tido aula, perdi tempo. E agora são 23 e 29, amanhã são 15. Tenho de saber como fazer a obra e gravar em offset e aí agora é que me põe a trabalhar...



Nisto que estás a fazer aqui!



Mas, meu deus... Nem era disto que estava a pensar falar sobre... É mais! Isto é ficção e depois da obra está ainda tão limitada ao real... Eu devia aumentar as possibilidades!



E agora isto não é a falar consigo mesmo que desenhos isto: Para de fazer joguinhos de Myx em a lyma red/indótil e põe-te ao trabalho! Não podes!



Olha para ti! Um gajo de 29 anos, branco, privilegiado que im dia lá!...



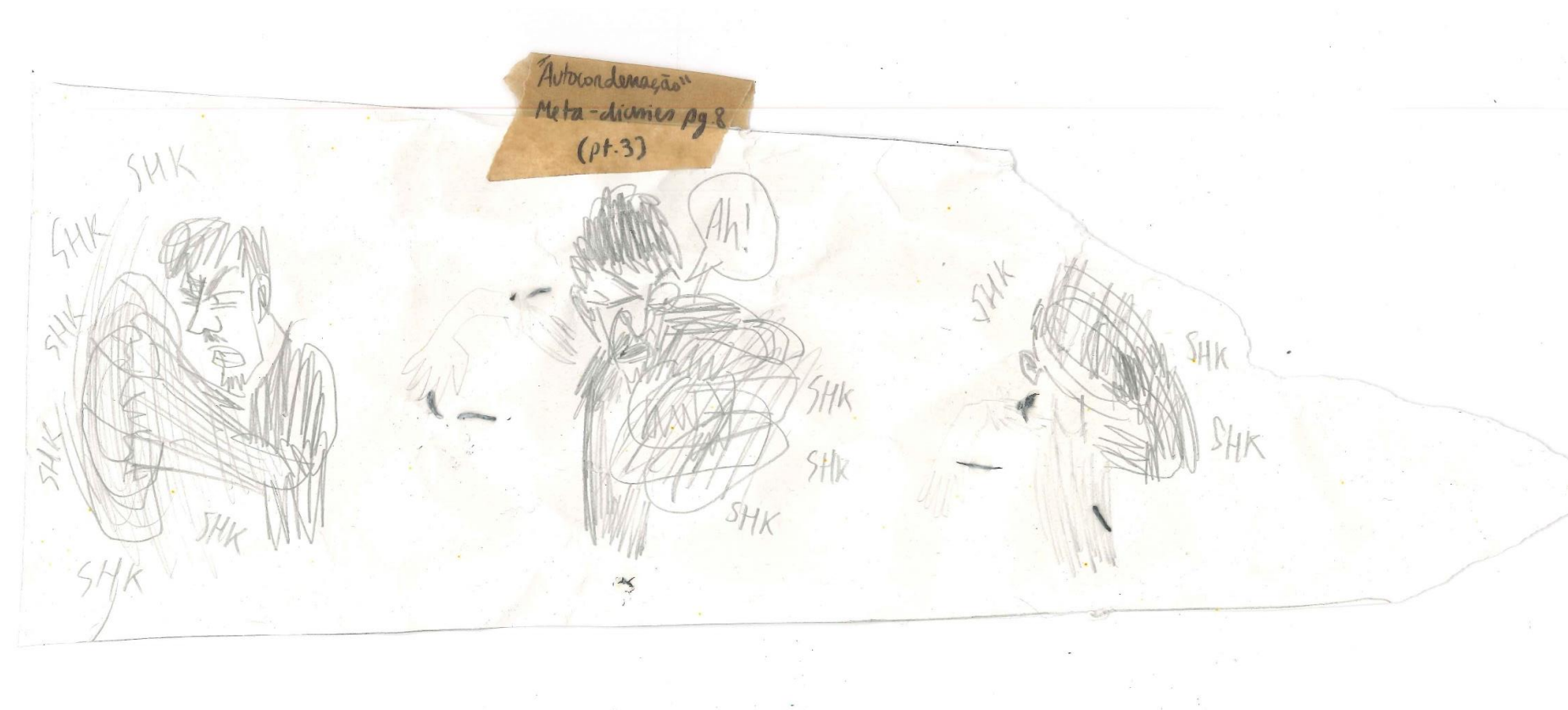
Vindo de uma família boa, com pais excelentes que me dão tudo... TUDO!!!



E estou aqui a queixar-me e a proenhar... A rentilizar pedacos de folhas velhas, antigas e rasgadas...



ACORDA MEU! PARA DE TE DESENHAR!!!



Página 8 – “Auto condenação”: nesta 8ª página, a minha personagem quebra a quarta parede para falar comigo mesmo, o autor, o criador da mesma. Mais uma vez, existe um emaranhado nos planos narrativos no qual a personagem toma controle dos eventos da história, através da ficção.

O Repórter viandante

O Repórter viandante é uma pequena banda desenhada de 42 páginas em formato de edição impressa a laser e criada a partir da página nº 9 dos *Walking diaries*. A sua história foi adaptada, os seus desenhos selecionados e redesenhados. Mais do que uma adaptação, foi uma conclusão desta fase do projeto.

Compreende em si não só os trabalhos dos *walking diaries*, mas também os *meta-diaries* tendo uma conexão com a exposição feita no *Lugar do desenho – Fundação Júlio Resende*.



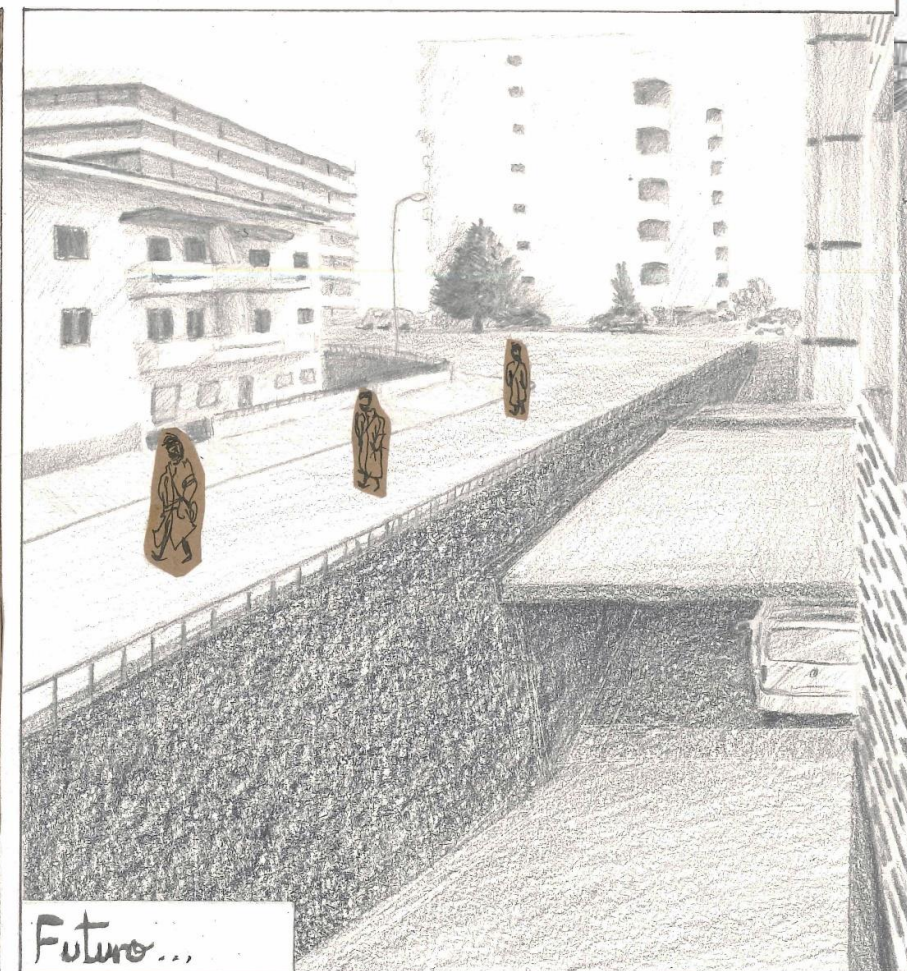
Esta edição contém 21 desenhos feitos em tamanho A3, a grafite, carvão, guache e caneta! Cada um dos materiais pretende transmitir uma mensagem diferente na história, tal como os *Walking diaries*.

Um repórter da rua, da cidade, de caminhadas. Da imaginação!





De histórias, do tempo!...



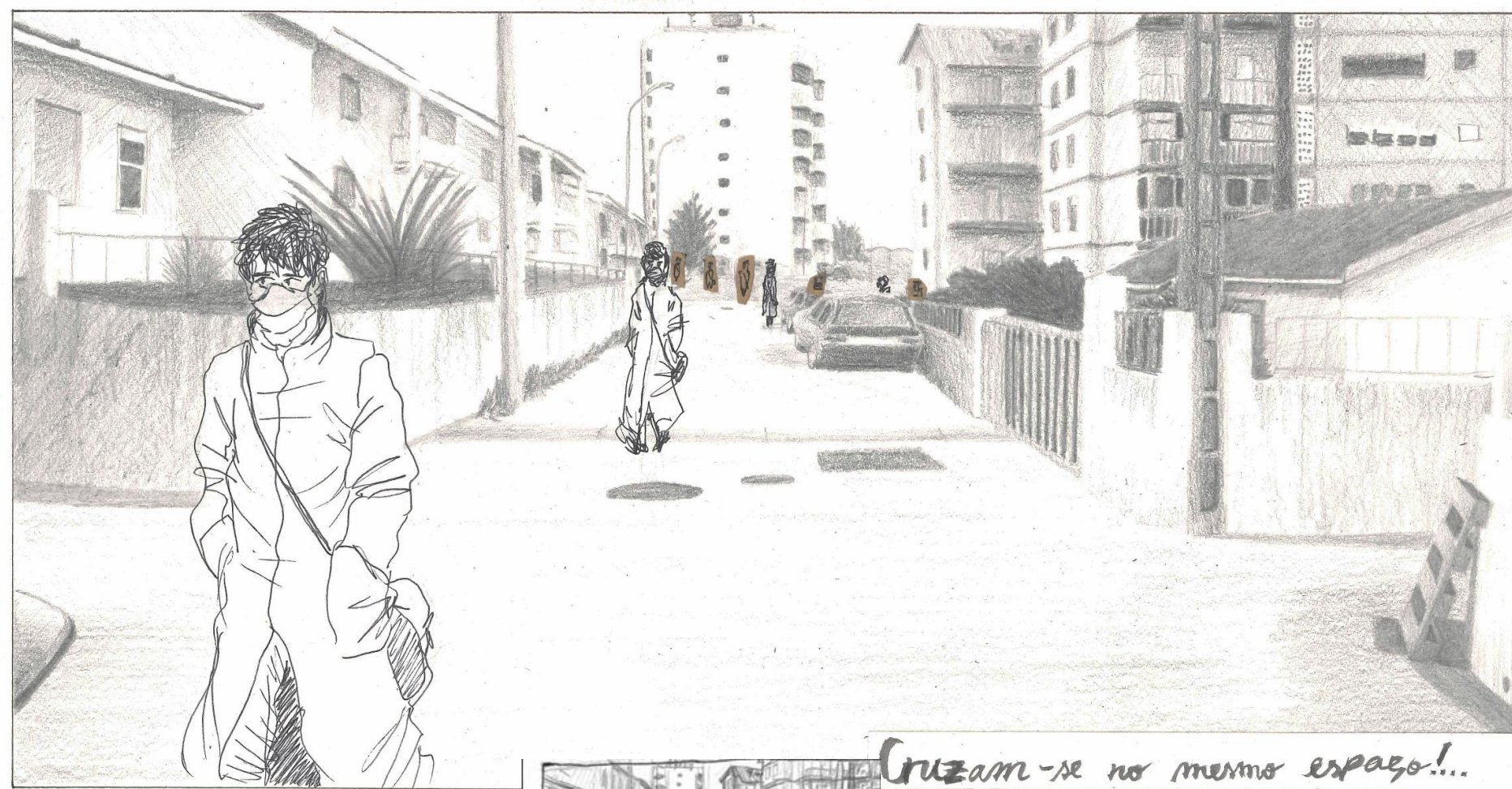
Futuro...



De regresso à casa...



presente...



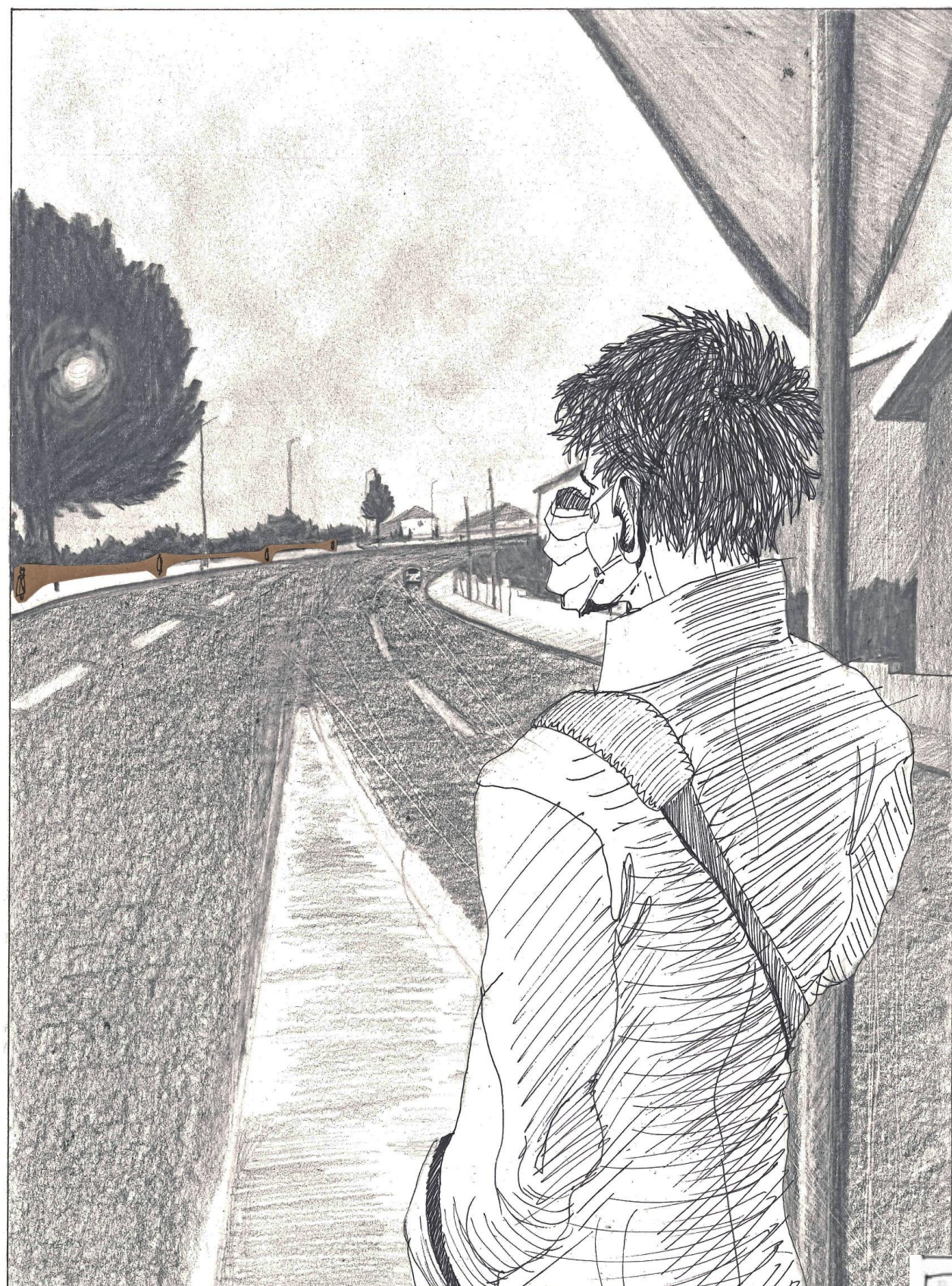
Cruzam-se no mesmo espaço!...



Talvez passe por aqui de novo, mais tarde.



Nenhum deles já conta um do outro



Talvez só o presente é que se apercebe do futuro...



Quer lá o futuro
saber do passado...



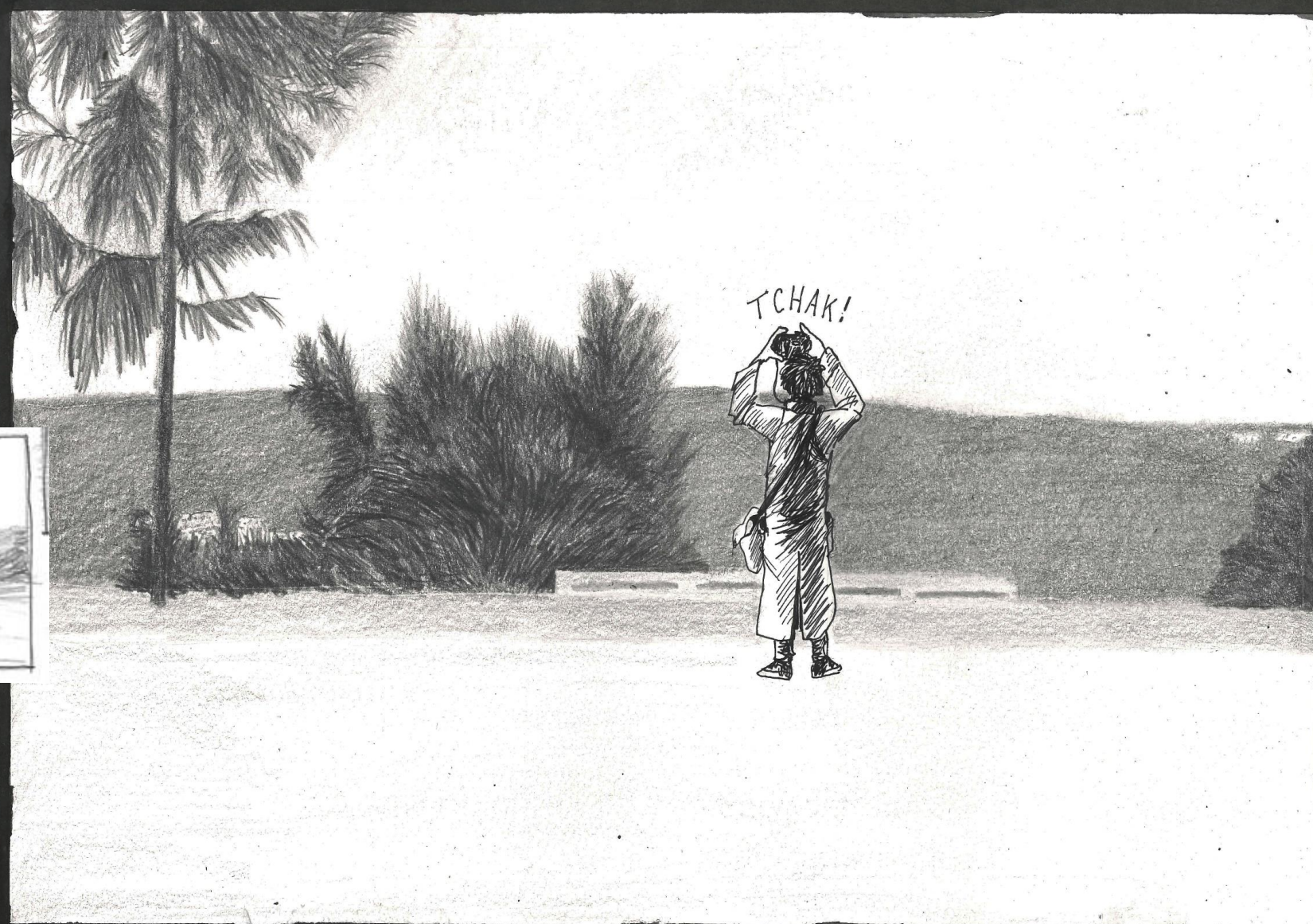
Para

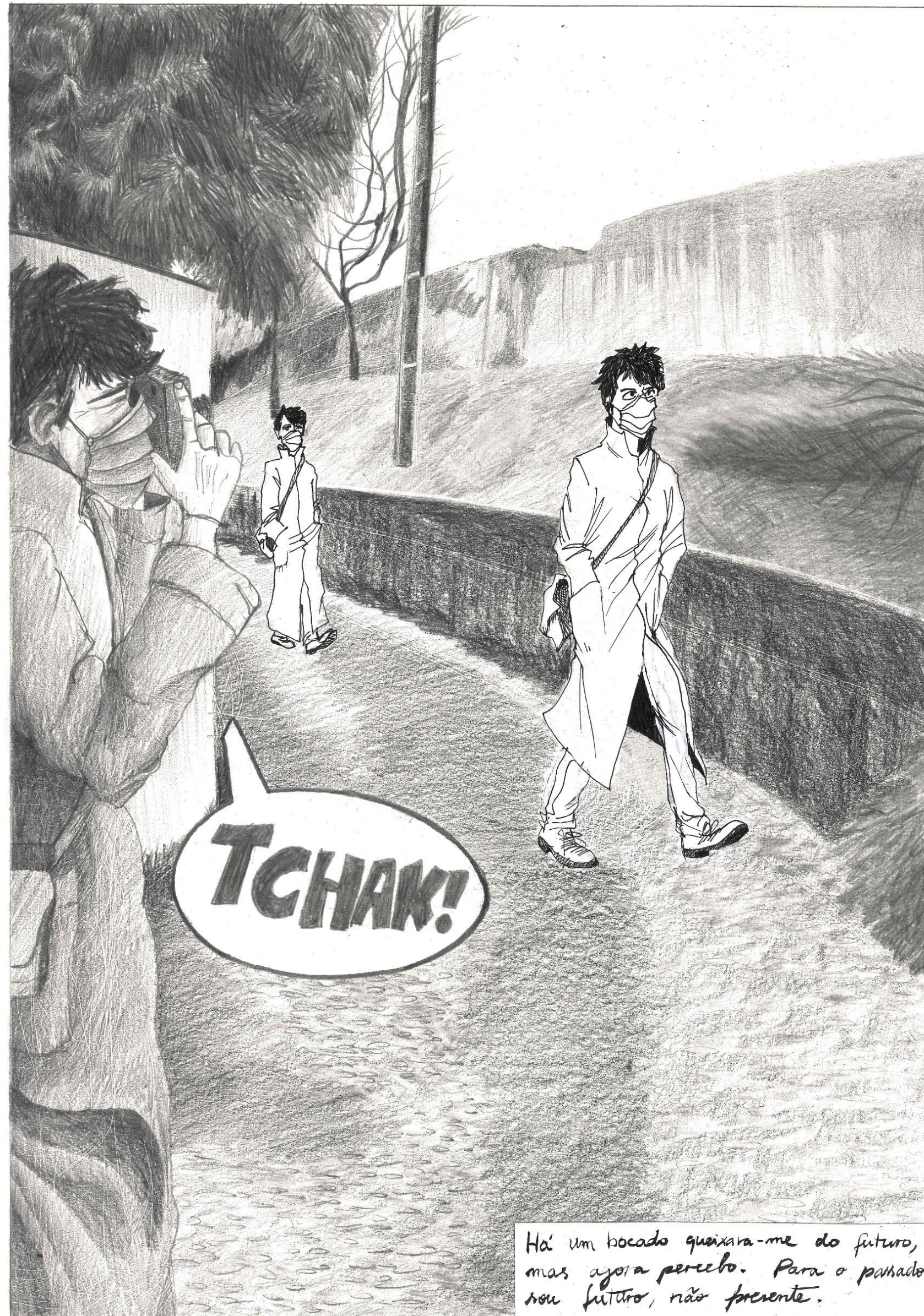
só

de é

passado!







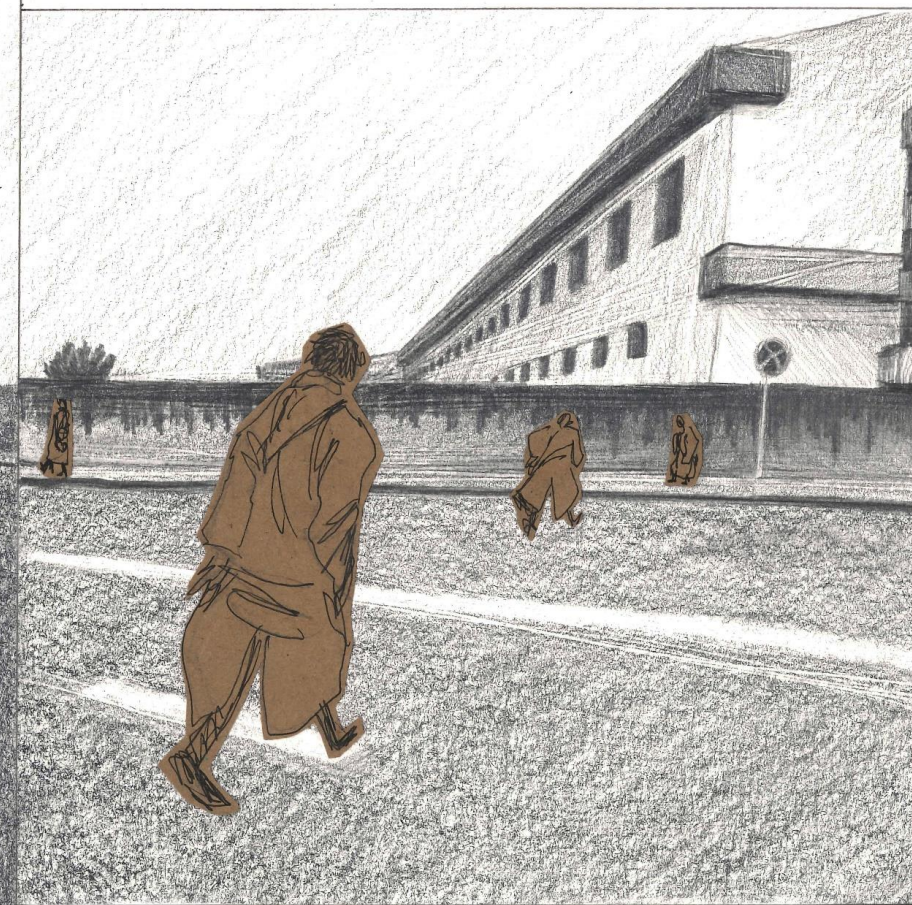
Há um bocado queixava-me do futuro,
mas agora percebo. Para o passado
sou futuro, não presente.







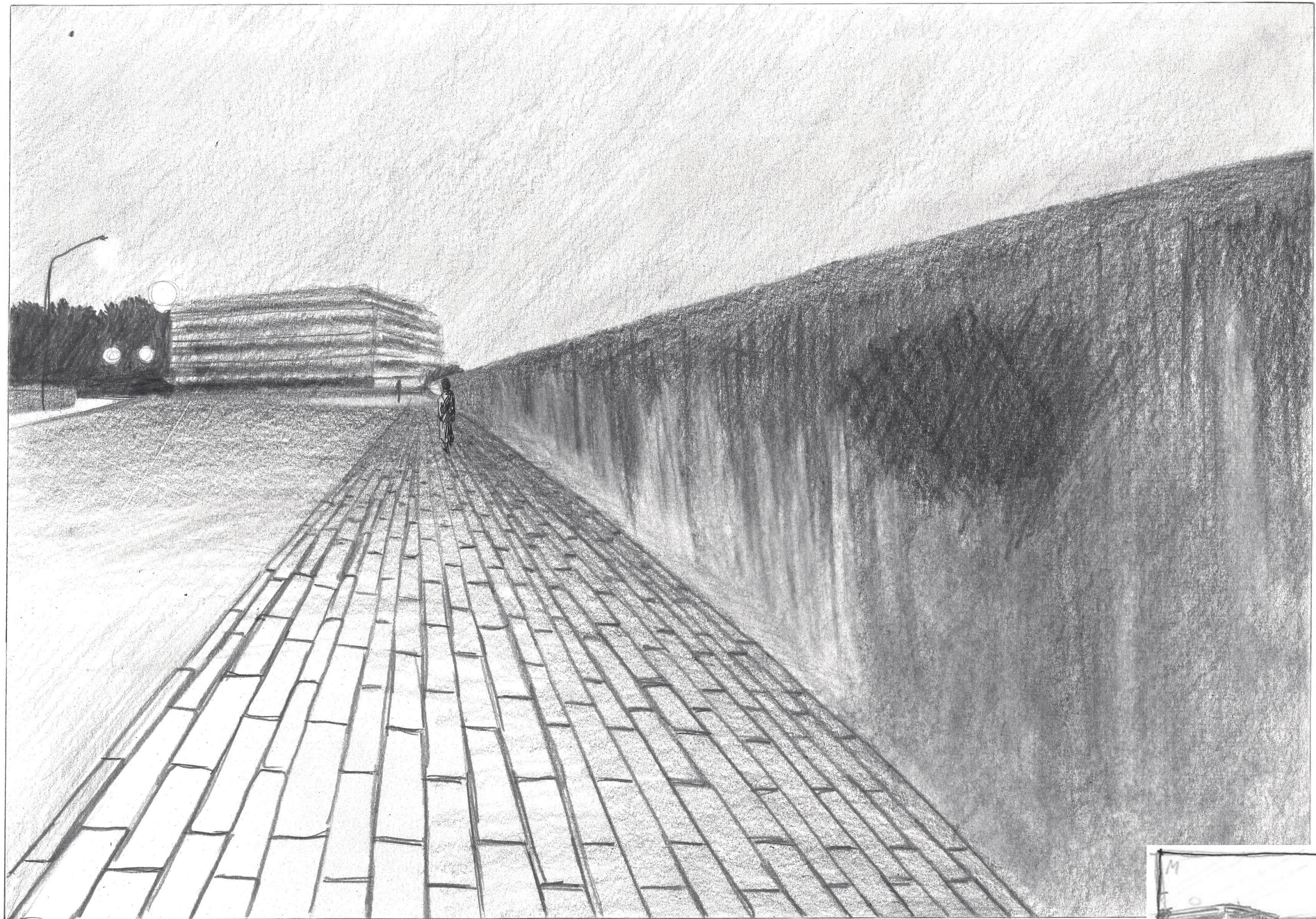
Os limites do tempo



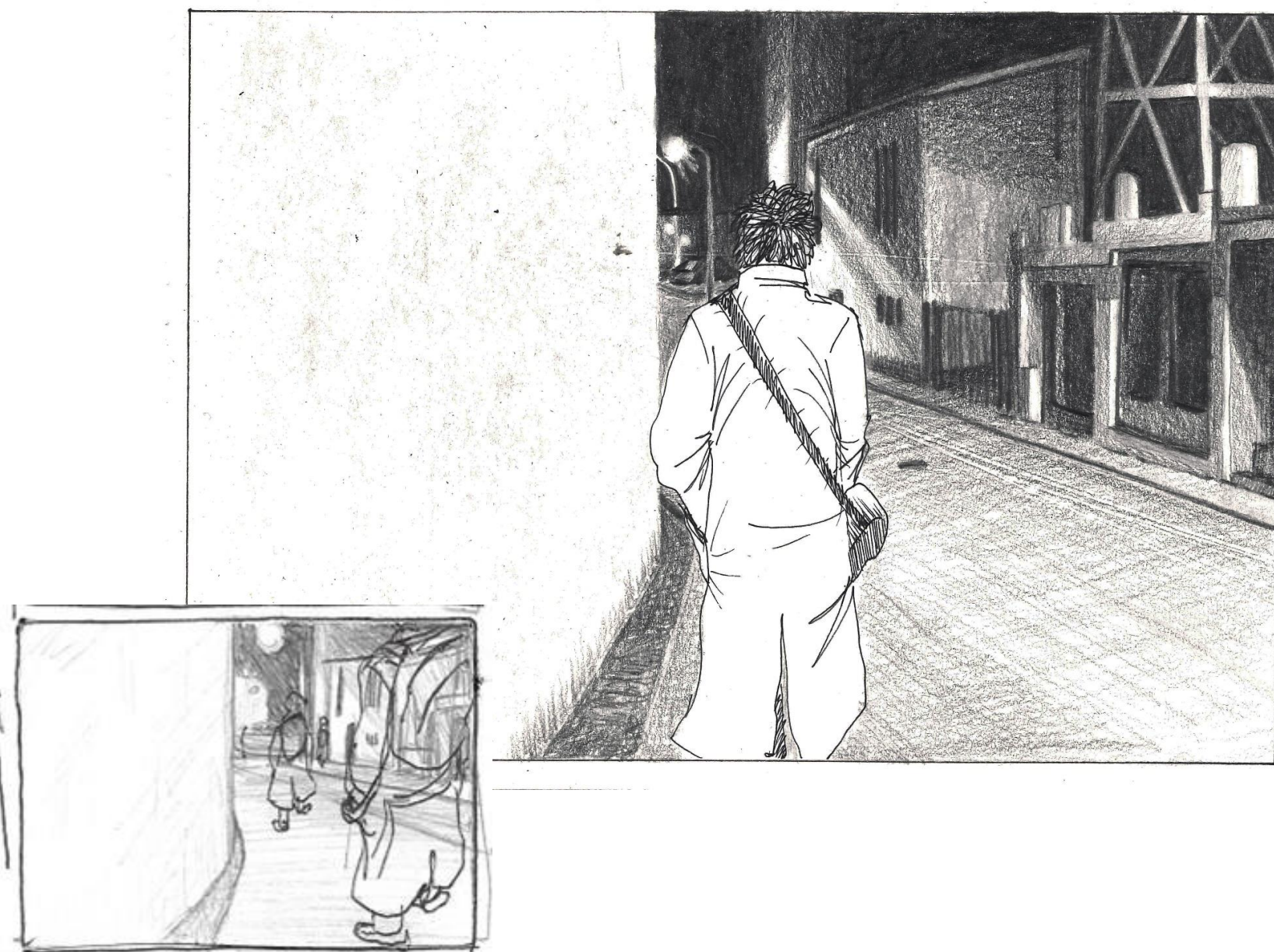
Tornam-se ambíguas...







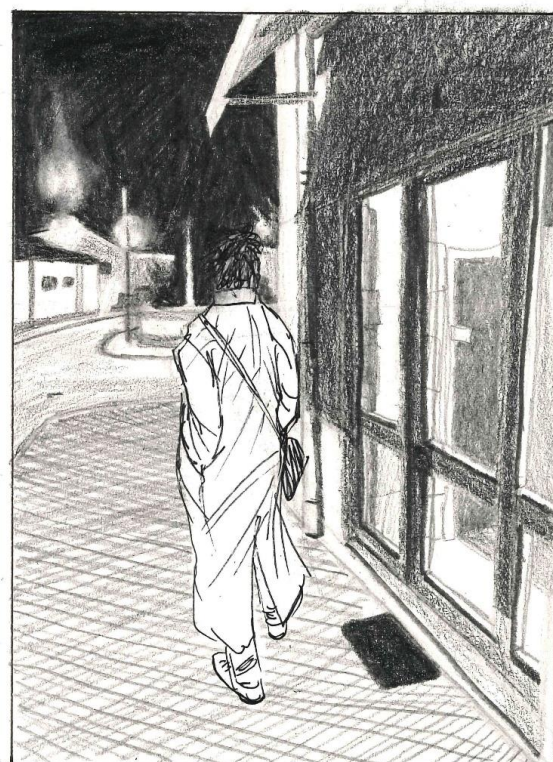
As ruas tornam-se
objeto de estudo
fenomenológico...



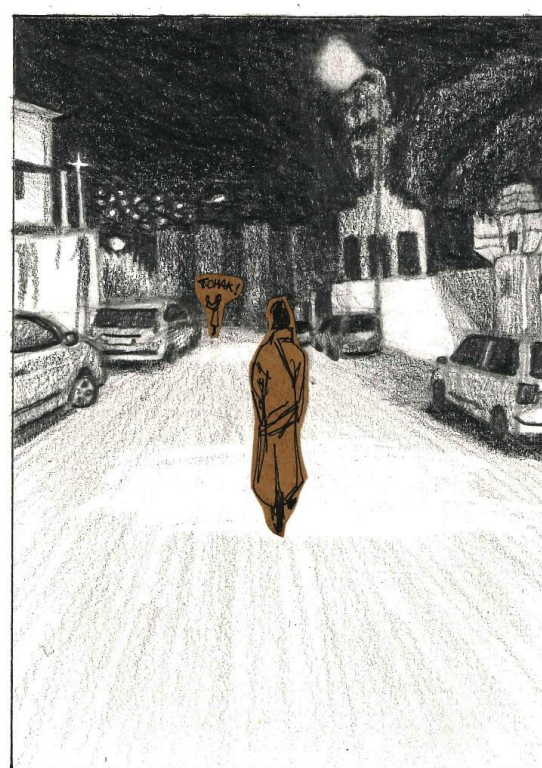
Têm de ser observadas.
Percorridas.
Para as poder compreender.



A vantagem de andar à noite é que...



Só quem passeia é que a experiência.



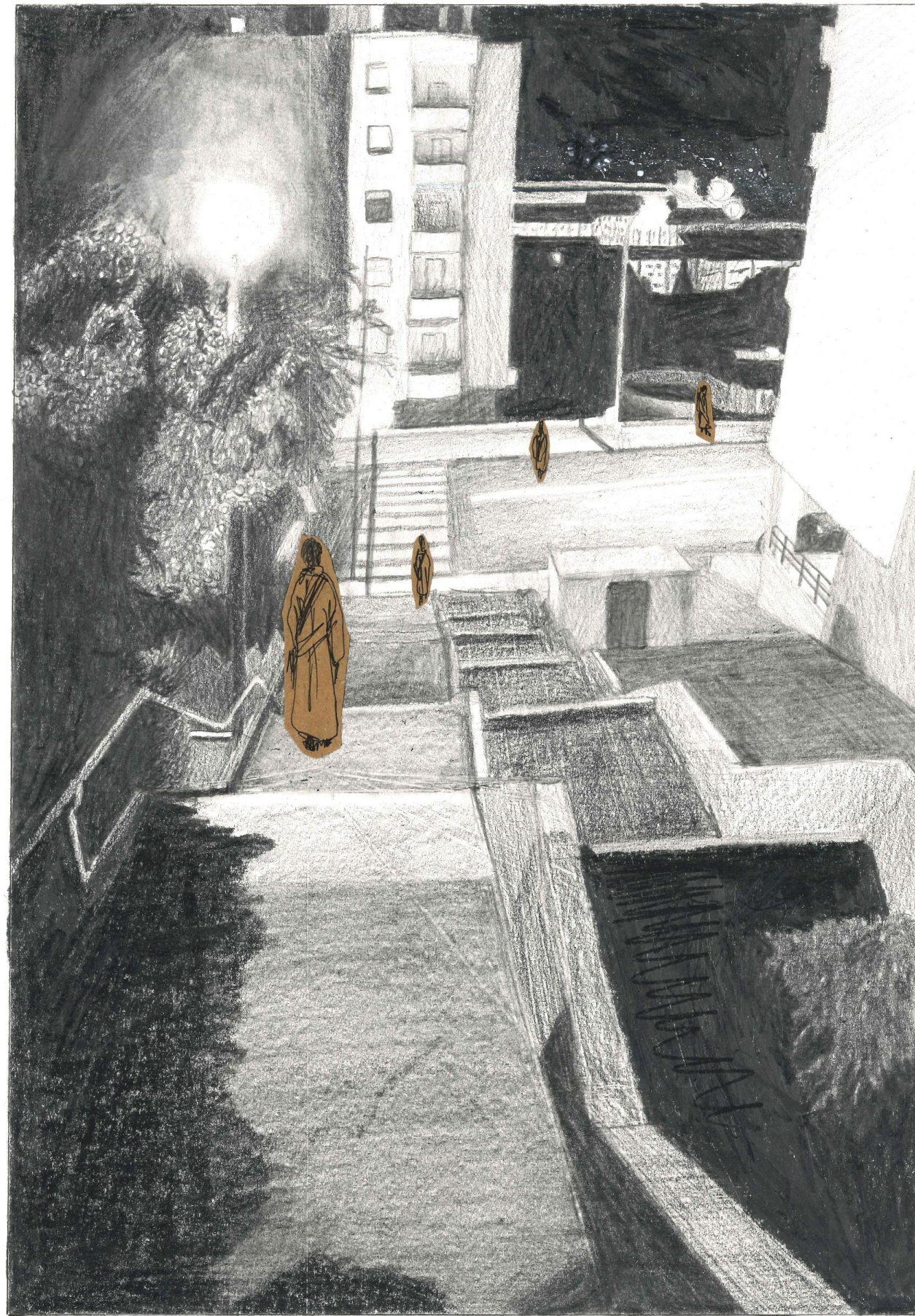
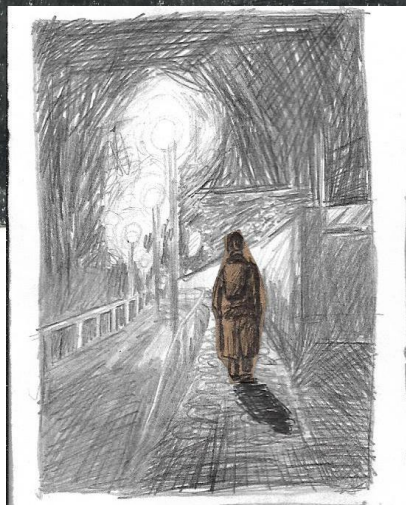
Vou desenhá-la com papel vegetal, pois faz parte do passado, apenas das minhas memórias!

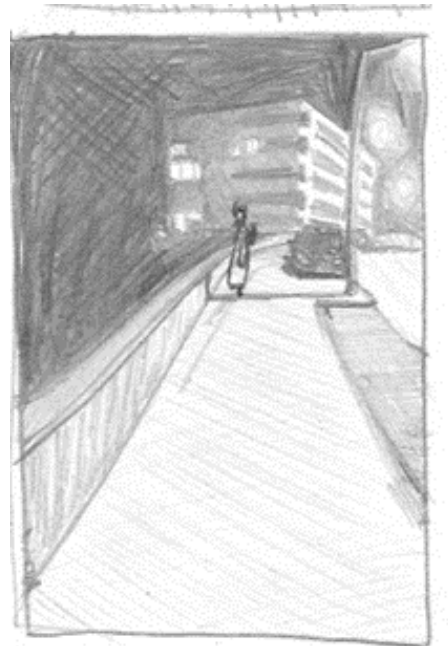
NOTA! ↓

Outrora, existiu neste local uma laranjeira que dava frutos deliciosos...



Sinto que aqui existiu algo, agora ausente: uma laranjeira cheia de frutos!





Sinto falta da cidade quando cá não estou...





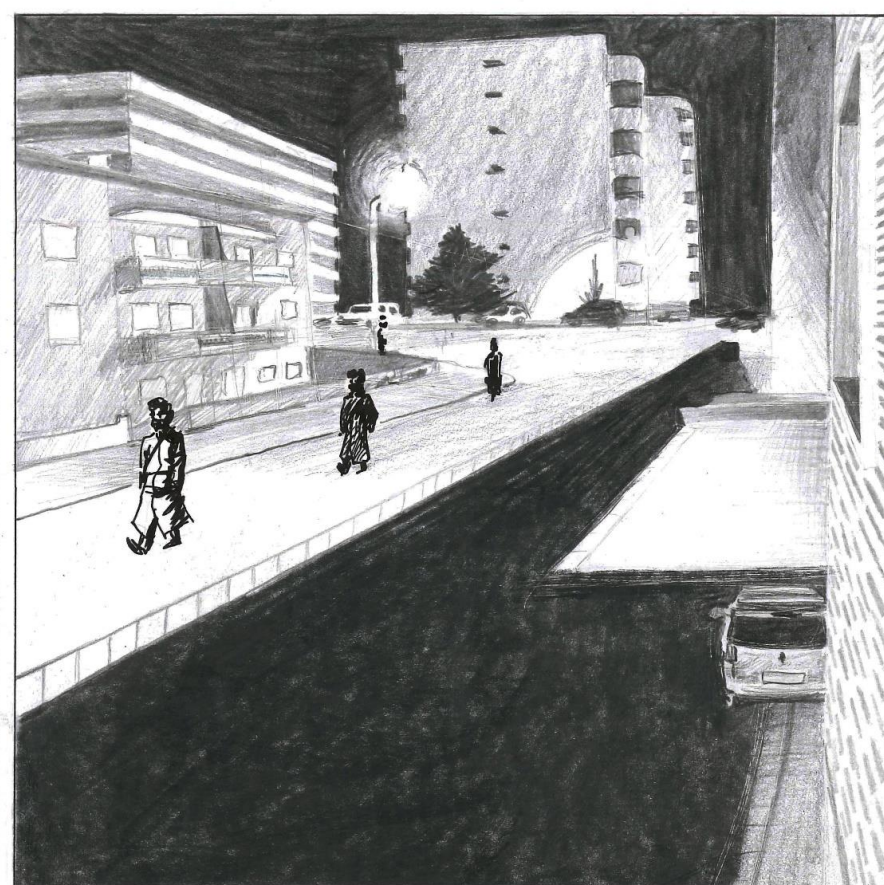
Será que ela sente falta de mim?



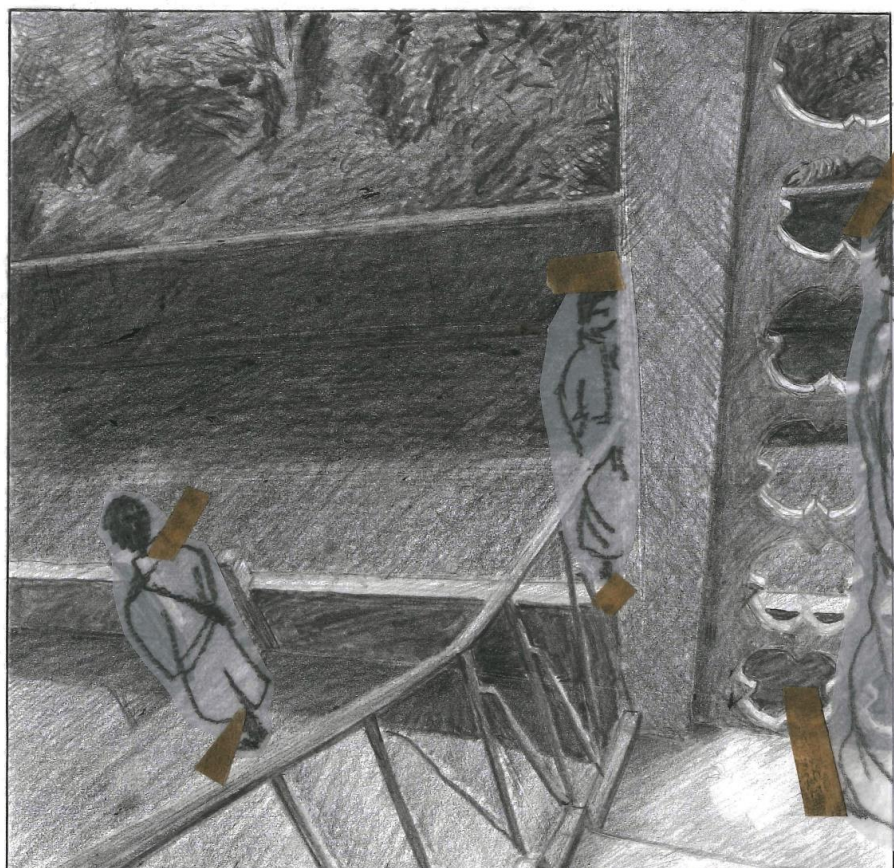




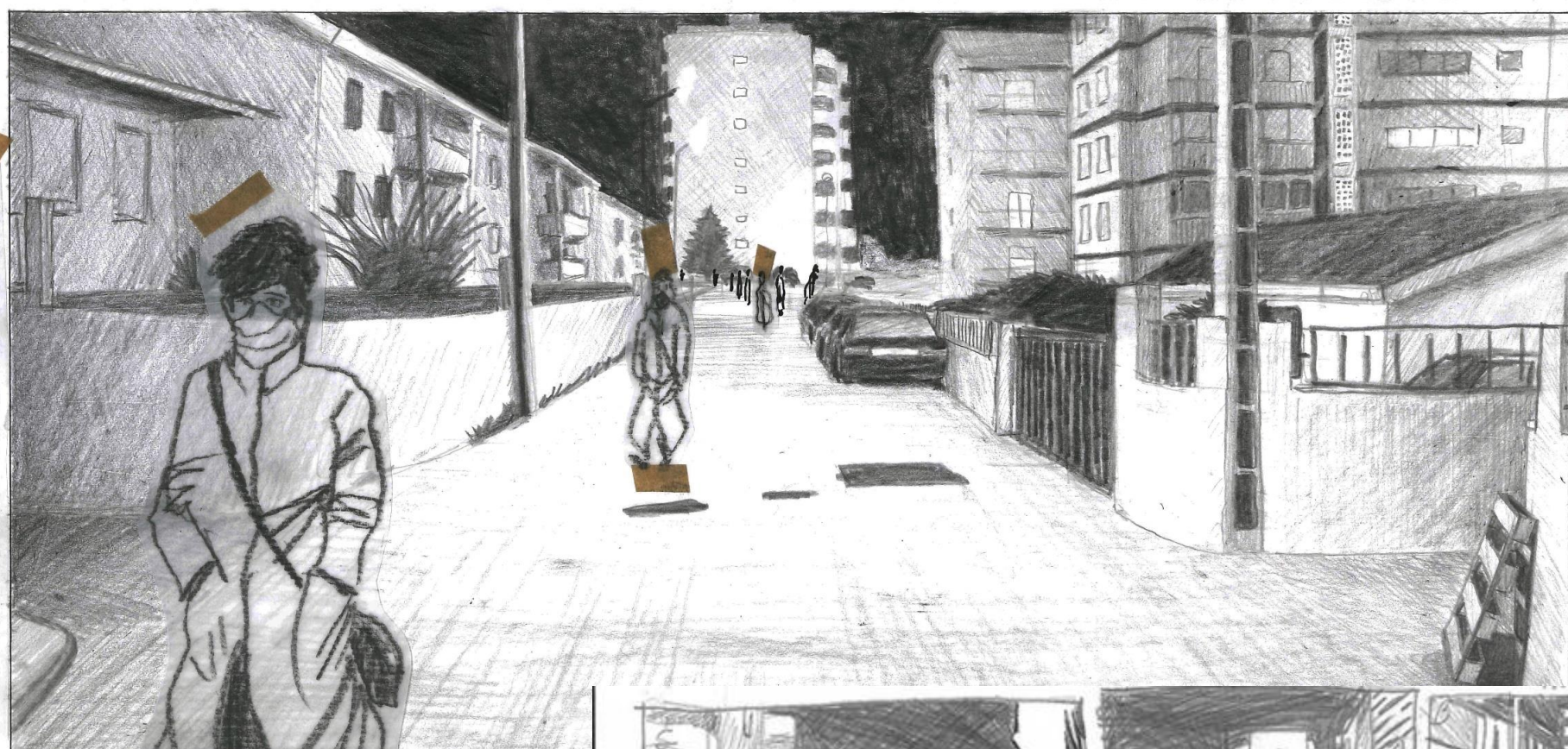
O Movimento do andar reflete-se no gesto e dar fresco



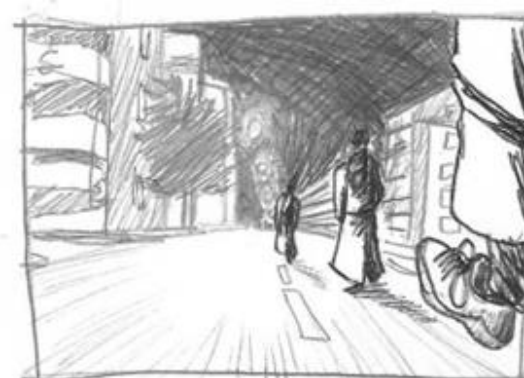
do norte reve de movimento



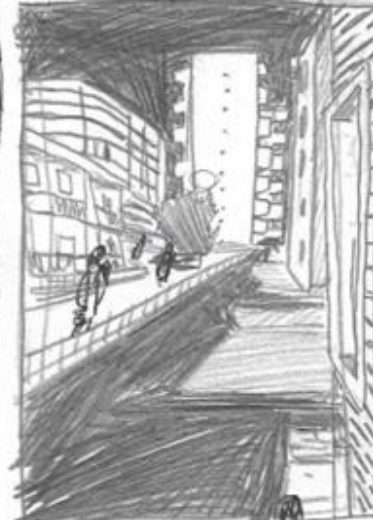
Para um ciclista perdido na



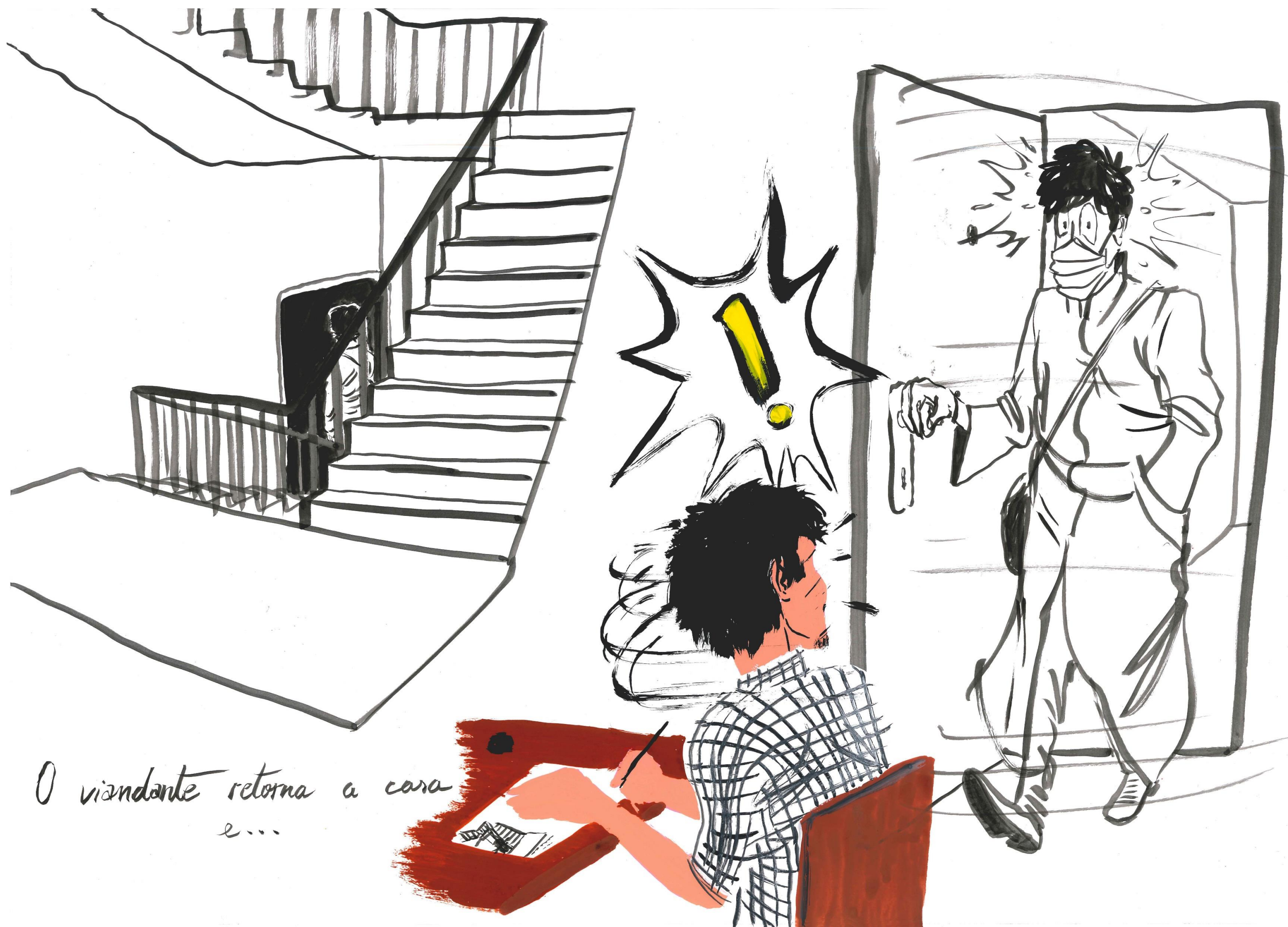
noite Encontrado no



Após um dia cheio
E com um verso rimado



Fica o poema acabado
Assim, fica sempre mais
melado...



O viajante retorna a casa
e...





Podias ter
avisado que iam demorar...
Vá, pouso o casaco,
vamos jantar!

Exposição *Lugar do Desenho* – Fundação Júlio Resende

Este projeto teve uma conclusão com o evento da exposição de final do 1º ano de Mestrado, no *Lugar do Desenho da Fundação Júlio Resende*, em Gondomar, Porto, Portugal.

Esta foi uma exposição coletiva do nosso trabalho enquanto turma, cuja inauguração foi feita no dia 03-07-2021.

O trabalho que expus não foi uma retrospectiva, mas uma parte do projeto selecionada, curada e logicamente organizada e adaptada ao espaço.



Cinco das 21 páginas originais da narrativa visual d'*O Repórter Viandante* foram expostas na parede, tal como se alguém tivesse estado no quarto encenado na exposição a organizar a história.

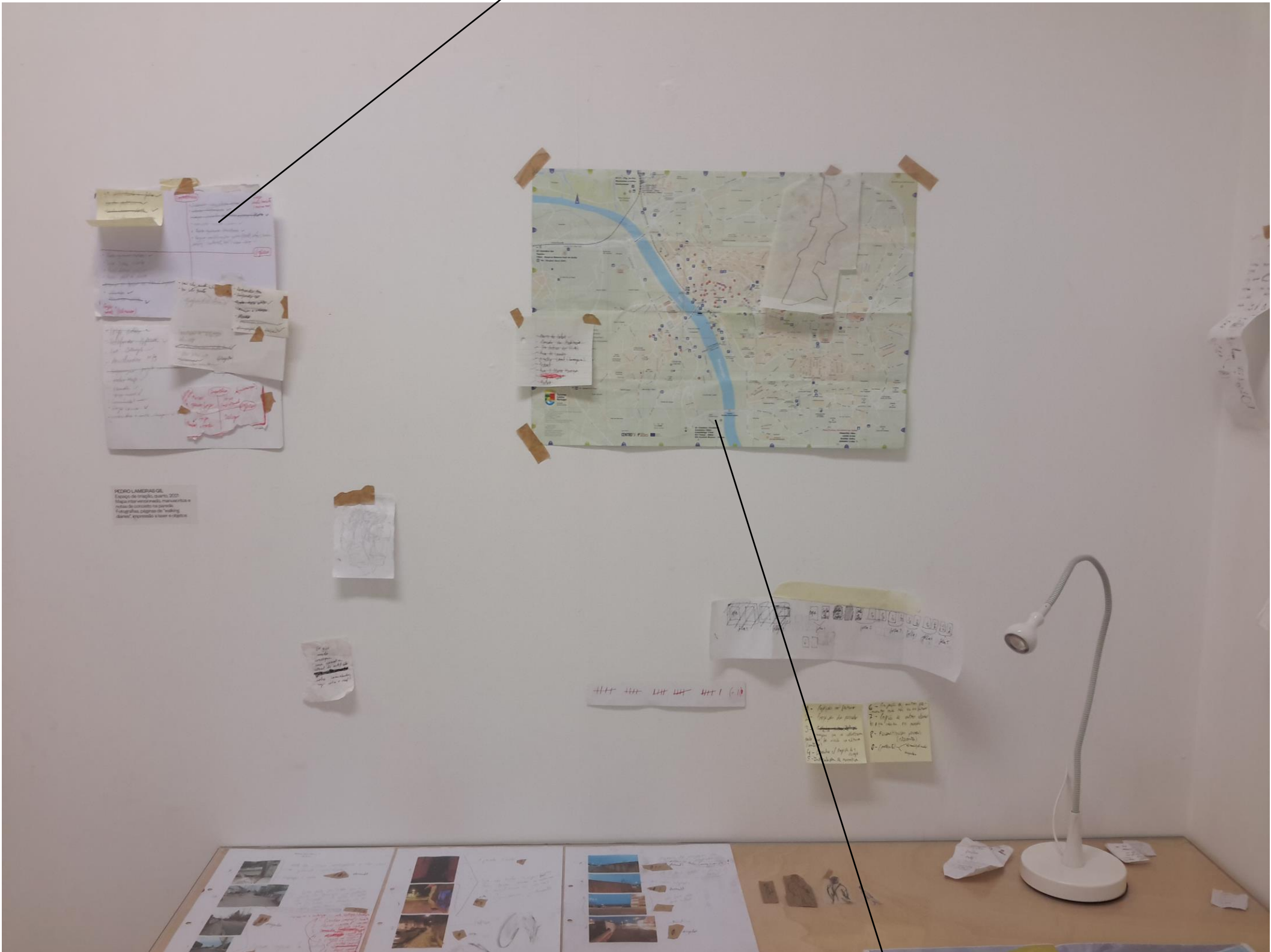


PEDRO LAMEIRAS GIL
O repórter viandante
(páginas 2, 8, 14, 15 e 16), 2021
Grafite, caneta micron, esferográfica,
papel reciclado, papel vegetal, cola,
fita cola de papel sobre papel.

A Segunda parte deste corpo de trabalho é o conjunto de trabalho exposto no canto da sala.



Notas, listas de tarefas, gráficos e apontamentos.



Mapa de Coimbra com apontamentos e desenhos de sobreposição.

PEDRO LAMEIRAS GIL
Espaço de criação, quarto, 2021
Mapa intervenido, manuscritos e
notas de conceito na parede.
Fotografias, páginas de "walking
diaries", impressão a laser e objetos

Personagens desenhadas e recortadas a inserir nos desenhos

Página nº9 dos Walking diaries e fotografias de referência



Bandas desenhadas da página nº9 dos Walking diaries

Narrativa visual impressa a laser d'O repórter viandante (A4)

O último conjunto: a gabardine utilizada nas caminhadas pendurada na parede, com alguns mapas, desenhos em papel vegetal e fotografias da cidade nos bolsos e a alegada câmara fotográfica que aparece na edição final de banda desenhada.

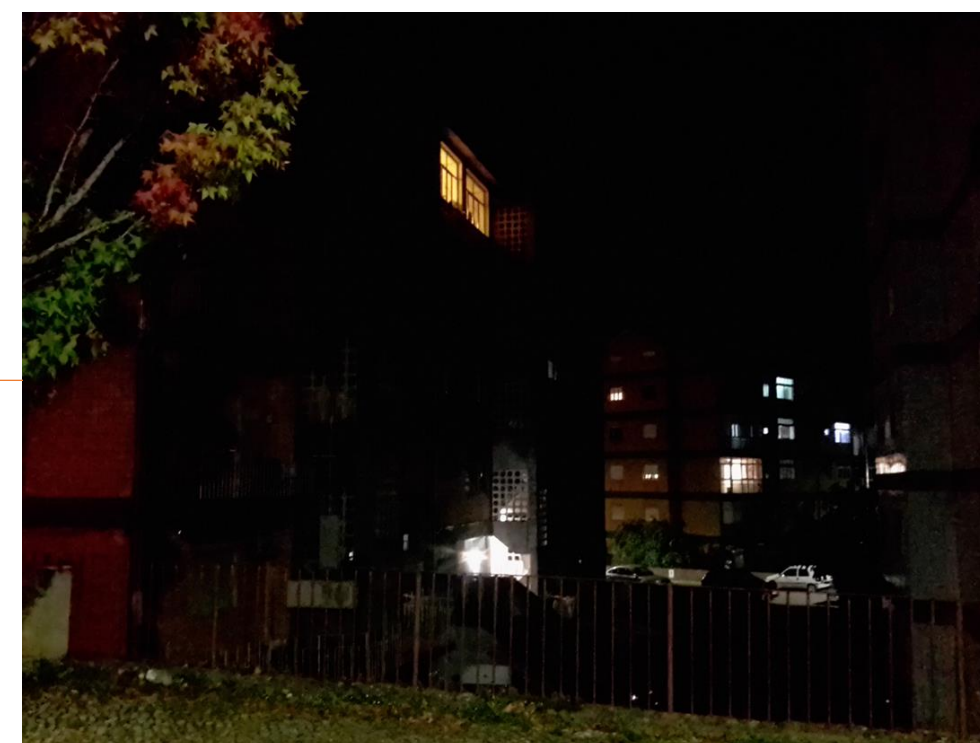
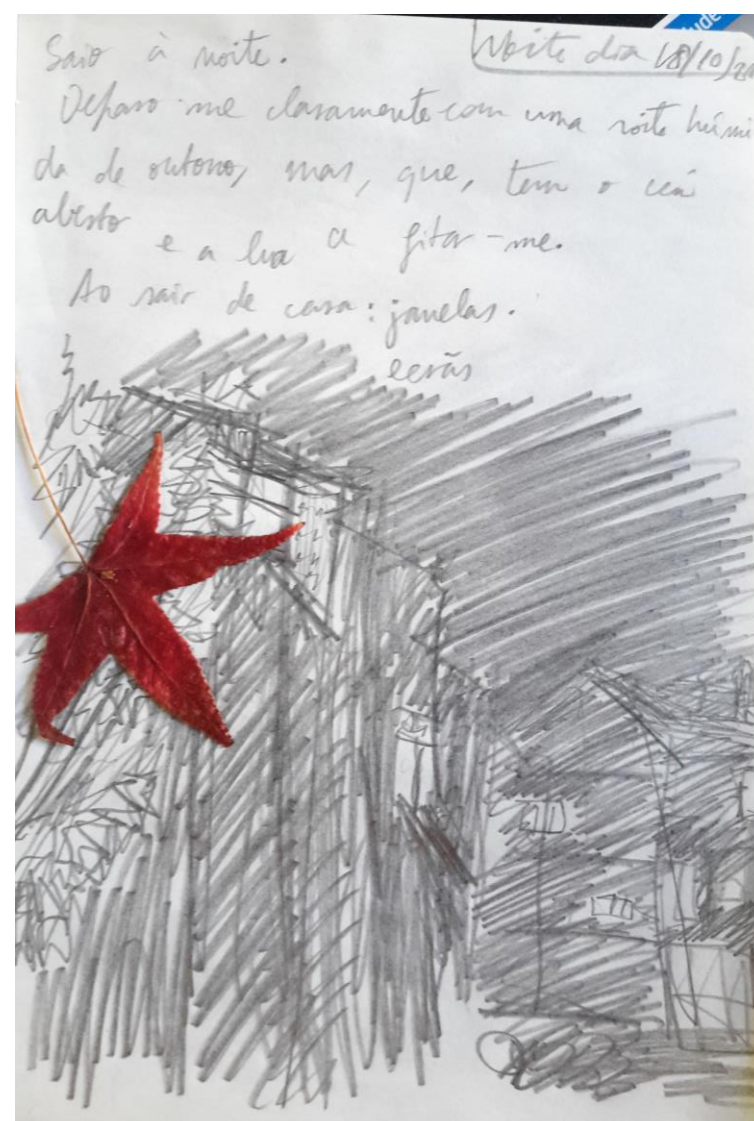


PEDRO LAMEIRAS GIL
Gabardine e câmara fotográfica, 2021
Objetos encontrados.

Walking diaries - vol.2

O projeto d'O *Repórter viandante* começou com os walking diaries e modificou-se mais tarde com a criação adicional dos meta-diaries.

Esta é a Segunda fase do projeto, que tenta unir estes dois tipos de diário num só.

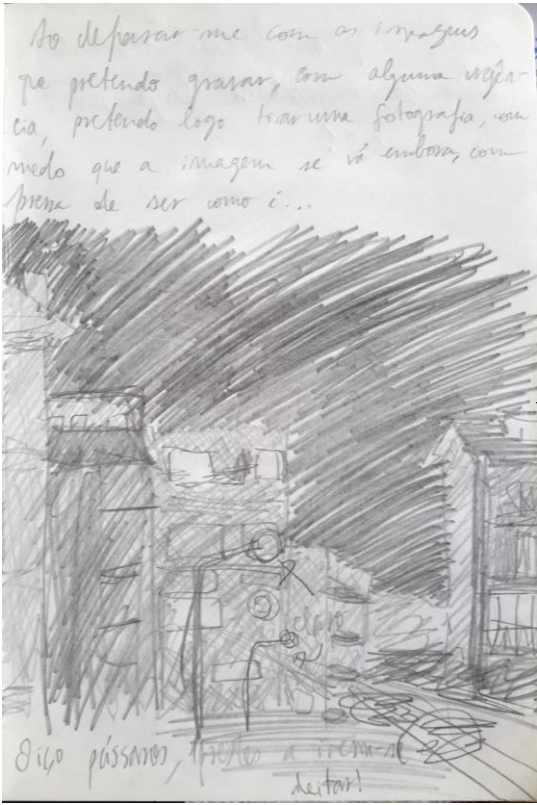
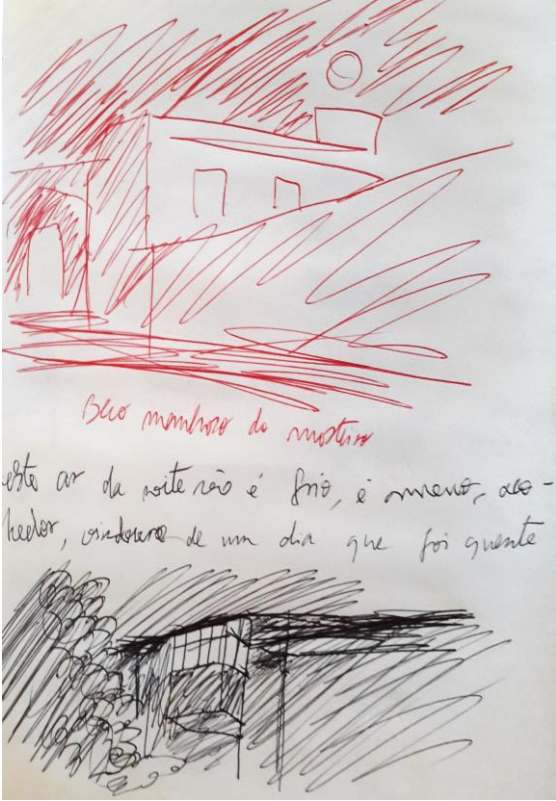


Um novo ano letivo começou e a mesma metodologia continua a ser utilizada neste projeto. A exploração continua através da segunda parte dos *walking diaries* no Segundo ano do meu Mestrado...

Existe porém, um novo contexto prático: o isolamento profilático relativo à pandemia que acompanhou os diários acabou. Por isso, qual é o motive de viandar e repórter o espaço e tempo que experiencio pela cidade, com este novo paradigma? Talvez seja descobrir como transformar a realidade em histórias fictícias. Talvez seja refletir sobre as cidades de Coimbra e Porto, onde vivo. Pensar sobre estes espaços, jogar com as suas características e até talvez misturar as suas dimensões.

Ainda não sei ao certo, mas acho que a jornada irá despoletar algum resultado em concreto.

Nesta primeira página deste novo âmbito, foram desenhados espaços vistos no próprio momento para analisar como podem os desenhos funcionar enquanto ferramenta de registo diarístico.



Como já disse, desta vez não me apoiei tanto nos registos fotográficos, mas sim no desenho *in situ* e de observação direta.

Foi utilizada principalmente esferográfica e lápis para desenhar as paisagens. Estes dois materiais ofereceram resultados com aspeto de esquisso ou esboço cru, mas ao mesmo tempo genuínos, que se refletiu no lado urgente de captar cada enquadramento assim que cada linha era traçada. Não só isto se aplicava ao espaço, mas também ao texto de reflexão integrado nos desenhos.

“Até nos desenhos mais acabados e melhor conseguidos existe um grande... sentido de imediatismo que existe na maior parte das pinturas.”

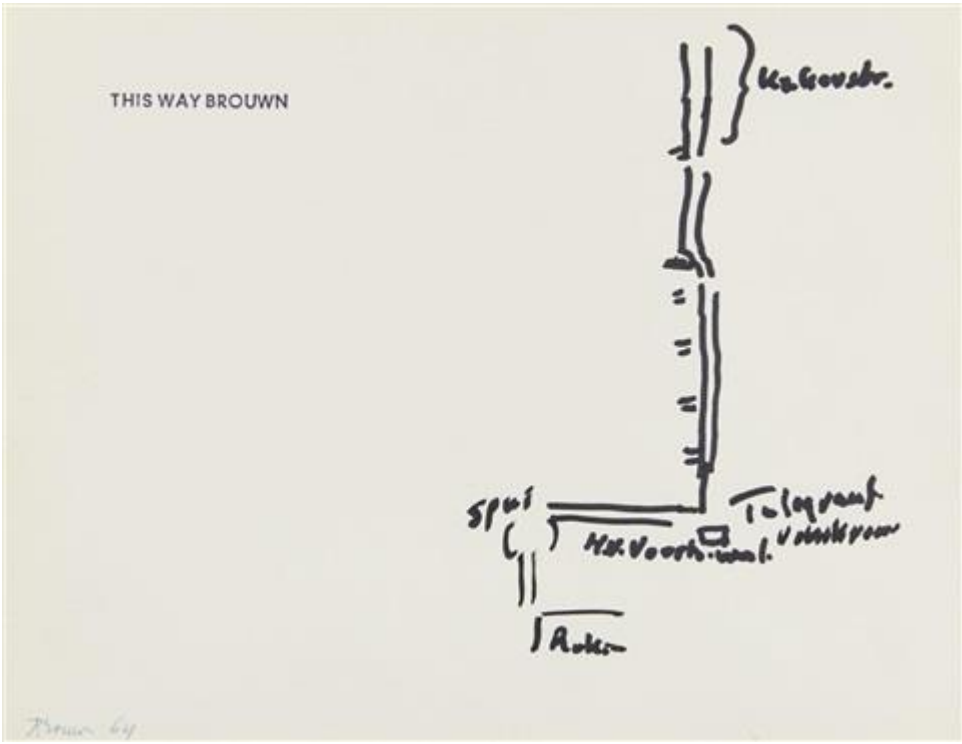
“Não surpreendentemente, críticos e historiadores de arte também são parciais relativamente a este posicionamento do desenho como acesso à mente do artista.

$$\left(\begin{array}{c} \vdots \end{array} \right)$$

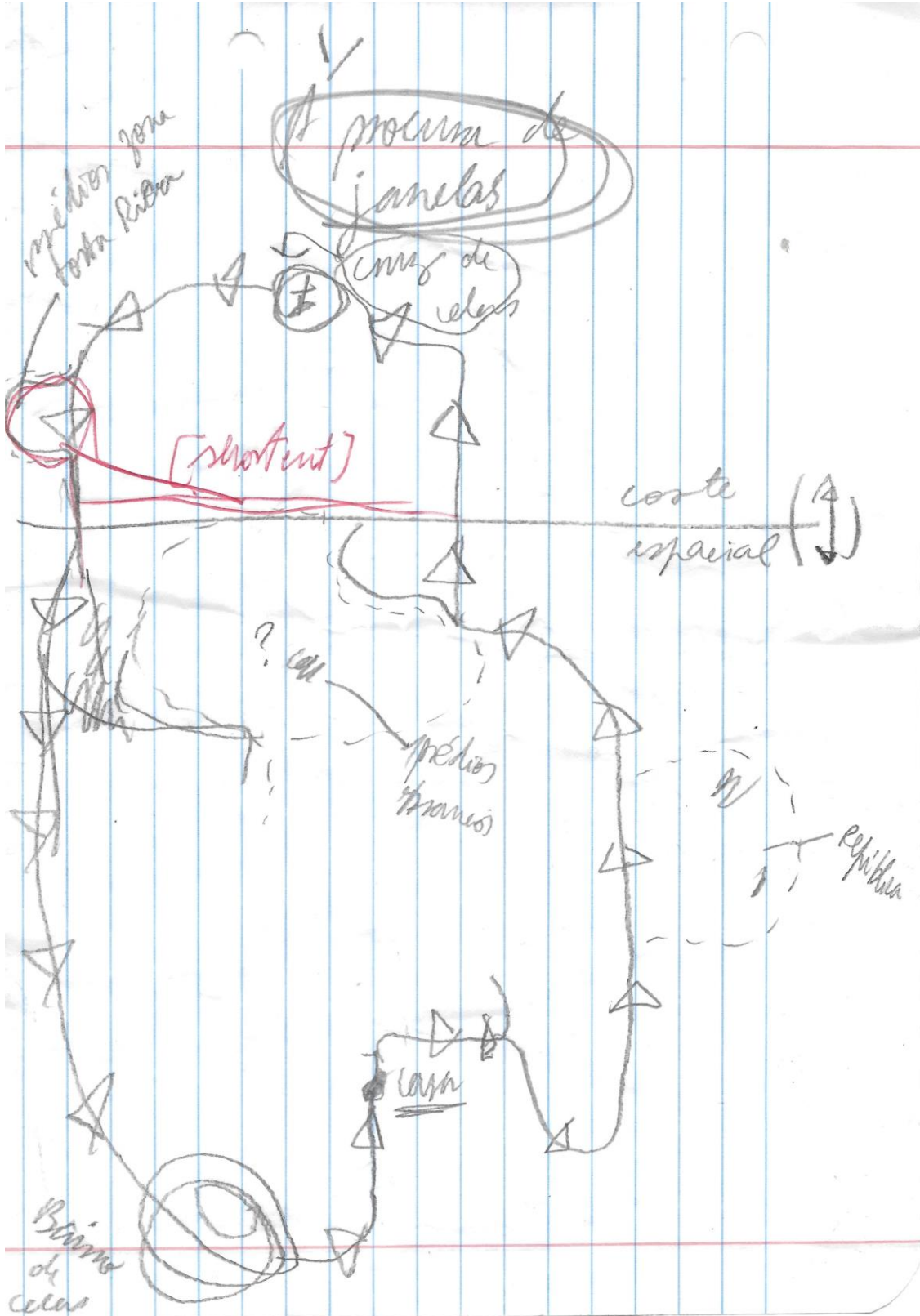
Sem dúvida, “imediatismo” é uma palavra que recorre com cada vez mais frequência em textos sobre o desenho.

$$\left(\begin{array}{c} \vdots \end{array} \right)$$

Enquanto Serra explica que a escultura toma forma ao longo de vários passos, “o desenho dá-me um retorno imediato pelo meu esforço. O dar-e-tirar é instantâneo.”

Elizabeth A. Pergam in *Drawing in the Twenty-first Century*

Stanley Brouwn
THIS WAY BROUWN
1964
felt tip pen
24.5 x 31.9 cm.
(<http://www.artnet.com/artists/stanley-brouwn/this-way-brouwn-YUQBZvcmCtby82VJDFJrJw2>)



Este é o plano da caminhada. A minha inspiração para o fazer foi retirada do trabalho de Stanley Brouwn “This way Brouwn”, um trabalho que consistiu em pedir direções específicas na rua, o que deu origem a vários diagramas.

Os diagramas não só mostram , mas também omitem informação , resumem a informação necessária e mais importante a passar.

Pensar sobre o espaço através destes processos rápidos e espontâneos sem qualquer tipo de preocupação interessa-me porque o espaço hodológico requer algum tipo de presença existencial, neste caso, obtido através de linhas.

Desta vez não estava muito preocupado com a organização da página...

Preferi fazer algo mais livre, mais liberto do que as bandas desenhadas que fiz na primeira parte dos *walking diaries*.

Aqui explorei como os desenhos podem ser mais livres de uma fidelidade mimética e realista, portanto, a maioria deles é feita com um “espírito de criança”, inspirados nos cartoons e na minha opinião, mais expressivos. Algumas imagens são enquadradas, outras não.

Saio à noite.



Deparo-me claramente com uma noite
fúria de Outono, mas, que, tem o céu
aberto e a lua a fitar-me.



Às portas de casa:

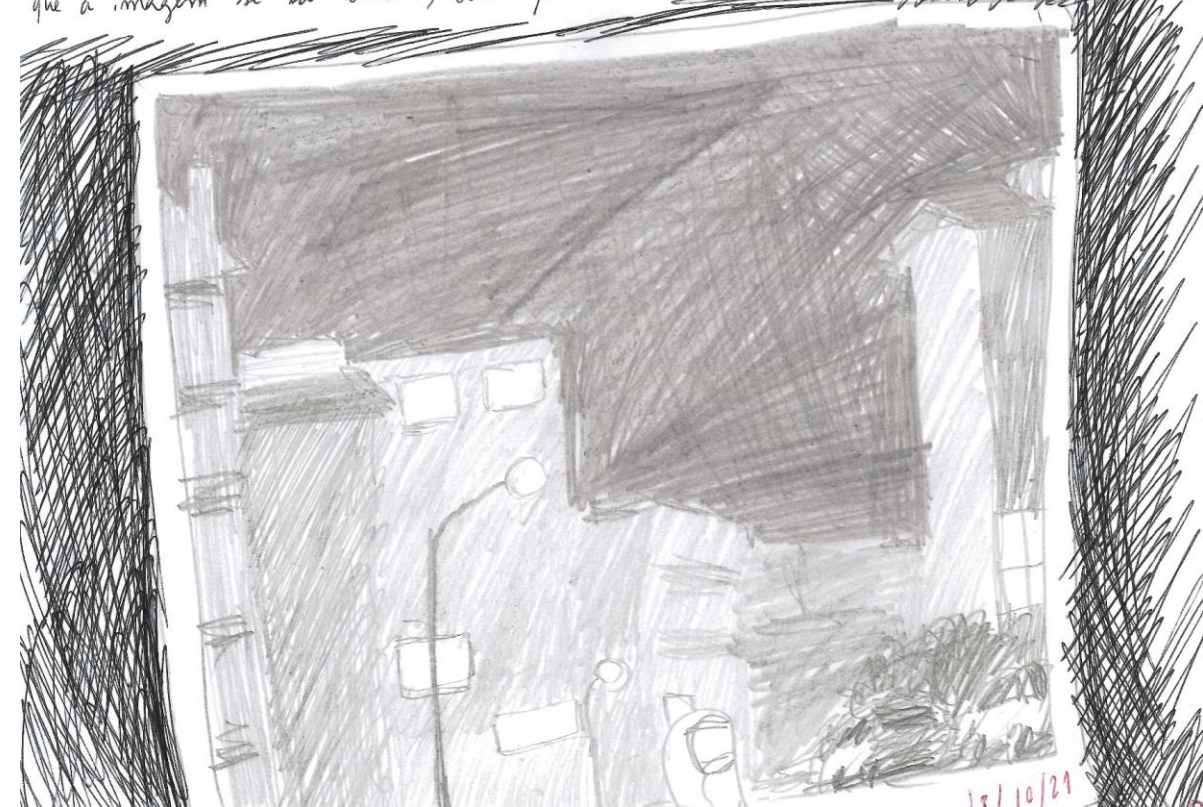


janelas.

Estradas.



Ao deparar-me com as imagens
que pretendo gravar, com alguma urgência,
pretendo logo tirar uma fotografia, com medo
que a imagem se vá embora, com pressa de ser como é....



12/10/21

O foco principal desta caminhada foi expressar o que sinto sobre as janelas das casas à noite, o que torna a paisagem da cidade mais interessante porque funcionam como passagens para os mundos individuais de cada pessoa que as habita.

Olha paisagem, presta a irrem-se do tor!



Sempre quer saber...



Porque é que eles se levantam logo às 4 da manhã?



Touso lanço e cantando...



... se projetam daqueles mundos.



Salas de estar...



... onde o conforto dese reinar...



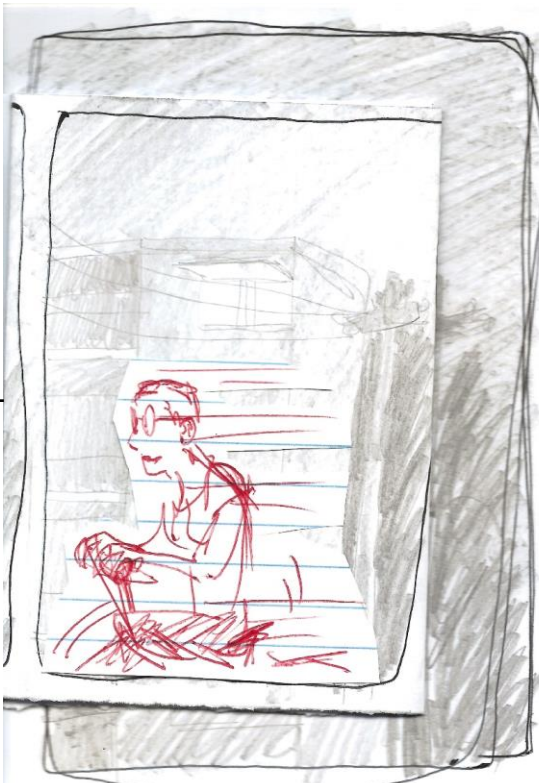
Hei de entrar por aqui a dentro, um dia!



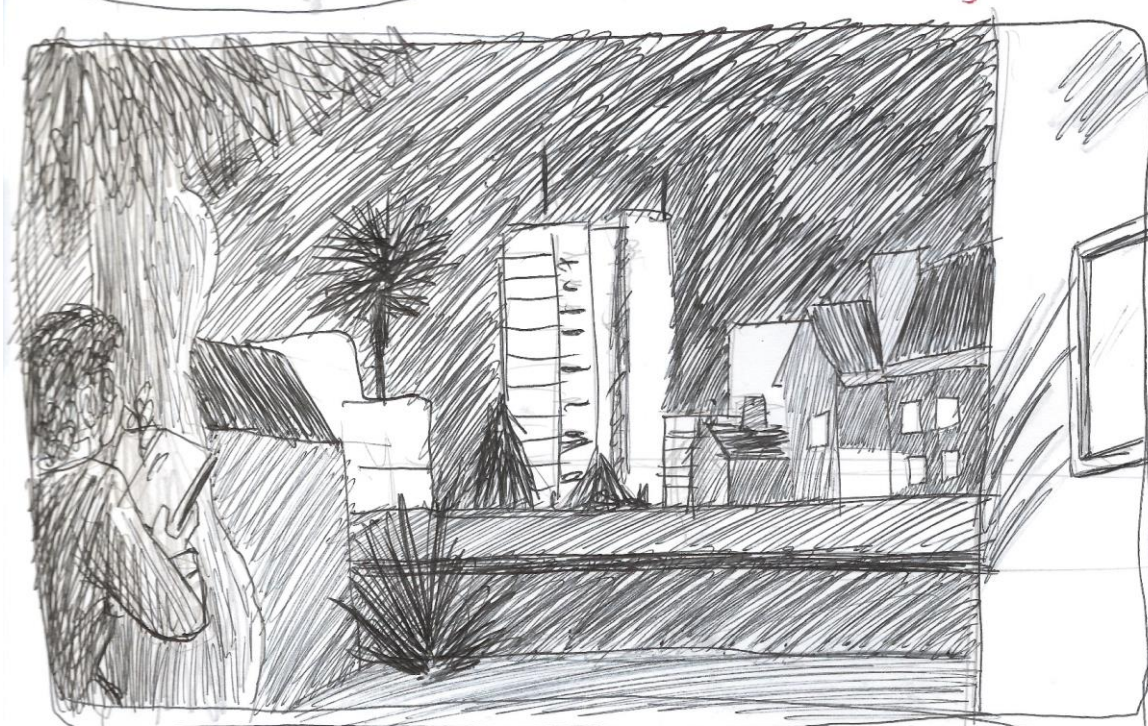
A lua é um poste... apenas



Este desdobrável foi feito para ilustrar os vários momentos descritos no texto da narrativa, que aconteceram no mesmo espaço em questão.



Claramente, a música "Confians" dos Weather Report não me sai da cabeça.
Lá atrás só ouço "ão!ão!".
Uma rapariga de óculos, cabelo curto, passa por mim de bike.
Uma tinturadora range dentro da casa.



Um sentimento de familiaridade não sai de mim. Uma vontade de viver a vida, estar com alguém especial, sentir o momento mesclar-se com a mesma música de há um bocadinho...



Parece que as personagens, que aqui partilham a mesma personalidade mas em papéis na história diferentes e estão conscientes da existência partilhada de cada uma.

Um é o narrador da história, desenhado a tinta e o outro, a personagem principal (o repórter viandante) é desenhado a lápis.

O narrador explica à personagem principal que eles são diferentes partes da mesma pessoa.



Assim que a personagem principal se choca com todas estas informações sobre a sua ontologia, tem uma crise existencial, mas começa a perceber dimensões de si mesma que desconhecia o que faz com que se torne uma personagem feita também de tinta, como a outra.

Este evento na história mostra-nos a equalização de duas personagens no mesmo plano existencial partilhado pelas duas. Uma é outra e vice versa...

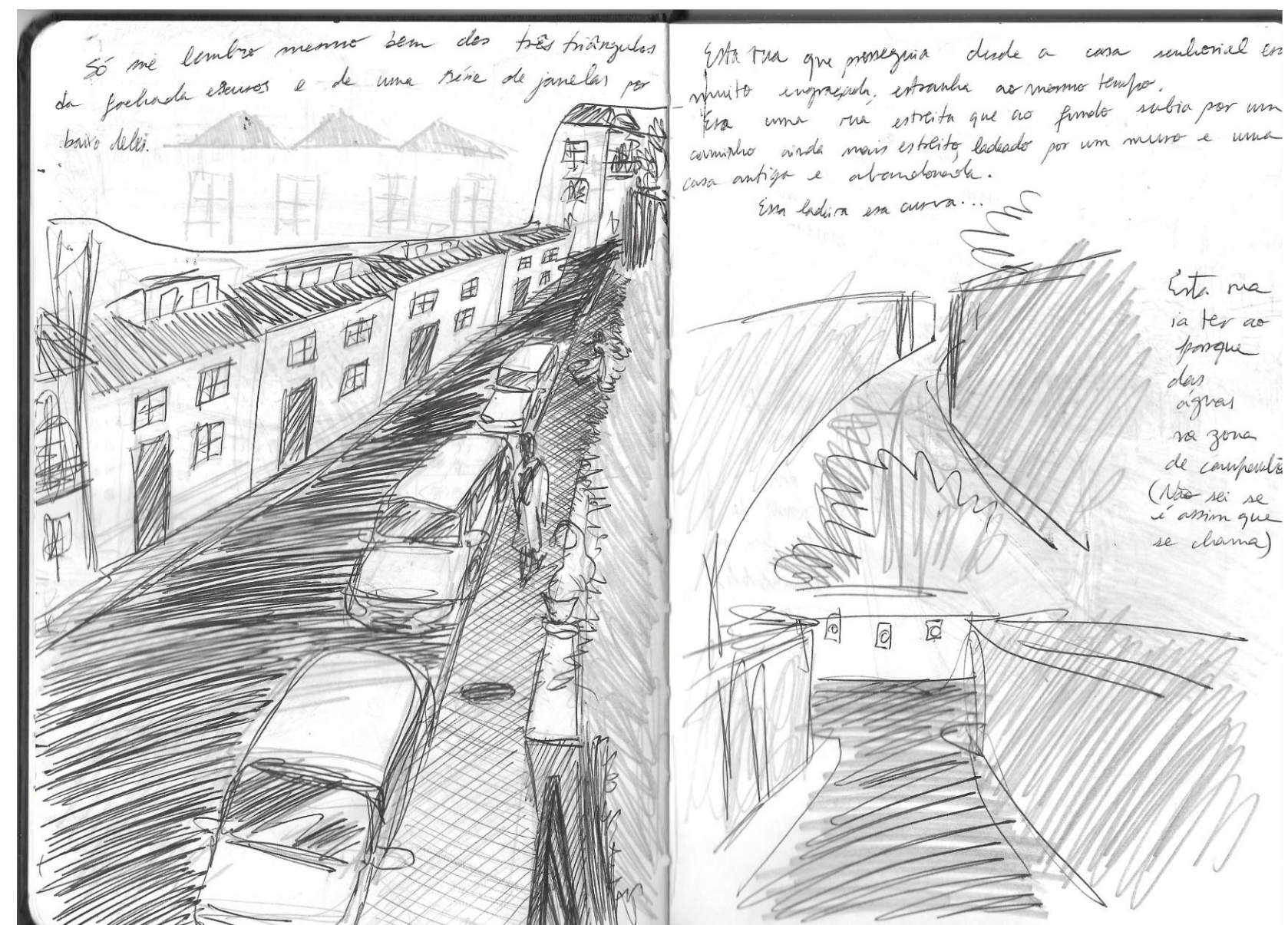
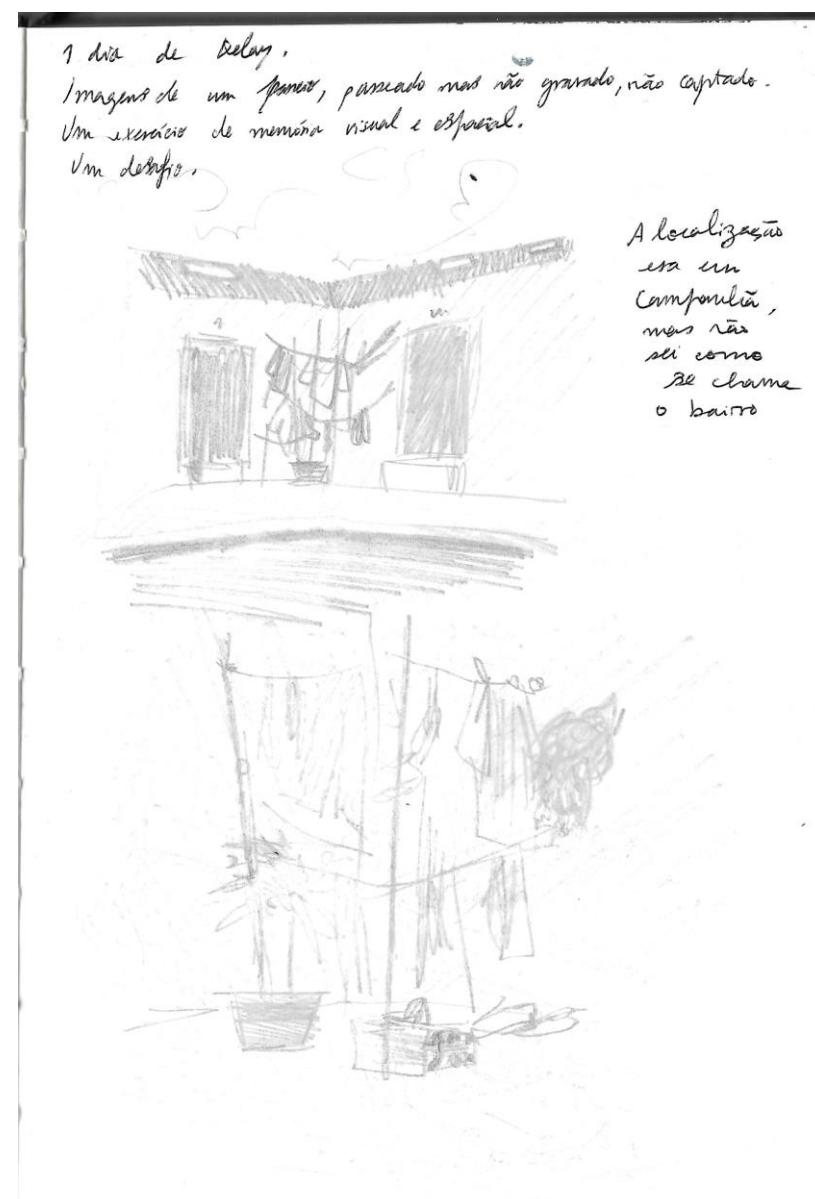
Página 14 – *Passeio sentado em casa*

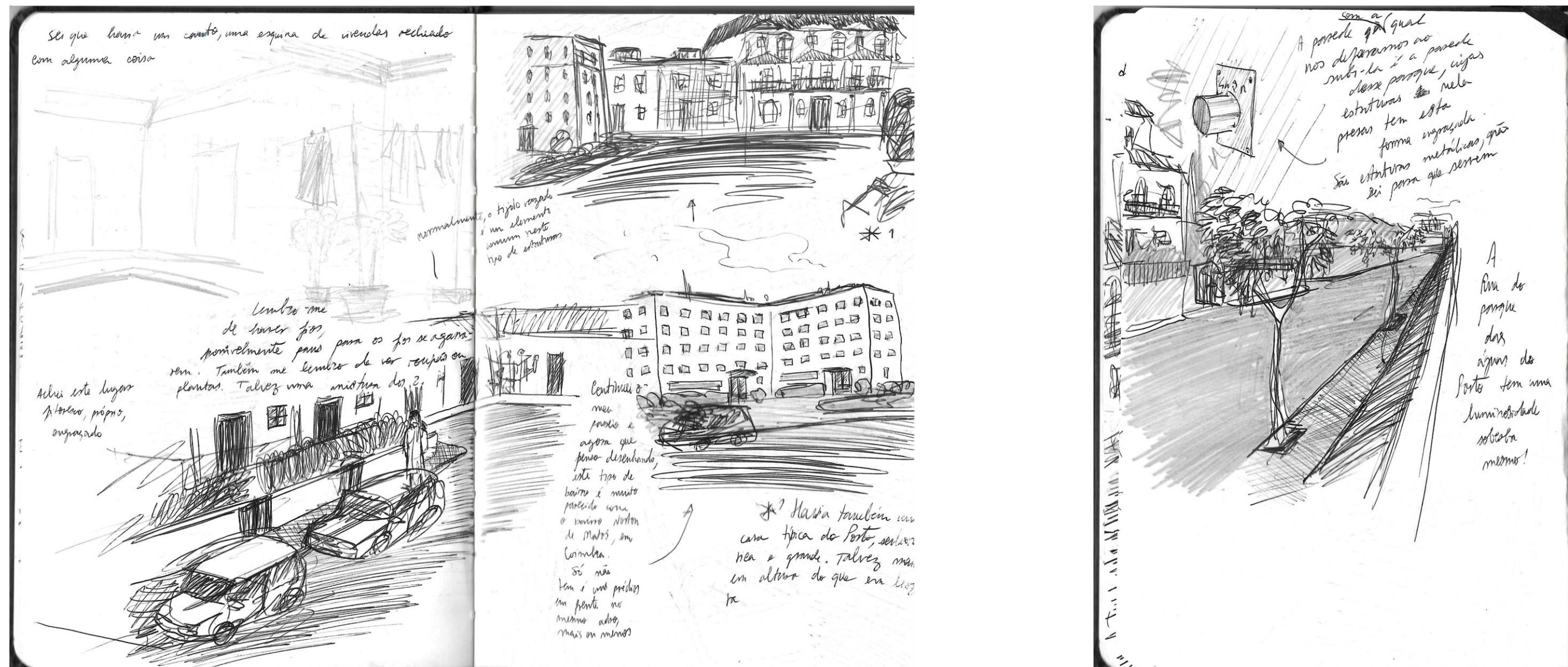
Neste dia, não contava que a caminhada em questão pudesse dar origem a uma página dos diários, por isso, a memória foi o recurso utilizado para reconstruir os espaços percorridos...

No dia a seguir ao passeio, os espaços recordados na mente foram reconstituídos através do desenho.

Este exercício de memória permitiu perceber que informação visual a mente exclui e filtra das coisas apreendidas todos os dias.

Estes foram os desenhos de memória dos espaços recriados no dia após a caminhada:





Esta banda desenhada tentou ser menos poética que a anterior. Na vida e na arte, existe uma coisa bastante importante: o lado implícito das coisas.

Talvez neste caso, a informação disposta na narrativa tenha sido desproporcional. Muitas vezes as imagens não necessitam de uma descrição em demasia ou de um texto que descreva tudo o que se passa narrativamente.

Talvez a qualidade deva ser priorizada sobre a quantidade.

Tem sido muito difícil trabalhar por casa, começar este semestre, não tem sido tarefa leve! Esta foi portanto, uma caminhada feita durante o dia!



O intuito não era o de fazer uma investigação repórter... Apenas fui assumir um contrato de trabalho à sede da empresa para a qual trabalhava...



Deus que naquele momento me arrependi de não ter trazido a minha máquina fotografica! Oh!



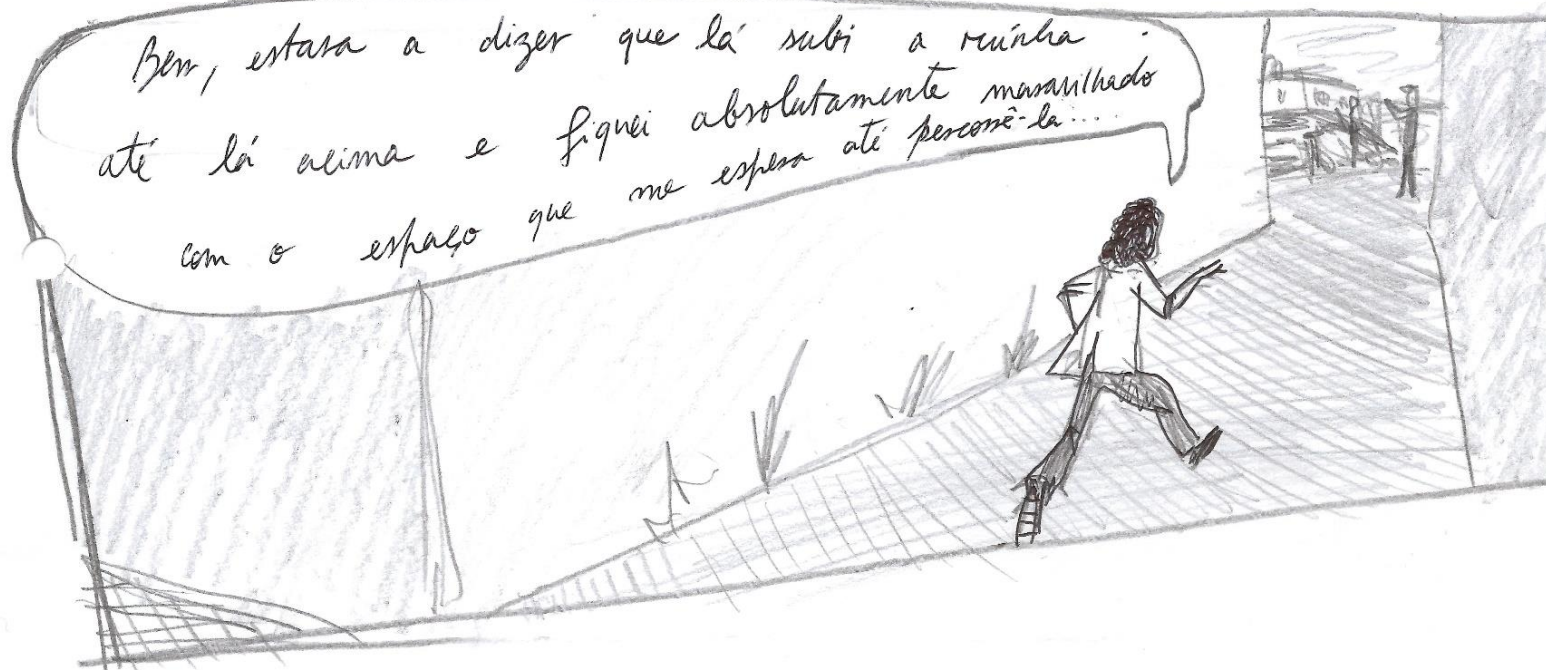
Mas... Que raio! Isto... é mais ahim!



Ooooooai está!



Bem, estava a dizer que lá subi a reunião até lá acima e fiquei absolutamente maravilhado com o espaço que me espera até percorrer-la...

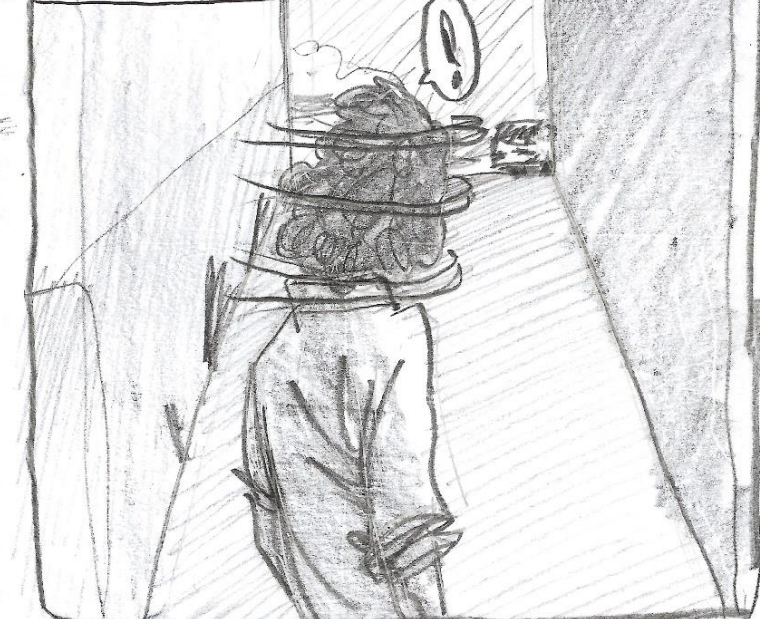


Aproveitei e pensei também por uma escala de condução para saber os termos e condições e se tiro a carta de reg.

É nestes momentos, nos mais bonais, que podem acontecer as coisas mais imprevisíveis...



Foi então neste momento, que me deparei com um beco. Olhei e logo a luz que do seu fim via, me atraiu o olhar!



Arrependi-me pois para pensar se queria avançar com este lado investigativo/artístico numa caminhada que nem foi pré-destinada por isso

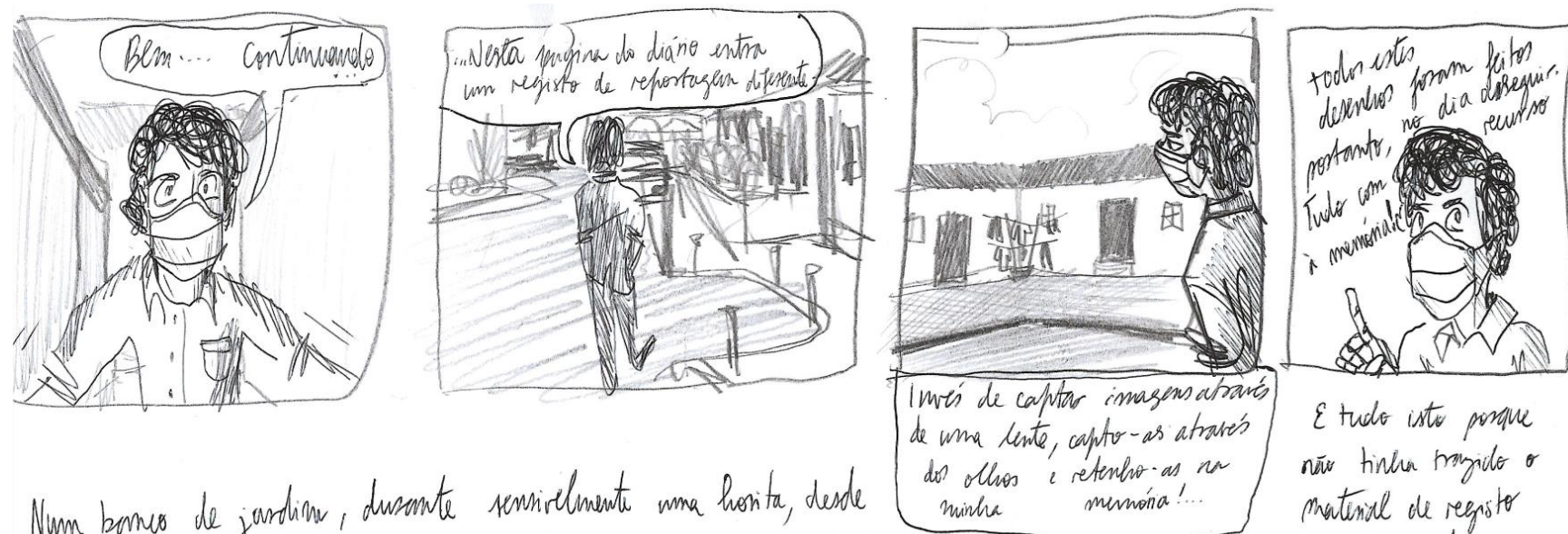


WHAT?! Mas... Oh meu deus!



Ai! É o que dá estas mudanças meta nas histórias, repen- ammm...





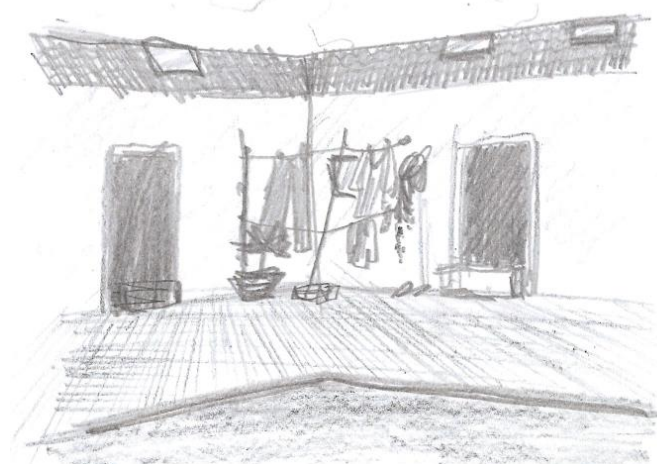
Num bairro de jardim, durante sensivelmente uma hora, desde
~~meio dia~~ as 11 da manhã
 até ao meio-dia.



Pretendi assim desafiar-me a trabalhar com o único
 recurso que tenho comigo.
 O meu fuzar, o mais frágil e talvez o menos fidedigno.



A localização era em Campanhã, mas não sei como
 se chama o bairro



Só sei
 que
 havia
 esta
 esquina

1 Dia de clay.
 Imagens de um passeio, passeado mas não gravado, não aqui
 Um exercício de memória visual e espacial
 Um desafio.



Um canto enato pela intersecção de duas ruas,
recheado com alguma coisa



normalmente costuma
passar tipos vagabundos neste
tipo de estúdios.

A minha memória não tem a certeza do que viu,
por isso estou com as ~~suas~~ suposições



Entretanto, fui pesquisar, e
agora sei que a tal
rua se chamava ~~Travena~~
da Formiga

Realmente, ao ver
a Travena em foto-
grafias do Google Maps,
apreciei-me
há imensas
comparando-as
imagens da



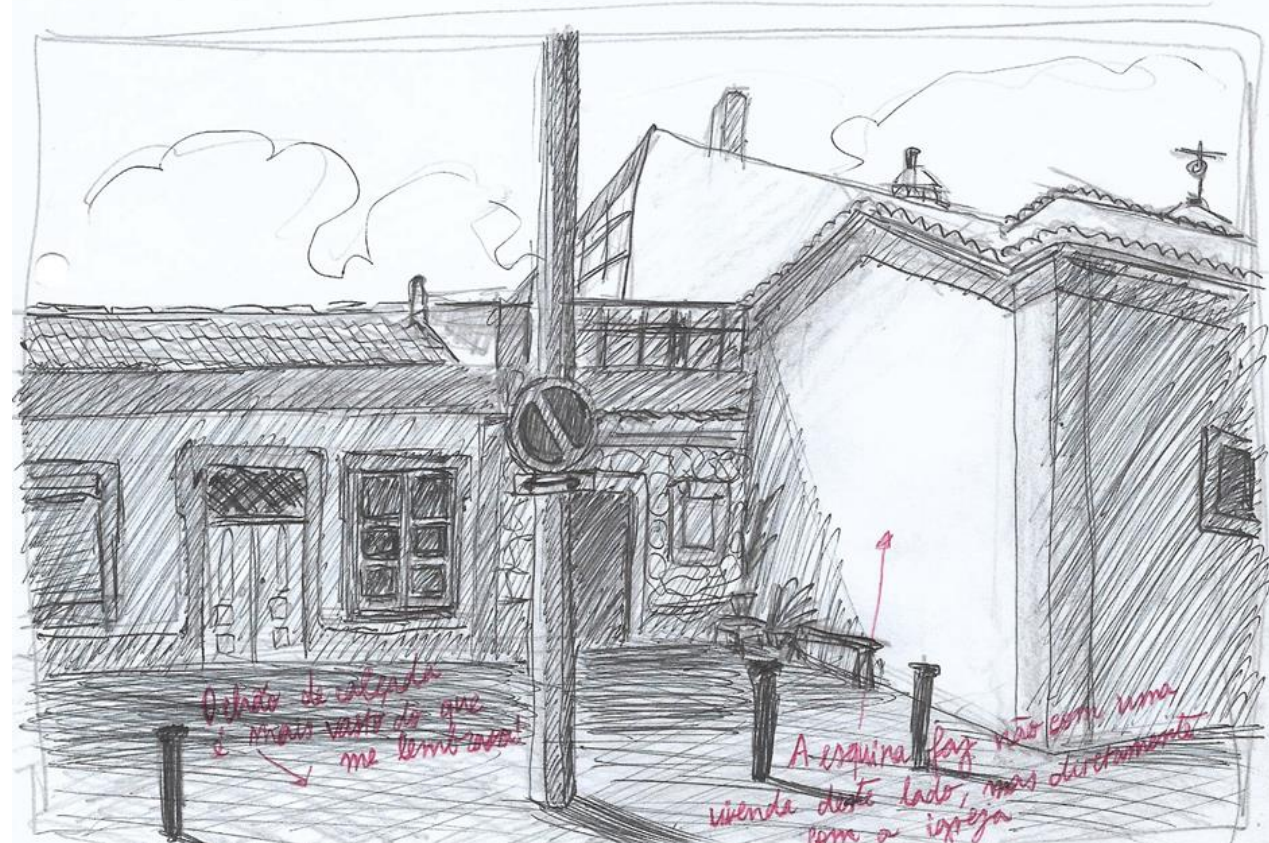
...minha mem
retidas em esq
sas feitas no di
a seguir as par

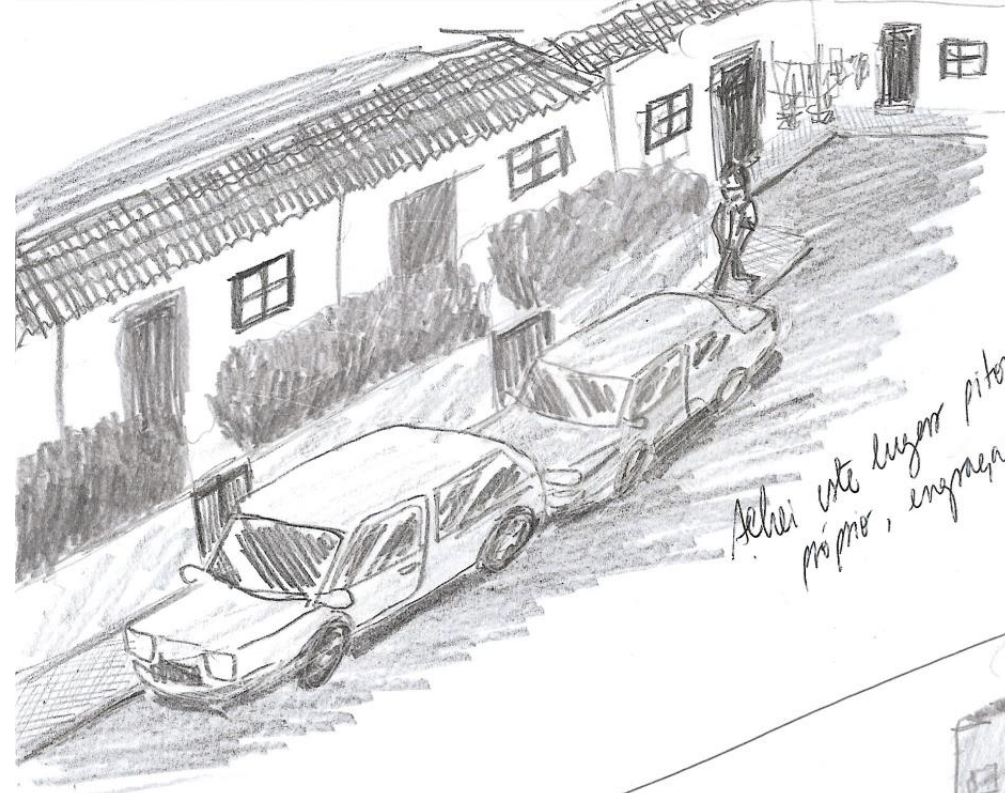
Não vou já apontar as
diferenças todas, apenas daqu
que já falei! Será uma
comparação gradual...



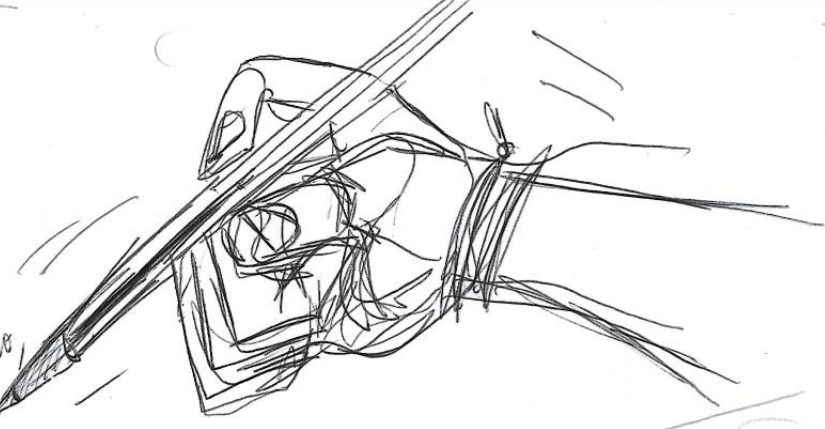
A vista da rua, da Travena, era algo mais parecido com isto,
na verdade.

Já o canto do estúdio, era assim: (Se bem que o estúdio em
si é algo que podia estar montado de maneira diferente no dia em que
passi por ele).





Selecionei este lugar pitoresco,
próprio, engraçado



Continuei o meu passeio e
agora que penso desenhando,
este tipo de bairro é muito
parecido com o Bairro Norton
de Matos, em Coimbra.
~~Só não tem~~



FSK!
FSK!

Havia também uma
casa típica do Porto,
senhorial, rica e grande.
Talvez maior em altura
do que em largura.



TSK!
TSK!

Só me lembro mesmo bem
dos três triângulos da fachada e da
e de uma série de janelas por baixo
deles



Será que os 3 triângulos
do casarão são reais?



Só me lembro mesmo bem
disto da fachada e de uma
de janelas por baixo
deles.

Mas uma vez a "canística" do desenho
amm...-re, como podem ver!

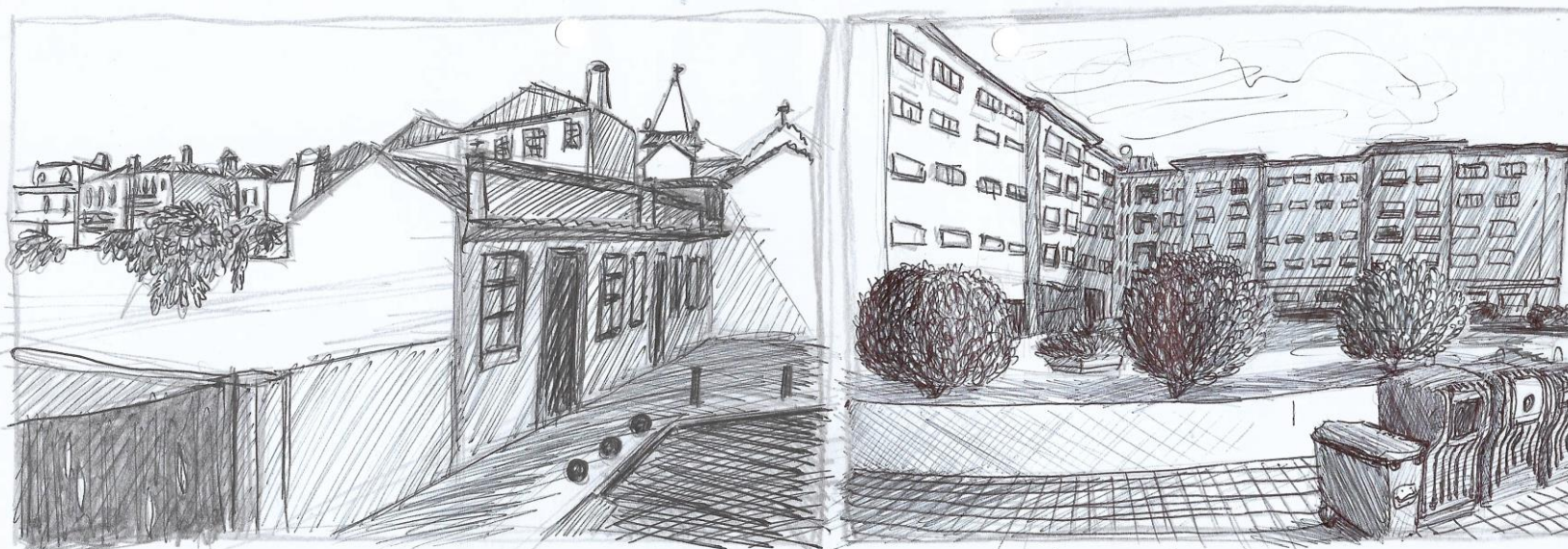


O casarão na verdade,
é só uma casa.

Não é tão monumental
como pensava que era...

Mas tem uma mesma
os triângulos!

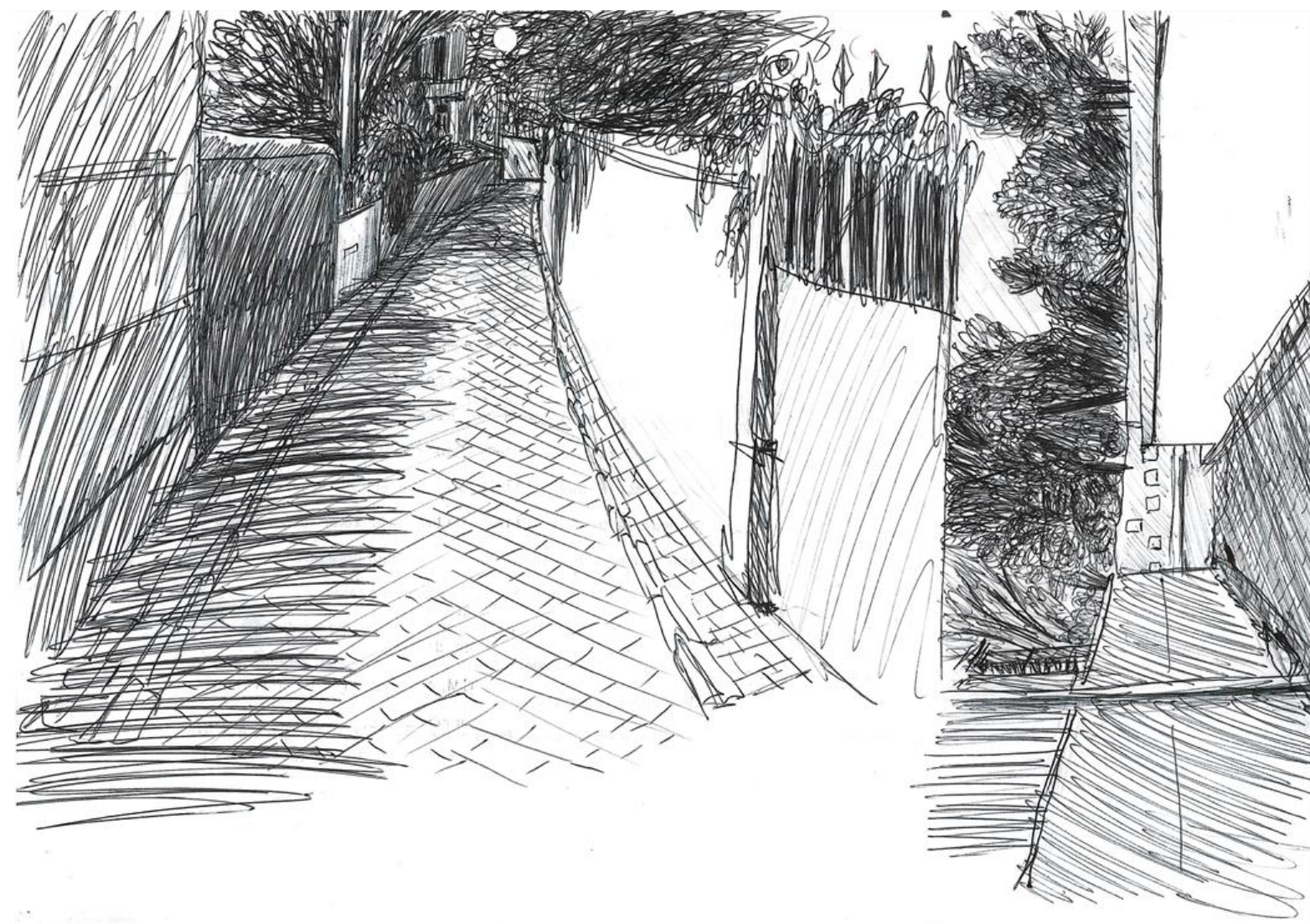
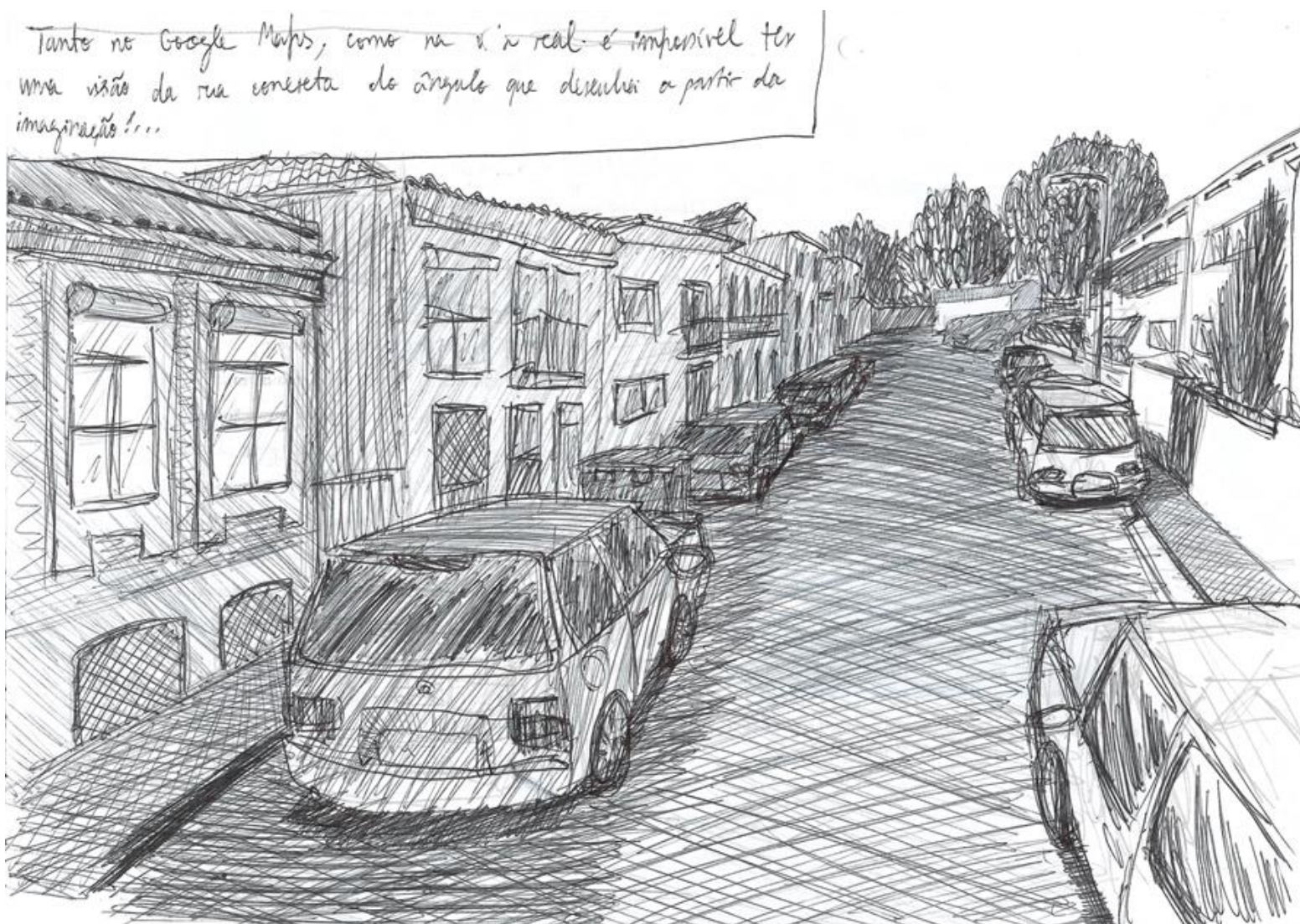
São 5 na verdade!



O pátio era mais anim

Os prédios amm...







Conclusão disto tudo:
Fiz uma caminhada sem ter sequer
pensado fazer



Consegui reproduzir algumas coisas
através da memória e compará-las
com imagens fotográficas

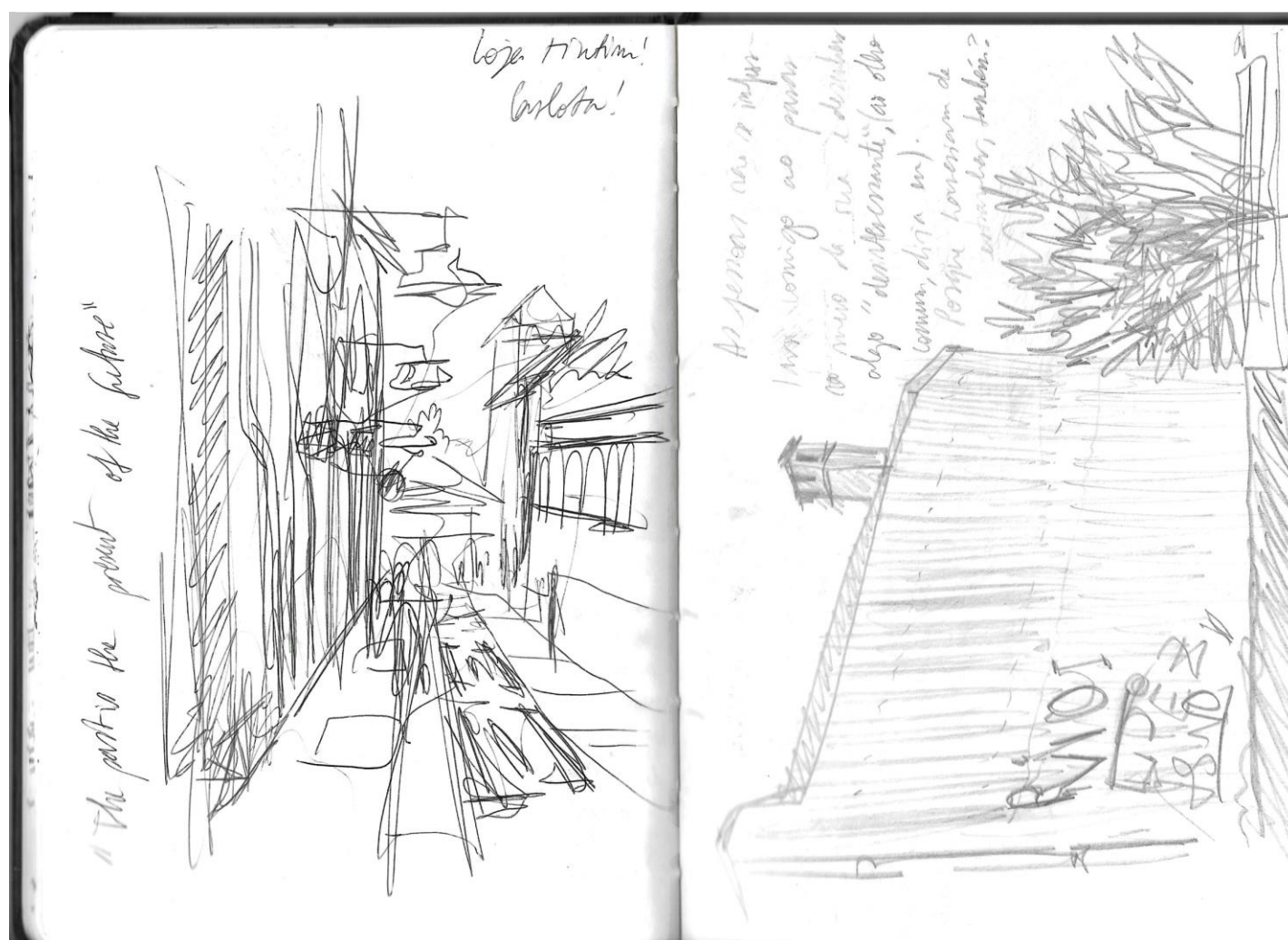


No fundo, foi
um exercício cognitivo
mas eu
visto q
a memória
não
aponta
tudo..

Esta Segunda parte dos diários estão a tomar um aspeto diferente da primeira. Nesta página não foram utilizadas vinhetas o que também espelha a busca por uma liberdade formal cada vez maior e também uma energia e dinamismo diferentes.

Porém, quando a informação aparece em demasia, a história onde esta é inserida pode ficar caótica se não for bem organizada, escolhida e apresentada e a informação visual deixa de ser transmitida ao leitor de forma eficiente.

O novo desafio é saber equilibrar tudo o que há para contra numa história coesa.

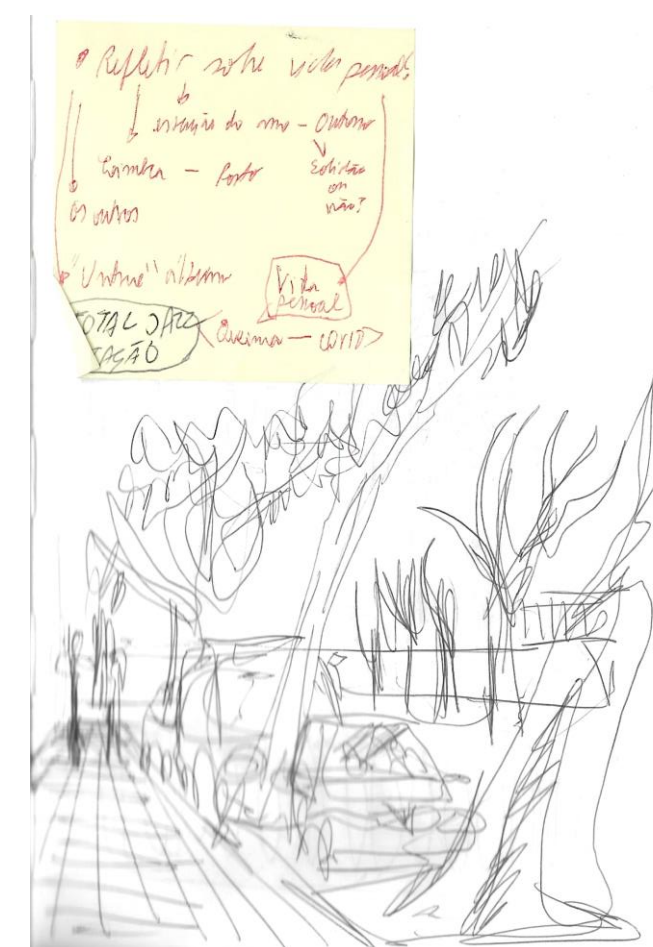
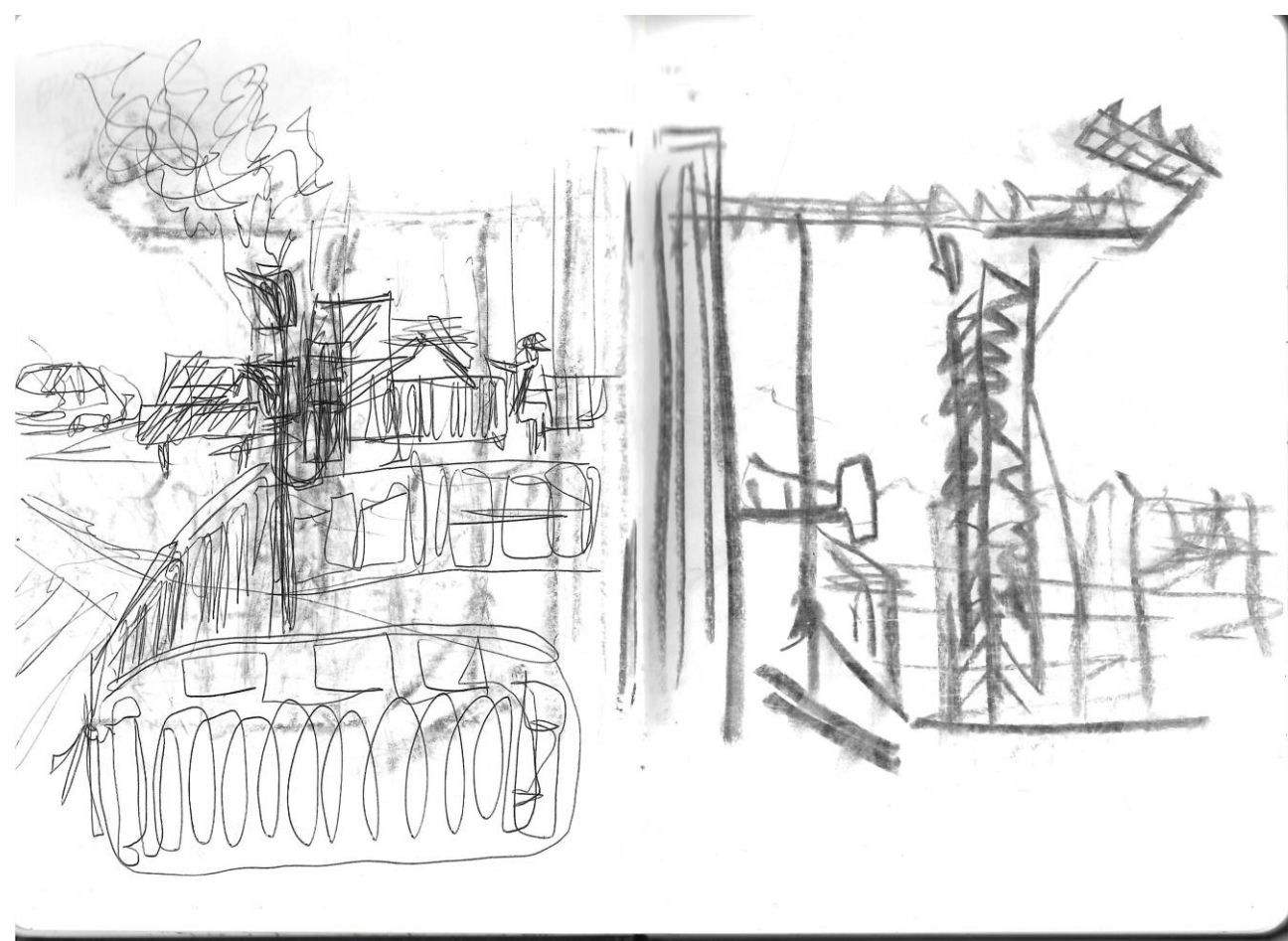


A simplicidade das linhas nesta página dos diários, permitiu-me registrar cada paisagem de forma simples e rápida, com resultados limpos e filtrados.

O esboço de observação direta oferece outro tipo de resultados e processos, porque é um desenho feito no momento e local de cada espaço que quero registrar, o que obriga a ter uma abordagem rápida e de urgência no registro.

Para além disso, oferece uma sensação de ser um agente social por interferir diretamente no espaço público através da arte.

Foucault fala sobre certos trechos da cidade, que são espaços contidos no grande espaço da polis: as heterotopias

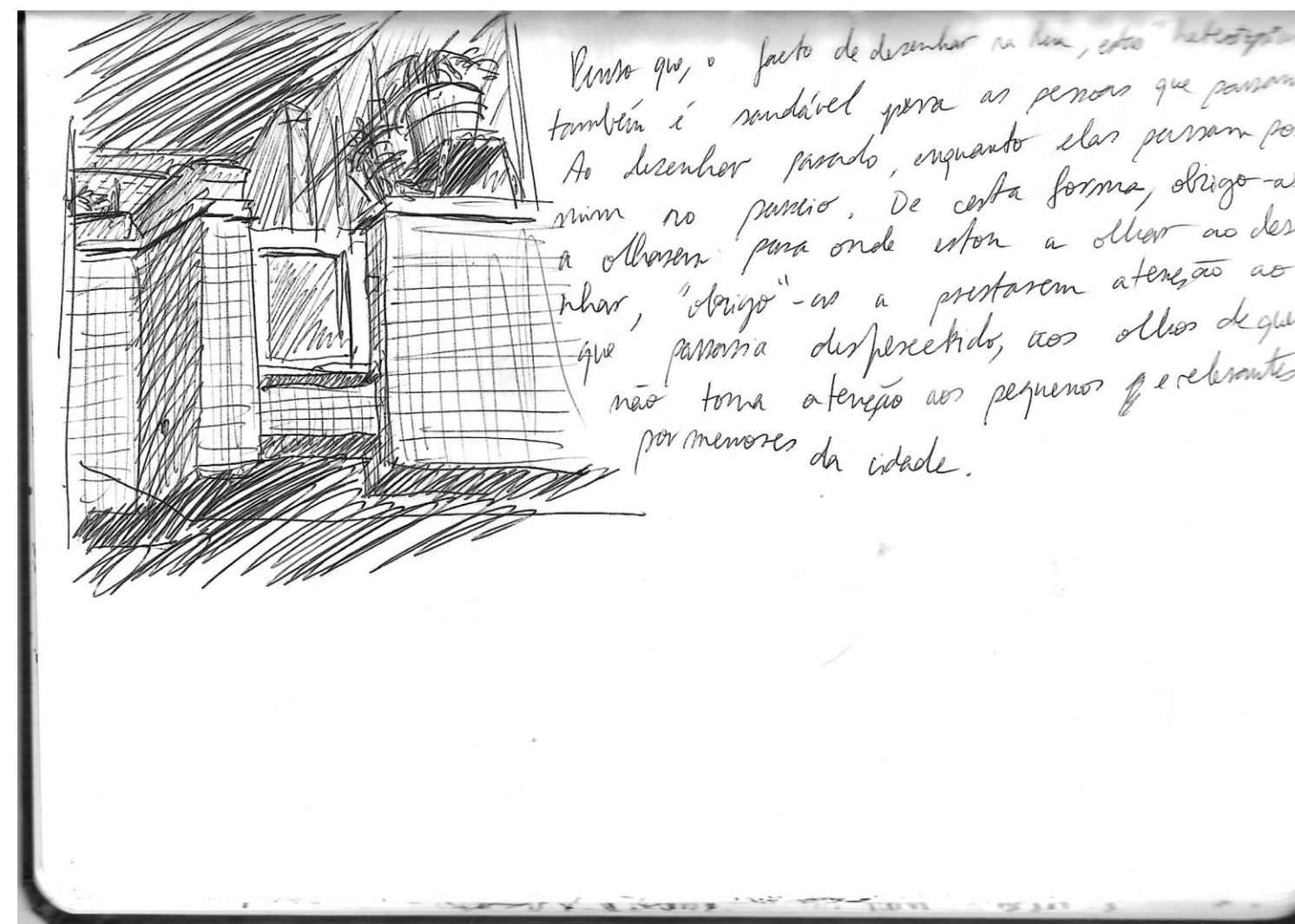


Isto que vou escrever é mais uma reflexão momentânea e pessoal do que outra coisa & às vezes um gravador de voz dava jeito &

O que é fantástico no caminhar é que, nos apercebemos de que, apesar de haver uma espécie de poder soberano na cidade, algo imponente, uma sensação de controlo sugerida pelos prédios, construções e edifícios de grande estatura das grandes corporações e órgãos institucionais sobre o indivíduo na generalidade, existe também (em mim pelo menos) uma grande ~~sentimento~~ sensação de que a grande ~~liberdade~~ liberdade por mim é tida, da democracia da rua. Ao sair, ao caminhar, ao presenciar o espaço social e coletivo do exterior da cidade, há uma sensação de que este também é o meu espaço, de que aqui, também tenho liberdade para fazer dele o que quero. Ser como todos diferentes e iguais ao mesmo tempo, eu não tenho de agir (dentro dos limites daquela que respeito ao outro) conforme o que os outros esperam de mim... Esta é a grande noção liberal e democrática que as ruas a mim, me oferecem!

"Isto que vou escrever é mais uma reflexão momentânea e pessoal do que outra coisa*às vezes um gravador de voz dava + jeito*O que é fantástico no caminhar é que, nos apercebemos de que, apesar de haver uma espécie de poder soberano na cidade, algo imponente, uma sensação de controlo sugerida pelos prédios, construções e edifícios de grande estatura das grandes corporações e órgãos institucionais sobre o indivíduo na generalidade, existe também (em mim, pelo menos) o grande sentimento e sensação que por mim é tida, da democracia da rua. Ao sair, ao caminhar, ao presenciar o espaço social e coletivo do exterior da cidade, há uma sensação de que este, também é o meu espaço, de que aqui, também tenho liberdade para fazer dele o que quero. Se somos todos diferentes e iguais ao mesmo tempo, eu não tenho de agir (dentro dos limites do respeito ao outro) conforme o que os outros esperam de mim... Esta é a grande noção liberal e democrática que as ruas a mim, me oferecem!"

'Penso que, o facto de desenhar na Rua, estas 'heterotopias' também é saudável para as pessoas que passam. Ao desenhar parado, enquanto elas passam por mim no passeio. De certa forma, obrigo-as a olharem para onde estou a olhar ao desenhar, "obrigo-as" a prestarem atenção ao que passaria despercebido, aos olhos de quem não tomam atenção aos pequenos e relevantes pormenores da cidade.'





o replicante não possui
sentimentos
humanos
mas sim
uma programação
para
seguir ordens
e não se importar com a vida

Isto que vou escrever é
mais uma reflexão momentânea e
pessoal do que outra coisa...
Às vezes um gravador de
voz não basta...

Esta página do diário é mais pequena que as anteriores e apresenta a personagem principal feita a guache sobre o resto dos elementos à sua volta feitos a grafite. A razão do destacar da personagem relativamente ao resto da composição tem a sua razão no seguimento das histórias anteriores, onde a personagem principal adquire outro estatuto nas histórias, integrando os três papéis presentes numa autobiografia e autoficção (autor + personagem principal + narrador).

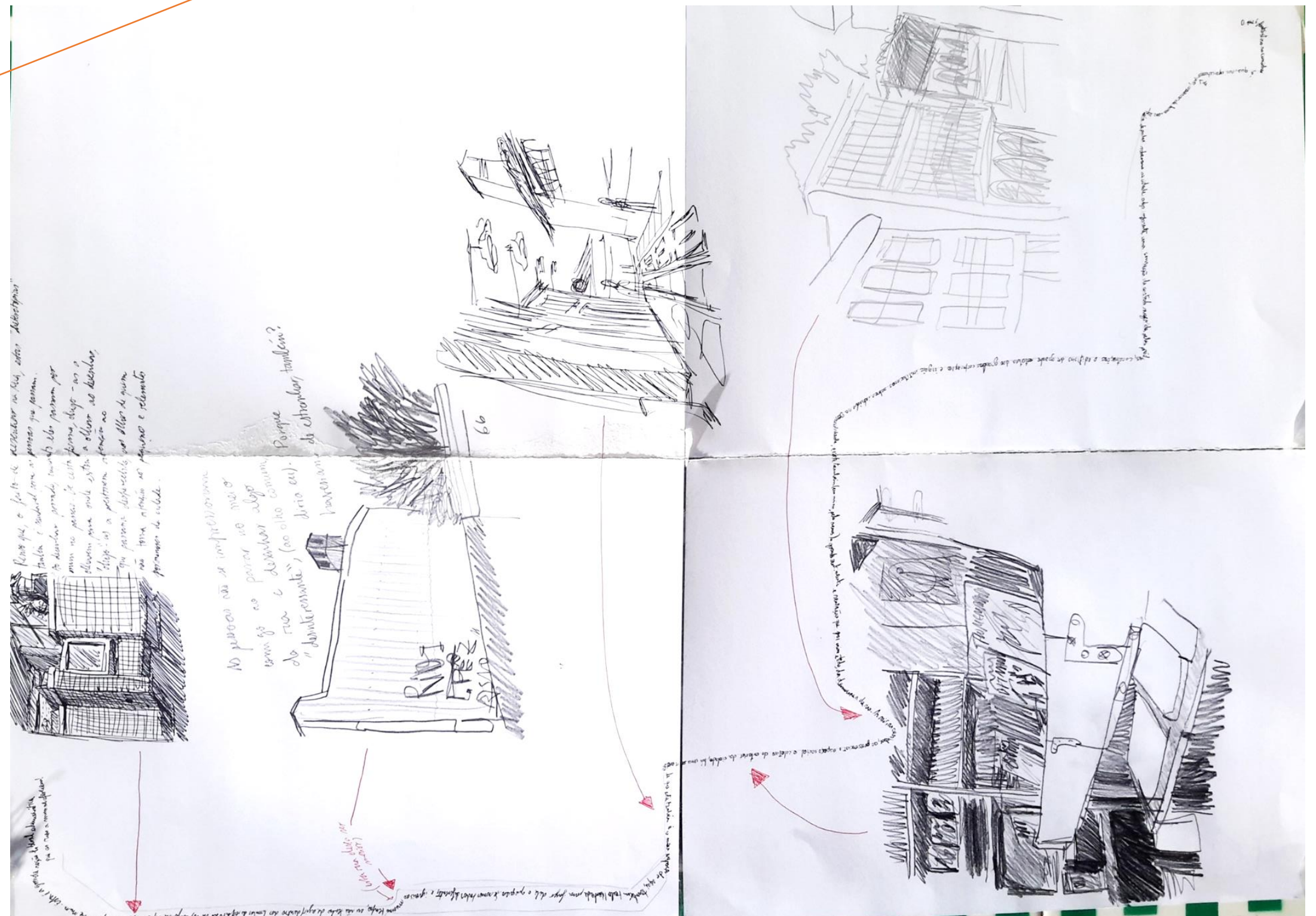
Gilles Tibberghein diz no *Cartographic Imaginary in Contemporary Art* que “Uma caminhada não é mais que uma camada adicional, uma marca depositada na superfície de um terreno, sobre as outras milhões de camadas de história humana e geográfica. Os mapas ajudam a realçá-la.”

(...)

“As linhas cartográficas podem ser consideradas também linhas de força que não só demonstram quantidade, mas também qualidade e intensidade. Em todo o caso, é desse ponto de vista que os artistas se interessam por mapas.”

Por isso, com este “mapa” desenhado numa folha dobrada, a banda desenhada torna-se interativa e mais háptica.

Talvez no futuro as dobras possam ser melhor exploradas, tal como no trabalho de Robert Smithson *Untitled* [folded map of Beaufort].



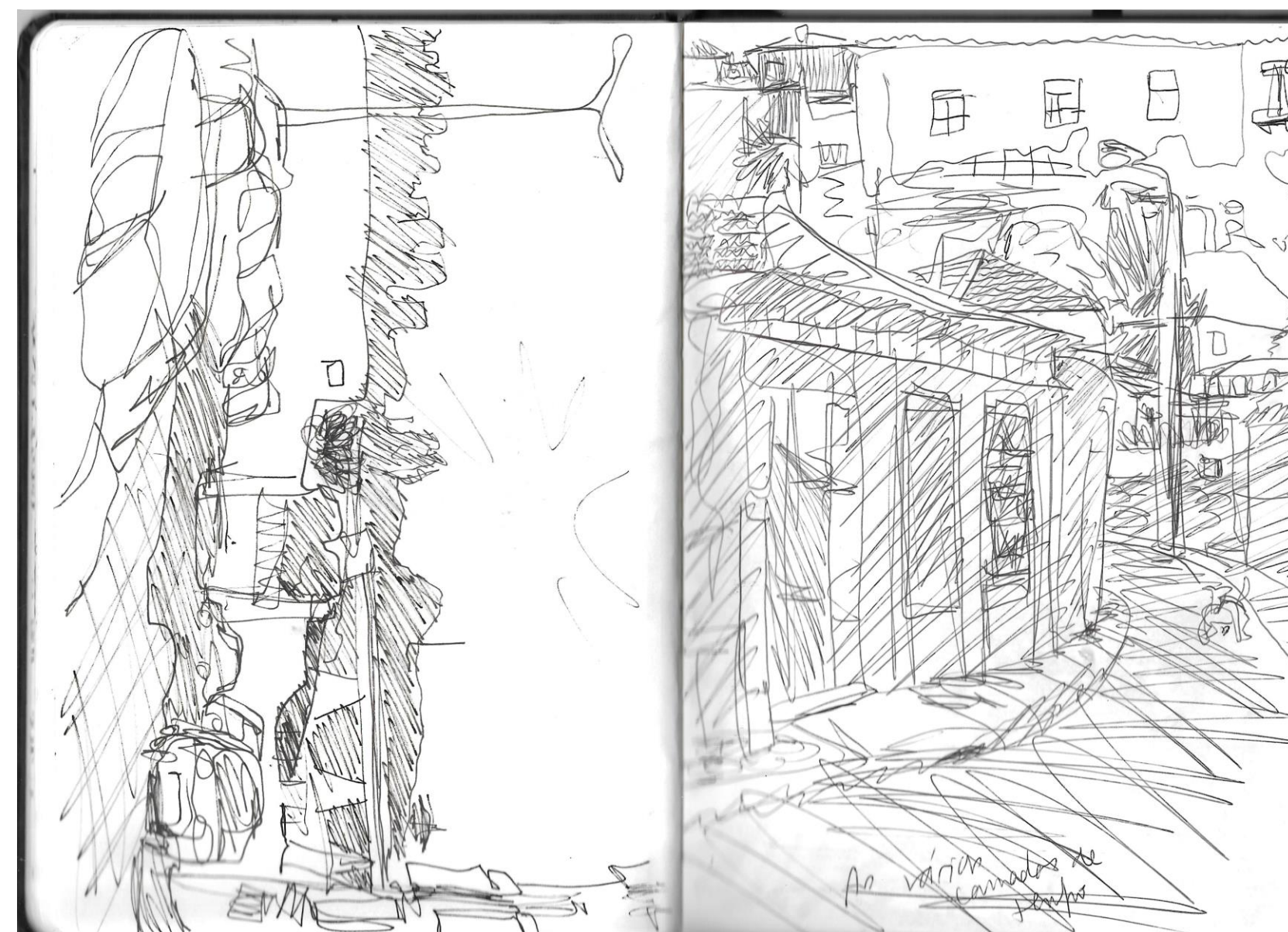


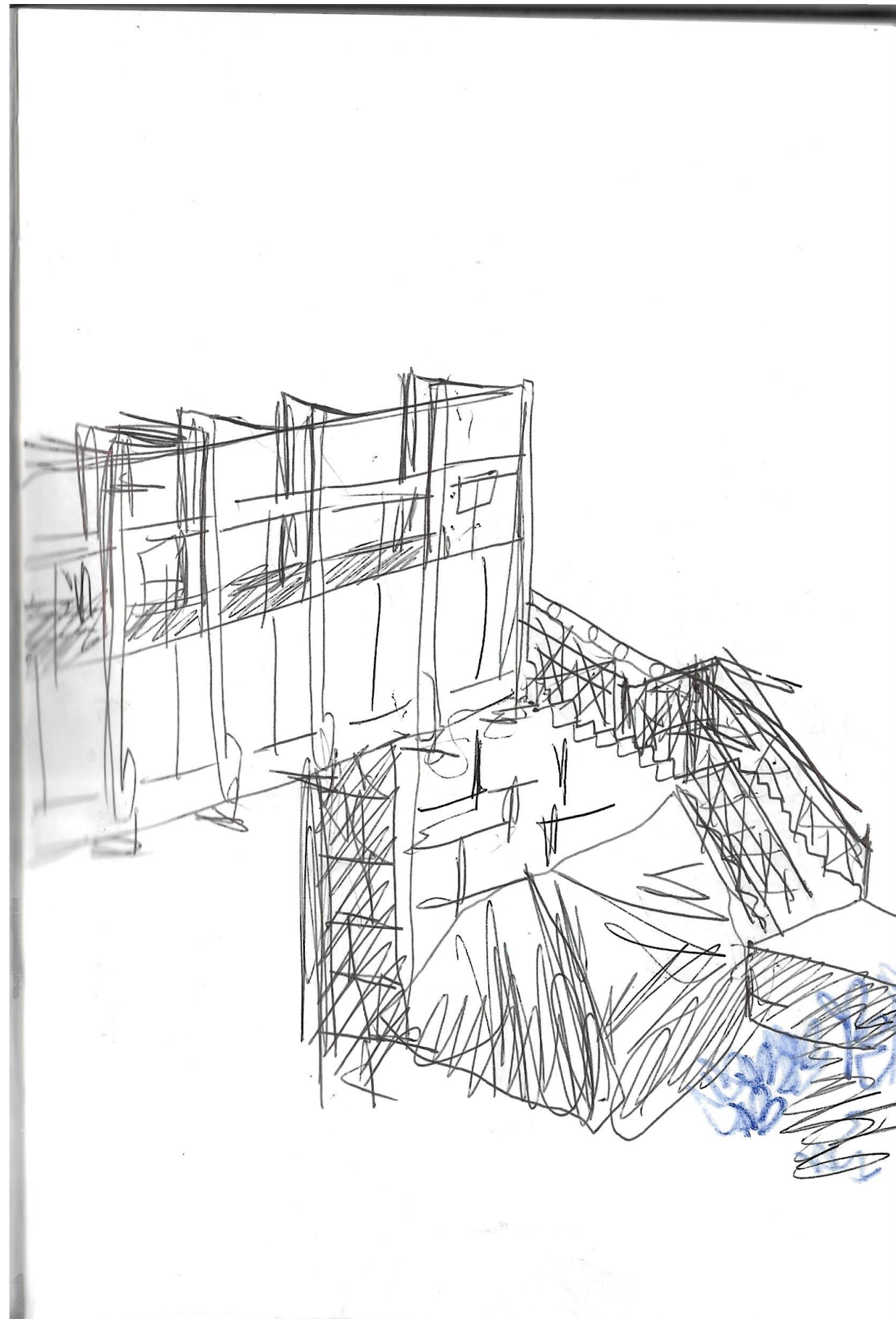
E lá tive de voltar para trás...
O que aconteceu a seguir terá de ficar para outra história!

Página 16 – Fontainhas

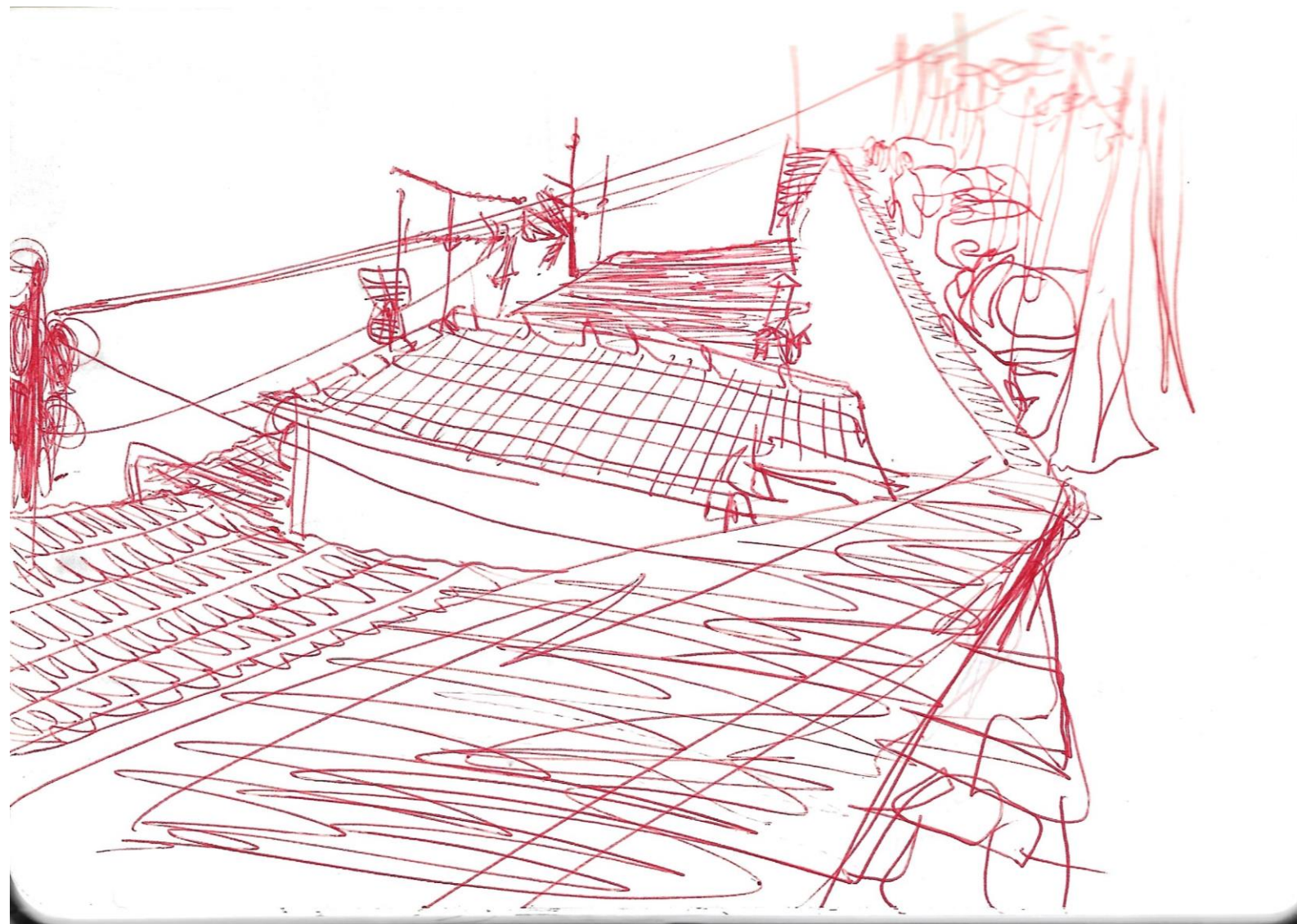
Esta caminhada retrata um caminho que aprecio percorrer. Ilustra o belíssimo espaço do Porto chamado de “Fontainhas”.

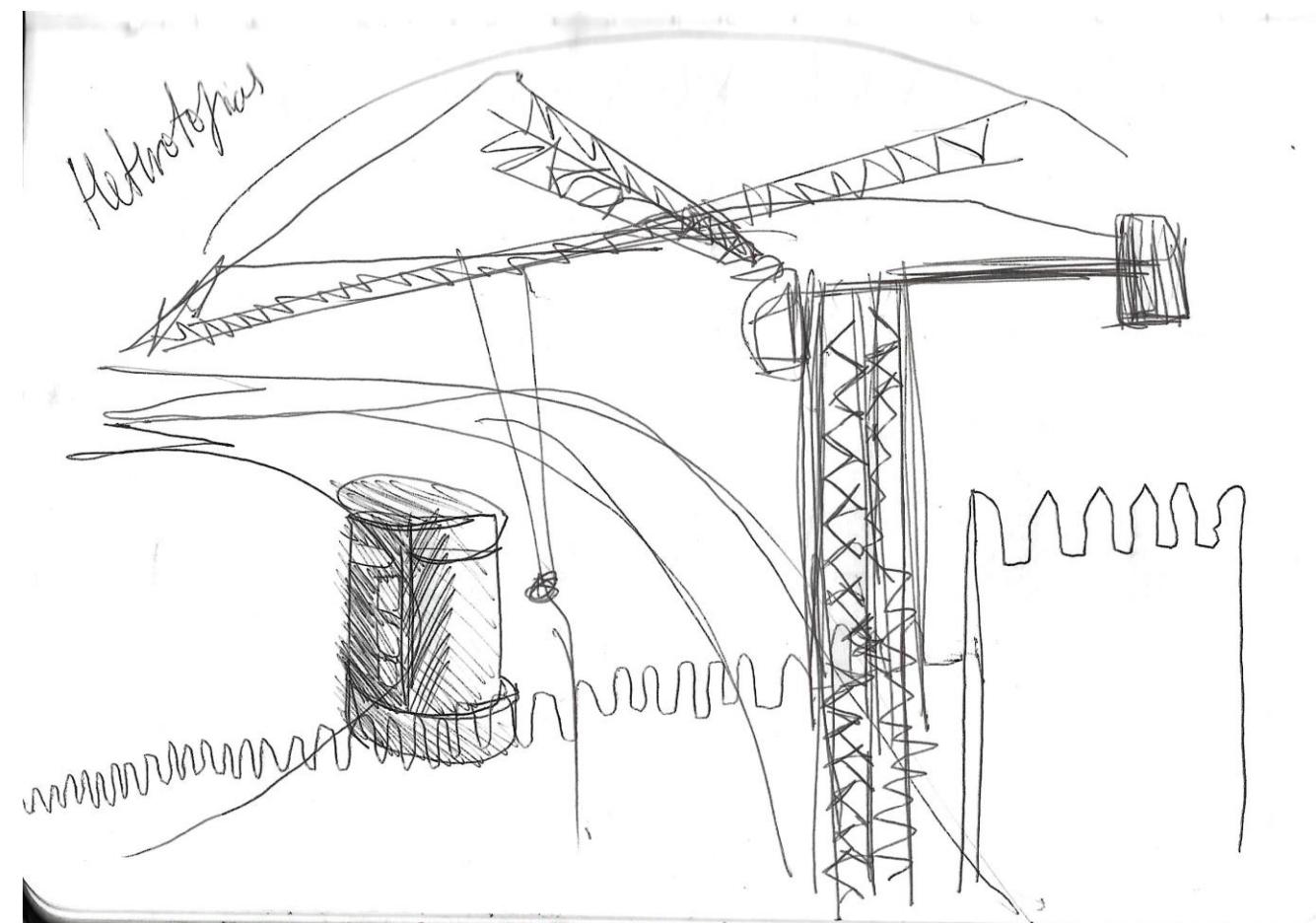
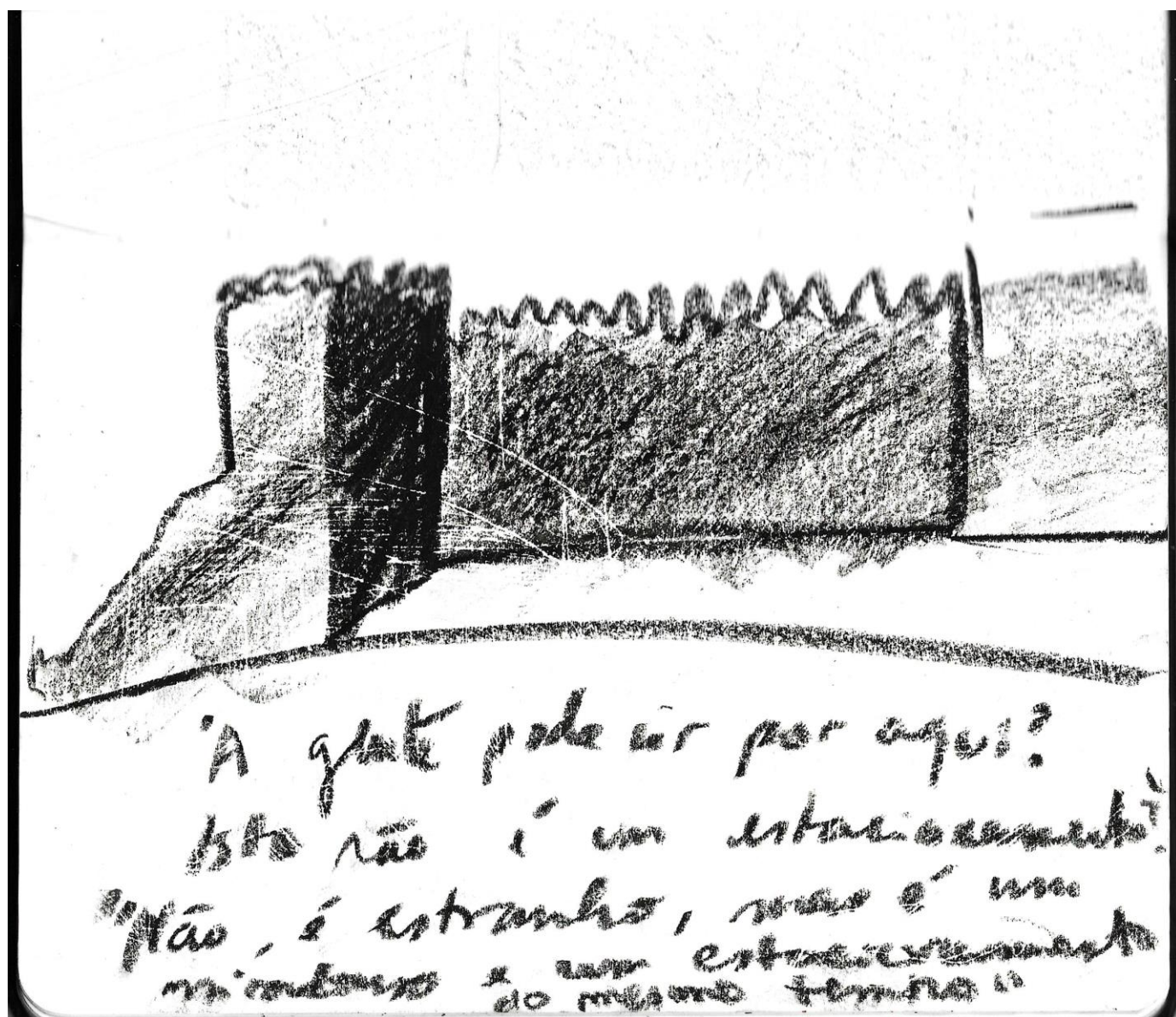
Até então obtive apenas estes esquissos feitos em cada local de paragem do percurso.

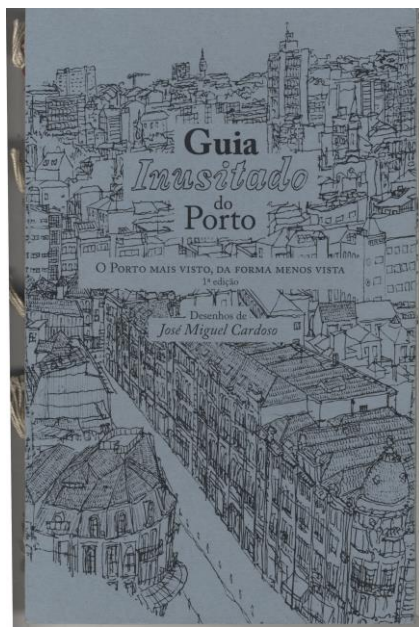








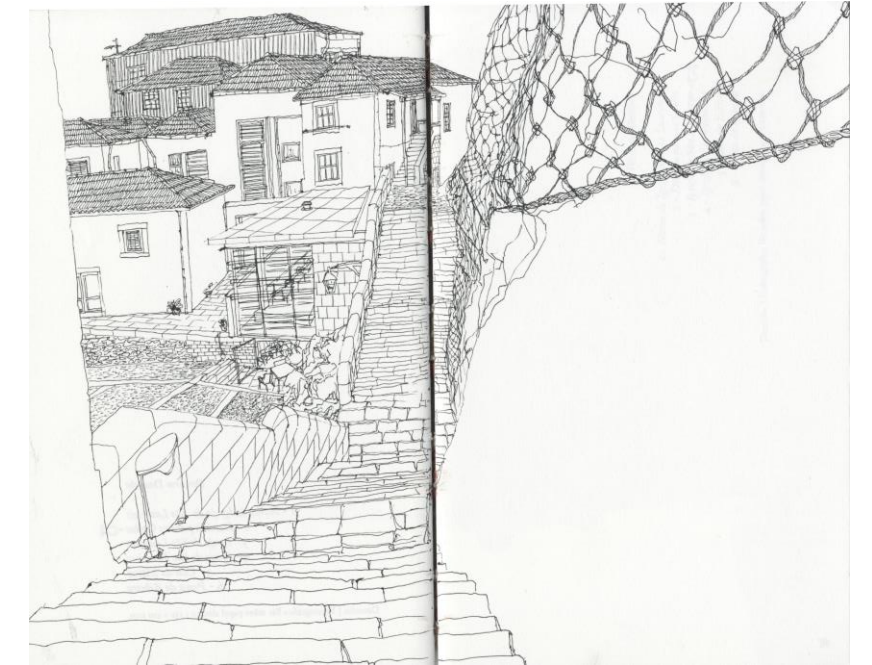
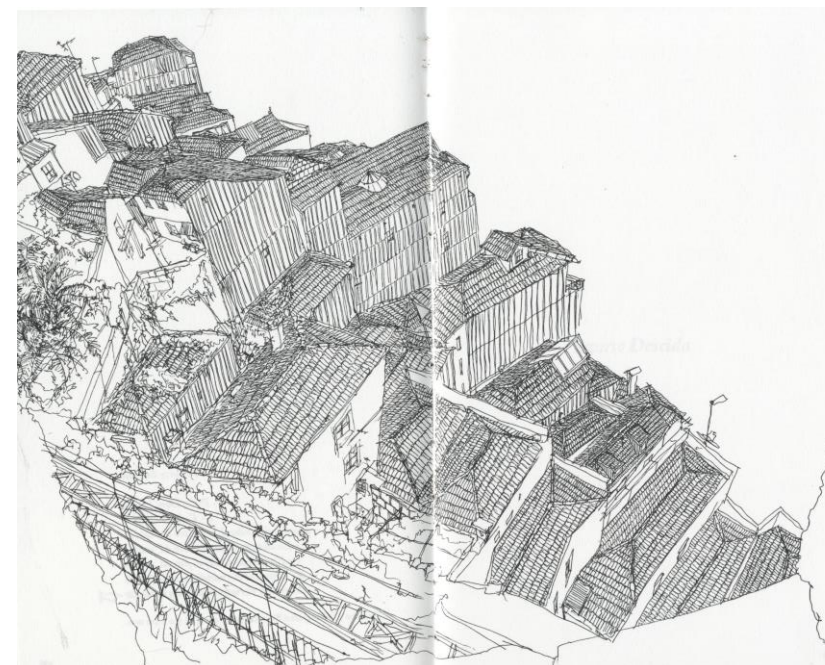
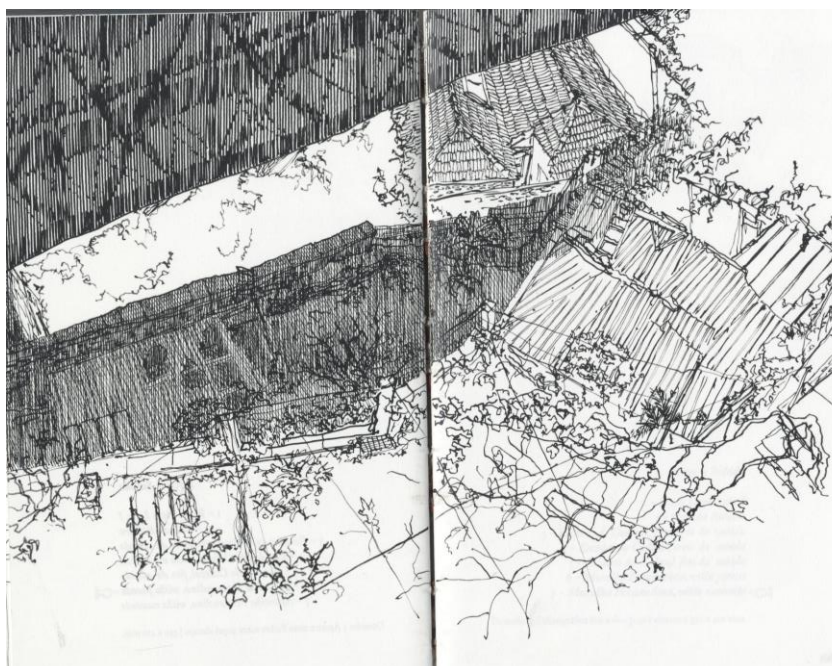
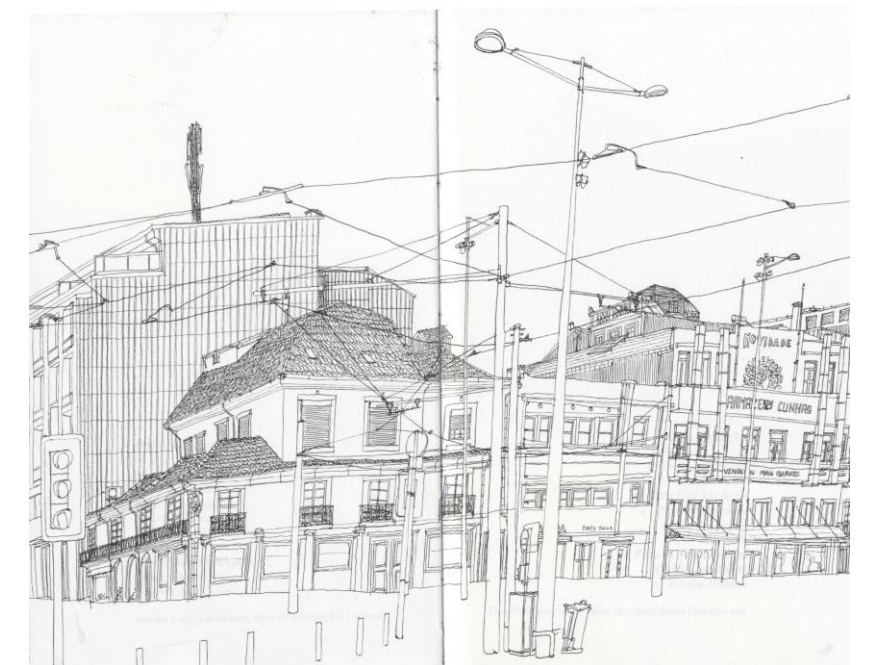
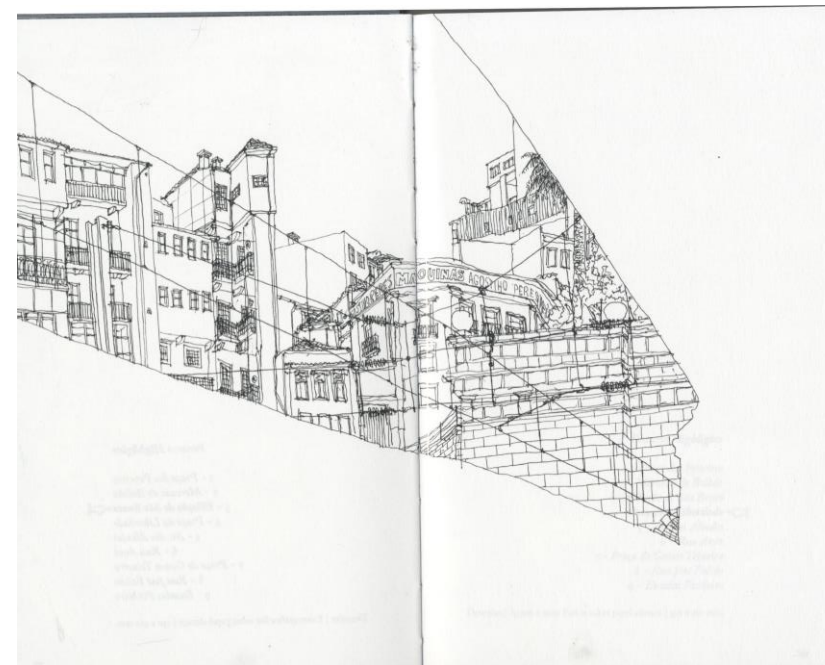
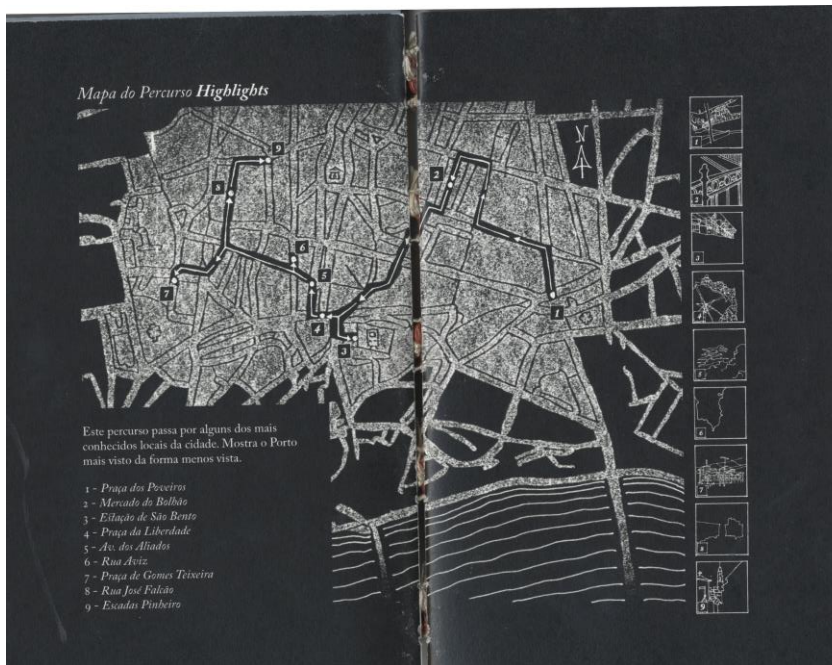
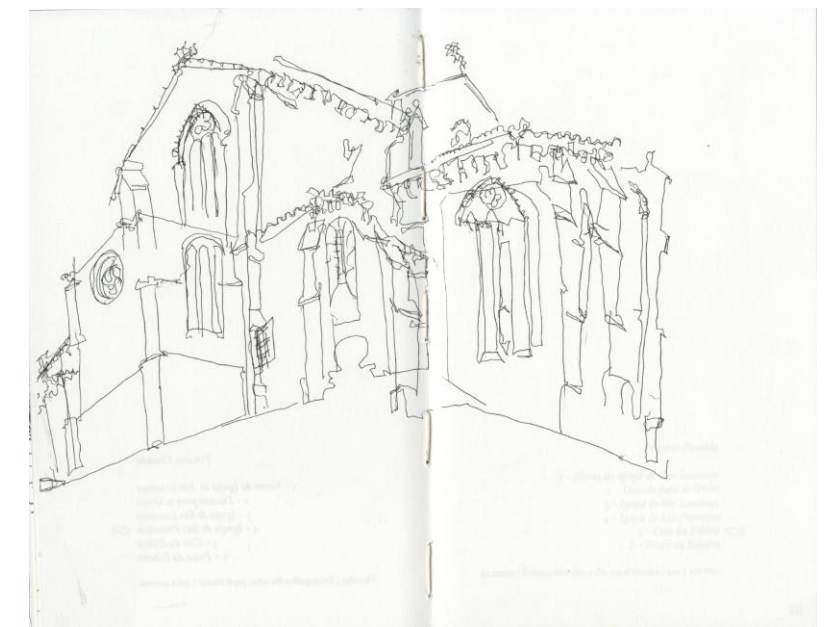




Inspirei-me no livro “Guia inusitado do Porto: O Porto mais visto, da forma menos vista” (1ª edição), de José Miguel Cardoso.

O tipo de desenho que José utiliza é parecido com o de Urban Sketching e são interessantes na medida em que possuem espontaneidade e liberdade no gesto e composição.

Essa liberdade também é transmitida pelo espaço que as linhas do desenho têm para respirar. Stes desenhos possuem bastante equilíbrio entre os espaços vazios e cheios.



Por ordem: Mapa do Percurso (Highlights), Estação de São Bento (esferográfica sobre papel almaço), Praça de Gomes Teixeira (esferográfica sobre papel almaço), Muralha Fernandina, vista poente (aparo e tinta sobre papel almaço), Muralha Fernandina, vista nascente (esferográfica sobre papel almaço), Descida para os Grilos (esferográfica sobre papel almaço), Igreja de São Francisco, (esferográfica sobre papel almaço) [530x410 cm]

Memórias narradas: uma viagem pelo desenho

A exposição *Memórias narradas: uma viagem pelo desenho* foi realizada no âmbito do 2º ano de Mestrado com o intuito de apresentar o trabalho da turma de Desenho em conjunto.

O evento foi realizado desde o dia 21 de janeiro a fevereiro do mesmo dia, no Espaço AL859, no Porto.

Para a exposição, desafiei-me a criar uma caminhada com um aspeto final mais trabalhado e finalizado que as outras páginas do diário.

O resultado foi a banda desenhada *O repórter viandante: Percursos à volta de uma canja e galinha* e o conjunto instalativo *Canjotopia*, que projetou um dos elementos da banda desenhada para o espaço expositivo.



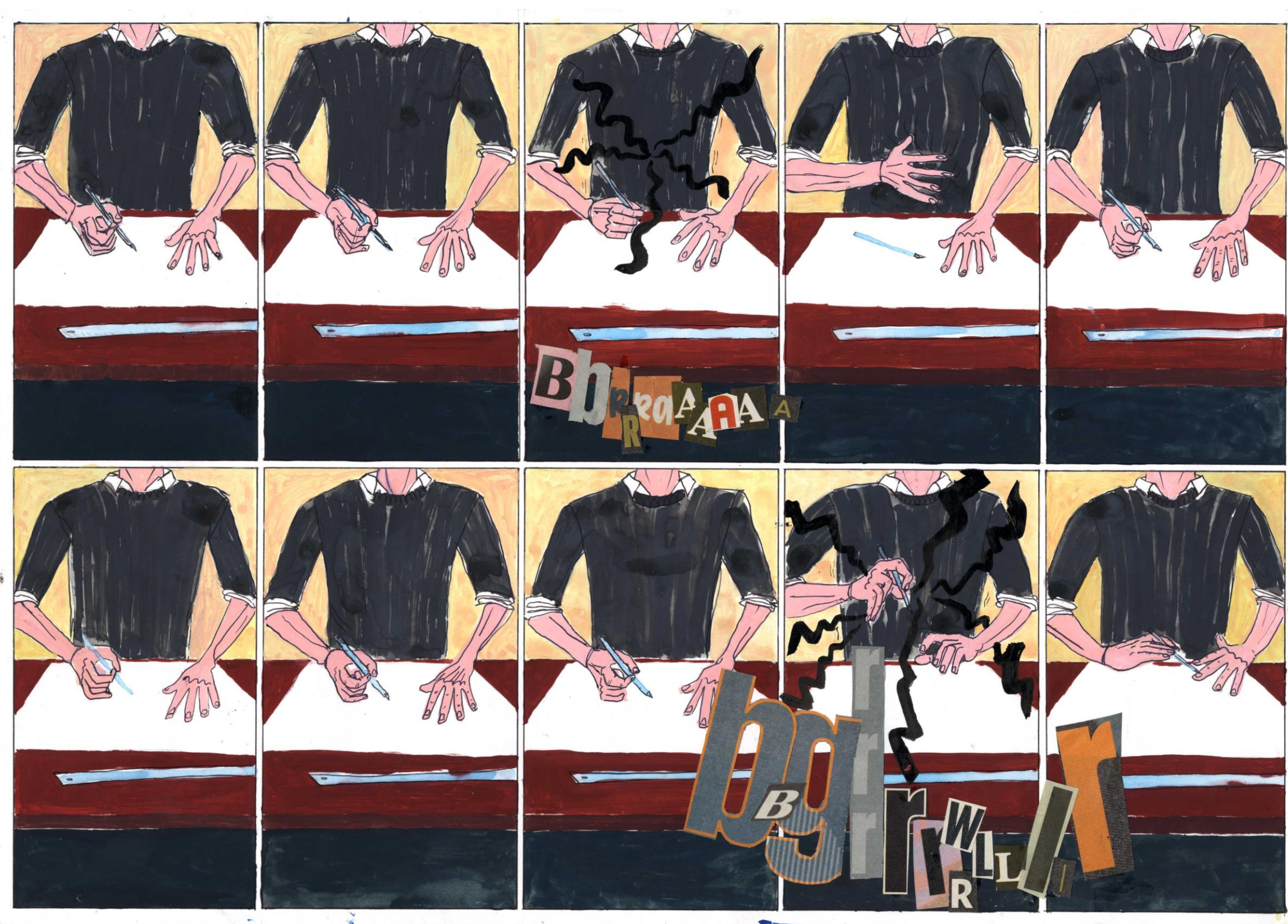


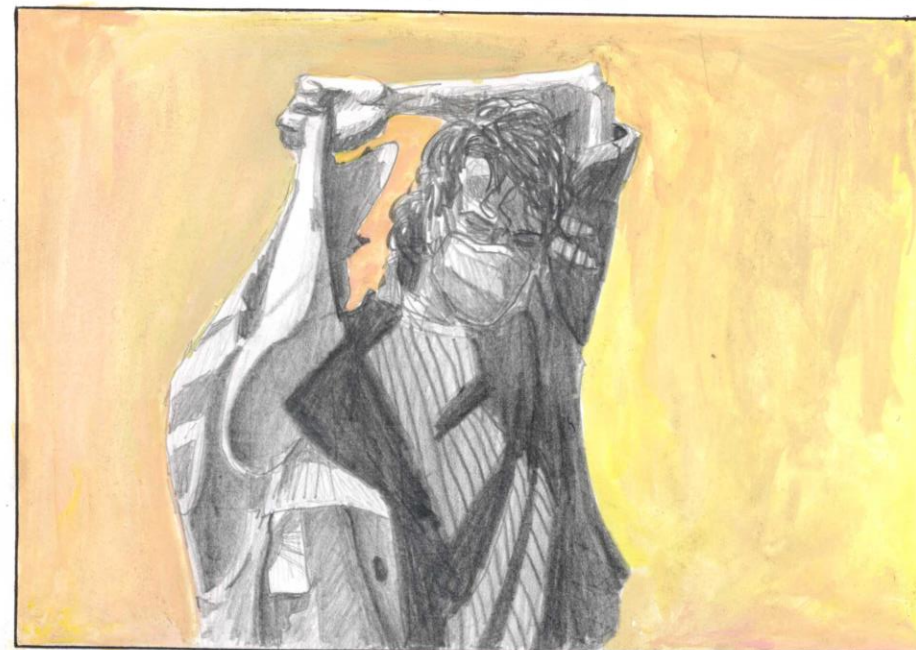
O Repórter viandante: percursos à volta de uma canja de galinha

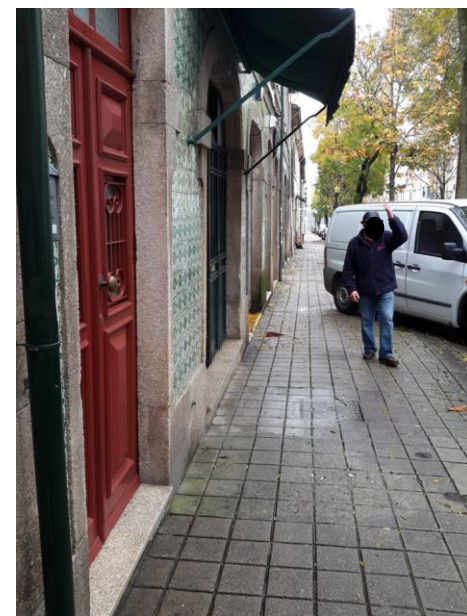
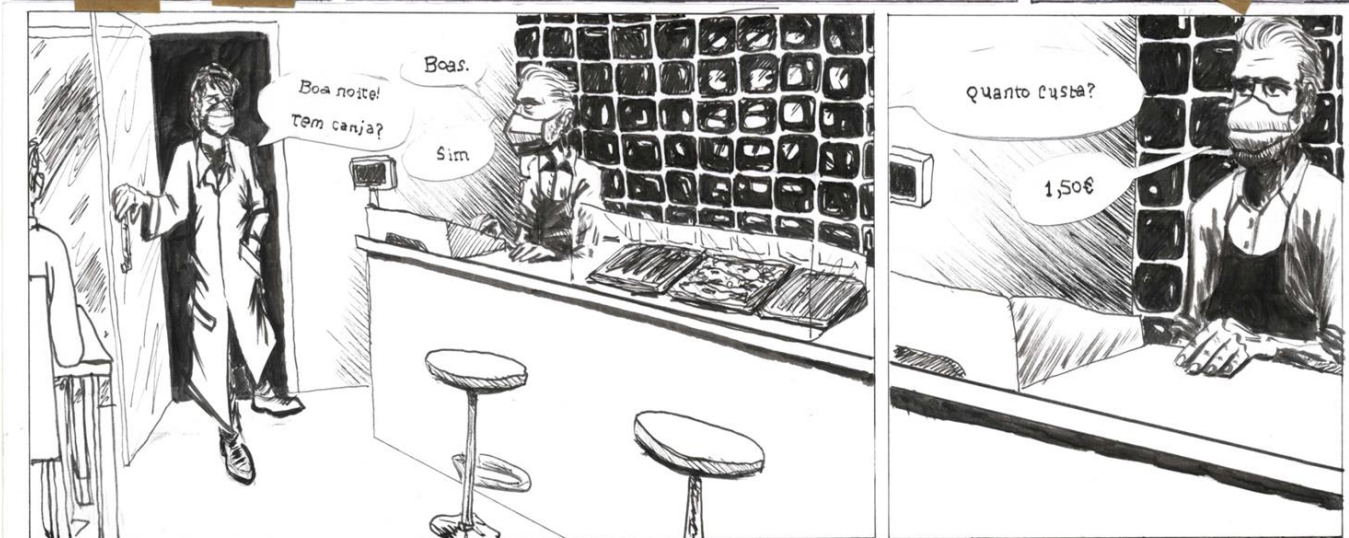
Esta banda desenhada foi realizada após ter ido comprar canja a um restaurante perto de minha casa. Achei que seria engraçado criar uma banda desenhada com um percurso dependente desta vontade de busca pela canja ideal, ao percorrer vários restaurantes até encontrar a mesma.

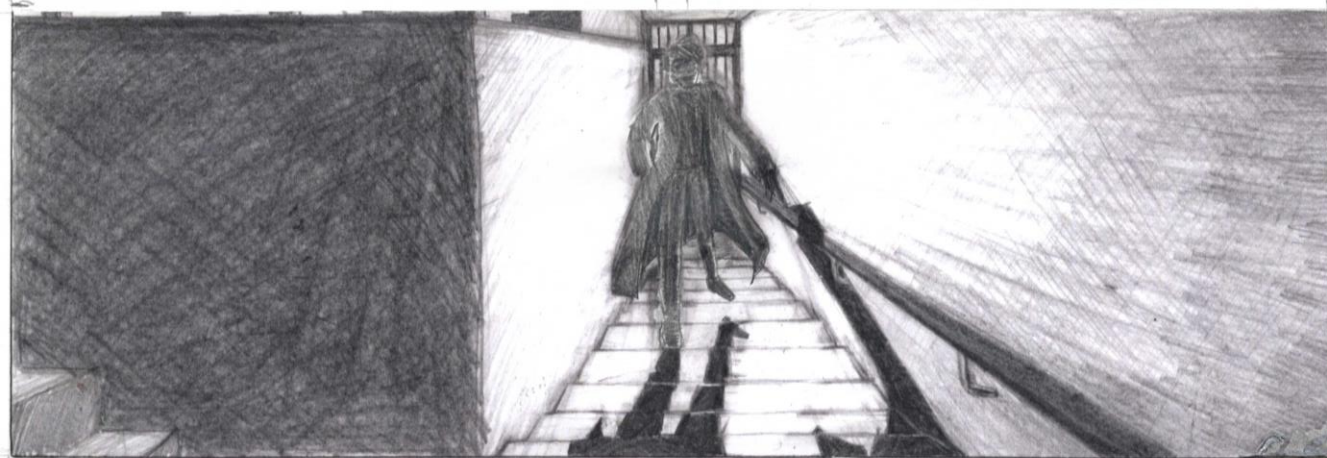
A partir desta banda desenhada, as narrativas começaram a ser levadas até ao fim e a ter um acabamento mais finalizado e composto, e as suas histórias já não narravam exatamente caminhos sem um destino final, mas certas ocorrências do dia-a-dia que começaram a ser ficcionadas.

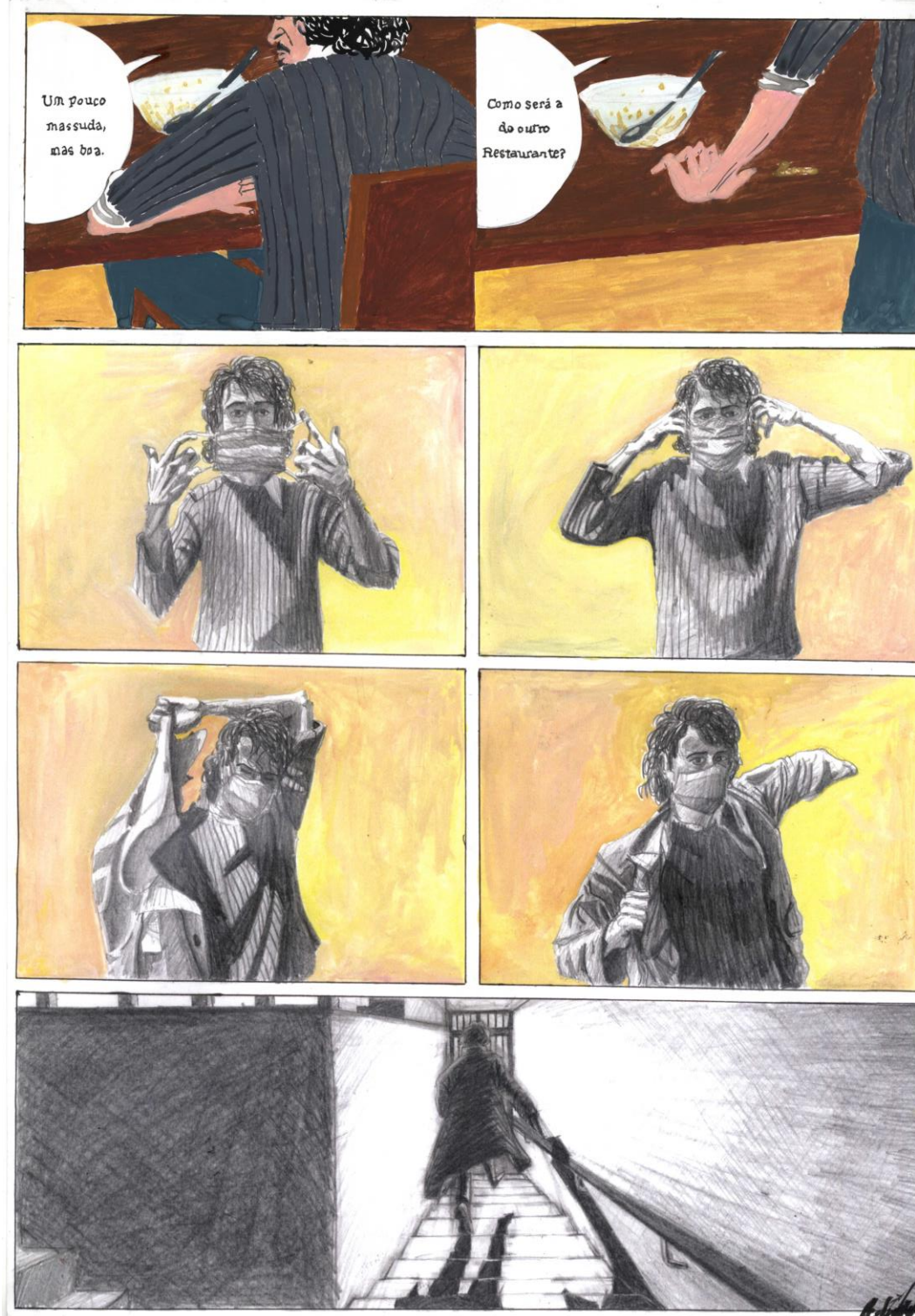
As páginas aqui apresentadas não sofreram edições gráficas virtuais e finais.











O Repórter viandante: Desejo

Esta segunda banda desenhada é mais curta. Sofreu entretanto bastantes alterações e pretende ser ambígua nas ações que narra.

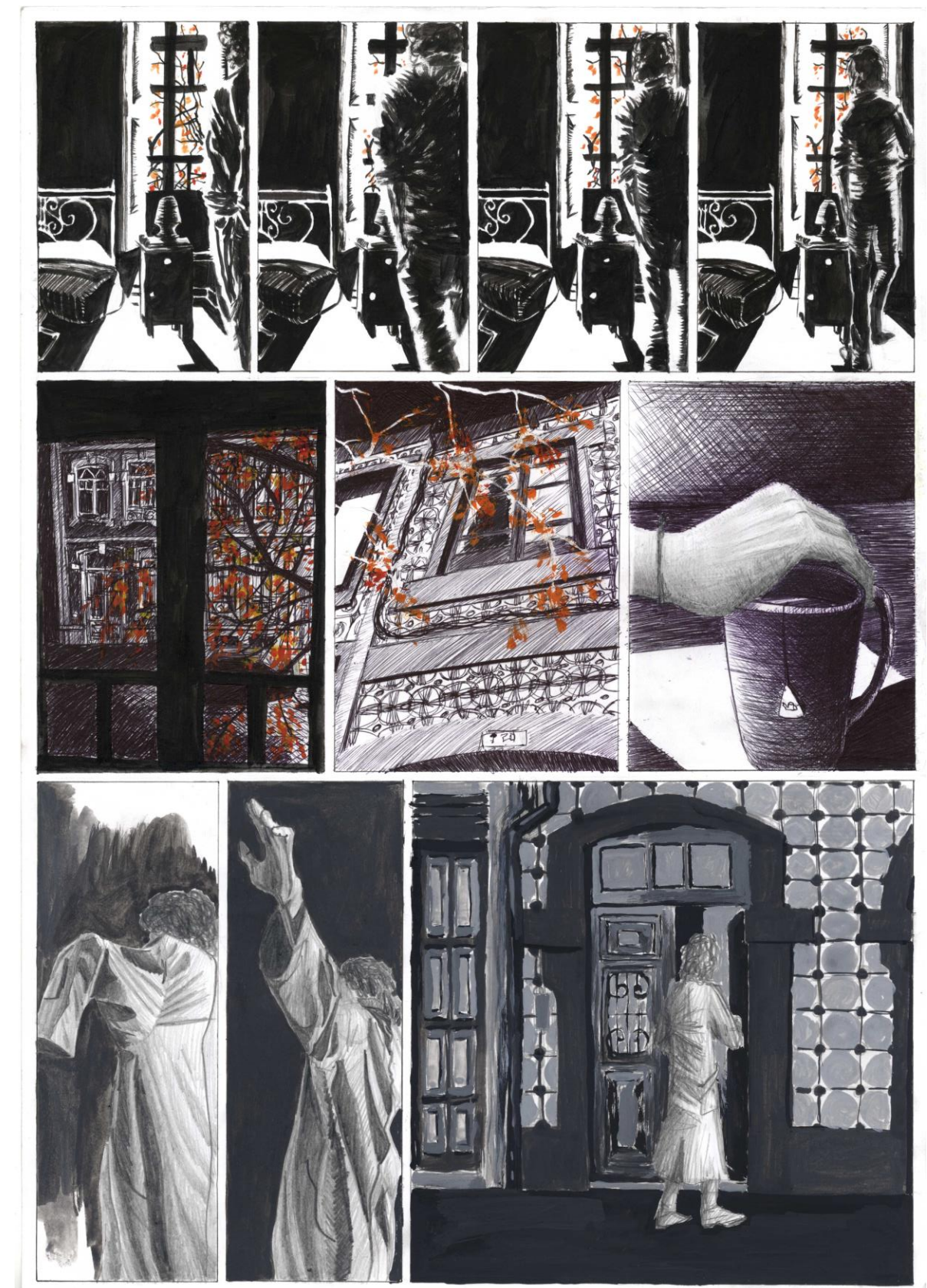
A narrativa visual mostra uma caminhada pelas ruas do Porto, feita à noite até casa de uma amante imaginária da personagem principal.

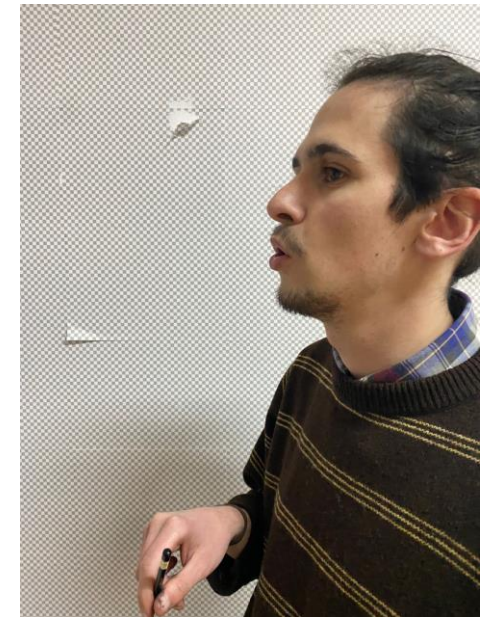
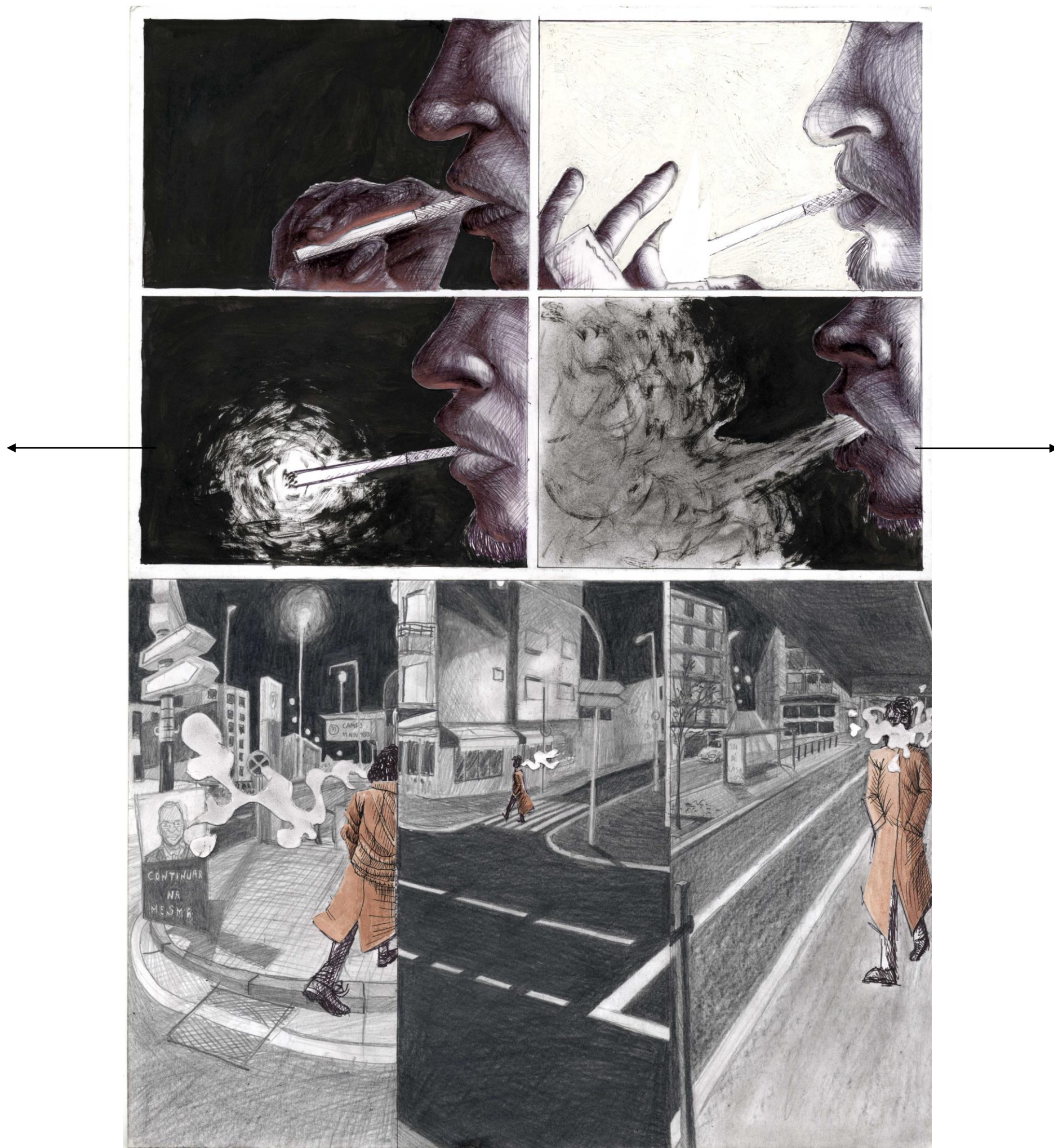
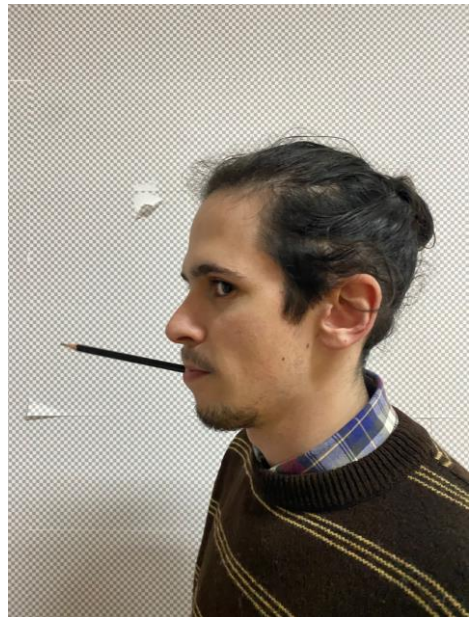
Os meios utilizados nas composições começam a ser mais variados e experimentais, pretendendo ilustrar ambientes ou mensagens com diferentes intuitos. Os meios fazem também parte das narrativas.

As páginas aqui apresentadas não sofreram edições gráficas virtuais e finais.



Esboço da sequência desta narrativa visual









O Repórter viandante: Sax

A terceira narrativa visual narra um percurso feito até à sala de ensaios onde a personagem principal toca com a sua banda. Nisto, muito evento se sucede, misturado com algum azar.

Depois de se ter inserido numa situação física e problemática com um homem na rua e de ter estragado o seu saxofone, o ensaio com a banda que se sucedeu e ao qual chegou atrasado não pôde continuar.

A maioria do percurso apresentado na história mostra o caminho feito pela personagem principal que nelas se insere e vai ganhando cor à medida que vai caminhando, desde a sala de ensaios até à loja de reparações do instrumento, que se estragou.

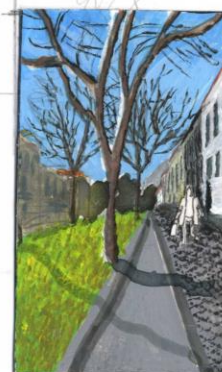
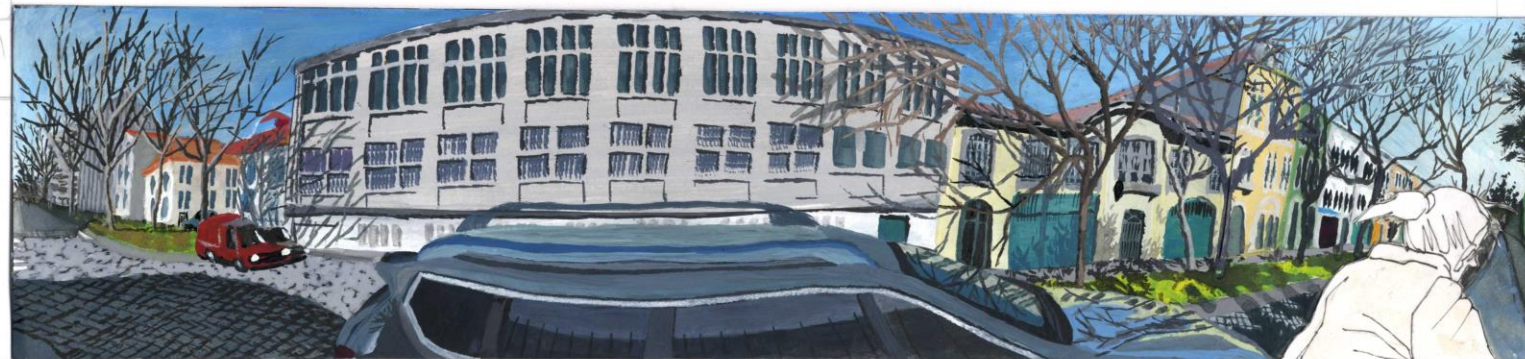
Esta é uma narrativa mais longa, que utiliza muitos meios do desenho que vão mudando ao longo dela. As pinturas das paisagens a guache tiveram de ser refeitas e aprimoradas.

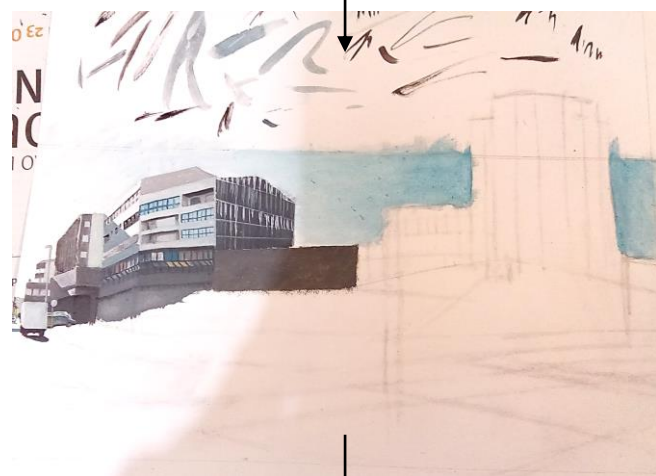
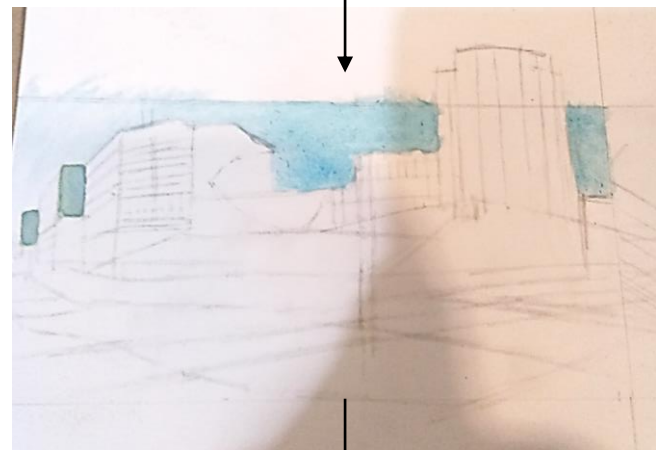
As páginas aqui apresentadas não sofreram edições gráficas virtuais e finais.

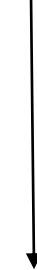


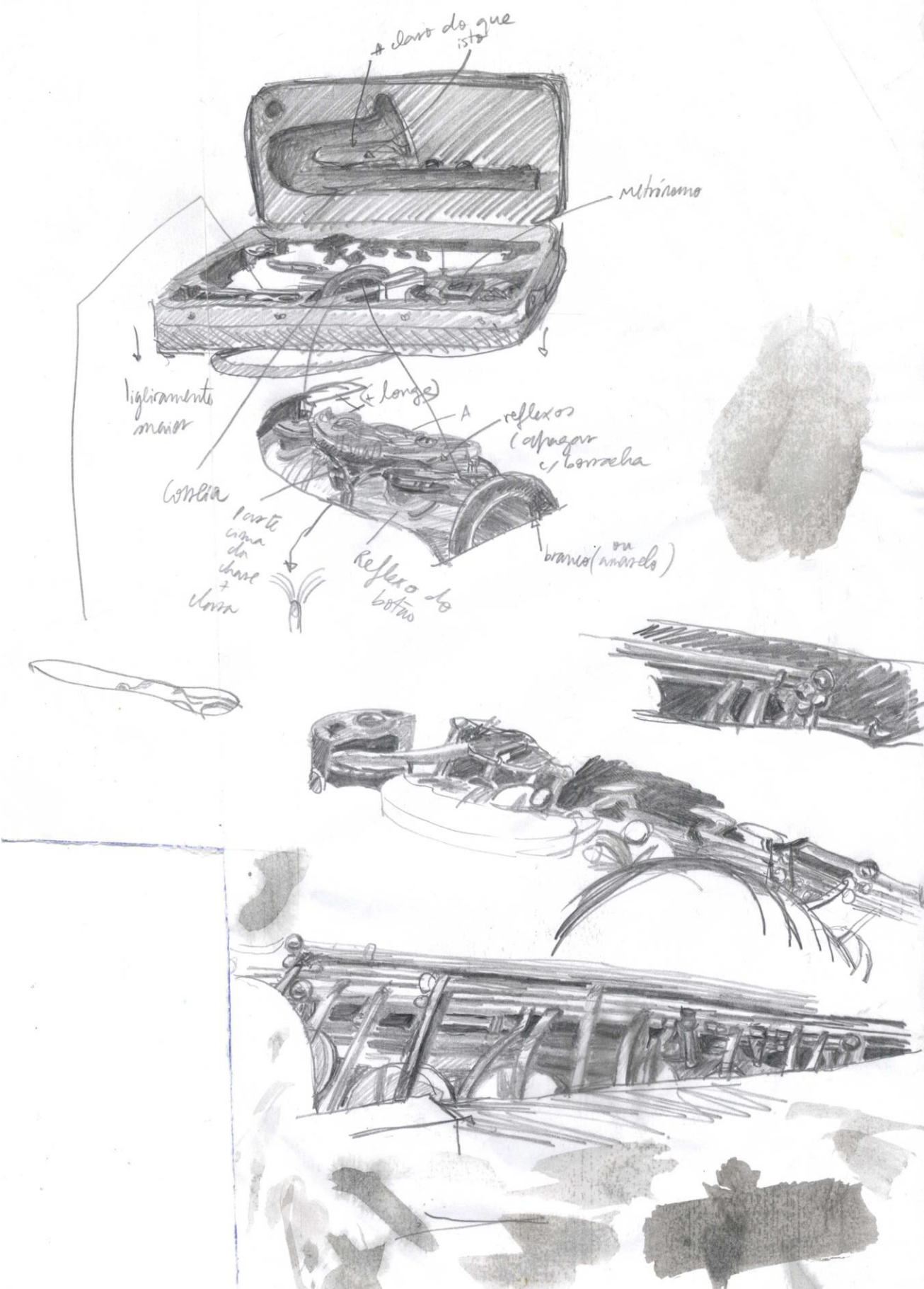










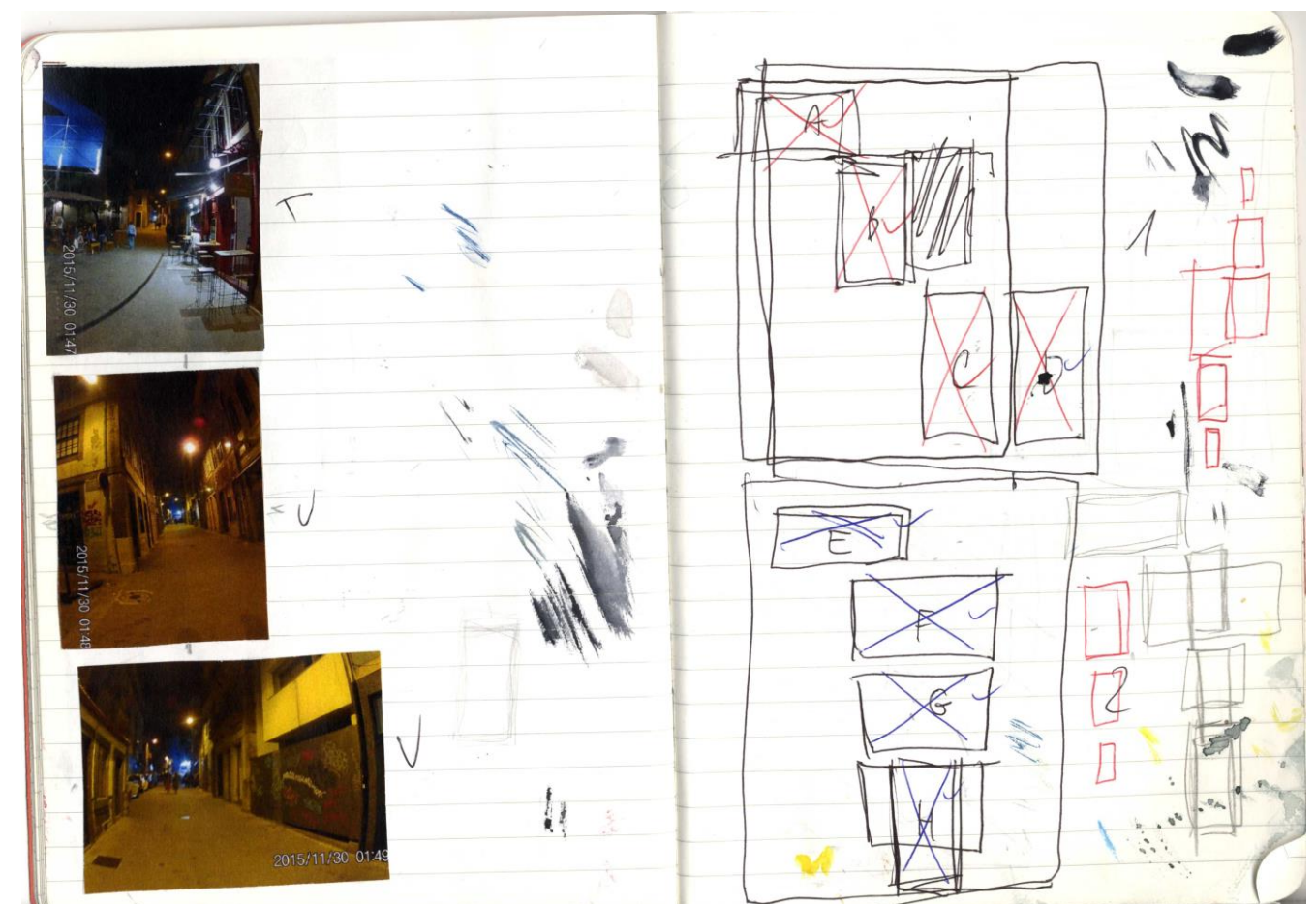
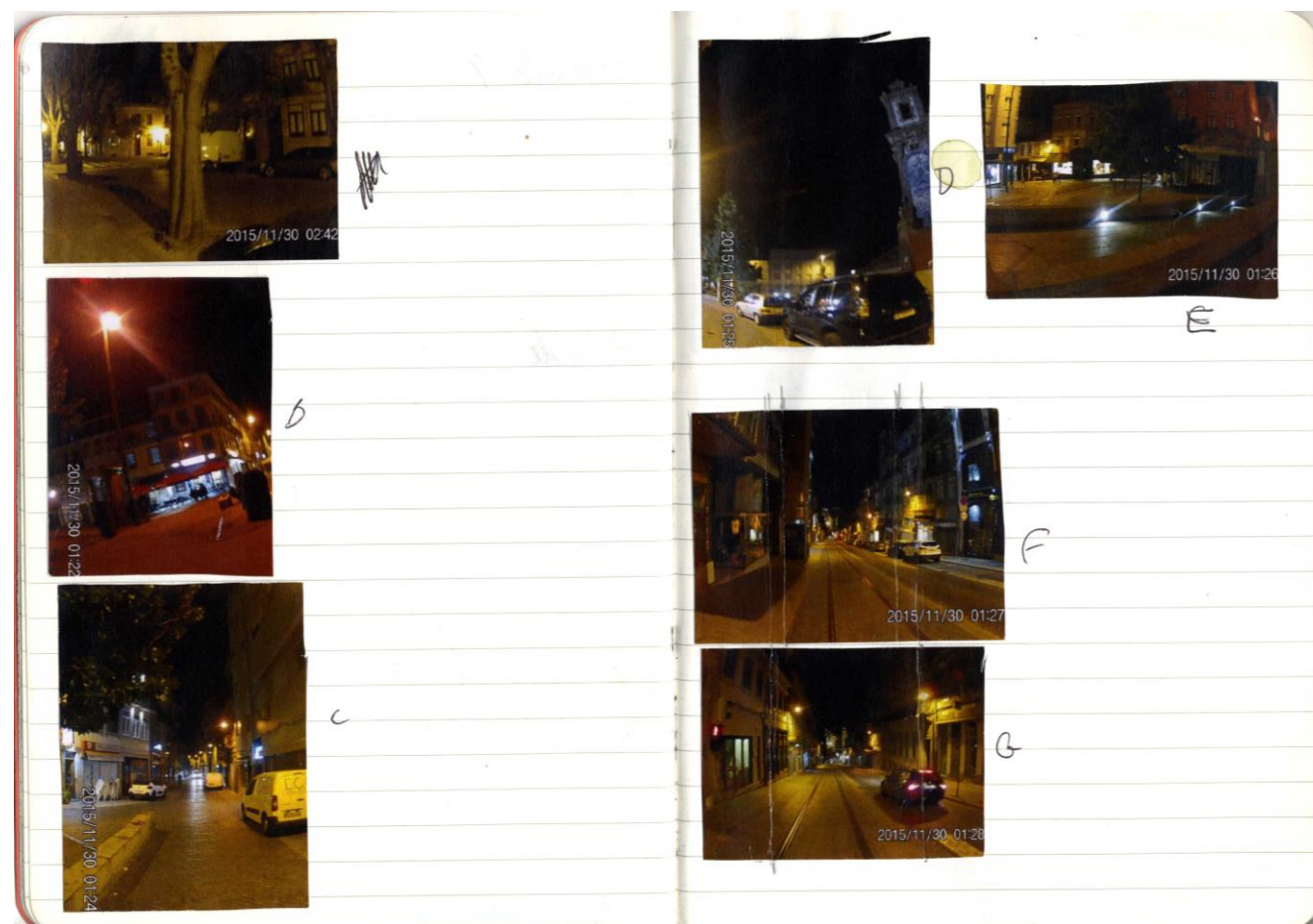


O Repórter viandante: Uma ida ao Taskão

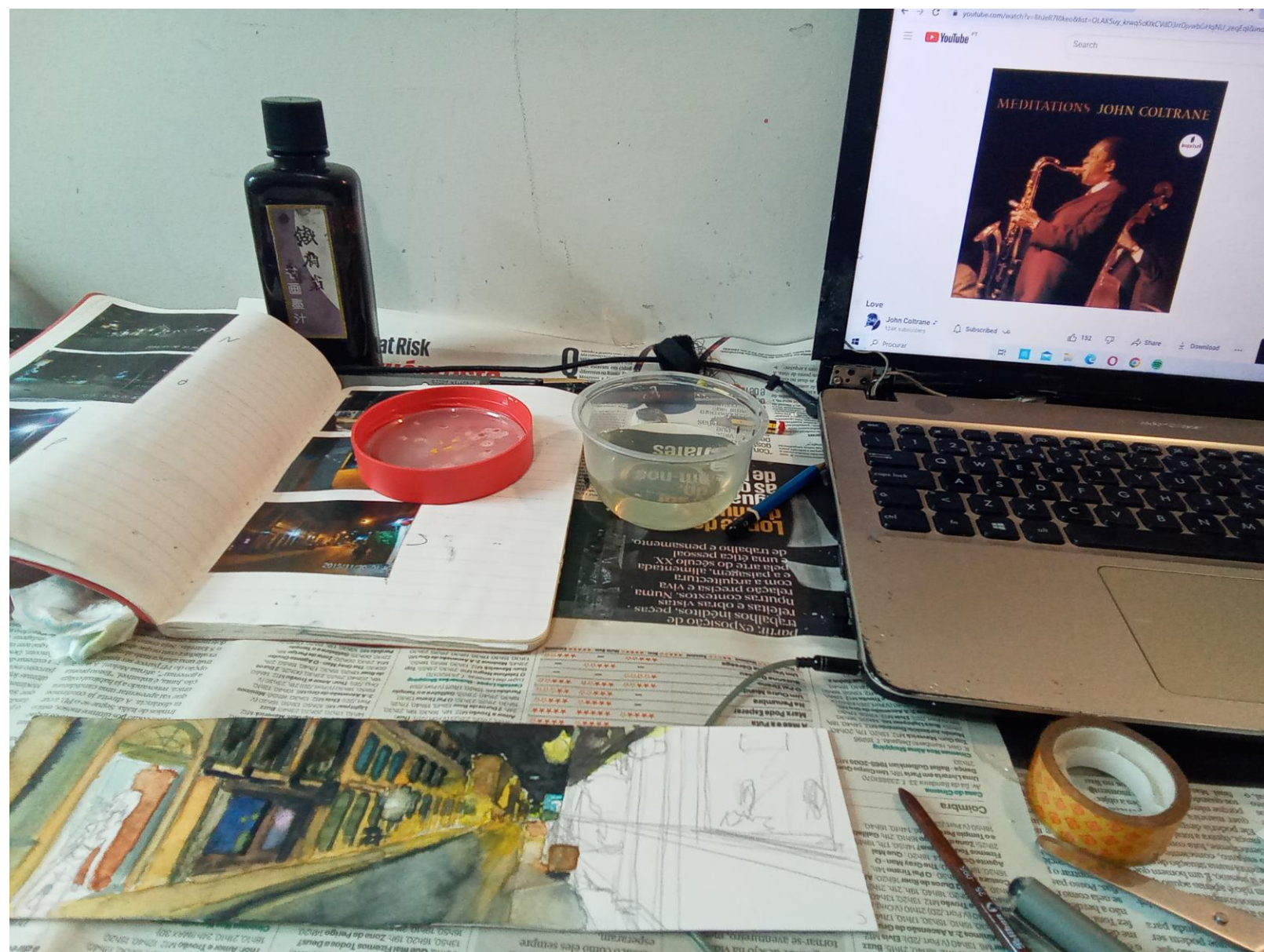
A quarta e última narrativa visual fala sobre a rotina de sair à noite muito presente na minha vida, com um amigo meu com quem me encontrava normalmente na estação de S. Bento.

Esta sequência feita em aguarela foi a mais recente a ser feita e o material utilizado pretende jogar e evidenciar a luz das imagens.

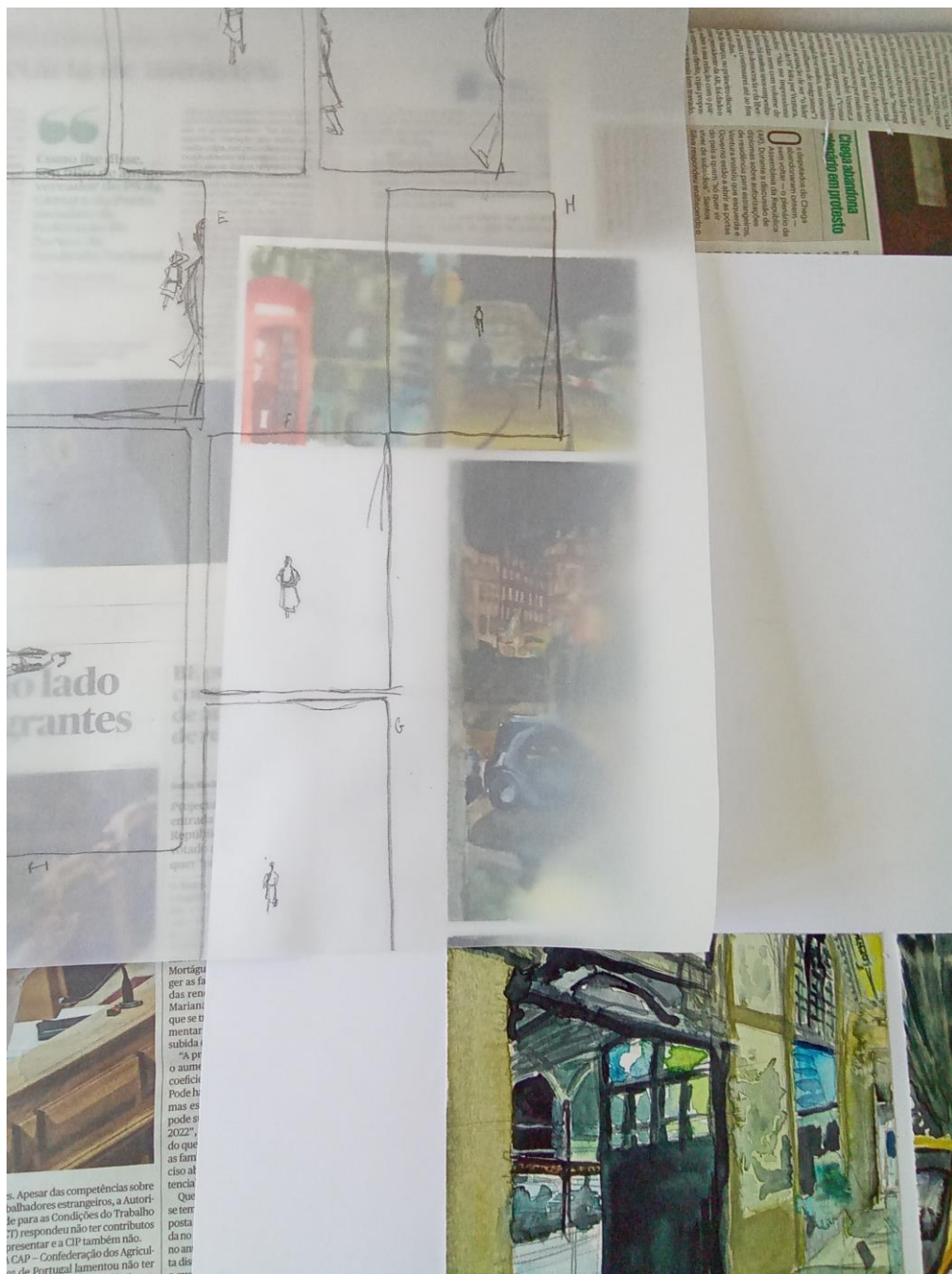
As páginas aqui apresentadas não sofreram edições gráficas virtuais e finais.



Diário gráfico com a ordem das imagens do percurso a serem reproduzidas e esquema da paginação das mesmas



Esquerda: secretária de trabalho com uma das aguarelas a ser concluída; Direita: Imagens pintadas a aguarela reunidas por páginas



Cima esquerda: Determinação do desenho das personagens sobre papel vegetal;
Cima direita: Recorte das personagens pintadas a aguarela;
Baixo esquerda: Personagens recortadas e prontas a serem coladas nas paisagens

